

**UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA – PORTUGAL**

Faculdade de Ciências e Tecnologia

**UNIVERSITÉ FRANÇOIS RABELAIS DE TOURS – FRANCE**

Département des Sciences de l'Éducation et de la Formation

**Mestrado Internacional em Ciências da Educação**

**“FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL”**

**O PLANO DE FORMAÇÃO NA ALTERNÂNCIA E O PROCESSO DE  
ENSINO-APRENDIZAGEM: *Um Estudo na Escola Família Agrícola de  
Goiás***

**ANA MARIA PEREIRA PINTO**

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre, em Ciências da Educação, na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e do Diplôme d'Université na Université François Rabelais de Tours.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Dominique Bachelart.

**GOIÁS - GO**

**DEZEMBRO DE 2003**

**UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA – PORTUGAL**

Faculdade de Ciências e Tecnologia

**UNIVERSITÉ FRANÇOIS RABELAIS DE TOURS – FRANCE**

Département des Sciences de l'Éducation et de la Formation

**Mestrado Internacional em Ciências da Educação**

**“FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL”**

**O PLANO DE FORMAÇÃO NA ALTERNÂNCIA E O PROCESSO DE  
ENSINO-APRENDIZAGEM: *Um Estudo na Escola Família Agrícola de  
Goiás***

**ANA MARIA PEREIRA PINTO**

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre, em Ciências da Educação, na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e do Diplôme d'Université na Université François Rabelais de Tours.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Dominique Bachelart.

**GOIÁS - GO**

**DEZEMBRO DE 2003**

**ANA MARIA PEREIRA PINTO**

Dissertação defendida e aprovada, em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2004, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dominique Bachelart (Orientadora)

---

---

---

---

Dedico este trabalho ao meu filho Yan Henrique Pereira Adorno, minha mãe Divina Francisca de Oliveira Pereira, que são as pessoas mais importantes da minha vida e, portanto estão sempre ao meu lado.

Dedico também a todos/as que trabalham com a Pedagogia da Alternância e que acreditam nesta proposta como uma das soluções para o aprimoramento da Educação Rural e conseqüentemente proporcionando o desenvolvimento das crianças, jovens, homens e mulheres do campo.

## **AGRADECIMENTOS**

Para a realização desta dissertação houve um esforço pessoal e coletivo, jamais teria se concretizado sem a participação, incentivo, apoio e confiança de entidades, professores, amigos, parentes, colegas de trabalho e demais pessoas que acreditaram e contribuíram nesse processo. Por vocês tenho o maior respeito e reconhecimento.

A União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil – UNEFAB pela iniciativa e coordenação do curso de Mestrado Internacional em Ciências da Educação, por se preocupar com a nossa formação visando um melhor trabalho com a Pedagogia da Alternância bem como a sua difusão.

Ao Regional AEFACOT - Associação das Escolas Famílias Agrícolas do Centro-Oeste e Tocantins que deu todo o apoio possível para que pudesse concluir este mestrado, inclusive financeiro, além de acreditar que poderá contribuir muito com o trabalho no Regional e no Brasil.

A Associação de Pais e Alunos da Escola Família Agrícola de Goiás que confiou em mim para fazer essa formação, mesmo com muita dificuldade financeira me ajudou na medida do possível financeiramente e liberando para a participação dos módulos e produção dessa Dissertação.

A Universidade Nova de Lisboa e a Université François Rabelais de Tours pela parceria com a UNEFAB para a organização deste Mestrado.

Aos professores Maria do Loreto Paiva Couceiro, Gaston Pineau, Pedro Puig, Jean Claude Gimonet e Dominique Bachelart que com muita competência, dedicação e carinho ministraram todos os módulos.

A Dominique Bachelart que foi minha orientadora mais direta da dissertação. Sua objetividade e inteligência me ajudaram imensamente.

A todos/as professores do Brasil e de outros países que contribuíram com intervenções para o aprimoramento e enriquecimento do Mestrado.

Ao amigo, pesquisador e assessor da UNEFAB, João Batista Pereira de Queiroz, que é um grande colaborador na difusão do trabalho da Pedagogia da Alternância no Brasil. Desde o início me incentivou a entrar no Mestrado e ajudou na escolha do tema e sempre me orientou quando solicitei.

Ao Prof Doutorando e amigo jornalista Nilton José dos Reis Rocha – Faculdade de Comunicação/UFG pela contribuição final do texto.

Aos colegas, amigos e parceiros do Curso de Mestrado, com quem aprendi muito.

Ao Márcio Andrade, um grande amigo que conheci no Mestrado, que cuidou de mim e do meu filho quando precisei durante a realização dos primeiros módulos, tornando-se meu compadre e companheiro em todos os momentos do Mestrado.

A Maria Inês Bareel, que com muito carinho e competência contribuiu nas traduções tanto nos módulos, quanto no intermédio com minha orientadora e outros professores. E também pela sua amizade, companheirismo e carinho.

A João Batista Begnami, companheiro neste Mestrado, por quem tenho uma profunda admiração pela sua dedicação, competência e entusiasmo com o trabalho da Pedagogia da Alternância no Brasil. Despertou em mim o interesse pelo Plano de Formação, me incentivou a pesquisar este tema e contribuiu com uma entrevista para este trabalho, respondendo com muito interesse e carinho.

A todos os monitores/as da EFAGO que compreenderam as vezes que tive que distanciar da Escola durante a pesquisa, por entenderem as minhas saídas para os módulos durante dois anos. Também por terem respondido ao questionário com tanta dedicação. Principalmente por compreenderem a importância desse trabalho para o desenvolvimento da Pedagogia da Alternância e da Escola Família Agrícola de Goiás.

A todos os Educandos/as da EFAGO, que são a minha inspiração para a realização da pesquisa. E com muito carinho aos Educandos do 3º ano do Ensino Médio e Profissionalizante – Técnico em Agropecuária que com muito carinho responderam ao questionário. Além de ser uma turma muito especial e que tem contribuído para a melhoria da EFAGO.

A minha mãe que mim ajudou olhando meu filho, enquanto eu estudava e fazia a pesquisa. E em todos os momentos da minha vida sempre me deu todo apoio em tudo que precisei.

Ao meu filho Yan Henrique Pereira Adorno que não teve a minha presença integralmente desde o seu nascimento em prol deste Mestrado. Foi meu companheiro desde seu nascimento, pois me acompanhou no primeiro módulo quando tinha apenas treze dias de vida.

A minha prima e afilhada Juliana Oliveira Rocha, uma pessoa muito especial na minha vida, que ajudou a cuidar do meu filho e de mim mesma, sempre com muito carinho.

Aos meus primos-irmãos Wanderson Francisco de Oliveira, Fernando Francisco de Oliveira e meu afilhado Wallacy Oliveira Rocha que contribuíram com a digitação e acompanharam todo o trabalho e ajudaram no que puderam. O amor e carinho de vocês me fortalece.

Ao Hilton Mendes Adorno e Cleiton Mendes Adorno pela contribuição na parte técnica desta dissertação. Sempre estiveram prontos a auxiliarem na assessoria com a parte de programas e uso do computador.

### **Em especial:**

Ao Padre Guido Marie de la Chappelle que é um amigo muito querido que sempre me apoiou no meu trabalho na EFAGO e no que precisei para a realização deste trabalho, inclusive no aspecto financeiro, traduções e outros. E que continue seu entusiasmo e amor pela Escola Família Agrícola de Goiás - EFAGO.

Ao Claudemiro Godoy do Nascimento que acompanhou minha caminhada neste Mestrado e sempre foi meu amigo e animador durante todo o processo. Assessorou-me com discussões sobre o tema aqui proposto, com livros, orientações, leitura, configuração do texto e comentários visando um trabalho mais rigoroso.

E a Monitora Ercione Luzia Vidigal, minha amiga, companheira e colega de trabalho que por muitas vezes assumiu minhas atividades na Escola Família Agrícola de Goiás - EFAGO para que eu pudesse me dedicar à pesquisa. Sua dedicação, perseverança, humildade e solidariedade sempre me animaram muito nessa caminhada de trabalho na Pedagogia da Alternância, sobretudo o seu amor pela vida no campo e pelos camponeses e camponesas.

## **LISTA DE SIGLAS**

**A.C.:** Ação Católica

**ACARES:** Associação de Crédito e Assistência Rural do Espírito Santo

**AEFACOT:** Associação das Escolas Famílias Agrícola do Centro-Oeste e Tocantins

**AES:** Associazione degli Amici dello Stato Brasiliano dello Espírito Santo

**AIMFR:** Associação Internacional das Escolas Famílias Agrícolas

**AMEFA:** Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas

**AP:** Ação Popular

**ARCAFAR:** Associação das Casas Familiares Rurais da Região Sul e da Região Norte/Nordeste do Brasil

**CC:** Colocação em Comum

**CEBs:** Comunidades Eclesiais de Base

**CEFFA:** Centro Familiar de Formação em Alternância

**CFR:** Casa Familiar Rural

**CLT:**

**CNBB:** Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

**CNE:** Conselho Nacional de Educação

**CNTE:** Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação

**CONTAG:** Confederação dos Trabalhadores da Agricultura

**CPT:** Comissão Pastoral da Terra

**CR:** Caderno da Realidade

**CUT:** Central Única dos Trabalhadores

**DISOP:** Serviço de Cooperação Internacional para Projetos de Desenvolvimento

**ECR:** Escola Comunitária Rural

**EFAGO:** Escola Família Agrícola de Goiás

**EFA:** Escola Família Agrícola

**EMGOPA:** Empresa Goiana de Pesquisa Agropecuária

**EUA:** Estados Unidos da América

**FAEG:** Federação dos Agricultores do Estado de Goiás

**FAT:** Fundo de Amparo ao Trabalhador

**FEMA:** Fundo Estadual do Meio Ambiente

**FETAEG:** Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado de Goiás

**FUVEST:** Fundação de Vestibular do Estado de São Paulo

**GO:** Goiás

**JAC:** Movimento da Juventude Agrícola Cristã

**JK:** Juscelino Kubischek

**JUC:** Juventude Universitária Católica

**IFAS:** Instituto de Formação e Assistência Sindical

**IFITEG:** Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás

**INCRA:** Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

**IREO :** Instituto Rural d'Éducation et d'Orientation

**LDB:** Lei de Diretrizes e Bases da Educação

**MEB:** Movimento de Educação de Base

**MEC:** Ministério da Educação e Cultura

**MEPES:** Movimento Educacional e Promocional do Espírito Santo

**MFR:** Maison Familiale Rurale

**MPA:** Movimento dos Pequenos Agricultores

**MST:** Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

**MTI:** Metodologia do Trabalho Intelectual

**ONG:** Organização Não-Governamental



**PA:** Pedagogia da Alternância

**P.A.:** Projeto de Assentamento

**PE:** Plano de Estudo

**PF:** Plano de Formação

**PJ:** Pastoral da Juventude

**PJMP:** Pastoral da Juventude do Meio Popular

**PJR:** Pastoral da Juventude Rural

**PROJOVEM:** Programa de Formação de Jovens Empresários Rurais

**PT:** Partido dos Trabalhadores

**PUC:** Pontifícia Universidade Católica

**RS:** Rio Grande do Sul

**SCIR :** Secrétariat Central d' Initiative Rurale

**SENAR:** Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

**SINTEGO:** Sindicato dos Trabalhadores da Educação do Estado de Goiás

**STR:** Sindicato dos Trabalhadores Rurais

**SUDENE:** Superintendência de Desenvolvimento da Região Nordeste

**SIMFR:** Solidariedade Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural

**UCB:** Universidade Católica de Brasília

**UCG:** Universidade Católica de Goiás

**UEG:** Universidade Estadual de Goiás

**UFG:** Universidade Federal de Goiás

**UFU:** Universidade Federal de Uberlândia

**UNEFAB:** União das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil

**UNICAMP:** Universidade Estadual de Campinas

**UNMFREO :** Union Nationale des Maisons Familiales Rurales d' Education et d'Orientation

## **RESUMO**

Esta pesquisa, realizada na Escola Família Agrícola de Goiás – EFAGO, faz um estudo do Plano de Formação na alternância e de seus efeitos no processo de ensino/aprendizagem, partindo da ótica dos monitores/educadores/as e educandos/as. O estudo procura compreender as origens e a proposta pedagógica do Plano, dentro da perspectiva da Pedagogia da Alternância.

Essa proposta de educação rural valoriza a alternância dos tempos formativos entre a escola e a família/comunidade. No processo de ensino/aprendizagem, leva em consideração a realidade vivida pelos jovens, numa pedagogia do concreto e da complexidade e se articula entre os saberes provenientes do meio sócio-profissional e os do programa oficial de ensino. O objetivo é facilitar a aprendizagem, ajudar o aluno/a a construir seu projeto de vida.

Nesse contexto, o corpus da pesquisa é composto por questionários aplicados a 12 monitores/as e 15 educandos/as do 3º ano do Ensino Médio e Educação Profissionalizante-Técnico em Agropecuária, documentos sobre a Escola e pela própria experiência da autora, enquanto pesquisadora/atora. Os resultados da pesquisa evidenciam as articulações necessárias entre o processo de ensino/aprendizagem e o Plano de Formação, apontam os desafios que existem na sua efetivação e as possibilidades concretas de contribuição para a formação integral dos jovens.

Os dados coletados revelam uma dificuldade financeira quase permanente, o que prejudica de fato o Plano de Formação, ou seja, muitos dos instrumentos pedagógicos não são aplicados. Situação agravada com a desvalorização profissional e salarial dos monitores/as e a influência da Igreja que deixou como herança o voluntariado, gerando uma confusão entre profissionalismo e militância. Assim, muito do que se programa não sai do papel.

Os sujeitos da pesquisa, por sinal otimistas, reconhecem o Plano de Formação como essencial no processo ensino aprendizagem. No entanto, sinalizam a necessidade de uma organização maior dos atores/as (educandos/as, pais/mães, Associação, lideranças comunitárias, e instituições) da Pedagogia da Alternância, que conhecem bem a proposta do trabalho, mas têm dificuldades em aliar teoria e prática.

Acreditam ainda na contribuição dos instrumentos pedagógicos da Alternância, na interdisciplinaridade e na interação entre os educandos e monitores, o que facilita a aprendizagem. Tudo isto, como se constatou, é articulado pelo Plano de Formação, que tem um grande significado para os educandos/as e suas famílias, porque liga Escola e Comunidade, valoriza e fortalece a cultura camponesa.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO 1 - OS MOVIMENTOS DE FORMAÇÃO RURAL POR ALTERNÂNCIA.....</b>	<b>20</b>
<i>1-1 As Origens, Princípios, Evolução e Expansão do Movimento das Escolas de Formação Familiar por Alternância no Mundo.....</i>	<i>20</i>
<i>1-2 Os Centros Familiares de Formação por Alternância no Brasil: o surgimento das Escolas Famílias Agríc.....</i>	<i>32</i>
<i>1-3 As Casas Familiares Rurais.....</i>	<i>38</i>
<i>1-4 As Escolas Comunitárias Rurais e o Projovem.....</i>	<i>39</i>
<i>1-5 A Escola Família Agrícola de Goiás – EFAGO.....</i>	<i>42</i>
<b>CAPÍTULO 2 - O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM, AS CORRENTES PEDAGÓGICAS E A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA.....</b>	<b>49</b>
<i>2-1 O Processo de Ensino-Aprendizagem: Abordagens Teóricas.....</i>	<i>49</i>
<i>2-1-1 Outras Perspectivas .....</i>	<i>50</i>
<i>2.1.2 A Inteligência como Fenômeno Biológico.....</i>	<i>52</i>
<i>2.1.3 O Esquema de Piaget.....</i>	<i>54</i>
<i>2.1.4 A Recompensa de SKinner.....</i>	<i>55</i>
<i>2-2 As Tendências Pedagógicas da Prática Escolar, um Quadro Descritivo.....</i>	<i>57</i>
<i>2-3 Paulo Freire e a Liberdade como Prática na Escola.....</i>	<i>63</i>
<i>2.3.1 O Método de Paulo Freire.....</i>	<i>63</i>
<i>2-4 Um Método Desafiador.....</i>	<i>64</i>
<i>2.5 Politicidade do Ato Educativo.....</i>	<i>64</i>
<i>2.6 Dialogicidade do Ato Educativo.....</i>	<i>66</i>
<i>2.7 Uma Maneira de Ensinar .....</i>	<i>67</i>

2.8 Pedagogia da Alternância, a Escolha do Método Educativo.....	70
--	----

## **CAPÍTULO 3 - O PLANO DE FORMAÇÃO NA ALTERNÂNCIA.....74**

3.1 <i>O Plano de Formação</i> .....	74
--------------------------------------	----

3.2 <i>Instrumentos Metodológicos e Pedagógicos utilizados no Plano de Formação</i> .....	77
---	----

3.3 O Conceito de Currículo na Prática Pedagógica.....	84
--	----

3.4 O Planejamento Educacional: Revisando Conceitos para Mudar Concepções e Práticas	86
--	----

3.4.1 <i>O que é Planejamento?</i> .....	87
--	----

3.4.2 <i>O que é Plano?</i> .....	88
-----------------------------------	----

3.4.3 <i>O que é Projeto?</i> .....	89
-------------------------------------	----

3.4.5 <i>O que é Programa?</i> .....	91
--------------------------------------	----

3.4.6 <i>Conceito de Participação</i> .....	91
---	----

3-5 <i>Diferença entre Multidisciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade</i> ....	93
--	----

## **CAPÍTULO 4 - PROBLEMÁTIZAÇÃO E REFERENCIAL METODOLÓGICO DA PESQUISA.....95**

4.1 <i>A Problemática</i> .....	97
---------------------------------	----

4.2 <i>Procedimentos Metodológicos</i> .....	97
--	----

4.2.1 A Coleta de Dados.....	98
------------------------------	----

4.2.2 A Organização e Análise dos Dados.....	106
--	-----

4.3 <i>Caracterização do Corpus Coletado: Processos e Limites da Análise</i> .....	107
--	-----

## **CAPÍTULO 5 - O PLANO DE FORMAÇÃO NA EFAGO.....109**

5.1 O Início de um Caminho para a Construção do Plano de Formação.....	109
--	-----

5.1.1 <i>A Construção do Plano de Formação</i> .....	111
--	-----

5.1.2 Os PEs e seus desdobramento, em detalhes.....	113
---	-----

5-2 <i>Impactos, Desafios e Perspectivas do Plano de Formação</i> .....	117
---	-----

5-3 <i>Os Ajustes e a Reconstrução do Plano de Formação</i> .....	122
---	-----

<b>5-4 Impactos, Desafios e Perspectivas do Plano de Formação .....</b>	<b>125</b>
---	------------

<b>CAPÍTULO 6 - AS PRÁTICAS E AS PERCEPÇÕES DOS EDUCANDOS/AS SOBRE O PLANO DE FORMAÇÃO.....</b>	<b>127</b>
---	------------

<b>6.1 Enxadas e Foices na Construção da Educação e da Aprendizagem .....</b>	<b>127</b>
<b>6.2 Educação, Aprendizagem e Plano de Formação: Conciliações Plausíveis? .....</b>	<b>140</b>
<b>6.3 Tempo Escolar e Familiar no Processo Ensino-Aprendizagem .....</b>	<b>143</b>
<b>6.4 Relações dialéticas do processo ensino-aprendizagem: casa/Escola, família/comunidade .....</b>	<b>144</b>
<b>6-5 Currículo e Interdisciplinaridade na Alternância .....</b>	<b>146</b>
<b>6-6 Relações Dialéticas do Processo Ensino-Aprendizagem: Educador/Educando .....</b>	<b>149</b>
<b>6-7 A construção histórica do PF na visão dos sujeitos da educação: educandos/as .....</b>	<b>152</b>

<b>CAPÍTULO 7 - AS PRÁTICAS E AS PERCEPÇÕES DOS MONITORES SOBRE O PLANO DE FORMAÇÃO .....</b>	<b>156</b>
---	------------

<b>7.1 Aplicabilidade do Plano de Formação: Desafios a Serem Vencidos . .....</b>	<b>156</b>
<b>7.1.1 Ofício de Mestres e Aprendizes .....</b>	<b>158</b>
<b>7.2 A Transformação do PF como Processo Transformativo .....</b>	<b>160</b>
<b>7.3 A Interdisciplinaridade do PF na Visão dos Educadores .....</b>	<b>162</b>
<b>7.4 O Entendimento Pedagógico dos Educadores .....</b>	<b>164</b>
<b>7.5 Plano de Formação e Prática Docente .....</b>	<b>166</b>
<b>7.6 Observações do Campo: Sentimentos dos Educadores/as .....</b>	<b>170</b>
<b>7.7 s Plano de Formação e Educandos .....</b>	<b>175</b>
<b>7.8 Pedagogia da Alternância: Significados .....</b>	<b>176</b>
<b>7.9 Efeitos e Desafios do PF para os Educadores .....</b>	<b>180</b>

<b>CAPÍTULO 8 - COMPARAÇÃO DAS CONCEPÇÕES SOBRE PLANO DE FORMAÇÃO NA ALTERNÂNCIA ENTRE OS EDUCANDOS E MONITORES E OS DESAFIOS E PERSPECTIVAS.....</b>	<b>184</b>
<b>8.1 <i>Comparação entre as Concepções dos Monitores e educandos.....</i></b>	<b>184</b>
<b>8.2 <i>Os Desafios do Plano de Formação na Alternância.....</i></b>	<b>196</b>
<b>8.3 <i>Perspectivas ao Plano de Formação em Alternância.....</i></b>	<b>197</b>
 <b>CONCLUSÃO.....</b>	 <b>199</b>
 <b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	 <b>203</b>
 <b>ANEXOS.....</b>	 <b>208</b>

## INTRODUÇÃO

A educação é, como outras, uma fração do *modo de vida* dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar – às vezes a ocultar, às vezes a inculcar – de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem.

(BRANDÃO, C.R. *O que é educação*, 1995: 10-11).

Essa pesquisa reflete e estuda o Plano de Formação na Alternância e o processo de ensino-aprendizagem num contexto específico, a saber: a Escola Família Agrícola de Goiás - EFAGO, especificamente, no município de Goiás, estado de Goiás.

O interesse pelo tema exposto surgiu com a preocupação de pesquisar a aprendizagem no contexto dos educadores/as e educandos/as da EFAGO. O intuito é entender se os instrumentos pedagógicos usados na Pedagogia da Alternância, que por sua vez são organizados através do Plano de Formação, estão contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem e para a formação (Paidéia) integral dos educandos/as de uma realidade social concreta. O tema tem sua gênese na experiência de trabalho na comunidade educativa a ser pesquisada e, também, dos questionamentos a respeito do processo ensino-aprendizagem realizado na Pedagogia da Alternância levantado pelos educadores/as e educandos/as, pelas políticas públicas educacionais, pelas famílias e comunidades locais que sentem a diferença metodológica da Pedagogia da Alternância em relação aos outros programas e projetos educacionais, por sinal, neoliberais, adotados pelos Municípios e Estados. Precisa-se destacar que tais questionamentos, em sua grande maioria, se dão a partir das famílias e toda a sociedade que estão cultural e ideologicamente acostumadas com uma pedagogia bancária, onde a escola não ultrapassa os limites da formalização.

As motivações que se mostraram para realizar esta pesquisa se deu, antes de tudo, pelo compromisso pessoal da pesquisadora com a educação pública, gratuita e de qualidade para com os camponeses/as no município de Goiás. E, além disso, o compromisso assumido com a Pedagogia da Alternância das EFAs, sabendo que sua proposta busca humanizar, libertar e emancipar os filhos/as de camponeses/as.



Nesse sentido hoje com 29 anos de idade e 8 anos de trabalho na Escola Família Agrícola de Goiás. Há 6 anos exercendo a função de diretora pedagógica. É filha de assentados do Projeto de Assentamento Mosquito. Desde criança convive com o drama e a sina dos trabalhadores rurais que fizeram no município de Goiás uma história concreta de luta pela terra o que veio a culminar que o município de Goiás se tornou o maior em número de Projetos de Assentamentos da Reforma Agrária, 22 ao todo. É licenciada em Letras (Língua Portuguesa e Língua Inglesa) pela Faculdade de Filosofia Cora Coralina (FFCC), hoje, Universidade Estadual de Goiás. Fez Especialização em Docência Universitária na FFCC/Universidade Católica de Goiás (UCG).

Assim, a pesquisa possui um sentido histórico por ter convivido sempre neste universo cultural. Vivenciado as tristezas e alegrias dos agricultores/as que lutaram pela posse da terra e, posteriormente, lutaram para terem uma educação de qualidade, pública, comunitária e condizente com a realidade em que vivem.

De 1998 a 2001, a autora desta pesquisa participou de um curso de Formação Inicial em Pedagogia da Alternância, promovido pela AMEFA<sup>1</sup>, no estado de Minas Gerais. No curso se realizou por meio de módulos divididos em 10 sessões presenciais. Duas pesquisas foram feitas por cada participante. A primeira, durante o curso e a segunda no final. A primeira pesquisa<sup>2</sup> se deu numa perspectiva histórica-analítica da Escola Família Agrícola de Goiás e da Associação Mantenedora. Nesta pesquisa foram abordadas algumas dificuldades que precisavam ser trabalhadas pela Associação e pela própria Unidade Escolar visando um melhor desenvolvimento organizativo da proposta pedagógica e de suas metodologias. E como sugestão foi a criação do Plano de Formação na EFAGO, que seria a organização de todos os instrumentos da Pedagogia da Alternância ligados às disciplinas trabalhadas na escola. A segunda pesquisa<sup>3</sup> foi estritamente empírica. Precisa-se destacar que ambas pesquisas estão ligadas. A primeira pesquisa se deu de forma coletiva e a segunda se deu na apresentação final de forma singular. Os resultados apresentados em Brasília - DF foram interessantes porque fez com que houvesse uma maior articulação dos trabalhos, uma maior integração entre os educadores/as e, por fim, contribuiu para que se pudesse organizar a própria Escola (EFAGO) pedagógica e metodologicamente.

---

<sup>1</sup> Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas.

<sup>2</sup> Esta pesquisa foi realizada por dois participantes, a saber: Ana Maria Pereira Pinto e José Novaes de Jesus.

<sup>3</sup> Das dificuldades levantadas, pesquisei pessoalmente o seguinte: *O Plano de Formação no Processo Pedagógico em Alternância*. Realizado em 2000 e apresentado em Abril de 2001 em Brasília – DF. (mimeo.).

Desse curso surgiu a necessidade de aprofundar o tema de uma maneira mais científica e acadêmica. A proposta é registrar a pesquisa para que a mesma venha contribuir para os CEEFAs, principalmente, no que se refere aos problemas e desafios que precisam ser resolvidos no processo de ensino-aprendizagem dos educandos/as e dos próprios educadores/as que, também, estão em processo quando desenvolvem o ofício de mestres e aprendizes<sup>4</sup> (Arroyo, 2001). E, por fim, pretende-se demonstrar que é possível sonhar com uma Educação emancipatória que liberta a pessoa humana das ideologias dominantes, dos neoliberalismos educativos presentes no contexto da educação brasileira. Os CEEFAs com a Pedagogia da Alternância podem ser sementes de esperança para a sociedade brasileira, assim como outras propostas alternativas que existem na educação brasileira como é o caso da Pedagogia do MST<sup>5</sup>, das Escolas Comunitárias, das políticas educacionais em prefeituras administradas pelo PT e das escolas indígenas que buscam valorizar sua cultura e seu jeito próprio de ser.

Este trabalho se encontra organizado em 8(oito) capítulos. Os quatro primeiros capítulos tratam das questões históricas, contextualização da pesquisa, fundamentação teórica e problemática e metodologias da pesquisa. No primeiro que retrata desde o surgimento da Pedagogia da Alternância na França, bem como, sua expansão até chegar no Brasil e mais particularmente na Contextualização da EFAGO. No segundo capítulo é realizado um breve apanhado do que vem a ser o processo ensino-aprendizagem e as correntes pedagógicas na ótica de vários autores, e por último o que é a Pedagogia de Alternância. E, no terceiro capítulo, foi levantada a fundamentação teórica do Plano de Formação numa visão geral. Por fim no quarto capítulo é colocado a problematização e a metodologia usada nesta pesquisa, bem como, os seus procedimentos.

Na continuidade da pesquisa são expostas a análise e conclusão a partir dos dados coletados para esta pesquisa. Contando com mais quatro capítulos. O quinto capítulo é o relato da construção, ajustes e reconstrução do Plano de Formação na EFAGO. O sexto capítulo é a análise das práticas e concepções dos educandos/as sobre o Plano de Formação. No sétimo capítulo acontece a análise das práticas e concepções dos monitores/as a cerca do Plano de Formação. No oitavo e último capítulo tem-se a comparação a partir da análise dos

---

<sup>4</sup> A pesquisa que está sendo proposta não pretende fragmentar, muito menos dicotomizar o educador do educando. Ambos se fazem num processo dialógico de construção do saber.

<sup>5</sup> A Pedagogia do MST nasceu das experiências das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e, possivelmente, também, das experiências das primeiras EFAs. Sua proposta se parece muito com a da EFA, sendo que, especificamente, a Pedagogia da Alternância é utilizada pelo MST na Formação de Professores/as no curso de Magistério realizado no Rio Grande do Sul – RS em Unijuí.

monitores/as e educandos/as, bem como os desafios e perspectivas sobre o Plano de Formação na EFAGO. Os resultados que decorrem das contradições dos dados coletados a partir das representações dos educadores, denominados de Monitores/as e Educandos/as orientam para as dificuldades com relação ao processo ensino-aprendizagem na Pedagogia da Alternância pelos CEFFAs.

Perceber-se-á que no decorrer do texto se alternarão as categorias como educador (usado freqüentemente pela pedagogia libertadora de Paulo Freire), professor (utilizado nas escolas públicas a partir de uma concepção de que este assumia somente o ato de ensinar numa perspectiva do tradicionalismo) e, por fim, monitor (utilizado pelos Centros Familiares de Formação em Alternância para apresentar o sujeito que busca ser o facilitador, condutor dos jovens que estão em busca de conhecimento e, ao mesmo tempo, a fim de partilhar conhecimentos).

Também, torna-se necessário salientar a diferenciação que se realiza no decorrer do texto entre educando e alunos. Na Escola Família Agrícola de Goiás utiliza-se com maior freqüência a categoria aluno reproduzindo as práticas sócio-culturais das Escolas Públicas ligadas exclusivamente ao Estado, já que a Escola Família Agrícola não deixa de ser escola pública por ser comunitária. Educando é uma categoria freireana que busca inserir um sinônimo de dialeticidade e dialogicidade entre os sujeitos da educação; já a categoria alunos é uma espécie de reprodução social que minimiza o papel do aluno enquanto agente, sujeito e ator do processo de ensino-aprendizagem.

## **CAPÍTULO 1**

### **OS MOVIMENTOS DE FORMAÇÃO RURAL POR ALTERNÂNCIA**

O objetivo desse capítulo é fazer uma revisão na literatura visando uma melhor compreensão do surgimento dos movimentos de Formação em Alternância. Torna-se necessário um breve relato sobre a origem e expansão das Maisons Familiales Rurales (MFRs), depois apresentar o histórico do CEFFAS no Brasil, que trabalha a formação em Alternância integrada à realidade das MFRs, que por sua vez, é a união de dois grandes movimentos das Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) e das Casas Familiares Rurais (CFRs). E, em seguida, uma rápida explanação sobre a Escola Família Agrícola de Goiás (EFAGO) situando o seu contexto sócio-cultural para possibilitar um maior entendimento sobre a problemática da pesquisa. Percebe-se, como a questão da trajetória histórica da Pedagogia da Alternância influenciará as questões pedagógicas na EFAGO, bem como, no seu desenvolvimento com relação ao aspecto ensino-aprendizagem a partir do que os filhos dos camponeses vivem no seu meio sócio-profissional. Para a produção deste capítulo me baseei em Nosella (1977), Gianordeli (1980), Queiros (1997) Silva (2000), Nogueira (1999) e Azevedo (1999).

#### ***1.1 As Origens, Princípios, Evolução e Expansão do Movimento das Escolas de Formação Familiar por Alternância no Mundo.***

As Escolas Famílias Agrícolas são de origem francesa, onde são denominadas Maison Familiales Rurales (MFR), Casas Familiares Rurais (CFR). Em 1935, numa pequena comunidade situada no sudoeste da França, em Serignac-Peboudou, próximo Lauzan, Província de Lot-et-Garonne nasce uma experiência de formação em Alternância que possibilitará a criação da primeira MFR, que teve como principal característica segundo Chartier (1986) pela organização de um grupo de pequenos agricultores que se preocupavam com a formação geral, social e profissional de seus filhos adaptada à realidade que eles viviam, bem como, o desenvolvimento da região deles o que possibilitou a expansão um pouco mais tarde por vários outros países da Europa, América Latina, Ásia, África e Oceania.

Essa experiência de Formação em Alternância surgiu em meio a um processo de crise gerada pelas duas grandes guerras nos primeiros cinquenta anos do séc. XX. É um período marcado pelo desenvolvimento do capitalismo industrial que causou mudanças significativas em toda a Europa. Desde a Revolução Industrial (séc. XVIII) intensificou-se a utilização das máquinas e a divisão de trabalho e, com isso, cresceu a produção baseada na lógica do lucro tendo como efeitos drásticos a urbanização acelerada em vista de um profundo esvaziamento populacional do meio rural<sup>1</sup>. O interesse era obviamente pelo crescimento urbano, colocando assim duas situações: primeiro, o interesse do capitalismo pelo campo e somente pela mão-de-obra mais barata, o que Marx (1996) chama de mais-valia e o interesse pelas terras por parte da burguesia rural oligárquica que consideravam a terra apenas como mercadoria para gerar especulação e acumulação ampliando assim o conceito de propriedade privada. Por outro lado, os agricultores acreditavam que suas terras eram para a subsistência e servia para construir suas vidas. Sendo assim, o capitalismo selvagem fez com que os camponeses abandonassem suas terras colocando-os numa situação de abandono por parte do Estado que representava até então os interesses da classe dominante.

Mesmo com todas essas dificuldades há uma resistência dos camponeses ao se manter uma grande quantidade de pequenos proprietários, sendo uma característica na questão agrária na França ter como base a Agricultura Familiar. Nessa perspectiva é que o país vai se reconstruindo com muita dificuldade tanto nas questões sociais quanto econômicas. Diante dessa situação os agricultores ficam abandonados, com relação ao Estado que estava totalmente despreocupado com os problemas sociais como a educação. Enfim, com todo o contexto em que vivia o camponês, sua preocupação era com o ensino urbano e não com o rural “*que dizia através de seus professores (as) do primário, salvo algumas maravilhosas exceções, não sabia mesmo o que dizer aos agricultores a não ser o seguinte: seu filho é inteligente; não pode ser deixado na roça (...) é preciso encaminhá-lo nos estudos (...) vencerá na vida melhor que seu pai (...) conseguirá uma posição social*”. (Granereau, Apud, Nosella, 1977: 19), ficando a educação rural num descaso total. A Igreja se preocupava com as problemáticas dos camponeses, sobretudo com a educação, porém não tinha nenhuma proposta concreta.

Os camponeses na França se encontravam numa situação difícil, pois seus filhos/as para estudar tinham que ir para a cidade e com isso abandonavam seu meio, sua família e sua

---

<sup>1</sup> Neste sentido, ver Marx & Engels (2002) e Marx (1996).

realidade, o que causou grandes desafios, pois os agricultores não tinham condições financeiras de mandar seus filhos para a cidade e, por outro lado, precisavam da mão-de-obra dos filhos/as na propriedade. Assim, ou paravam de estudar ou desvinculava-se do meio rural e iam para a cidade e dificilmente voltavam. As famílias, Sindicatos Rurais, cooperativas e Igreja estavam diante de uma situação difícil, pois essa realidade exigia das lideranças e organizações propostas para tentar solucionar os problemas sociais, econômicos e políticos das comunidades rurais.

Mediante essa crise um agricultor preocupado com a formação de seu filho, pois o jovem, chamado Yves, que tinha apenas 13 anos não queria mais freqüentar a escola regular, queria se formar para ser um agricultor e não sentia que poderia ter essa formação numa escola comum. Assim, se inicia a história de uma formação diferenciada para filhos de agricultores. A partir da conversa com o filho, o agricultor fica preocupado com a formação dela e o leva para visitar uma escola de agricultores da região, porém, não gostaram, pois a escola tinha muito dinheiro, os professores eram muito bons, mas não seria o ideal, pois jamais seu filho seria preparado para ser um agricultor e trabalhar na sua propriedade, pois a escola era muito distante da sua realidade.

O agricultor ficou apreensivo depois da visita e se perguntava: o que fazer, sabendo que seu filho teria que ter uma formação mais geral, não bastava saber ler e escrever; teria que estudar outras áreas de conhecimentos que iriam ser úteis na sua vida. Sua preocupação era que seu filho não fosse à escola e que tivesse sua formação apenas com o pai, com certeza faltaria muitos aspectos para concretizar uma formação integral.

Nesse tempo em que o agricultor refletia a situação de seu filho, o mesmo participou de uma celebração em sua comunidade e na oportunidade conversou com o pároco chamado Abbe Granereau e perguntou se ele não poderia dar aulas ao seu filho. Esse pároco nasceu em 1885, na França e morreu em 10/06/1988 e durante toda sua vida se dedicou a trabalhar com os camponeses, sobretudo, com os jovens, sendo que ele era filho de agricultores franceses. Ele chegou na região em 1930 e era uma pessoa engajada na constituição de sindicatos e cooperativas agrícolas na região. Ele e o agricultor que o procurou eram membros do Sindicato Central de Iniciativa Rural (SCIR). Segundo Queiroz (1997), o SCIR foi criado pelos democratas cristãos franceses em 1920. O Sindicato apoiado nos princípios cristãos e democráticos tinha por finalidade a defesa dos interesses profissionais da agricultura francesa. Entre os objetivos do SCIR destacamos: a organização profissional agrícola pelo

sindicalismo, associação e cooperação, a adaptação do ensino primário e a organização eficaz do ensino pós-escolar agrícola público e privado. O SCIR tinha sede em Paris e, entre 1920 e 1930, criou várias Seções Regionais. Em Lot-et-Garonne existia um SCIR. Nesta Seção havia uma preocupação com a formação dos jovens rurais. O presidente desta Seção era um agricultor, Jean Peyrat e pai de um dos primeiros educandos da MFR e o Secretário era o Padre Granereau. (CHARTIER, 1985:23).

O pároco Granereau e o agricultor começaram a promover reuniões e reflexões na região mobilizando varias famílias para a questão da formação de seus filhos para serem agricultores e desenvolverem as suas propriedades e se profissionalizarem na agricultura. Eles sabiam após muitas tentativas que para desenvolver a agricultura a solução estava mesmo era na educação adequada e específica para os filhos de agricultores. Depois de vários encontros e reflexões houve muitas idéias e sugestões para formação agrícola dos jovens. A partir disso, o pároco montou um plano de formação para quatro jovens de 13 a 14 anos e apresentou para as famílias. Ele trabalhava com eles durante uma semana na paróquia e passava trabalhos e atividades para que eles desenvolvessem em casa durante três semanas com as famílias que tinham muita responsabilidade para também contribuir na formação desses jovens. Na família, eles desenvolviam a parte prática dos estudos. E depois eles voltavam para outra semana com pároco Granereau onde era estudada a parte teórica. Dessa forma, a aprendizagem prática seria realizada em suas propriedades rurais, mas com a proposta de continuarem seus estudos na área técnica no centro de formação a fim de complementarem suas aprendizagens e, ao mesmo tempo, comparar as suas realidades confrontando com outras experiências, permitindo assim, que os jovens pudessem conhecer as evoluções das técnicas. Segundo Nosella (1977:21) os cursos não correspondiam a nenhum currículo formal, mas sim, por correspondência onde o material deste curso era organizado por um Instituto Católico que tinha cursos de agricultura por correspondência.

Surgiu dessa forma a estrutura para as futuras MFRs, em 24 de Novembro de 1935, que é o trabalho com a Pedagogia da Alternância, momentos de estudos com o pároco na paróquia e outros momentos na família. Essa Alternância foi realizada por meio de internato na paróquia, onde os jovens tinham que ir cinco vezes no inverno de novembro a abril. A característica principal do projeto pedagógico das MFRs seria a Alternância entre a aprendizagem e o trabalho prático na propriedade e a formação geral e técnica no Centro de

formação. Daí em diante o trabalho se expandiu, todos os jovens se sentiram comprometidos e envolvidos em sua família e na comunidade.

Essa experiência de educação diferenciada para os filhos de camponeses não foi tão espontânea como aparenta ser. Numa análise mais aprofundada da conjuntura em que a França vivia, como fortes momentos de crise, havia a necessidade de uma formação voltada para os filhos de camponeses, assim como existia o SCIR que defendia que os agricultores deveriam contribuir eles mesmos no desenvolvimento do meio rural. Iniciou-se a implantação da proposta educacional diferenciada para os filhos de agricultores. Era uma questão de necessidade, após uma árdua caminhada segundo Chartier (1986) nasce de uma longa reflexão cuja origem remonta o início do século XX. A experiência das MFRs nasceu num espaço do catolicismo social, onde havia um movimento cristão denominado Sillon que surgiu no século XIX que tinha como objetivo a defesa da democracia como condição do progresso social<sup>2</sup>. Assim, difundiu um sindicalismo agrícola estimulante da solidariedade e da ação comunitária em todos os níveis da vida profissional, cultural e social. A partir desse movimento criou-se o movimento da Juventude Agrícola Cristã (JAC), que por sua vez, influenciou o sindicalismo agrícola na França. Esses movimentos, principalmente, o Sillon é que permitiram o rápido avanço das MFRs no país, pois a maioria das famílias engajadas eram influenciadas por essa cultura comunitária e muitos do que iniciaram a experiência da educação realizada em Alternância faziam parte destes movimentos, inclusive do SCIR, que deu continuidade na ideologia do Sillon, que teve uma participação direta e importantíssima na criação das MFRs. Esses grupos se espalharam por várias regiões da França.

Então, todos esses movimentos; Sillon, SCIR, JAC contribuíram para o surgimento dessa educação diferenciada e que também veio a contribuir com o desenvolvimento da região. A partir da primeira experiência em Serignac-Peboudou muitas famílias começaram a se interessar por esse novo projeto pedagógico de educação. Em 1937, já tinham 30 famílias interessadas na formação, mas o espaço já não comportava os jovens e assim essas famílias se reuniram e compraram uma casa em Lauzan, cidade principal da região, chamando-se A

---

<sup>2</sup> Este catolicismo social foi marcado por momentos de abertura ao pensamento moderno o qual a sociedade se inseria. Os chamados cristãos engajados como Emmanuel Mounier, Jacques Maritain e Gabriel Marcel contribuíram para que o pensamento cristão se tornasse mais condizente com os problemas existenciais das pessoas. Dentre eles, Mounier (1967) foi o que mais contribuiu para a formulação de uma práxis pedagógica voltada para a humanização das MFRs. Estes cristãos engajados buscaram suas bases teóricas na filosofia existencial tendo como eixo gerador o cristianismo. Lutavam contra os extremismos do capitalismo selvagem que levava o homem ao individualismo, bem como, o coletivismo radical que invertia a lógica do capitalismo levando o homem à falsa idéia de uma sociedade baseada no comunismo coletivizado sem que houvesse uma respeitabilidade pelo ser individual. Ambas são formas de escravidão antropológica.



Casa Familiar. Essa casa seria a primeira MFRs, administrada pelos pais, e que foi inaugurada em 17 de setembro de 1937, da que Jean Peyrat foi o primeiro presidente (UNMFREO, 1987).

Em 1938, o trabalho continuava e as famílias sentiam a necessidade de ter um técnico em agricultura e assim contrataram um para acompanhar a formação teórica, em parceria com Granereau, de seus filhos na Casa Familiar e ajudar também os pais como conselheiros nas suas propriedades. E, em 1940, surge na mesma região o mesmo tipo de formação para as meninas, mesmo com muito preconceito e dificuldades a escola se expandiu. Surge com isso todo um trabalho coletivo, organizado pelas famílias em prol de um projeto educativo para os adolescentes visando a sua formação para agricultor.

Logo a Pedagogia da Alternância é reconhecida oficialmente. Foi criada a União Nacional das Escolas Famílias, o planejamento é organizado e definido, a Alternância se sistematiza. Desde o começo o meio rural era valorizado nessa pedagogia e a partir dela acontecia o processo ensino-aprendizagem entre o pároco e os jovens. Era um trabalho que surgiu em meio à Comunidade, Igreja e Casa Familiar, um trabalho social com uma preocupação em valorizar o campo e tentar transformá-lo no que fosse necessário e ao mesmo tempo manter o que era bom e recuperar os aspectos culturais, ambientais e sociais que estavam se perdendo.

Há muito tempo na França a agricultura estava decadente e não havia uma preocupação com uma formação dos profissionais para essa área. O que havia estava totalmente desligada e distante do que as famílias queriam para responder as demandas de suas realidades. Mas nos anos 50 houve uma progressão nessa questão, onde todos se voltaram a preocupar e o Ministro da Agricultura se sensibilizou e apoiou o desenvolvimento e aprimoramento da formação, mais próxima a realidade deles, para os/as jovens rurais através das MFRs.

Toda a mobilização das famílias e do Pároco Granereau em prol de uma educação diferenciada aos filhos/as de agricultores deu início a um grande marco histórico na França, pois foi considerada a primeira Escola da Aprendizagem Rural, sendo que em 1935 tinha apenas uma. Já nos anos 50 existiam cento e cinquenta e, em 1954, mais de trezentas, todas trabalhando com a formação humana e moral de 1500 meninos e meninas rurais entre 14 a 18 anos em 71 regiões. Essa escola foi considerada como sendo uma pedagogia apropriada e moderna para a formação dos camponeses da época, pois seu trabalho respondia às suas

necessidades. E o seu desenvolvimento e a pedagogia surpreenderam fazendo com que se sobressaíssem as Escolas naqueles tempos.

Para o surgimento destas Escolas era preciso ter interesse dos próprios pais e mães na formação dos filhos. Estes se reuniam em grupo, refletiam, discutiam, faziam encontros e depois formavam uma Associação e desta criava-se uma comissão, onde cada um tinha a sua função na administração da Escola tanto no aspecto financeiro, moral e pedagógico, pois eles seriam os responsáveis pelo desenvolvimento do trabalho, tornando-se assim, a base fundamental da Escola para que esses jovens tivessem uma formação profissional adequada aos seus reais interesses.

A consolidação do Regimento da Escola foi baseado na lei de 18 de janeiro de 1929 onde permitia que os pais trabalhassem a aprendizagem agrícola dos seus filhos a partir de práticas em suas propriedades, mas que deveria ser completada e aprofundada com uma formação com profissionais da área. E, para o melhor funcionamento da Escola, os pais contrataram um Diretor/a pedagógico que, por sua vez, tinha que ter conhecimentos na área técnica também já que era uma Escola de aprendizagem agrícola. E, também, contrataram monitores que seriam os professores com conhecimentos pedagógicos e técnicos. E juntos, diretores e monitores, a partir do que as famílias almejavam para os seus filhos, montavam o plano de curso da Escola e depois era ou não aprovado pelas famílias. A organização da Escola se dava através da contratação de uma pessoa para trabalhar a questão da economia, organização da cozinha, do almoxarifado e do internato.

As famílias eram responsáveis pela gestão da Escola, pela parte financeira e pedagógica, mas, segundo Chartier (1986), não foi os aspectos filosóficos ou pedagógicos que fizeram com que as famílias tomassem a responsabilidade pela formação de seus filhos, pois se tivesse deixado os pais só na reflexão do tipo de educação que eles queriam ter para os filhos não teria surgido a primeira Escola. De início, os pais quando iniciaram a escola não estavam preparados para assumirem as responsabilidades da Escola. Nesse caso foi a obrigação com a gestão das MFRs que fez e faz com que as famílias participem. Os pais em geral quando inscreviam seus filhos não se interessavam pela Escola, mas com o passar do tempo, com o engajamento na Associação e a Alternância, fez com que houvesse maior participação e responsabilidade. Segundo Chartier (1986) a participação e engajamento não eram espontâneos, mas sim, resultado de um processo de aprendizagem que o projeto de formação das MFRs oferecia.

Nessa formação, a aprendizagem acontecia com os pais. A parte técnica e prática ajudava e ensinava os filhos de acordo com as atividades e calendário agrícola, no entanto, esses jovens precisavam pensar sobre o que estavam fazendo e o porque das coisas. Para isso se tinha a formação geral e teórica com conteúdos da área de história, geografia ciências e outros, além da formação humana, associativa e religiosa baseada na formação dos fundadores.

Em 1942 é criada a União Nacional das Maisons Familiales Rurales (UNMFRs) com a intenção de acompanhar as Escolas que existiam e estavam perdendo os objetivos originais e as novas que iriam surgir. De 1941 a 1945 surgiram muitas MFRs, porém era um período difícil na França por causa da II Guerra Mundial e da ocupação Alemã na França. Nesse sentido, as Escolas não estavam formando uma unidade, pelo contrário, estavam perdendo o objetivo pelo que se originou. E a UNMFRS foi criada exatamente para tentar essa unidade entre as Escolas.

Quando terminou a Guerra foi uma nova fase para as MFRs que visavam fortalecer seu movimento construindo sua identidade fundamentada nos seguintes princípios segundo Chartier (1986:144):

Uma associação de pais responsáveis em todos os pontos de vista pela MFR. A Alternância de etapas entre a Maison Familiale e a propriedade: sendo o ritmo da alternância o das regiões, a distribuição dos jovens em pequenos grupos; sendo, todavia necessário um mínimo de doze para que a formula pudesse ser viável, as famílias poderiam recorrer ao padre ou ao pastor para a formação religiosa dos jovens católicos ou protestantes onde os pais expressassem o desejo de que eles recebessem essa formação. Em nenhum caso, o eclesiástico poderia ser o diretor da Maison Familiale e nela residir.

Foi um período muito importante na história das MFRs, todas as Escolas estavam preocupadas em se reorganizar e ter uma unidade e foi decidido na mesma Assembléia que definiram os princípios que aquelas que não estavam dentro dos princípios, tinham que se organizarem ou eram expulsas do Movimento. O que gerou polêmica foi o ponto em que os eclesiásticos não poderiam ser diretores, desencadeando numa crise com a hierarquia católica, ocasionando a saída do pároco Granereau, que foi um dos fundadores do projeto.

Para Chartier (1986: 144) era um momento de busca de fidelidade aos princípios originais e o movimento queria uma independência do Estado e da Igreja.

Segundo Nosella (1977: 22-24)

(...) o caráter forte do sacerdote dominava e monopolizava a ação, surgindo, desta forma alguns problemas. Sendo que ela também não era um bom administrador. Levava para frente as coisas numa grande desordem. Os agricultores ao repararem isso passaram a ter medo das possíveis conseqüências. (...) Um segundo ponto que gerou a crise foi o fato de o padre fundador não ter sido suficientemente prudente em seu relacionamento político: tinha-se relacionado, talvez demais, com o governo colaboracionista com os alemães. (...) Em terceiro lugar houve um problema de fundo... era uma questão de concepção e de doutrina da “*Maison Familiale*”. O Sacerdote cogitava de uma Escola camponesa em sentido todo e extremado, sem abertura para a cidade ou para outras formações de educação. Ele queria uma formação rural totalmente fechada, que perfizesse todo o sistema escolar.

Essa crise permitiu uma reorganização do movimento, criaram uma secretaria geral e uma administração geral central, pois visavam um melhor controle administrativo e, também, financeiro, isso foi possível após a saída de Granereau. Também houve uma maior preocupação com a questão pedagógica, pois muitas coisas eram levadas no improviso e para amenizar foram convidados técnicos da educação e da pedagogia para ajudar a sistematizar a pedagogia e o movimento em si. Tanto o sacerdote quanto os agricultores se preocupavam com a prática, mas não havia uma sistematização pedagógica e o período de 1945 a 1960 foi, portanto, o período da expansão e da sistematização da experiência. As Maisons Familiaes passaram de 30 para 500 unidades e sua literatura pedagógica foi aumentando cada vez mais<sup>3</sup>.

Com relação ainda à questão pedagógica houve uma polêmica, pois com a Alternância os educandos passaram a questionar e criticar as técnicas que seus pais utilizavam. Acontecia que a Alternância permitia intercâmbios entre pais e monitores, mas ao mesmo tempo, gerava conflitos, pois os monitores pensavam que sabiam e queriam ensinar aos pais, com isso não estava havendo uma ligação entre a prática realizada na propriedade rural e teoria vista na MFR e para resolver isso foi desenvolvida uma pesquisa de 1945 a 1950 que originou um dos instrumentos mais importantes da Pedagogia da Alternância chamado de Caderno da Propriedade, onde o jovem elabora um questionário, chamado Plano de Estudo

---

<sup>3</sup> Ver neste sentido, Nosella (1977: 24-25).

(PE), instrumento pedagógico famoso que foi criado pelo educador André Duffaure em 1946/47 para pesquisar as atividades desenvolvidas pela família e, posteriormente, discutir com os monitores e colegas<sup>4</sup>.

A Pedagogia não surgiu pronta e acabada, foi se construindo aos poucos e, sem dúvida, as crises sempre contribuíram para avançar nos trabalhos, surgindo novos instrumentos pedagógicos, melhorando a questão da organicidade, do aspecto administrativo, financeiro e pedagógico, mas sempre, com muito esforço e com o espírito aberto para mudanças se construiu uma grande pedagogia especial para os agricultores não só da França, mas que se espalhou por várias partes do mundo.

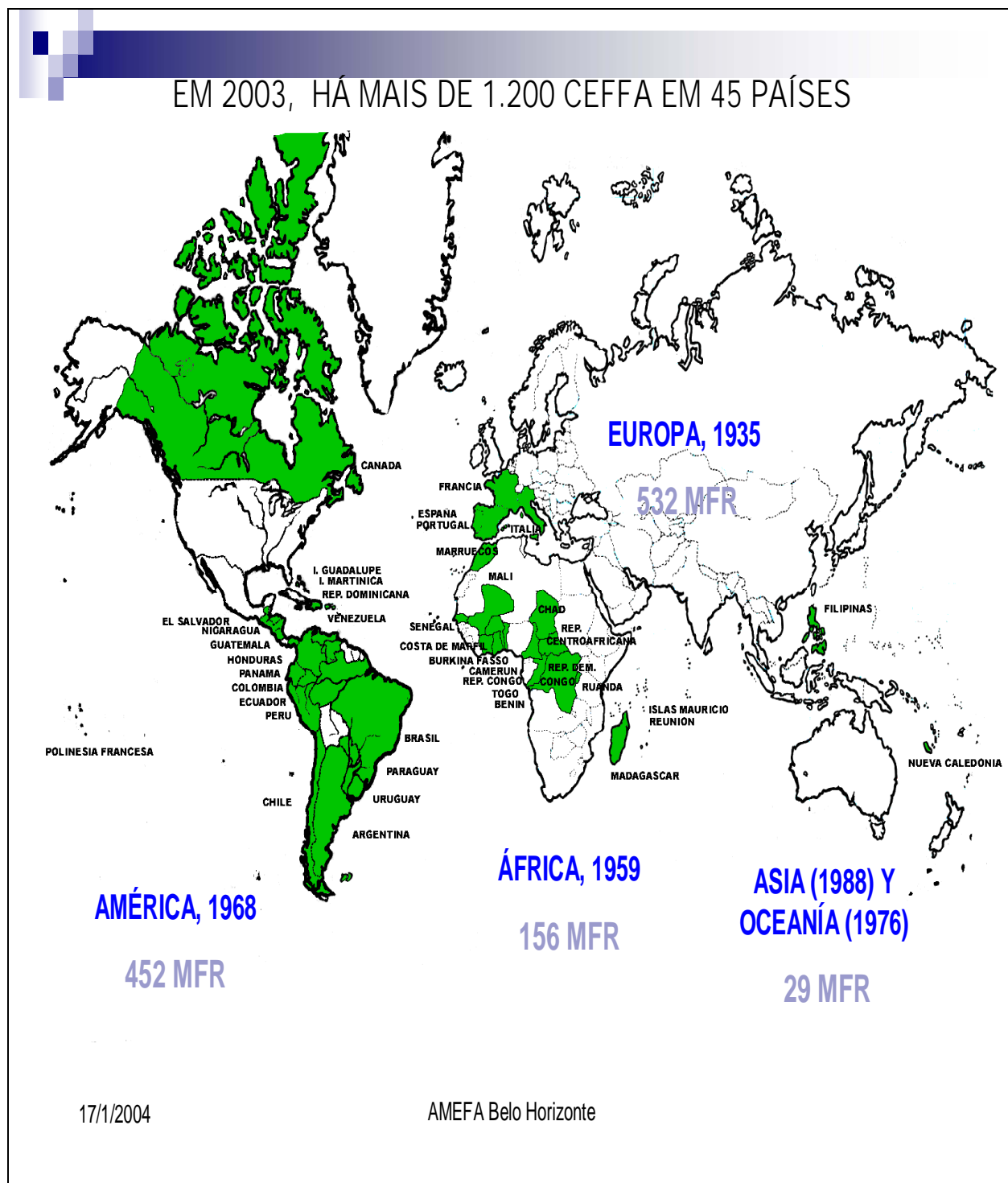
Essa crise com a Igreja proporcionou um afastamento e conseqüentemente se conseguiu uma certa autonomia e uma ruptura com uma educação fechada. Com isso, as experiências se espalharam primeiramente pela Itália, que após a visita de dois líderes políticos. Conheceram a experiência, gostaram e implantaram. A diferença é que na Itália nasceu a partir dos homens políticos e tinha um apoio muito grande do Estado. A Igreja acompanhava, mas não partiu dela como as Escolas da França. Adaptaram-se os princípios da Pedagogia da Alternância à realidade deles. As primeiras Escolas nasceram em Soligo (Treviso) em 1961-62, em Ripes (Ancona) em 1963-64 num contexto pós-guerra, denominadas *Scuola dola Famiglia Rurale* ou *Scuola-Famiglia*. Ainda na Europa se espalharam pela Espanha a partir de 1966, e por Portugal a partir de 1984. Ao mesmo tempo, se difundiram pela África e América Latina, principalmente, na Argentina e Brasil. Depois através de intercâmbios entre os países da América Latina e França surgem as Escolas Famílias nos países da América Central a partir de 1973, sendo a primeira na Nicarágua, posteriormente, se espalhando por vários países. E a partir das experiências das Escolas Famílias da Espanha surge no Continente Asiático em 1988 as primeiras experiências na Filipinas.

Com a evolução e expansão do Movimento de formação rural através da Pedagogia da Alternância pelo mundo criou-se a *Association Internationale des Maisons Familiales Rurales* (AIMFR) que tinha como objetivo o acompanhamento, a integração, trocas de experiências e difusão do movimento. A fundação foi realizada no Congresso Internacional realizado no Senegal, onde contava com a participação de 20 países e 21 organizações que trabalhavam com a Formação em Alternância.

---

<sup>4</sup> Neste sentido, ver Chartier (1984: 25).

Atualmente existem 1.169 CEFFAs (Centros Familiares de Formação em Alternância) em quarenta e cinco países, espalhados pelo mundo, onde a maioria se encontra na Europa. Contando desde 1935 até hoje está com 532 MFRs na Europa, em segundo, a América desde 1968, conta com 452 MFRs, em terceiro, a África conta com 156 MFRs, em quarto, a Oceania desde 1976 e Ásia desde 1988 que contam juntas com 29 MFRs.



Mapa 1: Número de CEFFAs em 45 países

Fonte: Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas (AMEFA), 2003.

Essa experiência de formação rural por alternância chega no Brasil na década de 60 a partir da experiência italiana, onde se tem as Escolas Famílias Agrícolas e, posteriormente, na década de 80 a partir da experiência francesa se tem as Casas Familiares Rurais. São dois movimentos distintos, mas que tem o mesmo objetivo que é trabalhar com a formação dos jovens agricultores.

### ***1.2 Os Centros Familiares de Formação por Alternância no Brasil: o surgimento das Escolas Famílias Agrícolas.***

As Escolas Famílias chegaram no Brasil na década de 60, no Sul do Estado do Espírito Santo, através de um Padre Jesuíta Italiano chamado Humberto Pietrogrande. Portanto, a experiência em Alternância veio primeiramente da experiência *Italiana*, da região de Veneto, norte da Itália. Padre Humberto já havia vindo ao Brasil antes, por isso, conhecia a realidade em que vivia os camponeses/as do Espírito Santo. Nesse período em que esteve no Brasil percebeu o nível de pobreza em que viviam os capixabas. Ele ficou imensamente sensibilizado e voltou para a Itália para completar seus estudos e fez planos de voltar ao Brasil para ajudar a resolver aquela difícil situação. Enquanto isso mobilizou pessoas e entidades para contribuir com a carência daquela região que conhecera.

Nesse período, o êxodo rural estava se intensificando muito no Brasil, estava faltando condições de vida digna, sendo que o latifúndio, a desigualdade, o conflito por terras, a exploração de mão-de-obra estavam aumentando. Os camponeses estavam vivendo uma crise sócio-econômica e política muito forte. Estava tendo uma luta constante para continuar no campo, mas não estava fácil com isso o problema da cidade aumentava com inchaço e desemprego acelerado intensificando cada vez mais os problemas sociais.

Neste contexto, estava havendo uma crise no Sul do Espírito Santo, numa região que sobrevivia da lavoura de café e que devido ao programa de erradicação energética do Governo Federal, as lavouras do Estado foram dizimadas. Este fato gerou um forte desânimo nos agricultores que com a crise sócio-econômica intensificou o êxodo rural, pois segundo Azevedo (1999-110):

(...) um pequeno Estado da federação, em que a economia estava alicerçada na produção de café, vê-se repentinamente privado da sua



principal fonte de receita, passa em consequência, a enfrentar uma grave crise social, marcada principalmente pelo êxodo rural desordenado e o desemprego.

Foi a partir de 1965 que o Pe. Humberto veio para o Espírito Santo para exercer o seu sacerdócio, assim ele passou a conhecer melhor a realidade socioeconômica em que os camponeses da região estavam vivendo, principalmente, os imigrantes italianos que vinham da mesma região que ele. Preocupado principalmente com o modelo de educação que os agricultores tinham, que não estava contribuindo para mudar aquela situação em que os agricultores estavam vivendo. A escola era tradicional, transmitia conhecimento, mas segundo Pietrogrande não contribuía para uma ação transformadora. (MEPES, 1996: 11-12).

Diante a esta grave crise sócio-econômica com uma educação tradicional, sem uma formação humana e moral que preparava os jovens para desenvolver práticas transformadoras em suas comunidades, Pietrogrande, propõe um projeto de educação diferenciada que iria provocar uma transformação social. Assim se tem início as primeiras experiências em Alternância no Brasil.

O Pe. Pietrogrande contribuiu para uma reflexão dentro de uma perspectiva de uma abordagem de um desenvolvimento comunitário, de uma ação transformadora das questões sócio-econômicas e política de toda a sociedade Brasileira. Porém, com o golpe militar de 1964, todos os movimentos sociais que estavam nessa linha de mudança pela ação comunitária e democrática passaram por fortes perseguições devido a grande repressão.

Dessa forma, a Educação Rural vivia um período em que a preocupação era o desenvolvimento do campo, a modernização. A intenção era deixar de ter técnicas agrícolas manuais, com práticas tradicionais. A lógica do desenvolvimento objetivava acabar com o atraso sócio-cultural e econômico no meio rural e integrá-lo ao desenvolvimento de toda a sociedade brasileira. Para concretizar essa integração desenvolvimentista entre o meio rural e a sociedade brasileira era preciso dar um novo rumo na Educação Rural. Por isso, foi preciso capacitar os professores numa abordagem de desenvolvimento do meio rural. A aprendizagem seria a partir de atividades concretas como afirma Silva (2000:82), cientificamente trabalhadas, conferindo oportunidades iguais de educação a toda população e um ensino geral básico orientando as formações específicas. Assim teria como sequência ao Ensino Fundamental o Ensino Profissionalizante que prepara para o emprego e a questão cultural. Preocuparam-se com a questão de rever o calendário, o currículo, horários, enfim toda a programação era voltada para

questão social, econômica e cultural da região. Esperavam com essas iniciativas mudar o quadro da educação rural.

Aqui o Pe. Pietrogrande tem um papel importantíssimo para a história das experiências em Alternância no Brasil. Pois ele identificou neste contexto educacional rural os princípios da Escola em Alternância que conhecia na Itália. A partir disso inicia-se um processo intensivo de busca de conhecimento da pedagogia e do trabalho dessas escolas *Italianas* para a implantação aqui no Brasil. O Pe. Pietrogrande é a liderança e com muita dedicação juntamente com agricultores do Espírito Santo começam os contatos e intercâmbios para conseguirem apoio, sobretudo, financeiro para darem início a implementação das Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), denominadas assim, por terem vindo das experiências *Italianas*, no Espírito Santo. Após muitos contatos é criada em 1966 em Padova na Itália, uma entidade ítalo-brasileira chamada Associação dos Amigos do Estado do Espírito Santo (AES), que tinha com objetivo o desenvolvimento religioso, cultural, econômico e social do Estado do Espírito Santo. Essa Entidade foi muito importante para assegurar e apoiar a sustentação da implantação das EFAs no Espírito Santo.

A fundação da AES possibilitou a arrecadação de vários recursos através de convênios de apoio econômico, técnico e cultural na Itália e em outros países para financiar a implantação das EFAs no Brasil. Com esse apoio foi possível realizar uma viagem de estudos de 1966 a 1968 para a Itália de sete jovens e três agricultores e três técnicos Capixabas, visando formação da Pedagogia da Alternância através de estágios em Escolas Famílias e em Institutos Profissionais do Setor Agrícola para posteriormente montarem o processo de formação, implantação e desenvolvimento das EFAs do Espírito Santo. Também financiou a visita de três profissionais Italianos para o Espírito Santo, um sociólogo, um educador e um economista, com a proposta de constituírem um grupo de trabalho e montarem um plano de ação de desenvolvimento social, econômico e político na região do meio rural, nos municípios de Anchieta, Alfredo Chaves, Iconha, Piúma e Rio Novo que era onde Pe. Pietrogrande exercia o seu sacerdócio. Assim, foram criados comitês locais com o objetivo de divulgar e mobilizar os agricultores sobre a proposta da implementação do projeto de educação em Alternância. Dentre as diversas ações do plano estava previsto a criação das EFAs como proposta alternativa para ajudar resolver a questão educacional da região e outra ação importante foi que depois de ter feito o trabalho de conscientização política, através dos comitês locais aconteceu a criação de uma Entidade jurídica que cuidasse e respondesse as questões sociais como: educação, saúde e ação

comunitária dos Capixabas. Depois de muito trabalho e articulação dia 25 de abril de 1968 na Câmara Municipal de Anchieta é criado o Movimento Educacional e Promocional do Espírito Santo (MEPES), com uma Junta Diretora composta por representantes da Igreja, da Associação dos amigos italianos, dos padres locais, dos Prefeitos municipais e da Associação de Crédito e Assistência Rural do Espírito Santo (ACARES).

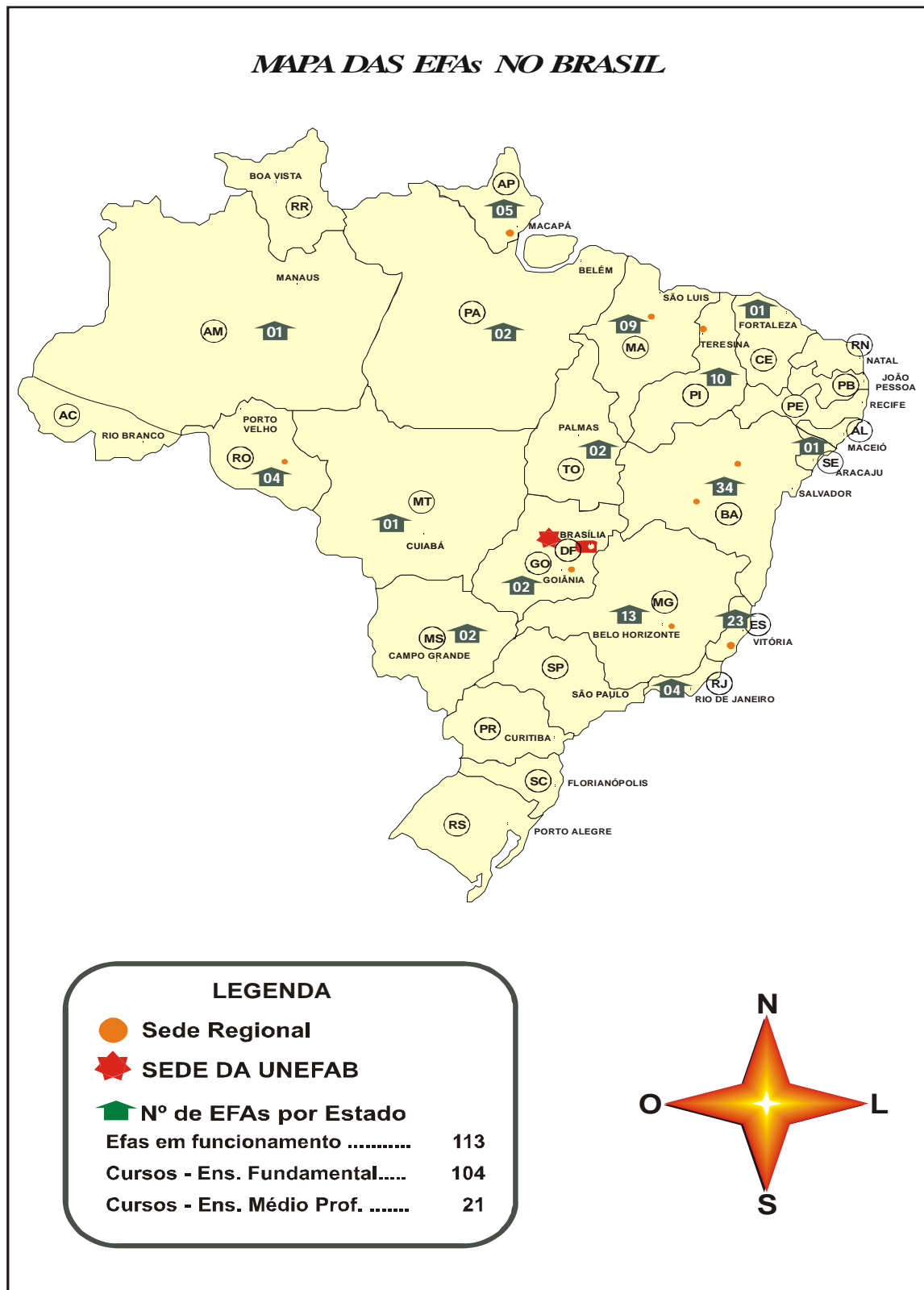
Com a criação do MEPES, entre outras ações surge a implantação das primeiras EFAs com uma educação a partir da Alternância no Espírito Santo: no dia 09 de março de 1969 iniciaram as atividades da Escola Família Agrícola de Olivânia, em Anchieta e a Escola de Alfredo Chaves. Nesse mesmo ano inicia-se a EFA de Rio Novo do Sul. Depois só em 1971 deu-se início à EFA de Campinho em Iconha. E em maio do mesmo ano tem início a EFA feminina no mesmo município. Em 1972, já começa a expansão do movimento com a inauguração de mais três EFAs no norte do Espírito Santo; a de Jaguaré, em São Mateus, a do Belay, em São Gabriel da Palha e a de Economia Doméstica, outra feminina no Km 41, também em São Mateus. Já como necessidade de continuação nos estudos dos primeiros Educandos que foi criado em 1976 na EFA de Olivânia o Curso Técnico em Agropecuária, em nível de Ensino Médio, a partir dos fundamentos da Pedagogia da Alternância.

Houve o período de organização e expansão das EFAs, de 1973 a 1987 o modelo das EFAs do Espírito Santo é consolidado e a partir disso inicia-se a sua difusão por vários estados do Brasil. Com o maior número de EFAs aumentam, conseqüentemente, as dificuldades financeiras e a falta de apoio dos órgãos públicos. Diante do número maior de Escolas, das dificuldades e visando diminuir o isolamento e fortalecer o trabalho de formação dos filhos dos agricultores surge na primeira Assembléia Geral das EFAs em março de 1982 a idéia e a criação da ***União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil*** (UNEFAB).

Essa Instituição tem como objetivo a coordenação de todas as atividades de todas as escolas filiadas a ela, bem como, defender seus interesses, difusão de novos centros educativos, associações locais e regionais e a defesa dos princípios pedagógicos, fomentar as trocas de experiências e de materiais para garantir o intercâmbio e a continuidade dos trabalhos das escolas.

Aos poucos essa Entidade foi tomando força e ocupando espaço como entidade nacional das Escolas Famílias Agrícolas, se definindo como uma organização não governamental responsável pela promoção e desenvolvimento do meio rural através da formação por

alternância. As EFAs trabalham com filhos dos pequenos proprietários rurais, onde a maioria provém da atividade agropecuária. Há uma preocupação com a formação integral dos jovens. A maioria das Escolas trabalham com a segunda fase do Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série e, ao mesmo tempo, trabalha com atividades agropecuárias visando a inserção do jovem no mundo do trabalho. Existem escolas que trabalham o Ensino Médio concomitante ao Profissionalizante que além de uma formação geral se preocupa com a profissionalização do jovem levando em consideração a situação sócio-econômica da região onde a EFA está inserida. (Cf. MAPA 2).



**MAPA 2: Escolas Famílias Agrícolas no Brasil. *FONTE:* UNEFAB, 2003.**

### **1.3 As Casas Familiares Rurais**

As Casas Familiares Rurais (CFR) nasceram no início dos anos 80 a partir das experiências francesas, ao contrário das EFAs que nasceram das experiências italiana. Inicialmente a experiência surgiu no Nordeste do Brasil e depois difundiu para o Sul do país, onde hoje tem o maior número de CFR.

Elas funcionam em parceria com o poder local e órgãos da comunidade onde está inserida. Por um lado é bom que se tem o financiamento, por outro, há muita influência no processo educativo que é no sistema de suplência da segunda fase do Ensino Fundamental (5ª a 8ª) com formação técnico agrícola, os cursos são reconhecidos desde 1997 no Estado do Paraná e, desde 1998, no Estado de Santa Catarina. Funciona com a Pedagogia da Alternância em regime de internato, os educandos passam duas semanas na propriedade rural e uma semana na Escola, sendo que a escola é mista, tem rapazes e moças.

As CFRs nasceram no período de ascendência das EFAs, mas totalmente desvinculadas das EFAs. Estavam vinculadas a Union Nationale des Maisons Familiales Rurales (UNMFRs), a partir de um acordo entre o governo brasileiro e francês através de um convênio de Cooperação Internacional.

As primeiras CFRs nasceram no nordeste como fase experimental, num período em que se tinha inúmeros programas de desenvolvimento educacional que marcaram os anos 80, visando o trabalho produtivo, a educação e a vida comunitária. Mediante esta situação em 1979 um grupo fez uma viagem a França e conheceu as MFRs juntamente com um técnico pedagógico da UNMFRs. Nesse contexto, surge à primeira CFR no município de Arapiraca, Alagoas em 1980 e, em 1984, surge a segunda no município de Riacho das Almas, Pernambuco. Por vários motivos, entre eles, a morte do presidente da Associação da primeira Escola, durou apenas três anos, já a segunda teve uma duração maior, mas com problemas de organização e reivindicação salarial por parte dos monitores também fechou. Porém esta última contribuiu para o surgimento de outras CFRs.

Foi no Sul do país que as CFRs se expandiram com mais intensidade a partir do Seminário Franco-brasileiro realizado em Curitiba, Paraná em 1985. Houve a ligação entre o assessor técnico da UNMFRs Pierre Gilly e o Governo do Estado do Paraná, na pessoa do Chefe da Casa Civil do Governador Euclides Scalco. Depois deste contato deu-se início aos trabalhos de base, organizações e, em 1989, inicia-se CFR no município de Barracão e, em 1990, no município de Santo Antônio do Sudoeste.

Daí em diante as CFRs se expandem pelo Estado do Paraná e Estados vizinhos da região. E, em 1991, o Governo do Estado do Paraná institucionaliza as experiências de formação por alternância para jovens do meio rural. A partir dessa institucionalização e expansão das CFRs surge a necessidade de uma coordenação destes trabalhos e em 1991 é criada a Associação das Casas Familiares Rurais do Sul do Brasil (ARCAFAR-Sul) com objetivo de difundir as experiências de formação por alternância, garantir a organização e funcionamento, bem como, cursos de formação para monitores e associações. Também busca recursos financeiros e convênios para as CFRs.

Foram criados programas pelos governos do Paraná para o reconhecimento e consolidação das CFRs e, segundo Nogueira (1998) em abril de 1995 haviam dezesseis CFRs no Paraná e quinze em processo de implantação. Também tinham convênios com o Governo da França e ONGs européias, lideradas pela UNMFRs, acabando fizeram convênios com a Embaixada da França, encerrando este foi feito um convênio com a Superintendência de Desenvolvimento da Região Nordeste (SUDENE), que foi responsável pela criação da ARCAFAR Norte/Nordeste. As CFRs vem se expandido muito na região do Nordeste. Estão responsáveis pelas CFRs a ARCAFAR-Sul e ARCAFAR- Norte através de seus regionais com o apoio Federal, Estadual e Municipal, através das Secretarias de Agricultura, mais do que a Secretaria de Educação, e ONGs estrangeiras que tem total interesse pelo desenvolvimento da Educação Camponesa.

Segundo Queiroz (1997) existem diferenças consideráveis entre as EFAs e CFRs, destacando que na EFA acentua a Escolaridade, a formação intelectual, apesar de existir a formação técnica, por isso, a denominação Escola. E a CFR acentua a formação técnica, a formação do agricultor, por isso, a denominação Casa. Além das diferenças de números de sessões, outro fator de diferenciação é que nas EFAs o regime se dá por meio de seriado de 5ª a 8ª série e a CFR se dá por meio da suplência.

#### **1.4 As Escolas Comunitárias Rurais e o Projovem**

As Escolas Comunitárias Rurais (ECRs) também trabalham com a Pedagogia da Alternância no Brasil e estão localizadas no Norte do Espírito Santo. São sete ECRs, onde três são coordenadas e mantidas por prefeituras e quatro são mantidas e coordenadas pela Secretaria de Estado de Educação. Segundo Zamberlan (1996) as Escolas Comunitárias estão se difundido no Espírito Santo e todas estão ligadas ao poder local, articuladas com outras forças sociais de base, como

Comissão Pastoral da Terra (CPT), o Partido dos Trabalhadores (PT) e Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR).

Outra experiência que trabalha com a Pedagogia da Alternância, embora com aspectos diferenciados e inovadores a partir dos Movimentos das CFRs é o Programa de Formação de Jovens Empresários Rurais (PROJOVEM) que surgiu no Estado de São Paulo.

Até 2001 os trabalhos dos Centros Educativos de formação por alternância eram distintos, ou seja, a UNEFAB que trabalha com o conjunto de EFAs e as ECORs, distribuídas em nove Associações regionais que faziam um trabalho isolado da ARCAFAR, que está dividida em ARCAFAR Sul e Norte/Nordeste que trabalha com as CFRs. Recentemente, uniram suas forças e denominaram os Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs). Agora todas as reivindicações a nível Federal são realizadas coletivamente, pois cada rede tem suas particularidades, mas se baseiam nos mesmos princípios metodológicos e filosóficos e buscam os mesmos objetivos que é a formação integral dos jovens do campo visando a definição do seu projeto sócio-profissional. Atualmente, os CEFFAs estão presentes em 22 estados brasileiros, ultrapassando o total de 200 unidades em funcionamento, atendendo cerca de 15.000 alunos, 100.000 agricultores, abrangendo cerca de 5.000 comunidades rurais de mais de 500 municípios. Estes centros já formaram mais de 30.000 jovens dos quais hoje 87% permanecem no meio rural, desenvolvendo seu próprio empreendimento junto às suas famílias ou exercendo vários tipos de profissões e lideranças no campo. Importante ressaltar que os outros jovens egressos que não estão no espaço rural desenvolvem outras atividades nas cidades.

Cada CEFFA é constituído de uma Associação de pais, agricultores e lideranças, a qual é responsável pela condução do Projeto Educativo e gestão do Centro, que está ligada a uma Associação Regional, Nacional e Internacional. As associações, nos seus vários níveis, buscam construir parcerias com o Poder Público Municipal, Estadual e Federal e demais instituições públicas ou privadas. Os CEFFAs, nos seus vários níveis de organizações, possuem articulações e parcerias com instituições internacionais, nacionais, governamentais e não-governamentais.






Percebe-se que existe uma grande rede que trabalha com a Pedagogia da Alternância, cada uma levando em consideração o contexto sócio-econômico e cultural de onde esta localizada. Assim, como a pesquisa aqui proposta é a partir da problemática da Escola Família Agrícola de Goiás (EFAGO), será necessária uma contextualização para entender melhor como que se dá o Processo Ensino Aprendizagem a partir do Plano de Formação.

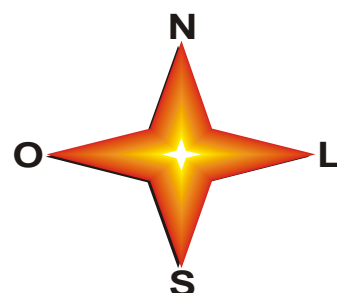


**MAPA DOS CENTROS FAMILIARES DE FORMAÇÃO  
POR ALTERNÂNCIA NO BRASIL**



**LEGENDA**

-  **CEFFA - Centro Familiar de Formação em Alternância...201**
-  **Sede Regional**
-  **SEDE DA UNEFAB**
-  **Sede da ARCAFAR - Norte**
-  **Sede da ARCAFAR - Sul**



**Mapa 3: CEFFAs do Brasil** Fonte: UNEFAB, 2003.

## 1.5 A Escola Família Agrícola de Goiás – EFAGO



**Mapa 4:** Estado de Goiás, IBGE, 2002.

O Estado de Goiás está localizado no leste da região Centro-Oeste do Brasil. O nome do Estado origina-se da denominação da tribo indígena **guaiás**, que por corruptela se tornou Goiás. Vem do termo *tupi gwa ya* que quer dizer indivíduo igual, gente semelhante, da mesma raça. A composição da economia do Estado de Goiás baseia-se na produção agrícola e na pecuária, no comércio e nas indústrias de mineração, alimentícia, de confecção, mobiliário, metalúrgica e madeireira. Na agricultura destaca-se a produção de arroz, café, algodão herbáceo, feijão, milho, soja, sorgo, trigo, cana-de-açúcar e tomate. A criação pecuária inclui 18,6 milhões de bovinos, 1,9 milhão de suínos, 49,5 mil bubalinos, além de eqüinos, asininos, ovinos e aves. O Estado de Goiás produz também água mineral, amianto, calcário, fosfato, níquel, ouro, esmeralda, cianita, manganês, nióbio e vermiculita.

A história de Goiás tem como ponto de partida o final do século XVII, com a descoberta das suas primeiras minas de ouro, e início do século XVIII. Esta época, iniciada com a chegada dos bandeirantes, vindos de São Paulo em 1727, foi marcada pela colonização de algumas regiões.

O Contato com os índios nativos e os negros foi fator decisivo na formação da cultura do Estado, deixando como legado principal cidades históricas como Corumbá, Pirenópolis e Goiás, antiga Vila Boa e posteriormente capital de Goiás. O início dos povoados coincide com o Ciclo de Ouro, minério amplamente explorado nessa época. Eles prosperaram e hoje são cidades que apresentam, por meio de seu patrimônio, a história de Goiás.

Goiás é uma cidade cheia de conflitos desde sua origem. Possui camadas de estratificação social que permite verificar a existência de grupos sociais classistas que se revezam na busca pelo Poder Local. A questão política sempre determinou a vida local. A política local é constituída a partir das familiocracias ligadas às oligarquias rurais da região.

A partir da década de 80 um fenômeno novo surgiu neste contexto de Poder centralizador. Os sem terra, homens e mulheres, em busca de um pedaço de chão começam a enfrentar os poderes estabelecidos da região o que determinou novos conflitos ligados à questão da terra. Segundo Nascimento (2003), o município de Goiás possui o maior número de Projetos de Assentamentos de Reforma Agrária na atualidade, constituindo-se ao todo, 22 Assentamentos. Tais assentamentos são hoje sinônimos da Luta pela dignidade humana, no entanto, não estão totalmente providos de condições sócio-econômicas para desenvolverem com maior intensidade a produção agrícola o que inviabiliza o projeto de Reforma Agrária.

A história da Escola Família Agrícola de Goiás está intimamente ligada ao processo de Luta pela Terra que ocorreu na região na década de 80 e 90.

A Escola Família Agrícola de Goiás (EFAGO) nasceu da necessidade dos agricultores/as provenientes da luta pela terra e agricultores tradicionais das cidades de Goiás e Itapirapuã em ter uma escola voltada para suas realidades e que correspondessem aos desafios e demandas com relação à agricultura familiar da região. O objetivo principal dessa escola é dar uma formação integral para que o/a jovem possa continuar no campo, pois muitos/as iam para a cidade e não voltavam, perdiam o vínculo com a terra, com a cultura e a memória histórica de seus pais e de sua comunidade.

Outro problema na região é que só tinha Escola de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> do Ensino Fundamental. Não havia transporte<sup>5</sup> para a cidade e as famílias não tinham condições financeiras para a manutenção deles, além do que eles não queriam perder seus filhos/as. Os/as jovens que iam para cidade dificilmente voltavam para o campo e quando retornavam, descriminavam sua própria cultura.

---

<sup>5</sup> A questão do transporte escolar é um verdadeiro caso na realidade dos municípios do Estado de Goiás. Principalmente, em Goiás, com a municipalização do ensino fundamental, a questão do transporte é tratada com descaso pelos poderes constituídos. A realidade mostra estradas precárias em situações intransitáveis, distâncias enormes entre a cidade e as comunidades rurais e uma profunda desrespeitabilidade pedagógica com a cultura camponesa ao tratar os educandos/as do meio rural de forma bancária e discriminatória. Neste sentido, pode-se conferir estudos bem detalhados a respeito, como os estudos de Brandão (1999), Grzybowski (1986), Leite (1999) e Nascimento (2002).

Diante desse quadro, os agricultores/as da região juntamente com o apoio da igreja, através do Padre Filipe Leddet<sup>6</sup> e Comissão Pastoral da Terra (CPT) e Organizações Não-Governamentais internacionais como a SIMFR e a DISOP e outras tantas implantaram a Escola Família Agrícola de Goiás (EFAGO).

De 1989 a 1992 foi um tempo de preparação, estudo e aproximação da Pedagogia da Alternância, através de visitas as EFAs do Espírito Santo, Bahia e Casa Familiar do Sul do Brasil. Foi feito trabalho de base nas comunidades e dois jovens provindos dessas comunidades foram fazer curso de Formação Inicial sobre Pedagogia da Alternância em Anchieta – Espírito Santo. Foram momentos de conscientização, preparação de documentos e articulação em prol da Escola dos sonhos dos agricultores/as, o que se tornou realidade.

Foram feitas várias reuniões e assembléias, até que se formou a Associação de Pais e Alunos da Escola Família Agrícola de Goiás no dia 12 de junho de 1992 com um Conselho Administrativo e Diretoria (ver Ata de Fundação em anexo) que assume a coordenação dos trabalhos da EFAGO. Essa Escola foi fruto da organização coletiva da sociedade do campo que deu certo. Em 1994, inicia-se a primeira turma de Educandos/as provindos da região. No seu início, em 1994, a Escola contava com 30 Educandos/as no Ensino Fundamental que funcionava em forma de suplência, eram dois anos e meio de formação. Hoje, em 2003, a Escola já conta com 155 Educandos/as provenientes de várias comunidades, principalmente, dos Projetos de Assentamento da Reforma Agrária, bem como, atinge um raio territorial que abarca cerca de 19 municípios.

Muitos avanços aconteceram, iniciou-se com Ensino em forma de suplência (assim como as CFRs do Sul) e hoje trabalha com o Ensino Regular – Fundamental de 5ª a 8ª, Ensino Médio Regular e Ensino Profissionalizante – Técnico em Agropecuária. Muitos foram os desafios, tanto no sentido de apoio financeiro por parte do Governo brasileiro, quanto a dificuldade de trabalhar com uma Pedagogia diferenciada para o grupo organizador. Mas em meio a essas dificuldades, muito se conquistou e pode-se dizer que a EFAGO é uma das propostas de educação rural que vem contribuindo para a formação dos jovens agricultores da região.

A Escola está dentro dos seus dez anos de funcionamento e já teve sete turmas que terminaram de 5ª a 8ª série (Ensino Fundamental) e uma turma que conclui o Ensino Médio neste ano de 2003 e terá a primeira turma formada no Ensino Profissionalizante em Agropecuária em 2004, sendo que o Ensino Profissionalizante é realizado em quatro anos, enquanto que o Médio é

---

<sup>6</sup> Monge Beneditino do Mosteiro da Anunciação do Senhor, localizado na cidade de Goiás. Padre Felipe é proveniente do Mosteiro de Tournay na França.

realizado em três anos. Já saíram 106 educandos formados da Escola, sendo 92 do Ensino Fundamental e 14 do Ensino Médio, contando já com os que terminam em 2003.

Pensar que essa Escola surgiu em 1994 e somente depois de muita luta reivindicatória que se conseguiu o apoio do Governo do Brasil, em nível Estadual e que sobreviveu até hoje, principalmente, com o apoio financeiro das famílias com relação à alimentação, bem como, com a verba das ONGs internacionais já citadas anteriormente. Mais que isso, foram essas famílias que mobilizadas e unidas fundaram a Escola que elas queriam.

Essa Escola influencia diretamente as famílias no que diz respeito à formação integral aos filhos/as e, conseqüentemente, aos próprios agricultores/as e comunidades locais. Os jovens da Escola são muito animados e procuram desenvolver projetos coletivos de pequenas lavouras, trabalham com apicultura, horticultura, apicultura e gado<sup>7</sup>. Percebe-se uma preocupação desses jovens com projetos coletivos, pessoais e de vida, o que a Escola influencia.

Um exemplo mais concreto de Desenvolvimento Local Sustentável na região de Goiás – GO são três famílias de pequenos agricultores/as de um assentamento que se reuniram e montaram juntos uma criação de galinha semicaipira e, por sinal, duas dessas famílias tem filhos na Escola. Esse trabalho deu certo, é visitado como modelo de desenvolvimento local. Os Educandos/as dão depoimento que eles motivaram seus pais e que ajudaram na questão do conhecimento técnico. Muitos dos Educandos/as vão fazer estágio técnico nas propriedades deles. Um aspecto importante é que eles comercializam os seus produtos em feiras livres, evitando os atravessadores produzindo uma parte da alimentação das galinhas na propriedade e a mão-de-obra é da própria família.

O difícil é que nem todas famílias se encontram nessa situação, há muitos casos de desânimos, tentaram a implantação de três cooperativas de pequenos agricultores/as provindos da luta pela terra e, infelizmente, não está dando certo, estão falindo por más administrações e brigas políticas internas. É uma questão administrativa de caráter organizacional. Parece que os

---

<sup>7</sup> A animação dos jovens, no entanto, não supri as necessidades de financiamento a formação de Projetos maiores. A falta de crédito rural e educativo, a falta de incentivo a pesquisa no campo e uma falta de políticas públicas voltadas para atender as reais necessidades dos agricultores/as para que busquem alternativas de renda, força estes jovens animados a ir para as cidades a fim de trabalhar. De animados a desanimados é uma conjugação dialética na mesma perspectiva da dialética hegeliana entre o senhor e o escravo. Enquanto seres animados são senhores de seus sonhos, utopias e esperanças em conseguir desenvolver suas propriedades locais de forma sustentável; já enquanto seres desanimados tornam-se escravos de um sistema voraz que os joga no mercado de trabalho, vendem sua força de trabalho para o patrão que tem a finalidade de explorar a força desse jovem para que produza e produzindo mais, ter-se-á mais lucro. Esta é a lógica da mais-valia bem mostrada e interpretada em Marx (1974).

agricultores/as não estão preparados para trabalhar no coletivo<sup>8</sup>. Talvez fosse interessante que não se trabalhasse projetos grandes de cima para baixo e sim, trabalhos de dentro, com experiências do local para o global a partir dos exemplos dessas famílias que estão dando certo.

Outro fator interessante é que na região está surgindo o MPA (Movimento dos Pequenos Produtores) que estão se unindo com os Assentados que vieram da luta pela terra, pois sempre houve muito preconceito e rivalidade entre eles. Recentemente, houve uma ocupação da prefeitura da cidade de Goiás para exigir estradas melhores e foi à união das duas partes que fez com que desse certo. Para a EFAGO, isso é importante porque a mesma trabalha com as duas realidades.

No entanto, mesmo com o trabalho da EFAGO na região, não é suficiente, ainda existem problemas sérios como as saídas de jovens do campo por não encontrarem apoio, principalmente, financeiro para investir na propriedade, falta lazer, saúde e transporte adequado. Precisa haver uma parceria entre a Escola, Órgãos Públicos (Governo Municipal, Estadual e Federal), ONGs para dar um rumo em vista de novas alternativas para os agricultores/as da Região como confirma o poeta brasileiro Thiago de Melo “*Não, não tenho caminho novo, o que tenho de novo é o jeito de caminhar*”.

É, nesse sentido, que se destaca algumas considerações importantes com relação ao trabalho da EFAGO que é sem dúvidas uma solução para trabalho de desenvolvimento local e sustentável levando em consideração os aspectos ambientais, sociais, econômicos e humanos. Porém, deve-se tomar cuidado para não ter discurso contraditório com a prática, principalmente, com relação aos conteúdos, muitas vezes, prega-se uma coisa e faz outra. A sociedade é chamada a ficar atenta com os discursos tanto dos CEFFAs, bem como, analisar o que está por trás dos discursos da classe dominante, e no caso da EFAGO, os discursos das velhas oligarquias rurais. A EFAGO é convocada a se preocupar em continuar fazer um trabalho que faz sentido, uma ***pedagogia de ação***. Se perder esse aspecto, não terá mais sentido de existir. Para fortalecer o desenvolvimento com a Pedagogia da Alternância deve-se trabalhar melhor a interdisciplinaridade e transdisciplinariedade e aprofundar a partir da Formação inicial para monitores/as na Teoria Tripolar criada por Gaston Peneau, o eu (as pessoas), os outros (contexto social) e as coisas (vertente ecológica). O sujeito se forma na relação consigo mesmo, processo denominado

---

<sup>8</sup> O problema, na verdade, parece ser mais cultural do que administrativo-organizacional. Até hoje, as políticas públicas de Capacitação dos Agricultores/as não fomentaram uma verdadeira formação que os levasse a compreender a importância de se trabalhar no coletivo. A cultura do povo goiano é extremamente fundiária, ou seja, se o latifúndio se torna projeto de Reforma Agrária o mesmo não pode continuar cercado com os mesmos limites, deve ser urgentemente dividido. De latifúndio a minifúndio é o que se entende por projetos de Reforma Agrária. Neste sentido, conferir Martins (1997).

“autoformação”, na relação com os outros, “hetero-formação”, na relação com a natureza, “eco-formação”. Esse processo acontece naturalmente e simultaneamente. A formação não se limita ao espaço escolar, mas se constrói a partir de múltiplos espaços formativos e experiências formadoras ao longo da vida. Pois há contrastes, porém, uma ferramenta forte para tratar esta situação é a Pedagogia da Alternância.

Mesmo sabendo do potencial da Pedagogia da Alternância, a EFAGO tem tido desafios para garantir sua consolidação. Neste ano de 2003, a EFAGO está passando por uma grave crise financeira que conseqüentemente abalou toda sua estrutura administrativa e pedagógica, gerando também uma crise entre os atores da Escola. A Escola esteve prestes a fechar e com uma luta intensiva da Associação, Monitores e Conselho Administrativo é que conseguirá encerrar o ano letivo. E as perspectivas para 2004 não são nada satisfatórias, não se tem nada de concreto. O Governo Municipal, nem Estadual tem interesse em assumir totalmente essa Escola. Diante disso, fica difícil a situação desta Escola, que tem uma dívida de R\$ 25.000,00<sup>9</sup> que é de supermercado, oficina, panificadora, mão-de-obras, contador, papelaria e outros, e não tem como pagar. Foi feita uma Assembléia Extraordinária no dia 04 de dezembro com uma presença significativa dos pais, que concordaram em pagar a dívida, dividindo o valor entre eles, mas as famílias tem baixa renda, por mais que tenham boa vontade, dificilmente conseguiram pagar esse montante. Na Escola tem cerca de 80 famílias, houve Eleição no dia 22 de outubro deste ano e foi difícil encontrar pais e mães que quisessem assumir a escola com a situação atual que se encontra. Mesmo assim foi montado o Conselho Administrativo com sua respectiva Diretoria. E apesar das dificuldades, esses pais estão firmes na luta em prol da continuidade da EFAGO.

Neste contexto, a aplicação do Plano de Formação que é a articulação de todos os instrumentos pedagógicos específicos da Alternância ligados ao programa oficial ficou totalmente desestruturado. Porém, mesmo com dificuldade foi realizado a aplicação de alguns Instrumentos Pedagógicos. É preciso entender a lógica da vida e por isso é que se tem o Plano de Formação que liga o que os jovens vivem no seu meio sócio-profissional e ao programa Escolar que é exigido pela LDB (Lei de Diretrizes de Bases da Educação Brasileira).

A Pedagogia da Alternância tem o objetivo de dar formação integral ao jovem a partir da realidade do meio sócio-profissional onde vive, nos aspectos sociais, econômicos, ecológicos, religiosos e outros. Para isso, alterna-se dias de estudo entre a escola e a família/comunidade. Na Escola trabalha a parte teórica, prática, convivência, trabalhos em grupos, aprofundam-se as experiências vividas em casa e na família aplica a teoria vista na Escola a partir da sua realidade,

---

<sup>9</sup> Em torno de US\$ 8.500,00.

convive socialmente, participa da comunidade e leva novos questionamentos para a Escola e as atividades têm continuidade na descontinuidade do processo vivido pelos jovens. E o principal desafio é integrar os dois momentos família e escola, sem serem momentos isolados.

Para efetivar o processo ensino-aprendizagem são utilizadas algumas ferramentas metodológicas da Pedagogia da Alternância, que servem para fazer um elo entre a escola e a família/comunidade. Os instrumentos pedagógicos são organizados através do Plano de Formação (PF). O principal objetivo do Plano de Formação é a ligação dos temas do meio sócio-profissional com as disciplinas, trabalhando assim a interdisciplinaridade. No ensino convencional usa-se o programa, o currículo e nos CEFFAs é o Plano de Formação que é algo mais que o programa, isso se for realizado de fato na íntegra. Segundo Gimonet, na Alternância tem dois lugares onde se encontra o saber. A lógica da vida e a lógica do programa. Quando se fala em Plano de formação é uma terceira lógica que engloba os dois. O Plano de Formação é uma forma de organização, a Alternância é singular e cada EFA tem o seu, não podendo ser o mesmo. É fácil de falar, mas nunca é realizado totalmente. Os programas curriculares nunca mudam, mas a vida sempre muda.

Os Instrumentos Pedagógicos são: Plano de Estudo (PE), Colocação em Comum, Caderno da Realidade (CR), Intervenção Externa, Visita a Família, Viagem ou Visita de Estudo, Serão, Avaliação, Projeto Profissional, Estágio, Caderno de Acompanhamento e Ficha Didática. Estes instrumentos contribuem para o processo ensino-aprendizagem e serão definidos posteriormente. Eles trabalham a partir da realidade e experiência dos Educandos/as e famílias/comunidades, ou seja, do seu meio sócio-profissional. Nos CEFFAs é trabalhado um processo de ver, agir e julgar, permitindo ação-reflexão-ação e é, nesse sentido, que os instrumentos contribuem no processo ensino-aprendizagem.

Para se entender bem o processo ensino-aprendizagem na EFAGO a partir do Plano de Formação será de fundamental importância aprofundar teoricamente no próximo capítulo, nos aspectos dos conceitos e fundamentação do processo-ensino aprendizagem, compreender melhor as principais correntes pedagógicas e, conseqüentemente, como acontece mais concretamente o processo ensino-aprendizagem na Pedagogia da Alternância.



## CAPÍTULO 2

### O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM, AS CORRENTES PEDAGÓGICAS E A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA.

Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.

Paulo Freire

Neste capítulo, a análise girará em torno do processo de ensino-aprendizagem no primeiro momento, as teorias e discussões problematizadoras acerca da temática tendo referencial teórico a dialeticidade de Paulo Freire. No segundo momento, buscar-se-á levantar um referencial histórico-analítico das principais correntes pedagógicas que, de uma forma ou de outra, deram suporte à Pedagogia da Alternância como proposta alternativa de educação para o Meio Rural.

#### ***2.1 O Processo de Ensino-Aprendizagem: Abordagens Teóricas***

Para a maioria das teorias educacionais existentes no mundo contemporâneo, aprender não é o mesmo que ensinar, é algo que se processa no universo mental do educando, do qual ele deve ser o agente essencial. É necessário, para isto, que o educador compreenda adequadamente o processo como um todo. Neste capítulo, pretende-se abordar, portanto, o caráter dialético do processo ensino-aprendizagem, pois, aprender significa acolher o que se propõe no diálogo com o outro; é dar respostas, ainda que temporárias, às incertezas e dúvidas na relação com o mundo em que se está inserido.

O educando não pode ser considerado uma tabula rasa, que não possui história, cultura, ou comunidade vital de referência. Por isso mesmo, ele, de modo concreto, ensina e é ensinado. Para o educador, a melhor forma de que este ato ocorra é quando se coloca numa postura de receptividade para o acolhimento do outro. São mundos diferentes que se encontram e, conseqüentemente, se interagem, dialogam. “O essencial no encontro professor- aluno, afirma Buber, é que o primeiro possa ir até o outro lado” (cf. GOTTLIEB, 1996: 84)

O ensino, como simples soma de medidas metodológicas, não é a essência da educação. O objetivo da educação é facilitar a mudança e a aprendizagem, por meio de certas qualidades de atitudes que existem na relação pessoal educando-educador. Para que haja esta

convergência, o verdadeiro encontro, tem que haver também uma real reciprocidade. Os dois têm que estar iguais na situação para que, segundo Von Zuben, se dê a plenitude do diálogo.

Perspectiva que Freire, no Brasil, desenvolveu e aplicou na escola formal, inicialmente, no universo popular, depois, com absoluto sucesso. O educando como sujeito de um processo onde dizer a palavra é dizer o mundo. Distanciando-se do modelo que privilegia o conhecimento do professor, o que ele definia como uma relação bancária, ele propõe o modelo dialógico em que o professor, agora um educador, parte sempre do conhecimento e da prática do educando para reelaborar conceitos e fazer as formulações indispensáveis à construção de conhecimentos novos. A relação, um tanto dialética, prática-teoria-prática.

### 2.1.1 Outras Perspectivas

Há, por outro lado, autores que trabalham o conceito onde o processo de ensino consistiria no manejo da relação aluno, professor, ambiente e de sua dinamização em uma seqüência mais ou menos planejada ou sistemática. O educando deve ter desejo de aprender o assunto (motivação). Quanto ao assunto a ser ensinado deve-se observar: estrutura do seu conteúdo, isto é, componentes e relações e os tipos de aprendizagens que se requer para serem aprendidos: simples associação, cadeia, conceito, princípio, soluções de problemas, etc.

Brandão (1993), por exemplo, consideram que a função da educação não é ensinar, mas, sim, facilitar a mudança e a aprendizagem, se contrapondo ao fato isto continue sendo pensado jesuiticamente como ato de instrução/domesticação<sup>1</sup>. Ao que autores como Freire acreditam que o único homem verdadeiramente *educado* é aquele que aprendeu como aprender, como se adaptar à mudança<sup>2</sup>.

Para ele, a condição básica para a mudança de enfoque é que a aprendizagem genuína depende do tipo de atitude existente na relação interpessoal facilitador-aprendiz. O primeiro deve ser uma pessoa real, autêntica, para apreciar e respeitar o estudante, além de saber escutar com empatia, isto é, colocando-se no lugar de quem lhe fala. Deve ainda confiar sinceramente na capacidade potencial do estudante de crescer e aprender, se lhe for propiciado um clima de liberdade e de apoio.

---

<sup>1</sup> Na história da educação brasileira era comum verificar o conceito de ensino, por parte dos jesuítas, como sendo ato de instrução/catequização/domesticação, ou seja, aceitabilidade irracional da cultura ocidental européia sem que houvesse uma valorização do ensino ligado à realidade, à história, à economia indígena etc.

<sup>2</sup> Mesmo este conceito do ensino como adaptabilidade deve ser repensado devido possuir algumas ideologias que representam a desarticulação do homem com o seu meio.

O educando deve, assim, enfrentar problemas que percebe como real e significativo. Para isto, é preciso que tenha acesso a todo tipo de recursos que possam trazer experiências relevantes às necessidades de aprendizagem. Nesta dinâmica, o teórico valoriza as atividades de pesquisa. Ou seja, a divisão dos estudantes em grupos: o educador apresenta os problemas e dá assistência a cada um deles, nas suas operações. Assim, os educandos podem empregar experiências de simulação e utilizar a instrução programada.

Por meio da análise e constatação do estado atual do aluno, do conhecimento do assunto em pauta e do estabelecimento dos objetivos do ensino, (podem ser cognitivos, afetivos ou motores), serão desenvolvidos conhecimentos ou habilidades intelectuais, atitudes, valores e destreza motora. No desenvolvimento das atividades, o educador orienta e controla a aprendizagem, mediante um processo de constante avaliação, formal ou informal, e de informações ao educando sobre seus resultados e progressos.

Já Skinner enfatiza que o processo de ensino está calcado na relação estímulo/reforço. Reforço condicionado pelas respostas, baseado em situações de ou recompensa aos esforços do educando. Nesta perspectiva, uma vez implantado o comportamento, a recompensa ocorre cada vez que for executada a ação desejada. O reforço deve acontecer toda vez que o aprendiz executa movimentos no sentido do comportamento desejado.

Enquanto *Charles Maguerez* centra suas teorias no desenvolvimento de maquetes. Sua teoria parte da observação da realidade, ou seja, da identificação de um problema, parte da realidade física ou social que possibilita uma visão global do assunto a ser tratado.

Posteriormente, desenvolve-se a construção de uma *maquete* (através da identificação das variáveis ou pontos-chave do problema). É a construção de um modelo simplificado da estrutura do problema. Num terceiro momento, os educandos são orientados a buscar uma explanação teórica do problema com leituras, pesquisas e estudos realizados, isto é, que tipo de contribuições às ciências podem dar ao esclarecimento do problema. Finalmente, propõem hipóteses de soluções pela exploração da maquete simulando uma aplicação real.

O processo de aprendizagem funda-se, sobretudo, na atividade do indivíduo-educando. Ela pode se dar de várias maneiras: na observação, da leitura e da prática. Importante: toda aprendizagem baseia-se em aprendizagens anteriores. É necessário, assim, existir um conhecimento básico sobre determinado assunto para a resolução de problemas mais aprofundados. No processo de aprendizagem, o indivíduo-educando demonstra necessidades e

objetivos; o aprendiz sente necessidade de resolver um problema, seja por sua curiosidade ou por motivação induzida por outros (o educador, os pais, o próprio ambiente).

Este indivíduo-educando resolve problemas por meio da instrumentalização: leituras, consultas, indagações, observações etc. Junto às mudanças cognitivas, ocorrem também processos emotivos no aprendiz (sentimentos de curiosidade, tensão, ansiedade, alegria, etc.). O que permite concluir que quando se aprende algo, na realidade, aprendem-se várias coisas importantes: um novo conhecimento é fixado na memória, uma melhor operação mental ou motora, uma confiança maior na própria capacidade de aprender e uma forma de manejar ou controlar as próprias emoções para que contribuam à aprendizagem. Pode-se, então, dizer que a aprendizagem é um processo integrado de toda a pessoa.

### 2.1.2 A Inteligência como Fenômeno Biológico

O legado teórico deixado por *Jean Piaget* (1896-1980) aprofunda aspectos relativos à manifestação da inteligência no indivíduo. Segundo ele, a inteligência é um fenômeno biológico, condicionado pela base neurônica do cérebro e do corpo inteiro, além de estar sujeito ao processo de maturação do organismo. A inteligência desenvolve uma "estrutura" e um "funcionamento", onde o próprio funcionamento vai modificando a estrutura. Isto é, ela não é fixa e acabada, mas dinâmica, um processo de construção contínua. Algo que se dá mediante a interação do organismo com seu meio ambiente, visando a adaptar-se a ele para sobreviver e realizar o potencial vital do organismo.

O alicerce do pensamento de Piaget é a noção de equilíbrio e equilibração. Todo ser vivo procura manter um estado de equilíbrio (adaptação) com o meio. Esta característica se refere ao organismo e o meio ambiente, resultado de uma interação entre assimilação e acomodação. Nesta visão, o desenvolvimento cognitivo, a própria construção dos conhecimentos, por meio da função de adaptação, nas trocas do organismo com o meio. Trocas essas reguladas por um processo de sucessão de desequilíbrios e reequilíbrios, na passagem de estados anteriores de equilíbrios para novos estados que, freqüentemente, superam os anteriores.

Este processo, de reequilíbrios constante, é, pois, a real fonte do progresso. O ser humano nasce com uma possibilidade de construir esquemas de ação, coordená-los em sistemas, combinar estes sistemas e reorganizá-los. Essa potencialidade define a atividade adaptativa (assimilação x acomodação) como um funcionamento lógico-matemático, que é fruto da coordenação das ações de sujeito sobre os objetos do ambiente.

Os objetos reagem às atividades do sujeito, provocando os desequilíbrios que solicitam as reorganizações internas. Portanto, o conhecimento não é produzido por estruturas inatas do organismo (como acreditam os aprioristas), pois as estruturas são construídas pelo sujeito na interação com o meio (físico, cultural e social). Tão pouco o conhecimento, tão pouco, é recebido diretamente do mundo externo (como afirmam os empiricistas), pois a significação é atribuída ao objeto que está sendo conhecido pela atividade estruturante endógena ao sujeito.

Desta maneira, a aprendizagem pode ser entendida como o conjunto de mecanismos que o organismo executa para adaptar-se ao meio ambiente, por meio de dois movimentos contrários simultâneos e integrados, a "assimilação" e a "acomodação".

Na assimilação, o organismo explora o ambiente, toma parte dele, transformando-o e incorporando-o a si. Para isto, a mente desenvolve "esquemas de assimilação": ações previamente realizadas, conceitos previamente aprendidos, configuram esquemas mentais que permitem assimilar novos conceitos. Estes esquemas se desenvolvem pelo estímulo que o ambiente exerce sobre o organismo. Já, pela acomodação, o organismo transforma sua própria estrutura para adequar-se à natureza dos objetos que serão aprendidos. Pela acomodação, a mente aceita as imposições da realidade. Certas formas de loucura consistem na falta de capacidade de acomodação.

Para Piaget, o desenvolvimento intelectual ocorre por meio de dois atributos inatos, a que chama organização (construção de processos simples) e adaptação (mudança contínua que ocorre no indivíduo na interação com o meio). Nisto identifica três processos: adaptação do organismo ao meio durante o crescimento, com interações e auto-regulações caracterizadoras do desenvolvimento do sistema epigenético (interno e externo); adaptação da inteligência no decorrer da construção de suas próprias estruturas, dependente tanto da coordenação progressiva interna, quanto de informações adquiridas através da experiência; estabelecimento de relações cognitivas ou epistemológicas que não consistem em simples cópia de objetos externos, mas implicam estruturas construídas progressivamente através da interação sujeito e mundo externo.

A assimilação e a acomodação, segundo ele, são os motores da aprendizagem. A adaptação intelectual ocorre quando há um equilíbrio de ambas. Durkheim (1995) coloca que a aquisição do conhecimento cognitivo se dá sempre que um novo dado é assimilado à estrutura mental existente que, ao fazer esta acomodação, modifica-se e permite um processo contínuo de renovação interna. Pela assimilação, justificam-se as mudanças quantitativas do indivíduo, seu crescimento intelectual mediante a incorporação de elementos do meio a si próprio. Pela

acomodação, as mudanças qualitativas de desenvolvimento modificam os esquemas existentes em função das características da nova situação; juntas justificam a adaptação intelectual e o desenvolvimento das estruturas cognitivas.

### 2.1.3 O Esquema de Piaget

A teoria de *Piaget* explica o desenvolvimento da inteligência, da emocionalidade e do comportamento associativo pelas seguintes etapas firmadas na base neurônica do cérebro e pelas experiências com o meio ambiente:

- Pensamento sensório-motor (do nascimento aos 2 anos);
- Pensamento simbólico: a representação pré-conceptual (de 1 ano e meio aos 5 anos);
- Representação articulada ou intuitiva; os princípios do pensamento operatório (em torno dos 4 aos 8 anos);
- Pensamento operatório: operações concretas (em torno dos 7 aos 12 anos);
- Progresso das operações concretas: começo das operações formais ou abstratas (em torno dos 9 aos 12 anos);
- Aparecimento do desenvolvimento das operações formais (em torno dos 11 anos até a adolescência).

A teoria cognitiva desenvolvida por Jean Piaget, denominada epistemologia genética, parte do princípio que existe continuidade entre os processos biológicos de morfogênese e adaptação ao meio ambiente e a inteligência. Dentre as teorias contemporâneas de aprendizagem, seu trabalho, devido à pertinência com que suas preocupações epistemológicas, biológicas e lógico-matemáticas, tem sido difundido e aplicado no ambiente educacional, em especial na didática e em alguns dos ambientes de aprendizagem auxiliados por computador.

Suas pesquisas sobre desenvolvimento da autonomia, cooperação, criatividade e atividade, estão centradas no sujeito influenciaram práticas pedagógicas ativas e nas tarefas individuais, na solução de problemas e na valorização do erro entre outras orientações pedagógicas. Para ele, a evolução da lógica e da moral pode ser resumida em quatro estágios de desenvolvimento mental:

**Sensório-motor:** Quando a criança nasce, a maneira que tem de conhecer o mundo é, sobretudo sensório-motor. Ou seja, o desenvolvimento predominante é o das percepções e

movimentos, não se podendo ainda dizer que a criança pensa. A evolução se dá na medida em que aprende a coordenar suas sensações e movimentos.

**Intuitivo ou simbólico:** Num segundo momento (após dois anos), a lógica infantil sofre um salto, derivado da descoberta do símbolo. A realidade pode ser representada, no sentido que a palavra torna presente o que está ausente. É a época de estar centrada em si mesma, tanto no aspecto da afetividade quanto no conhecimento. Vive em um mundo de ausência de normas que só é superado aos três ou quatro anos, tornando-se mais sociável, sendo capaz de aceitar normas do mundo exterior. O egocentrismo deve ser compreendido também no aspecto intelectual, já que não consegue transpor em pensamento a experiência vivida.

**Operatório concreto:** No terceiro estágio (sete a doze anos), a lógica deixa de ser puramente intuitiva e passa a ser operatória, sendo a criança capaz de interiorizar as ações de maneira concreta. Embora presa à experiência vivida, o pensamento torna-se mais coerente permitindo construções lógicas mais elaboradas. A diminuição do egocentrismo ocorre, pois o discurso lógico tende a ser mais objetivo, confrontado com a realidade e com outros discursos.

**Operatório formal:** O último estágio é o da adolescência, quando aparecem as características que marcarão a vida adulta. O pensamento lógico atinge o nível das operações abstratas, sendo o adolescente capaz de distanciar-se da experiência, de tal forma que pode pensar por hipótese. O processo de desprendimento da própria subjetividade é sinal de que o egocentrismo intelectual está em processo de superação. Afetivamente, essa superação se realiza pela cooperação e reciprocidade. A capacidade de reflexão leva à organização autônoma das regras e à deliberação.

#### 2.1.4 A Recompensa de Skinner

*Skinner*, por sua vez, não se interessa pelas estruturas mentais. Apenas deseja explicar o comportamento e a aprendizagem como conseqüências dos estímulos ambientais. Sua teoria se fundamenta no poderoso papel da "recompensa ou reforço" e parte da premissa de que toda ação que produza satisfação será repetida e aprendida: *reflexo condicionado*. Ele elaborou diversas condutas para o sucesso da aprendizagem. Destaca ainda a importância da especificação clara do comportamento final que se deseja implantar e a identificação da seqüência de movimentos que o educando deve executar, para chegar gradualmente ao comportamento desejado.

Embora este método refira-se à aprendizagem motora, Skinner e seus discípulos aplicam os mesmos princípios à aprendizagem de qualquer comportamento. A conhecida "instrução programada" é uma aplicação da teoria do *condicionamento de respostas operantes* e serve para o ensino de qualquer disciplina acadêmica. As idéias que têm constituído a base da Tecnologia Educacional. Tanto é que Gagné destaca a importância da existência de uma hierarquia de tipos de aprendizagem que vai da simples associação de estímulos à complexidade da solução de problemas. Sua classificação de tipos de aprendizagem é interessante por que cada tipo exige estratégias de ensino mais adequadas que outras.

Assim, temos: aprendizagem de signos - qualquer coisa que substitui ou indica outra coisa graças a algum tipo de associação entre elas; aprendizagem do estímulo-resposta - "condicionamento operante"; aprendizagem em cadeia - estabelecimento de associação estrutural-semântica entre duas palavras; aprendizagem de associações verbais; aprendizagem de discriminações múltiplas - associação de vários elementos envolvendo também suas discriminações; aprendizagem de conceitos; aprendizagem de princípios - um princípio é uma relação entre dois conceitos; e, finalmente, aprendizagem de resolução de problemas, que consiste na elaboração de um novo princípio combinando princípios já aprendidos.

Todas as teorias abordadas pressupõem que o organismo é naturalmente ativo e que a aprendizagem ocorre devido a tal atividade. O agente da aprendizagem é o educando, sendo o educador um orientador e facilitador. Contudo, a teoria de *Piaget* deve ser destacada, pois indica como fator de motivação para a aprendizagem, "o problema", a situação-problema (ênfase ao desenvolvimento da inteligência), e sequência da aprendizagem deve seguir a ordem dada pelo problema.

Todas elas apontam a necessidade de prestar atenção às diferenças individuais entre os alunos e de acompanhar de maneira mais individualizada sua aprendizagem. Enquanto *Skinner* prevê uma "conduta terminal", *Piaget* dá importância à mobilização dos esquemas de assimilação, quer dizer, da capacidade operatória ou racionalizadora do educando, podendo-se chegar ao mesmo objetivo por diversos caminhos (ou mesmo chegar a um objetivo diferente). *Piaget* favorece mais ao emprego do diálogo e da dinâmica de grupos, como atividades estimuladoras e reequilibradoras.

No processo de aprendizagem, não importa apenas a forma como cada indivíduo-educando capta as informações, mas também, como ele organiza e processa estas informações, de forma analítica ou global; e que condições emocional, social, física e ambientais são necessárias para



compreensão e armazenagem das informações. O processamento e a organização das informações estão ligados às características específicas.

Acredita-se que a principal problemática está centrada na dicotomia existente entre teoria e prática. Todo o repertório já construído, e porque não dizer sistematizado no campo do processo ensino-aprendizagem, em que diferentes correntes teóricas são discutidas e comparadas, são esquecidos âmbito do uso das pedagogias aplicadas ao ensino.

## ***2.2 As Tendências Pedagógicas da Prática Escolar, um Quadro Descritivo***

Não se aterá aqui às diferenças teóricas entre os termos linhas, metodologia e métodos. Mesclam-se nomenclaturas que as escolas atribuem à existência de correntes pedagógicas. Referir-se-á também a métodos que dizem respeito somente a alfabetização.

- ***Montessoriana***

Maria Montessori, fisioterapeuta e educadora, desenvolveu na Itália, em 1907, um sistema educacional e materiais didáticos com o objetivo de despertar um interesse espontâneo na criança, obtendo uma concentração natural nas tarefas, para não cansar e não chateá-la.

O método tem sua originalidade no fato das crianças ficarem livres para movimentarem-se pela sala de aula, utilizando os materiais em um ambiente propício à auto-educação. A manuseio destes materiais, em seus aspectos multi-sensoriais, é um fator primordial para o aprendizado. O aprendizado da leitura e da escrita se inicia mais cedo, com crianças antes da idade de 5 anos. Os agrupamentos não seguem rígidas delimitações de idade, juntando-se crianças de faixas etárias diferentes, em até 3 anos. Existem atualmente muitas escolas montessorianas, principalmente, para as crianças de educação infantil e as quatro primeiras séries do ensino fundamental.

- ***Tradicional***

A pedagogia tradicional é uma proposta de educação centrada no professor, cuja função define-se por vigiar os alunos, aconselhá-los, ensinar a matéria e corrigi-la. *A metodologia decorrente de tal concepção tem como princípio a transmissão dos conhecimentos através da aula do professor*, freqüentemente expositiva, numa seqüência predeterminada e fixa, enfatiza a repetição de exercícios com exigências de memorização.

Valoriza o conteúdo livresco e a quantidade. O professor fala, o aluno ouve e aprende. Não propicia ao aluno um papel ativo na construção dessa aprendizagem, que é aceita como vinda

de fora para dentro. Muitas vezes não se leva em consideração o que a criança aprende fora da escola, seus esforços espontâneos, a construção coletiva. A figura do professor como detentor do saber é uma força motriz nessas escolas. A função primordial da escola, nesse modelo, é transmitir conhecimentos disciplinares para a formação geral do aluno que o levará, ao inserir-se futuramente na sociedade, a optar por uma profissão valorizada.

Para a maioria das escolas, essa prática pedagógica se caracteriza pela sobrecarga de informações que são veiculadas aos alunos, o que torna o processo de aquisição de conhecimento, muitas vezes burocratizado e destituído de significação. A postura da escola se caracteriza como conservadora. No processo de alfabetização, apoia-se principalmente nas técnicas para codificar/decodificar da escrita. A escrita espontânea da criança em fase de alfabetização não é levada em conta, sendo a cartilha seqüencialmente seguida, a base do processo de alfabetização.

- ***Renovada***

A *pedagogia renovada* é uma concepção que inclui várias correntes que, de uma forma ou de outra, estão ligadas ao movimento da Escola Nova ou Escola Ativa. Tais correntes, embora admitam divergências, assumem um mesmo princípio norteador de valorização do indivíduo como ser livre, ativo e social. O centro da atividade escolar não é o professor, nem os conteúdos disciplinares, mas sim o aluno, como ser ativo e curioso. *O mais importante não é o ensino, mas o processo de aprendizagem.*

Em oposição à Escola Tradicional, a Escola Nova destaca o princípio da aprendizagem por descoberta e estabelece que a atitude de aprendizagem parte do interesse dos alunos, que, por sua vez, aprendem fundamentalmente pela experiência, pelo que descobrem por si mesmos. O professor é visto, então, como facilitador no processo de busca de conhecimento que deve partir do aluno.

Cabe ao professor organizar e coordenar as situações de aprendizagem, adaptando suas ações às características individuais dos alunos, para desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais. *A idéia de um ensino guiado pelo interesse dos alunos acabou, em muitos casos, por desconsiderar a necessidade de um trabalho planejado, perdendo-se de vista o que deve ser ensinado e aprendido.*

Essa tendência, que teve grande penetração no Brasil na década de 30, no âmbito do ensino pré-escolar (jardim de infância), até hoje influencia muitas práticas pedagógicas.

- ***Tecnicismo***

Nos anos 70, desenvolveu-se acentuadamente o que se chamou de "tecnicismo educacional", inspirado nas teorias behavioristas da aprendizagem e da abordagem sistêmica do ensino, que definiu uma prática pedagógica altamente controlada e dirigida pelo professor, com atividades mecânicas inseridas numa proposta educacional rígida e passível de ser totalmente programada em detalhes.

A supervalorização da tecnologia programada de ensino trouxe conseqüências: a escola se revestiu de uma grande auto-suficiência, reconhecida por ela e por toda a comunidade atingida, criando assim, a falsa idéia de que aprender não é algo natural do ser humano, mas que depende exclusivamente de especialistas e de técnicas. *O que é valorizado nessa perspectiva não é o professor, mas a tecnologia, o professor passa a ser um mero especialista na aplicação de manuais e sua criatividade fica restrita aos limites possíveis e estreitos da técnica utilizada.*

A função do aluno é reduzida à um indivíduo que reage aos estímulos de forma a corresponder às respostas esperadas pela escola, para ter êxito e avançar. Seus interesses e seu processo particular não são considerados e a atenção que recebe é para ajustar seu ritmo de aprendizagem ao programa que o professor deve implementar. Essa orientação foi dada para as escolas pelos organismos oficiais durante os anos 60 e, até hoje, está presente em muitos materiais didáticos com caráter estritamente técnico e instrumental.

- ***Libertadora***

No final dos anos 70 e início dos 80, a abertura política, com o final do regime militar, coincidiu com a intensa mobilização dos educadores por uma educação crítica a serviço das transformações sociais, econômicas e políticas, tendo em vista a superação das desigualdades existentes no interior da sociedade. Ao lado das denominadas teorias crítico-reprodutivistas, firma-se no meio educacional a presença da "**pedagogia libertadora**" e da "**pedagogia crítico-social dos conteúdos**", assumida por educadores de orientação marxista.

Esta concepção pedagógica teve suas origens nos movimentos de educação popular, no final dos anos 50 e início dos anos 60, quando foram interrompidos pelo golpe militar de 1964, viu seu desenvolvimento retomado no final dos anos 70 e início dos anos 80. *Nessa proposta, a atividade escolar centra-se em discussões de temas sociais e políticos e em ações sobre a realidade social imediata; analisam-se os problemas, seus fatores determinantes e organiza-se*

uma forma de atuação para que se possa transformar a realidade social e política. *O professor é um coordenador de atividades que organiza e atua conjuntamente com os alunos.* Esse movimento esteve muito mais presente em escolas públicas de vários níveis e em universidades, do que em escolas privadas.

- ***Crítico-Social dos Conteúdos***

A pedagogia crítico-social dos conteúdos, se organiza no final dos anos 70 e início dos 80, e se põe como uma reação de alguns educadores à pouca relevância que a pedagogia libertadora dá ao aprendizado do chamado "saber elaborado", historicamente acumulado, e que constitui parte do acervo cultural da humanidade.

Esta vertente assegura a função social e política da escola através do trabalho com conhecimentos sistematizados, a fim de colocar as classes populares em condições de uma efetiva participação nas lutas sociais. Entende-se que não basta ter como conteúdo escolar às questões sociais atuais, mas que é necessário que se tenha domínio de conhecimentos, habilidades e capacidades mais amplas para que os alunos possam interpretar suas experiências de vida e defender seus interesses de classe.

- ***Piagetiana***<sup>3</sup>

A partir dos anos 80, surge com maior evidência um movimento que pretende a integração entre tendências que tinham um viés mais psicológico e outras cujo viés era mais sociológico e político. Se há necessidade de ter *preocupações com o domínio de conhecimentos formais para a participação crítica na sociedade, considera-se também necessária uma adequação pedagógica às características de um aluno que pensa, de um professor que sabe e aos conteúdos de valor social e formativo.*

Esse momento se caracteriza pelo *enfoque centrado no caráter social do processo de ensino e aprendizagem e é marcado pela influência da psicologia genética.* Enfoque trouxe para a questão pedagógica aspectos relevantes, principalmente no que diz respeito à maneira de como entender as relações entre desenvolvimento e aprendizagem, à importância da relação interpessoal nesse processo, à relação entre cultura e educação e ao papel da ação educativa ajustada às situações de aprendizagem e às características da atividade mental construtiva do aluno em cada momento de sua escolaridade.

---

<sup>3</sup> Este tópico já fora abordado consideravelmente em páginas anteriores, portanto, faz-se jus elencá-la como partícipe das tendências pedagógicas.

A psicologia genética propiciou aprofundar a compreensão sobre o processo de desenvolvimento na construção do conhecimento. Compreender os mecanismos pelos quais as crianças constroem representações internas de conhecimentos construídos socialmente, em uma perspectiva psicogenética, traz uma contribuição para além das descrições dos grandes estágios de desenvolvimento.

A teoria epistemológica de Piaget e seus seguidores, e as suas significativas descobertas, acarretou desvios por parte de pedagogos que passaram a "criar" teorias piagetianas para a educação, como se o próprio Piaget as tivesse elaborado, o que não ocorreu. A pedagogia, neste sentido, não fazia parte dos objetivos de suas pesquisas.

Assim encontrar-se-á inúmeras escolas que se autopromovem dizendo-se piagetianas, sem que apliquem em suas abordagens metodológicas os princípios decorrentes das pesquisas de Piaget sobre a teoria do conhecimento, a evolução do pensamento até a adolescência.

- ***Construtivista***

A pesquisa sobre a psicogênese da língua escrita chegou ao Brasil em meados dos anos 80 e causou grande impacto, revolucionando o ensino da língua nas séries iniciais e, ao mesmo tempo, provocando uma revisão do tratamento dado ao ensino e à aprendizagem em outras áreas do conhecimento.

*Essa investigação evidencia a atividade construtiva do aluno sobre a língua escrita, objeto de conhecimento reconhecidamente escolar, mostrando a presença importante dos conhecimentos específicos sobre a escrita que a criança já tem e que embora não coincidam com o dos adultos, têm sentido para ela.*

Segundo Schnitman, *"o construtivismo é uma teoria post-objetiva do conhecimento que defende que o observador participa de suas observações e que constrói e não descobre uma realidade, questionando assim os conceitos de verdade, objetividade e realidade"*. (Texto não publicado).

A metodologia utilizada nessas pesquisas foi muitas vezes interpretada como uma proposta de pedagogia construtivista para alfabetização, o que expressa um duplo equívoco: redução do construtivismo à uma teoria psicogenética de aquisição de língua escrita e transformação de uma investigação acadêmica em método de ensino. Com esses equívocos, difundiram-se, sob o rótulo de pedagogia construtivista, as idéias de que não se devem corrigir os erros e de que as crianças aprendem fazendo "do seu jeito".

Essa pedagogia dita construtivista, trouxe sérios problemas ao processo de ensino e aprendizagem, pois desconsidera a função primordial da escola que é ensinar, intervindo para que os alunos aprendam o que, sozinhos, não têm condições de aprender.

Em relação estritamente a alfabetização podemos, nesse caso, dizer segundo Terezinha Nunes, *"talvez a contribuição mais significativa que o construtivismo já ofereceu à alfabetização (foi) auxiliar as alfabetizadoras na tarefa de compreender as produções da criança e saber respeitá-las como construções genuínas, indicadoras de progresso, e não como erros absurdos. Nesse sentido, podem-se destacar dois momentos em alfabetização: antes e depois dos trabalhos de Emilia Ferreiro"*.

Não existe um método construtivista para a educação, no sentido em que é propalado pelas escolas. No construtivismo a *maneira de construir o saber é muito ampla, incluindo realmente as idéias de descobrir, inventar, redescobrir, criar*; sendo que *aquilo que se faz é tão importante quanto o como e porque fazer, o como e porque fazer. Não devemos nos esquecer que a ação se dará no sentido de compreender, atribuir um sentido, que está na dependência das estruturas mentais que se têm.*

- **Método Sintético**

Utilizado para se referir à maneira com que se alfabetiza uma criança. É mais usado pura e rigidamente em escolas que adotam metodologias e posturas tradicionais. Parte de elementos mais simples (Letra, fonema ou sílaba) que serão combinados, formando palavras e sentenças.

- **Global**

Tem como ponto de partida elementos significativos, unidades de sentido (palavras, sentenças ou contos) que, analisados em suas diferenças e semelhanças, levarão ao conhecimento dos elementos fonéticos. Este conhecimento habilitará o aluno a formar e identificar novas palavras. Pode ser: palavração, sentencição, contos, unidades de experiências. Ainda encontrar-se-á o chamado Analítico-sintético que faz uma mescla, partindo da palavra para a sílaba e depois a letra, num movimento de análise e síntese.

Os problemas e impasses do cotidiano de nossos professores não são resolvidos com postulados teóricos. Sabe-se que há necessidade de uma ação-reflexão grupal para a compreensão desses problemas e a busca de soluções. As teorias estudadas desarticuladamente nos cursos de formação de professores parecem que não são incorporadas, discutidas e refletidas para que a ação docente seja exercida com consciência do

posicionamento que perpassa essa ação, em que ela está fundamentada, o porquê de "ensinar-se" desta ou daquela maneira.

Um curso de formação de professores, ou de educação permanente, deveria *possibilitar o confronto entre as diversas abordagens do processo ensino-aprendizagem, repensando-as em seus pontos de intersecção*. Ao mesmo tempo *oportunizar ao professor uma análise de seu fazer pedagógico*, a fim de que ele se conscientizasse de sua ação e pudesse, não só interpretá-la e contextualizá-la, mas também buscar superá-la constantemente.

## **2.3 Paulo Freire e a Liberdade como Prática na Escola**

### **2.3.1 O Método de Paulo Freire**

Existem diversos e conhecidos trabalhos sobre o Método Paulo Freire. Não se pretende reproduzi-los aqui. Buscar-se-á entender quais são os princípios e práticas deste Método já que o próprio Paulo Freire entendia tratar-se muito mais de uma **Teoria do Conhecimento** do que de uma **metodologia de ensino**, muito mais um **método de aprender** que um **método de ensinar**. Paulo Freire marcou uma ruptura na história pedagógica de seu país e da América Latina.

Através da criação da concepção de educação popular, ele consolidou um dos paradigmas mais ricos da pedagogia contemporânea rompendo radicalmente com a educação elitista e comprometendo-se verdadeiramente com homens e mulheres. Num contexto de massificação, de exclusão, de desarticulação da escola com a sociedade, Freire dá sua efetiva contribuição para a formação de uma sociedade democrática ao construir um projeto educacional radicalmente democrático e libertador. Assim sendo, seu pensamento e sua obra é, e continuará sendo, um marco na pedagogia nacional e internacional.

No seu projeto educacional, o desenvolvimento da consciência crítica se dá pela consciência histórica. Sempre nessa prática, construiu uma teoria do conhecimento com base no respeito pelo educando, na conquista da autonomia e na dialogicidade enquanto princípios metodológicos. Nas últimas décadas, houve uma evolução e recriação de suas teses epistemológicas, ou seja, sua teoria do conhecimento, que apontam para a construção de novos paradigmas educacionais e constante recriação da práxis pedagógica libertadora.

## ***2.4 Um Método Desafiador***

A proposta de Freire parte do Estudo da Realidade (fala do educando) e a Organização dos Dados (fala do educador). Nesse processo, surgem os Temas Geradores, extraídos da problematização da prática de vida dos educandos. Os conteúdos da aprendizagem são resultados de uma metodologia dialógica. Cada pessoa, cada grupo envolvido na ação pedagógica dispõe em si próprio, ainda que de forma rudimentar, dos conteúdos necessários dos quais se parte.

O importante não é transmitir conteúdos específicos, mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida. A transmissão de conteúdos estruturados fora do contexto social do educando é considerada "invasão cultural" ou "depósito de informações", porque não emerge do saber popular. Portanto, antes de qualquer coisa, é preciso conhecer o educando. Conhecê-lo enquanto indivíduo inserido num contexto social de onde deverá sair o "conteúdo" a ser trabalhado.

Assim sendo, não se admite uma prática metodológica com um programa previamente estruturado assim como qualquer tipo de exercícios mecânicos para verificação da aprendizagem, formas essas próprias da "educação bancária", onde o saber do professor é depositado no aluno, práticas essas domesticadoras. (BARRETO, s.d. p. 4). O relacionamento educador-educando, nessa perspectiva, se estabelece na horizontalidade onde, juntos, se posicionam como sujeitos do ato do conhecimento. Elimina-se, portanto toda relação de autoridade uma vez que essa prática inviabiliza o trabalho de criticidade e conscientização.

Segundo Freire, o ato educativo deve ser sempre um ato de recriação, de re-significação de significados. O seu Método tem como, fio condutor, a alfabetização visando à libertação, que não se dá somente no campo cognitivo, mas essencialmente nos campos social e político. Para melhor entender este processo precisamos ter clareza dos **princípios** que constituem o método e que estão diretamente relacionados às idéias do educador que o concebeu.

## ***2-5 Politicidade do Ato Educativo***

Um dos axiomas do Método em questão é que não existe educação neutra. A educação vista como construção e reconstrução contínua de significados de uma dada realidade prevê a ação do homem sobre ela. Essa ação pode ser determinada pela crença fatalista da causalidade e, portanto, isenta de análise uma vez que ela se lhe apresenta estática, imutável, determinada,



ou pode ser movida pela crença de que a causalidade está submetida a sua análise, portanto sua ação e reflexão podem alterá-la, relativizá-la, transformá-la.

A visão *ingênua* que homens e mulheres podem ter da realidade faz deles, de certo modo, *escravos*, na medida em que não sabendo devidamente que podem transformá-la, sujeitam-se à ela. Essa descrença na possibilidade de intervir na realidade em que vivem é alimentada pelas cartilhas e manuais escolares que colocam homens e mulheres como observadores e não como sujeitos dessa realidade.

O que existe de mais atual e inovador no Método Paulo Freire é a indissociação da construção dos processos de aprendizagem da leitura e da escrita do processo de politização. O educando é desafiado a refletir sobre seu papel na sociedade enquanto aprende a escrever a palavra sociedade; é desafiado a repensar a sua história enquanto aprende a decodificar o valor sonoro de cada sílaba que compõe a palavra história. Essa reflexão tem por objetivo promover a superação da consciência ingênua - também conhecida como consciência mágica - para a consciência crítica.

Na experiência de Angicos, assim como em outros lugares onde foi adotado o método, as salas de aula transformaram-se em fóruns de debate, denominados "Círculos de Cultura". Neles, os educandos aprendiam a ler as letras e o mundo e a escrever a palavra e também a sua própria história.

Com a apresentação de slides, contendo cenas de seu cotidiano, esses trabalhadores/educandos discutiam sobre o desenrolar de suas vidas reconstruindo sua história, sendo desafiados a perceberem-se enquanto sujeitos dessa história. Nesse contexto, era apresentada uma palavra - ligada a esse cotidiano e previamente escolhida - e, através do estudo das famílias silábicas que a compunham, o educando apropriava-se do conhecimento do código escrito ao mesmo tempo em que refletia sobre sua história de vida.

O Educador, contrariando a visão tradicionalista que atribui a ele o papel privilegiado de detentor do saber, é denominado "animador de debates" e tem o papel de coordenar o debate, problematizar as discussões para que opiniões e relatos surjam. Cabe também ao educador conhecer o universo vocabular dos educandos, o seu saber traduzido através de sua oralidade, partindo de sua bagagem cultural repleta de conhecimentos vividos que se manifestam através de suas histórias, de seus *causos* e, no do diálogo constante, em parceria com o educando, contribuindo na sua reinterpretação e recriação.

Os sujeitos da educação, ao dialogar com seus pares e com o educador sobre o seu meio e sua realidade, têm a oportunidade de desvelar aspectos dessa realidade que até então poderiam não ser perceptíveis. Essa percepção se dá em decorrência da análise das condições reais observadas uma vez que passam a observá-la mais detalhadamente. Uma re-admiração da realidade inicialmente discutida em seus aspectos superficiais será realizada, porém com uma visão mais crítica e mais generalizada. Visão nova, não mais *ingênua*, mas crítica, que vai instrumentalizá-los na busca de intervenção para transformação.

Todo esse movimento de observação-reflexão-readmiração-ação, como se sabe, faz do Método Paulo Freire uma metodologia de caráter eminentemente político.

## **2.6 Dialogicidade do Ato Educativo**

Segundo Harmon, a pedagogia proposta por Freire é fundamentada numa antropologia filosófica dialética cuja meta é o engajamento do indivíduo na luta por transformações sociais (HARMON, 1975: 89). Sendo assim, para Freire, a base da pedagogia é o diálogo. A relação pedagógica necessita ser, acima de tudo, uma relação dialógica. Essa premissa está presente no método em diferentes situações: entre educador e educando, entre educando e educador e o objeto do conhecimento, entre natureza e cultura.

Sempre em busca de um humanismo nas relações entre homens e mulheres, a educação, segundo Paulo Freire, tem como objetivo promover a ampliação da visão de mundo e isso só acontece quando essa relação é mediatizada pelo diálogo. Não no monólogo daquele que, achando-se saber mais, deposita o conhecimento, como algo quantificável, mensurável naquele que pensa saber menos ou nada saber. **A atitude dialógica** é, antes de tudo, uma atitude de amor, humildade e fé nos homens, no seu poder de fazer e de refazer, de criar e de recriar (FREIRE, 1987: 81).

A dialogicidade, para Paulo Freire, está ancorada no tripé **educador-educando-objeto do conhecimento**. A indissociabilidade entre essas três "categorias gnosiológicas" é um princípio presente no Método a partir da busca do conteúdo programático. O diálogo entre elas começa antes da situação pedagógica propriamente dita. A pesquisa do universo vocabular, das condições de vida dos educandos é um instrumento que aproxima educador-educando-objeto do conhecimento numa relação de justaposição, entendendo-se essa justaposição como atitude democrática, conscientizadora, libertadora, daí dialógica.

O diálogo entre **natureza e cultura**, está presente no Método Paulo Freire a partir da idéia de homens e mulheres enquanto produtores de cultura. Para a introdução do conceito de cultura, ao mesmo tempo gnosiológica e antropológica, Freire selecionou **dez situações existenciais** "codificadas" para levar os grupos à sua respectiva "decodificação". Francisco Brenand um expressivo pintor brasileiro retratou essas situações. A utilização dessas situações existenciais, já naquela época, proporcionava uma perfeita integração entre educação e arte, proposta que atualmente é referendada nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Essas gravuras, representando cenas da vida dos educandos, apresentavam, por serem um recorte da realidade, o cenário natural para que os debates, partindo deste contexto existencial, não fossem apenas um blá, blá, blá (expressão usada diversas vezes por Freire) sobre o vazio, mas que fosse uma rica exposição de idéias sobre o seu mundo e sobre a sua ação nesse mundo capaz de transformá-lo com seu trabalho. **Aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta**, isto é, da situação real vivida pelo educando e só tem sentido se resultar de uma aproximação crítica dessa realidade.

O diálogo entre natureza e cultura, entre o homem e a cultura e entre o homem e a natureza se constituía em uma prática comum na alfabetização de jovens e adultos proposta por Freire. Fernando Menezes descreve como esse diálogo se efetivava nos Círculos de Cultura:

Os debates têm início na primeira hora que o homem participa do círculo de cultura. Em vinte minutos, uma turma de analfabetos é capaz de fazer a distinção fundamental para o método: natureza diferente de cultura. Para chegar a esse resultado, se utiliza através de slides ou quadros, uma cena cotidiana do meio onde vive o grupo. Como exemplo, citaremos uma cena do campo: um homem, sua palhoça, uma cacimba, um pássaro voando e uma árvore. O mestre exige de todos a descrição daquela cena, e em seguida, indaga o que o homem fez e o que ele não fez naquele quadro. Ao obter as respostas deixa logo indicada a diferença: o que o homem faz é Cultura e o que ele não faz é Natureza. (Jornal do Comércio, Recife, em 09/03/63).

## ***2-7 Uma Maneira de Ensinar***

Uma metodologia que promova o debate entre o homem, a natureza e a cultura, entre o homem e o trabalho, enfim entre o homem e o mundo em que vive, é uma metodologia dialógica e, como tal, prepara o homem para viver o seu tempo, com as contradições e os conflitos existentes, e conscientiza-o da necessidade de intervir nesse tempo presente para a construção e efetivação de um futuro melhor.

A palavra método da forma como é definida em seu “sentido de base” não retrata com fidelidade a idéia e o trabalho desenvolvido por Freire. É no sentido contextual, carregado dos princípios de seu idealizador, que a palavra método é utilizada em larga escala. Em entrevista à Nilcéia Lemos Pelandré, em 14/04/1993, Freire diz o seguinte:

Eu preferia dizer que não tenho método. O que eu tinha, quando muito jovem, há 30 anos ou 40 anos, não importa o tempo, era a curiosidade de um lado e o compromisso político do outro, em face dos renegados, dos negados, dos proibidos de ler a palavra, relendo o mundo. O que eu tentei fazer e continuo hoje, foi ter uma compreensão que eu chamaria de crítica ou de dialética da prática educativa, dentro da qual, necessariamente, há uma certa metodologia, um certo método, que eu prefiro dizer que é método de conhecer e não um método de ensinar (PELANDRÉ, 1998: 298).

Embora este trabalho concorda com Freire, a expressão *Método Paulo Freire* é hoje uma expressão universalizada e cristalizada como referência de uma "concepção democrática, radical e progressista de prática educativa". Razão pela qual o termo, quando utilizado ao longo deste texto, terá sempre a mesma dimensão e mesmo significado, embora reconhecendo a necessidade de recriação constante em toda e qualquer prática educativa, inclusive no método em questão.

Essa insistência em classificar a metodologia de Freire em termos de Método ou Sistema se dá pelo fato dela compreender uma certa sequenciação das ações, ou melhor dizendo, ela estrutura-se em **momentos** que, pela sua natureza dialética, não são estanques, mas estão interdisciplinarmente ligados entre si. Para situar melhor essa sequenciação indicaremos aqui os momentos que compõem a metodologia criada por Freire:

1º Momento: **Investigação Temática** – Pesquisa Sociológica: investigação do universo vocabular e estudo dos modos de vida na localidade (Estudo da Realidade). Segundo Beisiegel:

O método começava por localizar e recrutar os analfabetos residentes na área escolhida para os trabalhos de alfabetização. Prosseguia mediante entrevistas com os adultos inscritos nos "círculos de cultura" e outros habitantes selecionados entre os mais antigos e os mais conhecedores da realidade. Registravam-se literalmente as palavras dos entrevistados a propósito de questões referidas às diversas esferas de suas experiências de vida no local: questões sobre experiências vividas na família, no trabalho, nas atividades religiosas, políticas recreativas etc. O conjunto das entrevistas oferecia à equipe de educadores uma extensa relação das palavras de uso corrente na localidade. Essa relação era entendida como representativa do *universo vocabular* local e delas se extraíam as

*palavras geradoras* – unidade básica na organização do programa de atividades e na futura orientação dos debates que teriam lugar nos "círculos de cultura" (BEISIEGEL, 1974, p. 165)

Como se pode perceber, o estudo da realidade não se limita à simples coleta de dados e fatos, mas deve, acima de tudo, perceber como o educando sente sua própria realidade superando a simples constatação dos fatos; isso numa atitude de constante investigação dessa realidade. Esse mergulho na vida do educando fará o educador emergir com um conhecimento maior de seu grupo-classe, tendo condições de interagir no processo ajudando-o a definir seu ponto de partida que irá traduzir-se no **tema gerador geral**.

A expressão **tema gerador geral** está ligada à idéia de Interdisciplinaridade e está presente na metodologia freireana pois tem como princípio metodológico a promoção de uma aprendizagem global, não fragmentada. Nesse contexto, está subjacente a noção holística, de promover a integração do conhecimento e a transformação social. Do tema gerador geral sairá o recorte para cada uma das áreas do conhecimento ou, para as palavras geradoras. Portanto, um mesmo tema gerador geral poderá dar origem à várias palavras geradoras que deverão estar ligadas a ele em função da relação social e que os sustenta.

2º Momento: **Tematização**: seleção dos temas geradores e palavras geradoras.

Através da seleção de temas e palavras geradoras, realizamos a codificação e decodificação desses temas buscando o seu significado social, ou seja, a consciência do vivido. Através do tema gerador geral é possível avançar para além do limite de conhecimento que os educandos têm de sua própria realidade, podendo assim melhor compreendê-la a fim de poder nela intervir criticamente. Do tema gerador geral deverão sair as **palavras geradoras**. Cada palavra geradora deverá ter a sua ilustração que por sua vez deverá suscitar novos debates. Essa ilustração (desenho ou fotografia) sempre ligada ao tema, tem como objetivo a "codificação", ou seja, a representação de um aspecto da realidade, de uma situação existencial construída pelos educandos em interação com seus elementos.

3º Momento: **Problematização**: busca da superação da primeira visão ingênua por uma visão crítica, capaz de transformar o contexto vivido. "A problematização nasce da consciência que os homens adquirem de si mesmos que sabem pouco a próprio respeito. Esse pouco saber faz com que os homens se transformem e se ponham a si mesmos como problemas" (JORGE, 1981:78).

## ***2-8 Pedagogia da Alternância, a Escolha do Método Educativo***

A Pedagogia da Alternância, como já fora assinalado no capítulo anterior onde se abordou o histórico das Escolas Famílias Agrícolas, nasceu na França a partir dos gritos dos agricultores que sentiram a necessidade de que houvesse uma educação condizente com a realidade sócio-cultural na qual estavam inseridos.

No Brasil, um país onde “todos temos um pé no campo, felizmente o melhor deles”, segundo o ator Lima Duarte, a Pedagogia da Alternância, curiosamente, ainda é pouco conhecida. Apresentam-se três formas de alternância na realidade educacional brasileira que são: alternância dissociativa, alternância associativa e alternância integrada.

A Alternância Dissociativa compreende o tempo de trabalho e o estudo sem que haja ligação direta entre os dois momentos. A Alternância Associativa compreende o tempo trabalho e o tempo estudo como sendo momentos diferentes onde se reconhece os seus valores, no entanto, com pouca integração na Escola. Já a Alternância Integrada compreende o tempo trabalho e o estudo como sendo dois momentos interligados, pois em ambos se aprende e ambos se interagem de forma orgânica.

Busca-se, nas Escolas Famílias Agrícolas, adotar a Alternância integrada onde se percebe as seguintes características:

### *1) Projeto Educativo*

A Pedagogia da Alternância é um projeto educativo que contribui para a promoção e o desenvolvimento global das pessoas, num contexto sócio-geográfico e profissional concreto. É uma proposta de educação que auxilia na preparação para o trabalho e a profissionalização a partir da qualificação, da inserção profissional na Agricultura Familiar, bem como, em outras profissões ligadas ao meio rural. Tal proposta também prevê dar possibilidades dos jovens em continuar seus estudos.

### *2) Prioridade e experiência sócio-profissional*

Fundamentada em concepções de que a vida ensina mais do que a escola, é que se valoriza aqui o aprender pelo fazer concreto do dia-a-dia, nas experiências de trabalho familiar e em outras situações. Portanto, a aprendizagem acontece principalmente nos períodos de atividades em casa e nos estágios.

Este projeto-educativo contribui para uma experiência pessoal, proporcionando uma base de informações, partindo sempre do concreto para o abstrato (método indutivo), do prático para o teórico para retornar ao prático, do contexto sócio-político, econômico e cultural local para se atingir assim o global.

O projeto educativo desenvolve-se em três tempos:

- em casa e em outros empreendimentos produtivos ou de serviços;
- na Escola Família: experiência intelectual, comparação, análises, reflexão e sínteses da experiência sócio-profissional;
- em casa ou em outro ambiente de trabalho: retorno e aplicação do aprendido, provocando novas interrogações.

### *3) Articulação de tempo e espaço em diferentes situações*

A Pedagogia da Alternância articula ritmos com situações diferentes, espaço e tempo para criar sinergias – sintonias de relações. Além disso, busca-se favorecer o processo de formação pessoal e integrar a escola com a família e a realidade (sócio-profissional).

Esses ritmos e espaços são estruturados da seguinte forma: organizando as temáticas progressivas nas alternâncias, articulando os conteúdos específicos das matérias a partir dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) com os temas geradores e estes com os Planos de Estudo, proporcionando interdisciplinaridade; preparando os estágios e visitas de estudo; aproveitando estrategicamente, os estágios e visitas de estudo; planejando as visitas às famílias; proporcionando, aos alunos e alunas oportunidades de participação, autonomia e espaço para serem protagonistas do processo educativo.

### *4) Didática específica*

A Pedagogia da Alternância possui um conjunto de instrumentos pedagógicos específicos: Plano de Estudo (PE), Folha de Observação (FO), Caderno da Realidade (CR), Serões, Visitas de Estudos, Estágios, Caderno de Acompanhamento (CA), Projeto Profissional do Jovem e Visitas às Famílias para articular o tempo e espaço com saberes e experiências; aproveitar e formalizar os saberes do meio rural e da experiência de vida de forma crítica; instrumentalizar o exercício da autonomia para que os jovens sejam realmente protagonistas do processo educativo; avaliar todo o projeto educativo seja ele profissional, intelectual, humano, social e ético.

Para que isto ocorra, é necessário, portanto, organizar o Plano de Formação por meio dos conteúdos gerais (PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais) e específicos e atividades que ajudam a interdisciplinaridade; elaborar instrumentos específicos como fichas didáticas e cartilhas que sirvam como subsídios pedagógicos; e, por fim, dispor de instrumentos de avaliação e acompanhamento pessoal específicos como o *Caderno de Acompanhamento* do jovem.

#### 5) *Concepção específica do Educador - Monitor*

O monitor, sendo um profissional da Escola Família Agrícola, deve possuir: capacidades técnicas e um compromisso político com o projeto de desenvolvimento rural sustentável e com os profissionais do meio; ter capacidade de liderança, animação, acompanhamento personalizado dos alunos, motivando-os e estimulando-os na sua formação; capacidade de comunicação que facilite as relações entre os diversos ambientes e pessoas que atuam no processo de formação como atores da alternância; ter uma preparação pedagógica específica que lhes proporcione conhecimentos da realidade sócio-profissional dos alunos, capacidades de trabalho em equipe (maturidade afetiva e emocional) e um compromisso com os objetivos da Associação EFA.

#### 6) *Conjunto de colaboradores na Formação*

A Pedagogia da Alternância se compreende como uma *Pedagogia da Complexidade, da Cooperação* e, segundo Nascimento (2003), ela é uma *Pedagogia da Resistência Cultural*. Ela acontece por meio de um projeto educativo que reúne um conjunto de parceiros da Escola (sindicatos, Igreja, Estado, movimentos sociais e empresas), os quais interagem na formação do jovem.ass

Dessa forma, a Pedagogia da Alternância pode criar condições favoráveis à aprendizagem desde que se invista no meio sócio-profissional do aluno/a e o meio escolar esteja cumprindo realmente as exigências de aplicabilidade dos instrumentos pedagógicos.

Pode-se afirmar, portanto, e já buscando ligar a Pedagogia da Alternância no rol das correntes pedagógicas, percebe-se uma forte influência, pelo menos no Brasil, da pedagogia libertadora e sócio-conscientizadora de Paulo Freire. Destaca-se, portanto duas características básicas da contribuição de Freire para se entender o processo de implantação da Pedagogia da Alternância no Brasil. Primeiro, a sua grande contribuição à teoria dialética do conhecimento, para a qual a melhor maneira de refletir é pensar a prática e retornar a ela para transformá-la. Portanto, pensar o concreto, a realidade, e não pensar pensamento; segundo, a categoria



pedagógica da *conscientização*, criada por ele, visando, através da educação, a formação da autonomia intelectual do cidadão para intervir sobre a realidade. Por isso, para ele, a educação não é neutra. É sempre um ato político. Neste sentido, não se pode deixar em branco, o trabalho de Loureiro (1988) contribui para a compreensão do aspecto educativo na prática política de todos os que são sujeitos da história.

E assim como observa-se os aspectos teóricos a cerca da problemática, com a intenção de entender sobre o processo ensino aprendizagem é que se tem a necessidade de aprofundar no próximo capítulo a fundamentação teórica do Plano de formação dentro da perspectiva da Pedagogia da Alternância o que dará suporte para a análise do dados das representações dos discursos dos educandos/as e monitores/as sobre suas práticas e concepções nos próximos capítulos.

## **CAPÍTULO 3**

### **O PLANO DE FORMAÇÃO NA ALTERNÂNCIA**

Este capítulo pretende abordar como é a estrutura da formação trabalhada na Pedagogia da Alternância pelo Plano de Formação (PF), que se efetiva a partir dos instrumentos pedagógicos que são utilizados pelos monitores/as e educandos/as nos Centros Familiares de Formação em Alternância (CEFFAs). Pretende-se, portanto, analisar através do Plano de Formação como se organiza e se efetiva o processo de ensino-aprendizagem.

#### ***3.1 O Plano de Formação***

O processo de aprendizagem na EFAGO é realizado por meio da Pedagogia da Alternância, ou seja, a Alternância na família/comunidade e escola. Não existe ensino, se não existe as condições de aprendizagem, que por sua vez estão relacionados com as condições de vida, de saúde e de afetividade. A vida do educando e a sua Realidade constituem o eixo do processo ensino-aprendizagem na EFA.

A Pedagogia da Alternância pode também ser entendida como a pedagogia da cooperação, da solidariedade, onde o processo educativo se desenvolve em parceria entre os vários atores responsáveis pela formação dos jovens. Essa formação é facilitada pelo Plano de Formação que liga todos os instrumentos pedagógicos da Escola criando a interdisciplinaridade. A Pedagogia da Alternância implica em trabalharem uma outra lógica. Não a lógica dos conteúdos, mas sim a lógica do educando, o seu contexto sócio profissional. (Documento das EFAs)

O Plano de Formação tem como objetivos: articular os saberes da vida do jovem rural com os saberes escolares do programa oficial; associar os conteúdos profissionalizantes (técnicos) e os conteúdos gerais, humanísticos; facilitar a aprendizagem dos Educandos; acompanhar de forma personalizada cada jovem tanto na EFA, quanto no meio na construção do ser, do saber, da convivência e da vocação profissional; ajudar na construção do projeto de vida.

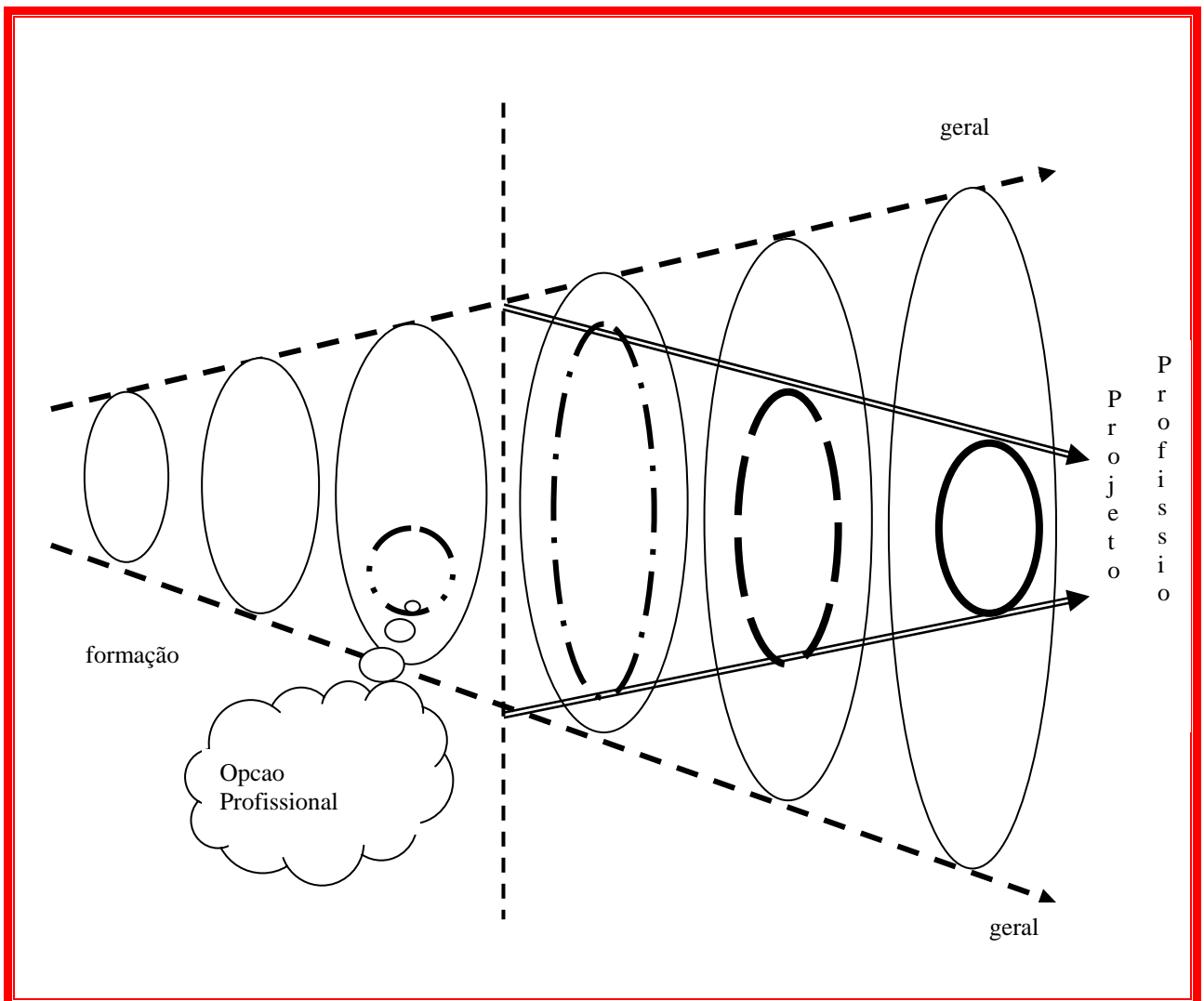


Gráfico de autoria de Pedro Puig a partir de documentos da UNMFREO

Segundo Pedro Puig, a formação geral acontece quando:

(...) vai continuando e aumenta constantemente em todo o processo de estudos, em toda a vida. A alternância nos permite, ir do concreto ao abstrato, do singular ao geral, ao mesmo tempo em que amplia conhecimentos básicos instrumentais e formação geral; ajuda a concretizar uma opção de continuidade em sua formação, sem limitar as possibilidades futuras e com possibilidades de avançar, se permite igualar a níveis superiores segundo as atitudes de cada um. Esta é uma demanda clara dada a situação atual dos jovens e das famílias a respeito ao mundo do trabalho e a situação socioeconômica conseqüente.

Para ele, também, é importante a relação que se deve fazer entre a prática docente com a elaboração do Plano de Formação.

Os profissionais da Pedagogia da Alternância são os monitores, para isso precisam de uma formação específica que lhes capacitem para poder realizá-lo, pois sem ela dificilmente serão capazes de trabalhar esta pedagogia da complexidade. O Plano de Formação é a representação gráfica da política da formação da Instituição, que compreende a todos os participantes da mesma e deverá, portanto ter em conta as indicações de todos os responsáveis da formação e as do Ministério de Educação correspondente. Por isso deverá estar organizado em função dos anos que dure um ciclo de formação, normalmente dois, três ou quatro anos. Supõe incluir e apresentar todos os objetivos, os “acadêmicos”, que permitirá a aquisição de conhecimentos, os “pedagógicos”, que através da organização temática, a dos espaços e os tempos de formação, favorecem a motivação e a aprendizagem dos jovens e os de “progressão”, que nos indicará a evolução ao longo período de aprendizagem.

A partir desses objetivos temos conseqüências metodológicas como:

O itinerário a percorrer, entre a vida do jovem e a escola. *Primeiro lugar:* a vida do educando no meio familiar, comunitário e profissional-convívio, trabalho, observação e pesquisa. *Segundo lugar:* a EFA onde há reflexão questionamentos, análises, sínteses, aprofundamentos e generalizações. *Terceiro lugar:* a vida do/a educando/a no seu/sua meio-experiências e novas pesquisas, observações e questionamentos. A vida do/a educando/a é eixo do processo-aprendizagem.

***O processo de aprendizagem:*** a Pedagogia da Alternância baseia-se num método científico. Observar, ver, descrever, refletir, analisar, julgar e experimentar, agir ou questionar (pelos Planos de Estudos na família, comunidade ou na escola), procurar responder as questões (através das aulas, palestras, visitas, pesquisas, estágios...) e experimentar (fazer experimentar em casa a partir do aprofundamento). Algo que está implícito na proposta de Jean Piaget, “fazer para compreender” ou seja, primeiro praticar, para depois teorizar sobre a prática.

O princípio é que a vida ensina mais que a escola. Por isso o centro do processo ensino-aprendizagem é o educando e a sua realidade. A experiência sócio-profissional se torna ponto de partida no processo do aprendizado e também ponto de chegada, pois o método da Alternância constitui no tripé: ação – reflexão – ação – ou prática – teoria – prática. A teoria está sempre em função de melhorar a qualidade de vida.

***As atividades e ferramentas Pedagógicas:*** Para colocar em prática esta metodologia, que parte do concreto para o abstrato, a Pedagogia da Alternância utiliza-se das seguintes ferramentas ou atividades: Plano de Estudo (PE), Colocação em Comum (CC), Caderno da Realidade (CR), Fichas didáticas, Visitas de estudos, Intervenções externas, Caderno de

acompanhamento, Experiências, Visitas às famílias, Projeto profissional do/a jovem e Avaliação. Dessa forma, os Instrumentos Pedagógicos da Alternância são específicos e de suma importância para por em ação o Plano de Formação na EFA. O Plano de Formação compreende os Planos de Estudos articulados com a Colocação em Comum com seus objetivos traçados, as Visitas de estudos, as Intervenções Externas ou palestras, e as matérias da base nacional comum e da parte diversificada (profissionalizante).

### **ARQUITECTURA GENERAL DEL PLAN DE FORMACION**

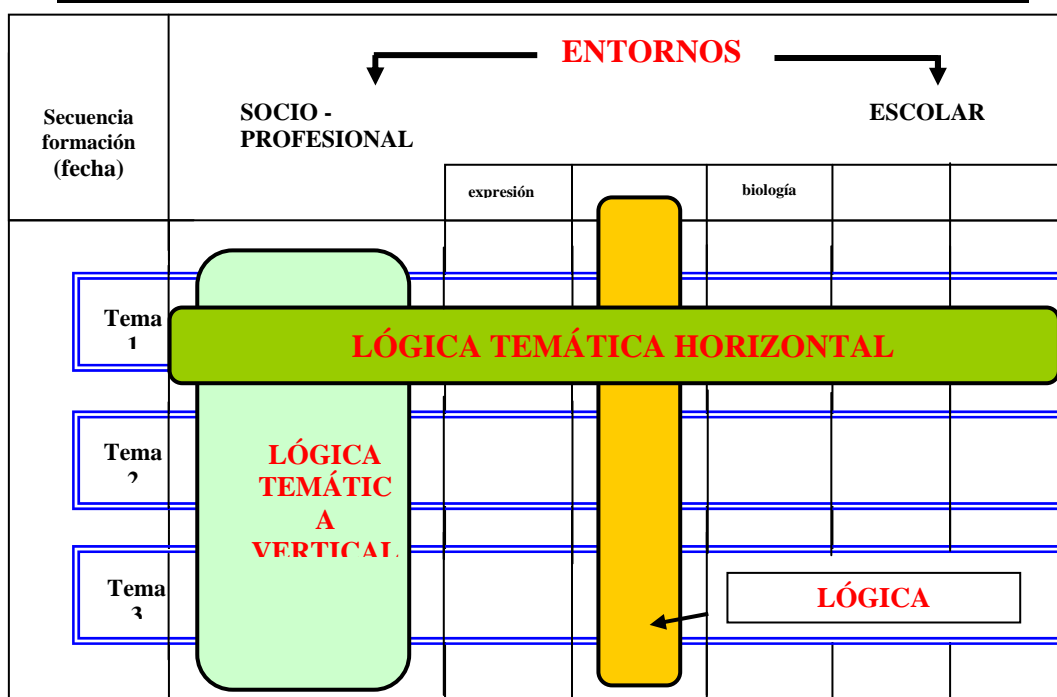


Gráfico de autoria de Pedro Puig a partir de documentos UNMFREO

### ***3.2 Instrumentos Metodológicos e Pedagógicos utilizados no Plano de Formação<sup>1</sup>***

Partindo do pressuposto que a vida ensina mais que a escola, os CEFFAs têm a preocupação de desenvolver seu trabalho a partir da realidade sócio-profissional, econômica e cultural do/a jovem trabalhador (a) rural, pois a aprendizagem acontece também na experiência do trabalho na família, comunidade, grupos, etc.

Para articular espaço e tempo, escola e meio sócio-profissional de forma a fazer acontecer a continuidade da formação na descontinuidade das atividades, os CEFFAs utilizam meios

<sup>1</sup> Para a elaboração deste capítulo foi utilizado a Sistematização do grupo de monitores/as elaborada a partir do IV módulo do Curso de Formação em 1998 sobre a Pedagogia da Alternância. E o Texto sobre Plano de Formação elaborado por João B. Begnami em 1999 a partir do Seminário das EFAs de Minas Gerais.

específicos, ou seja, ferramentas metodológicas para colocar em prática a proposta pedagógica: Plano de Estudo, Colocação em Comum, Caderno da Realidade, Visita e Viagem de Estudo, Visita às Famílias, Estágio, Intervenções Externas e Avaliação.

O Plano de Estudo (PE) é uma pesquisa sobre um tema da vida real (aspectos econômicos, sociais, políticos, religiosos e culturais), escolhido previamente pelos/as Educandos/as, pais e monitores/as. A organização desta pesquisa é realizada ao fim da sessão na escola, onde os próprios Educandos/as participam da elaboração do roteiro da pesquisa e os/as monitores colaboram na sistematização da mesma. O PE deve ser desenvolvido durante a Alternância em casa com a família, lideranças da comunidade ou profissionais do meio para ser colocado em comum na sessão seguinte na escola, de acordo com o planejamento da Escola.

É preciso enfatizar que o PE não é um meio apenas de colher dados da realidade para o/a monitor/a poder preparar suas aulas de forma mais contextualizada. O PE é um instrumento para provocar a observação e a reflexão sobre a sua realidade e buscar soluções para transformá-las. Neste processo a vida ou a realidade sócio-profissional é o ponto de partida e de chegada. O Monitor ou monitora é aquele/a que acompanha, provoca, problematiza, estimula a curiosidade e descobertas pessoais e grupais nos/as Educandos/as.

**O PE** é o instrumento mais importante da Pedagogia da Alternância, pois é através dele que se faz a integração da vida com a EFA, criando no educando/a o hábito de ligar a reflexão com a ação e de partir da experiência para a sistematização científica. Este instrumento leva o educando, pais e comunidade a leitura crítica da própria realidade para depois aprofundar na sessão na escola.

Ajuda também a informar, analisar, expressar, tomar consciência e atuar no meio em que vive. Ela proporciona respeito e valorização da vida dos/as jovens e família, comparação de experiências e trocas de idéias, desenvolvimento de expressão oral e escrita e mais do que isso, integrando vida e escola.

O PE estuda situações concretas do presente, observa as seguintes etapas: Hipótese - é uma situação ou iniciativa que ajuda e motiva uma atividade sobre um acontecimento, uma carência e uma aspiração. Fato Concreto - uma situação limitada no tempo e no espaço, levantamento da situação, descrição: quem, quando, como, circunstância...Análise - análise da situação: causas, razões, resultados, conseqüências, vantagens, desvantagens...Comparação - essa é feita no tempo e no espaço, diferenças, semelhanças, mudanças, reflexão e idéia geral: consciência da situação, conclusão e organização.

Para os Educandos, estas etapas ajudam a ter um roteiro para pesquisar; o questionário acompanha a investigação científica, estimulando o educando a desenvolver a inteligência, que progressivamente vai aprendendo a pesquisar com rigor científico.

Nos CEFFAs, normalmente, as equipes de Monitores/as se dividem em grupos para acompanhar a aplicação do PE nas turmas. Primeiro, reúnem-se para rever os temas pré-estabelecidos no Plano de Formação. Depois organizam uma motivação: teatro, dramatização, mímica, conversa informal e outros. O educando/a é o sujeito, o monitor/a é o estímulo. Em seguida motivam aos/as Educandos/as, passam os enfoques e dividem as turmas em grupos para elaborar as questões e a introdução do PE (antigo chapéu). Após, há a Colocação em Comum das perguntas e introdução e seleção e em seguida os/as monitores/as sistematizam as questões. Na entrega das questões aos Educandos é feita uma releitura para maior esclarecimento.

**A Colocação em Comum (CC)** é uma estratégia de socialização da pesquisa do PE, onde ocorre debate, problematizações, perguntas, síntese o conhecimento de cada educando/a no conhecimento do grupo. A metodologia, no caso, depende muito da criatividade dos/as monitores/as e das possibilidades de cada tema. Devem-se utilizar variadas técnicas e dinâmicas para motivar os/as Educandos/as e tornar sempre significativo o tema em questão. A CC não é momento para aprofundar, conceituar e dar respostas a nada.

A intervenção dos/as monitores/as neste momento deve ser para questionar, provocar mais debates sobre o assunto para posterior aprofundamento nas aulas. É produzida uma síntese que é o conhecimento do grupo. Junto vem uma lista de hipóteses, questionamentos, problematizações, que vão para o Caderno da Realidade e para a reunião pedagógica da equipe e preparação das aulas havendo assim a interdisciplinaridade. Um PE pode ser contemplado com uma Folha de Observação (FO), dependendo dos questionamentos e interesses dos Educandos, para aprofundar algum ponto que deixou a desejar. Geralmente, a FO é aplicada numa determinada disciplina que tenha mais ligação com o tema pesquisado.

**O Caderno da Realidade (CR)** é o onde o jovem registra e anota as suas reflexões, os estudos e aprofundamentos. É a sistematização racional da reflexão e ação provocada pelo PE. É o lugar onde fica ordenada parte das experiências educativas acontecidas na EFAGO. A união do PE e CR permite ver, julgar e agir dentro da realidade de hoje, treinamento de expressão oral e escrita, anotar e sistematizar e fazer a união da ação à reflexão e esta à ação.

O CR, em nível psico-pedagógico, estimula o amadurecimento intelectual do/a jovem. E no âmbito didático, possui diversos objetivos, entre eles: constitui uma tomada de consciência e uma particular percepção da vida cotidiana; ajuda a desenvolver a formação geral. O CR é fundamentalmente o retrato e a história da realidade de vivência do jovem: família e sócio-profissional. É um instrumento de formação do jovem de seu ambiente, representa um elemento de orientação profissional.

A partir de cada pesquisa do PE, o/a educando/a vai recolhendo dados: as questões que leva para casa, a síntese pessoal, síntese do grupo, após a Colocação em Comum, e ilustração a partir do tema pesquisado. Mas devem-se ainda acrescentar os relatórios de visitas de estudo, intervenção externa, questionamentos, observações, experiências, conclusões pessoais, desenhos, fotos, croquis, gráficos, atividades realizadas nas disciplinas que tem a ver com a Realidade do/a jovem. Enfim tudo que retrata a vida do/a educando (a). A correção é feita no início da sessão na escola, com o objetivo de melhorar a expressão escrita, o capricho, a organização, os conteúdos e a forma. A equipe planeja da melhor forma para que esta atividade seja realmente bem feita e proveitosa para os Educandos.

Para isso, geralmente, a equipe se divide e cada monitor/a fica com um grupo de Educando por um certo tempo. O rodízio é importante de tempo em tempo de acordo com as necessidades e desejos dos/as Educandos/as. O contato pessoal para correção do CR propicia uma formação personalizada e proporciona outras conversas mais pessoais, relacionadas com à vida do grupo, convivência em casa no meio e nos CEFFAs, dificuldades na aprendizagem e no relacionamento. Essa atividade é, sem dúvida, um dos meios mais completos para se atingir um dos objetivos dos CEFFAs: a formação humana integral.

**A Visita e Viagem de Estudo** são atividades organizadas a partir de cada tema do PE. Objetiva levar o/a jovem a confrontar o conhecimento de cada um e da família com os conhecimentos dos outros, sobre o PE em questão, por exemplo: Associações e Cooperativas de pequenos produtores, granjas, apicultura, suinocultura, pomar, inseminação artificial, propriedades agrícolas onde o uso da terra é feito de forma alternativa e ecológica. Na visita há o aprofundamento de um tema social, técnico, econômico e político. Esse mergulho em outra Realidade ajuda na aprendizagem e com isso estimula o espírito crítico, complementando a visão geral dos fenômenos sociais e bionaturais.

A função da visita e viagem de estudo é basicamente pedagógica, uma tentativa de ampliar horizontes e complementar conhecimentos, além de globalizar a visão dos fenômenos e fatos. Essa visita de estudo é realizada pelos jovens acompanhados por um ou mais monitores e na



medida do possível pelos pais, isso ajuda na divisão das responsabilidades educativas, dentro e fora da escola. Na volta da viagem e visita de estudo há a Colocação em Comum, para aprofundar as conclusões.

As Visitas às Famílias ocorrem quando o educando está em seu meio familiar e recebe os monitores/as. A espontaneidade desse momento é fruto de uma troca de idéias, sobre questões sócio-pedagógicas e técnicas agropecuárias, ligadas diretamente ao meio familiar e escolar do jovem. Trata-se de mais um instrumento para integrar os espaços e os tempos diferentes – a EFA e FAMÍLIA. Devidamente planejadas pelos/as monitores/as com seus respectivos objetivos e realizadas de forma sistematizadas a cada sessão, elas viam:

1.conhecer a realidade do educando e o seu meio para aprofundar nos problemas de ordem social-econômica e suas influências sobre os jovens, tanto no âmbito comportamental quanto no âmbito das capacidades de aprendizagem; 2.acompanhar as pesquisas do PE, CR, leituras, exercícios de fixação de aprendizagem, atividades de retorno, experiências e práticas dos Educandos; 3. educar as famílias sobre o seu papel na educação dos filhos e co-atores da Alternância bem como da importância da participação na EFA, através da Associação. Isto permite, em resumo, uma avaliação de todo o processo educativo da Escola nos seus aspectos pedagógicos, social, técnico, profissional, intelectual, humano, comunitário e ético espiritual.

**O Estágio** é um meio de possibilitar ao educando o confronto com uma situação concreta e poder observá-la, vivenciá-la, experimentá-la e praticá-la com acompanhamento devido dos/as monitores/as e orientadores/as de estágio e dos CEFFAs. O estágio ajuda o/a educando/a na sua definição profissional. É importante que a Escola tenha uma lista dos orientadores de estágio, pois eles são formadores e colaboradores da escola. A experiência do estágio deve ser intensificada nos dois últimos anos do Ensino Fundamental e, sobretudo, durante todo o Ensino Médio e Profissionalizante. É um importante instrumento que ajuda a ligação entre os diferentes saberes do meio sócio profissional e a Escola, sendo fundamental no Plano de Formação, portanto ele se sustenta dentro de: objetivos, espaços e tempos, papéis e funções sócio - educativas, na formação dos jovens do meio rural.

**As Intervenções Externas ou Palestras** acontecem como meios de aprofundamento dos temas do Plano de Estudo após a Colocação em Comum. O eixo da formação nos CEFFAs são os temas contextualizados que dão o verdadeiro sentido aos conteúdos estudados. As aulas só devem acontecer a partir da síntese do PE, após a Colocação em Comum. Mesmo que seja difícil, os/as monitores/as devem, na medida do possível, fazer a ligação dos conteúdos vivenciais com os conteúdos oficiais. A partir dos temas do PE são realizados alguns cursos

durante o ano para aprofundar algum tema. Para a organização das intervenções conta-se com pessoas de fora da escola que colaboram voluntariamente. Observando que essa intervenção é feita em horário de aulas ou nos Serões, já que tem objetivo de completar o tema do PE.

**A Avaliação na EFAGO** é contínua, levando em consideração todo o sistema de formação. Avalia-se todos os atores da formação, todo o processo de participação no desenvolvimento de todos os instrumentos. Nos CEFFAs, apoia-se o/a educando/a em todas as atividades, considerando a habilidade e convivência, cada monitor/a avalia o conteúdo na sua disciplina. Há uma avaliação em grupo, envolvendo Educandos/as, monitores/as e funcionários/as no início e no final de sessão para ver as possibilidades de melhora.

**O Serão** é um instrumento pedagógico onde atividades complementares se dão, pois uma vez que os Educandos pernoitam na escola é interessante que tenha atividade. Ela serve também para completar a carga horária exigida pela Secretaria de Educação, pois muitas vezes há aulas e produção de atividades atrasadas. É utilizado também para debater questões ligadas aos temas do PE ou outros assuntos que surgem durante as aulas ou fora que despertam interesse e curiosidade.

Essas atividades noturnas possuem valor educativo permitindo uma discussão viva. Os assuntos debatidos são orientados, muitas vezes por pessoas externas: agricultores, professores, médicos, religiosos, agrônomos, veterinários e outros que seriam as intervenções externas. Nos serões também são trabalhadas atividades lúdicas e culturais, além da comunicação, como teatros, jornais, cinevídeo, etc. Os serões permitem a valorização de recursos humanos locais, a intensificação de intercâmbio, solidariedade de pessoas da comunidade junto aos CEFFAs.

Puig (2003) considera que o Caderno de Acompanhamento se constitui a partir das seguintes proposições:

Nos alargamos también en este aspecto al que damos una importancia al respecto de otros. Dentro de los instrumentos de la pedagogía de la alternancia, que es una pedagogía de la complejidad, de la complejidad de las relaciones interpersonales, el elemento que facilita la comunicación, el acompañamiento, la relación y el seguimiento entre los diferentes partners de la educación es el Cuaderno de acompañamiento.

Hay diferentes modelos, normalmente adaptados a las realidades del alumno teniendo en cuenta los elementos siguientes: Edad, Nivel educativo y Profesión estudiada. En cada uno de ellos con formulas distintas podemos encontrar cuatro apartados:

- A) Información sobre las actividades desarrolladas en el periodo de estancia en el CEFFA

- B) Información sobre las actividades a desarrollar en el periodo de estancia en el medio socioprofesional sean trabajos teóricos intelectuales (escolares) o prácticos (profesionales)
- C) Información del alumno sobre las actividades reales desarrolladas diariamente en el periodo de estancia en el medio socio profesional.
- D) Información de la evaluación y observaciones de todos los responsables de la formación joven: monitores, familias, responsables de alternancia.

Já,em relação ao **Caderno Didático** o mesmo Puig (2003) aponta algumas informações e idéias de extrema importância.

Al ser un tema que consideramos de importancia para las personas que quieran conocer las diferencias entre las diferentes corrientes pedagógicas, y la metodología utilizada en los CEFFA, vamos a desarrollarlo más ampliamente. Lo llamado tradicionalmente asignaturas, que en cualquier programa oficial suele venir acompañado de los libros de texto ya sea en el área de tecnología, como en las de materias científicas: Biología, física, química, o instrumentales: matemáticas, lengua, etc. En este caso se necesita un material propio, son los recursos escritos adaptados a la pedagogía de la alternancia, que van a permitir profundizar en los temas de estudio, estructurar los conocimientos adquiridos (experiencias) junto a los conceptos científicos y técnicos; o las reglas en las materias instrumentales. Y los conocimientos sociológicos en otras disciplinas. Normalmente las fichas están organizadas en cinco fases:

- a) Los objetivos de la misma
- b) Lo que yo conozco (Síntesis del Plan de estudios elaborado y cuaderno de la realidad)
- c) Lo que nosotros conocemos (Síntesis de las Conclusiones en común)
- d) Lo que la ciencia sabe (Aportes y nomenclatura teórico científica)
- e) Síntesis personal (Conclusiones)

A Pedagogia da Alternância trabalha com este conjunto de Instrumentos Pedagógicos, que articulam tempo e espaço com saberes e experiências específicas em cada um deles, aproveita e formaliza os saberes do meio rural de forma crítica, e, assim, instrumentaliza o exercício da autonomia para que o jovem seja realmente protagonista do processo educativo e avalia todo o processo de formação nos CEFFAs.

### 3.3 O Conceito de Currículo na Prática Pedagógica

A organização curricular é decorrente da política educacional e está presa à legislação de ensino. Ao MEC/CNE reserva-se ao direito de determinar a matéria e a forma de organização curricular. As instituições, de modo geral, têm aceito de forma passiva esta situação, por entender que não há muito o que fazer na estrutura do currículo imposto, além de pequenos ajustes internos que não venham a afetar a sua estrutura global. Alegam que qualquer proposta ou projeto, no sentido de mudanças estruturais, não encontrará eco na estrutura de poder legalmente constituída em todos os setores da sociedade civil e organizacional do Brasil. Além deste aspecto político, um outro diz respeito à operacionalização do currículo dentro da margem de flexibilização que o contexto permite. É o tratamento pedagógico que se dá ao currículo.

Do ponto de vista pedagógico, a formação do educador apoia-se no tripé: fundamentação, metodologia do ensino e conteúdos específicos para cada curso, isto é, a matéria que caracteriza a disciplina para a qual vai habilitar o aluno. Estes três pés estão assentados em uma base de conteúdos formada pelo elenco de disciplinas que integram o currículo total. A tendência dos organizadores de currículos é tentar estabelecer um equilíbrio nesse tripé, sob pena de causar uma deflexão no edifício da formação acadêmica. A distribuição dos conteúdos na organização curricular, teoricamente, tende para estabelecer esse equilíbrio, o que não significa uma isonomia, mas uma dosagem na justa medida para que o futuro educador saia da universidade com um domínio mais ou menos razoável de “*o que ensinar*”, “*como vai ensinar*” e “*por que vai ensinar*”; as já conhecidas perguntas, de uma perspectiva bastante tradicional, da Filosofia da Educação.

Esta é, em rápidas pinceladas, a configuração do currículo formal. Mas é apenas um aspecto, talvez o menos importante. Freitas (1995: 59) fala de um currículo oculto e de um currículo nulo. Esta visão crítica do currículo permite ao educador desvencilhar-se da letra morta do formal e penetrar fundo nas questões que envolvem o processo de ensino, conferindo emoção e compromisso político ao processo de construção do saber. O currículo formal não consegue passar da proposição quanto a conteúdos e métodos de ensino, porém não deixa de ser necessário para traçar o roteiro do saber acumulado, ordenar logicamente os conteúdos e até sugerir estratégias para descoberta do novo. Porém, dificilmente, terá forças para fugir de uma educação reprodutivista que não consegue realizar uma práxis educativa libertadora.

O currículo são as janelas que estaremos abrindo para que a criança veja, não a janela, mas o mundo. Num primeiro momento, ela verá a janela, mas não é a janela o objeto de minha visão e, sim, o mundo (Rodrigues, 1991: 71)..

Colocada esta concepção em nível de terceiro grau e, especialmente, da formação do professor, conclui-se que o currículo tem um compromisso histórico com a totalidade. É possível que este instrumento de inegável valor pedagógico, no seu aspecto puramente formal, deixe ver apenas a realidade emoldurada pela janela, daí o esforço no sentido de uma proposta de leitura crítica desse instrumento de trabalho do professor. O currículo em si, no seu aspecto formal, é letra morta. Quem lhe dá vida é o educador. O currículo oculto e o currículo nulo não são formas diferenciadas, mas diferentes de se trabalhar o currículo formal. É justamente neste ponto que se revela o aspecto ideológico da educação.

Fatores morais, políticos e éticos precisarão permear todo esse currículo oculto, que deverá ser constantemente desocultado e analisado, para que se possa garantir a coerência entre os valores subjacentes à prática pedagógica e os propósitos, conteúdos e procedimentos do currículo. (Freitas, 1995: 59)

O professor tanto pode desvelar o currículo, como pode anulá-lo. Cabe-lhe, em um trabalho integrado com seus alunos, levantar o véu que esconde as reais intenções de um currículo formal. E não só descobrir, desvelar, mas introduzir-lhe elementos vivificadores, como a “emoção, a afetividade e o diálogo”, reclamados por Freitas (1992: 59). Sobre o currículo nulo, este autor refere-se a “o que vem sendo excluído da formação de professores e quais as razões dessa exclusão”. Ao questionar as razões dessa exclusão, ele está afirmando que há intencionalidade na exclusão de determinados elementos do currículo, essenciais à formação de um educador revolucionário.

Aponta ainda três fatores do currículo nulo que precisam ser repensados nos cursos de licenciatura: primeiro, “a afetividade, a emoção e o diálogo têm estado praticamente ausentes da educação”; segundo, “na educação do futuro docente, suas experiências de vida e sua trajetória estudantil têm feito parte do currículo nulo, ao invés de representarem, como deveriam, elemento central do trabalho pedagógico”; e, terceiro, “outro elemento do currículo nulo dos cursos de formação de professores esteja sendo a esfera corporal, que, todavia, juntamente com o intelecto e com a afetividade, precisa estar presente em nossos cursos”.

Quanta riqueza as licenciaturas poderão estar negando ao aluno: afetividade, emoção, diálogo, experiência de vida, experiência da trajetória estudantil, esfera corporal, etc. Há, sem dúvida, nesses aspectos um potencial incomensurável de elementos didáticos, mas que para serem trabalhados, aproveitando-se todo o seu potencial, precisa que haja uma mudança radical no comportamento didático de grande parte dos professores das licenciaturas.

O que se questiona, na realidade, é como organizar um currículo que tenha coração, que pulse vida. Quando se fala em reformulação dos currículos e programas de ensino, a tendência é para a reestruturação do formal em termos quantitativos. Diminui-se a carga horária de uma disciplina, aumenta-se em outra, inclui-se uma disciplina, exclui-se outra, as dificuldades em termos de aprofundar vivências do cotidiano acadêmico entre educandos e educadores. O currículo, enquanto proposta, é formal. Desvelar o oculto e resgatar o nulo, é papel do educador.

### ***3.4 O Planejamento em Educação: Revisando Conceitos para Mudar Concepções e Práticas***

O ato de planejar faz parte da história do ser humano, pois, o desejo de transformar sonhos em realidade objetiva é uma preocupação marcante de toda pessoa. No dia-a-dia, sempre se está enfrentando situações que necessitam de planejamento, mas, raramente, estas as nossas atividades diárias são delineadas em etapas concretas da ação, uma vez que já pertencem ao contexto de nossa rotina. Entretanto, para a realização de atividades, que não estão inseridas em nosso cotidiano, usa-se os processos racionais para alcançar o que se deseja.

As idéias, que envolvem o planejamento, são amplamente discutidas nos dias atuais, mas um dos complicadores para o exercício da prática de planejar parece ser a compreensão de conceitos e o uso adequado dos mesmos. Assim sendo, o objetivo deste texto é procurar explicitar o significado básico de termos, tais como planejamento, plano, programa, projeto, plano estratégico plano operacional, e outros, visando a dar espaço para que o leitor possa estabelecer as relações entre eles, a partir de experiências pessoais e profissionais. Cabe ressaltar que, neste breve texto, não se pretende abordar todos os níveis de planejamento, mesmo porque, como aponta Gandin (2001: 83):

(...) é impossível enumerar todos tipos e níveis de planejamento necessários à atividade humana. Sobretudo porque, sendo a pessoa humana condenada, por sua racionalidade, a realizar

algum tipo de planejamento, está sempre ensaiando processos de transformar suas idéias em realidade. Embora não o faça de maneira consciente e eficaz, a pessoa humana possui uma estrutura básica que a leva a divisar o futuro, a analisar a realidade a propor ações e atitudes para transformá-la.

### **3.4.1. *O que é Planejamento?***

Planejamento é processo de busca de equilíbrio entre meios e fins, entre recursos e objetivos, visando ao melhor funcionamento de empresas, instituições, setores de trabalho, organizações grupais e outras atividades humanas. O ato de planejar é sempre processo de reflexão, de tomada de decisão sobre a ação; processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego de meios (materiais) e recursos (humanos) disponíveis, visando à concretização de objetivos, em prazos determinados e etapas definidas, a partir dos resultados das avaliações (PADILHA, 2001: 30).

Planejar, em sentido amplo é um processo que "visa a dar respostas a um problema, estabelecendo fins e meios que apontem para sua superação, de modo a atingir objetivos antes previstos, pensando e prevendo necessariamente o futuro", mas considerando as condições do presente, as experiências do passado, os aspectos contextuais e os pressupostos filosóficos, cultural, econômico e político de quem planeja e com quem se planeja. (idem, 2001: 63). É ainda uma atividade que está dentro da educação, visto que esta tem como características básicas: evitar a improvisação, prever o futuro, estabelecer caminhos que possam nortear mais apropriadamente a execução da ação educativa, prever o acompanhamento e a avaliação da própria ação. Planejar e avaliar andam de mãos dadas.

Planejamento Educacional é "processo contínuo que se preocupa com o 'para onde ir' e 'quais as maneiras adequadas para chegar lá', tendo em vista a situação presente e possibilidades futuras, para que o desenvolvimento da educação atenda tanto as necessidades da sociedade, quanto as do indivíduo" (PARRA apud SANT'ANNA et al, 1995: 14). Para Vasconcellos (1995: 53), "o planejamento do Sistema de Educação é o de maior abrangência (entre os níveis do planejamento na educação escolar), correspondendo ao planejamento que é feito em nível nacional, estadual e municipal", incorporando as políticas educacionais.

Planejamento Curricular é o "processo de tomada de decisões sobre a dinâmica da ação escolar. É previsão sistemática e ordenada de toda a vida escolar do aluno". Portanto, essa modalidade de planejar constitui um instrumento que orienta a ação educativa na escola, pois a preocupação é com a proposta geral das experiências de aprendizagem que a escola deve

oferecer ao estudante, através dos diversos componentes curriculares (VASCONCELLOS, 1995: 56).

Planejamento de Ensino é o processo de decisão sobre atuação concreta dos educadores, no cotidiano de seu trabalho pedagógico, envolvendo as ações e situações, em constantes interações entre professor e alunos e entre os próprios alunos (PADILHA, 2001: 33). Na opinião de Sant'Anna et al (1995: 19), esse nível de planejamento trata do "processo de tomada de decisões bem informadas que visem à racionalização das atividades do educador e do educando, na situação de ensino-aprendizagem".

Planejamento Escolar é o planejamento global da escola, envolvendo o processo de reflexão, de decisões sobre a organização, o funcionamento e a proposta pedagógica da instituição. "É um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social" (LIBÂNEO, 1992: 221).

Planejamento Político-Social tem como preocupação fundamental responder as questões "para quê", "para quem" e também com "o quê". A preocupação central é definir fins, buscar conceber visões globalizantes e de eficácia; serve para situações de crise e em que a proposta é de transformação, em médio prazo e/ou longo prazo. "Tem o plano e o programa como expressão maior" (GANDIN, 1994: 55).

No Planejamento Operacional, a preocupação é responder as perguntas "o quê", "como" e "com quê", tratando prioritariamente dos meios. Abarca cada aspecto isoladamente e enfatiza a técnica, os instrumentos, centralizando-se na eficiência e na busca da manutenção do funcionamento. Tem sua expressão nos programas e, mais especificamente, nos projetos, sendo sobretudo tarefa de administradores, onde a ênfase é o presente, momento de execução para solucionar problemas (idem.).

### **3.4.2.O que é Plano?**

1. Plano é um documento utilizado para o registro de decisões do tipo: o que se pensa fazer, como fazer, quando fazer, com que fazer, com quem fazer. Para existir plano é necessária a discussão sobre fins e objetivos, culminando com a definição dos mesmos, pois somente desse modo é que se pode responder as questões indicadas acima.



O plano é a "apresentação sistematizada e justificada das decisões tomadas relativas à ação a realizar" (FERREIRA apud PADILHA, 2001: 36). Plano tem a conotação de produto do planejamento.

Plano é um guia e tem a função de orientar a prática, partindo da própria prática e, portanto, não pode ser um documento rígido e absoluto. Ele é a formalização dos diferentes momentos do processo de planejar que, por sua vez, envolve desafios e contradições (FUSARI, *op. cit.*).

2. Plano Nacional de Educação é "onde se reflete toda a política educacional de um povo, inserido no contexto histórico, que é desenvolvida a longo, médio ou curto prazo" (MEEGOLLA; SANT'ANNA, 1993: 48).

3. Plano Escolar é onde são registrados os resultados do planejamento da educação escolar. "É o documento mais global; expressa orientações gerais que sintetizam, de um lado, as ligações do projeto pedagógico da escola com os planos de ensino propriamente ditos" (LIBÂNEO, 1993: 225).

4. Plano de Curso é a organização de um conjunto de matérias que vão ser ensinadas e desenvolvidas em uma instituição educacional, durante o período de duração de um curso. Segundo Vasconcellos (1995: 117), esse tipo de plano é a "sistematização da proposta geral de trabalho do professor naquela determinada disciplina ou área de estudo, numa dada realidade".

5. Plano de Ensino "é o plano de disciplinas, de unidades e experiências propostas pela escola, professores, alunos ou pela comunidade". Situa-se no nível bem mais específico e concreto em relação aos outros planos, pois define e operacionaliza toda a ação escolar existente no plano curricular da escola. (SANT'ANNA, 1993: 49).

### **3.4.3. O que é Projeto?**

1. Projeto é também um documento produto do planejamento porque nele são registradas as decisões mais concretas de propostas futuristas. Trata-se de uma tendência natural e intencional do ser humano. Como o próprio nome indica, projetar é lançar para a frente, dando sempre a idéia de mudança, de movimento. Projeto representa o laço entre o presente e o futuro, sendo ele a marca da passagem do presente para o futuro. Na opinião de Gadotti (apud Veiga, 2001: 18).

Todo projeto supõe ruptura com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma estabilidade em função de promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente. Um projeto educativo pode ser tomado como promessa frente determinadas rupturas. As promessas tornam visíveis os campos de ação possível, comprometendo seus atores e autores.

## 2. Projeto Pedagógico, segundo Vasconcellos (1995: 143):

(...) é um instrumento teórico-metodológico que visa ajudar a enfrentar os desafios do cotidiano da escola, só que de uma forma refletida, consciente, sistematizada, orgânica e, o que é essencial, participativa. É uma metodologia de trabalho que possibilita re-significar a ação de todos os agentes da instituição.

Para Veiga (2001: 11) o projeto pedagógico deve apresentar as seguintes características:

- a) "ser processo participativo de decisões;
- b) preocupar-se em instaurar uma forma de organização de trabalho pedagógico que desvele os conflitos e as contradições;
- c) explicitar princípios baseados na autonomia da escola, na solidariedade entre os agentes educativos e no estímulo à participação de todos no projeto comum e coletivo;
- d) conter opções explícitas na direção de superar problemas no decorrer do trabalho educativo voltado para uma realidade específica;
- e) explicitar o compromisso com a formação do cidadão;
- f) nascer da própria realidade , tendo como suporte a explicitação das causas dos problemas e das situações nas quais tais problemas aparecem;
- g) ser exequível e prever as condições necessárias ao desenvolvimento e à avaliação;
- h) ser uma ação articulada de todos os envolvidos com a realidade da escola;
- i) ser construído continuamente, pois como produto, é também processo".

3. Projeto Político-Pedagógico da escola precisa ser entendido como uma maneira de situar-se num horizonte de possibilidades, a partir de respostas a perguntas tais como: "que educação se quer, que tipo de cidadão se deseja e para que projeto de sociedade?" (GADOTTI, 1994: 42).

Dissociar a tarefa pedagógica do aspecto político é difícil, visto que o "educador é político enquanto educador, e o político é educador pelo próprio fato de ser político" (GADOTTI, FREIRE, GUIMARÃES, 2000: 25-26).

Falar da construção do projeto pedagógico é falar de planejamento no contexto de um processo participativo, onde o passo inicial é a elaboração do marco referencial, sendo este a luz que deverá iluminar o fazer das demais etapas. Alguns autores que tratam do planejamento, como por exemplo Moacir Gadotti, falam simplesmente em referencial, mas outros, como Danilo Gandin, distinguem nele três marcos: situacional, doutrinal e operativo.

#### **3.4.5. *O que é Programa?***

1. Padilha (2001), citando Bierrenbach, explica que um programa é "constituído de um ou mais projetos de determinados órgãos ou setores, num período de tempo definido" (p. 42). Gandin (1995) complementa dizendo que o programa, dentro de um plano, é o espaço onde são registradas as propostas de ação do planejador, visando a aproximar a realidade existente da realidade desejada. Desse modo, na elaboração de um programa é necessário considerar quatro dimensões: "a das ações concretas a realizar, a das orientações para toda a ação (atitudes, comportamentos), a das determinações gerais e a das atividades permanentes" (GANDIN, 1993: 36 e 1995: 104).

#### **3.4.6. *Conceito de Participação.***

A preocupação com a melhoria da qualidade da Educação levantou a necessidade de descentralização e democratização da gestão escolar e, conseqüentemente, participação tornou-se um conceito nuclear. Como aponta Lück et al. (1998: 15), "o entendimento do conceito de gestão já pressupõe, em si, a idéia de participação, isto é, do trabalho associado de pessoas analisando situações, decidindo sobre seu encaminhamento e agir sobre elas em conjunto".

De acordo com a etimologia da palavra, participação origina-se do latim "participatio" (pars + in + actio) que significa ter parte na ação. Para ter parte na ação é necessário ter acesso ao agir e às decisões que orientam o agir. "Executar uma ação não significa ter parte, ou seja, responsabilidade sobre a ação. E só será sujeito da ação quem puder decidir sobre ela" (BENINCÁ, 1995: 14). Para Lück et al. (1998), a participação tem como característica

fundamental a força de atuação consciente, pela qual os membros de uma unidade social (de um grupo, de uma equipe) reconhecem e assumem seu poder de exercer influência na determinação da dinâmica, da cultura da unidade social, a partir da competência e vontade de compreender, decidir e agir em conjunto.

Trabalhar em conjunto, no sentido de formação de grupo, requer compreensão dos processos grupais para desenvolver competências que permitam realmente aprender com o outro e construir de forma participativa.

Para Pichon-Rivière (1991: 65-66), grupo é um "conjunto restrito de pessoas ligadas entre si por constantes de espaço e tempo, articuladas por sua mútua representação interna interagindo através de complexos mecanismos de assunção e atribuição de papéis, que se propõe de forma explícita ou implícita uma tarefa que constitui sua finalidade". O que se diz explícito é justamente o observável, o concreto, mas abaixo dele está o que é implícito. Este é constituído de medos básicos (diante de mudanças, ora alternativas transformadoras ora resistência à mudança). Pichon-Rivière (ibidem) diz que a resistência à mudança é consequência dos medos básicos que são o "medo à perda" das estruturas existentes e "medo do ataque" frente às novas situações, nas quais a pessoa se sente insegura por falta de instrumentação.

A partir desses breves comentários, pode-se compreender a importância do tão divulgado "momento de sensibilização" na implementação de planos, programas e projetos. Sensibilidade é "qualidade de ser sensível, faculdade de sentir, propriedade do organismo vivo de perceber as modificações do meio externo e interno e de reagir a elas de maneira adequada" (FERREIRA, s/d). Sensibilizar, portanto, é provocar e tornar a pessoa sensível; fazer com que ela participe de alguma coisa de forma inteira. Por outro lado, lembra Pichon-Rivière (1991) que "um grupo obtém uma adaptação ativa à realidade quando adquire insight, quando se torna consciente de certos aspectos de sua estrutura dinâmica. Em um grupo operativo, cada sujeito conhece e desempenha seu papel específico, de acordo com as leis da complementaridade" (p. 53).

Como diz Libâneo (2001), a participação é fundamental por garantir a gestão democrática da escola, pois é assim que todos os envolvidos no processo educacional da instituição estarão presentes, tanto nas decisões e construções de propostas (planos, programas, projetos, ações, eventos) como no processo de implementação, acompanhamento e avaliação. Finalizando, cabe perguntar: como estamos trabalhando, no sentido do desenvolvimento de grupos

operativos, onde cada sujeito, com sua subjetividade, possa contribuir na reconstrução de uma escola de que precisamos?

### ***3-5 Diferença entre Multidisciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade***

O mundo é uma totalidade. Mas, sendo tão grande e complexo, seu conhecimento é feito pelas partes. Foi essa idéia de que a fragmentação facilita a compreensão do conhecimento científico que orientou a elaboração dos currículos básicos em um certo número de disciplinas consideradas indispensáveis à construção do saber escolar. Tal simplificação, por outro lado, complicou a compreensão de fenômenos mais complexos. A solução para o problema foi relacionar as várias disciplinas do currículo. Segundo Piaget, as relações entre as disciplinas podem se dar em três níveis: multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Na multidisciplinaridade, recorremos a informações de várias matérias para estudar um determinado elemento, sem a preocupação de interligar as disciplinas entre si.

Assim, ao analisar uma pintura renascentista, podemos usar dados vindos da História, da Química e da Educação Artística. A História conta, por exemplo, quando foi o período chamado Renascimento. A Química descreve a composição do material usado na pintura. A Educação Artística lida com seus aspectos estéticos — as cores usadas, a disposição dos elementos na tela e daí por diante. Neste caso, cada matéria contribuiu com informações pertinentes ao seu campo de conhecimento, sem que houvesse uma real integração entre elas. Essa forma de relacionamento entre as disciplinas é a menos eficaz para a transferência de conhecimentos para os alunos.

Na interdisciplinaridade, estabelecemos uma interação entre duas ou mais disciplinas. No exemplo anterior, haveria interdisciplinaridade se, ao estudar a pintura, relacionássemos o contexto histórico do Renascimento com os temas usados pelos artistas de então e sobre as técnicas empregadas por eles. A análise do material utilizado na pintura poderia ser ampliada para um estudo do desenvolvimento tecnológico ao longo do tempo.

O ensino baseado na interdisciplinaridade proporciona uma aprendizagem muito mais estruturada e rica, pois os conceitos estão organizados em torno de unidades mais globais, de estruturas conceituais e metodológicas compartilhadas por várias disciplinas.

Na transdisciplinaridade, a cooperação entre as várias matérias é tanta, que não dá mais para separá-las: acaba surgindo uma nova "macrodisciplina". Um exemplo de transdisciplinaridade são as grandes teorias explicativas do funcionamento das sociedades. Esse é o estágio de

cooperação entre as disciplinas mais difícil de ser aplicado na escola, pois há sempre a possibilidade de uma disciplina "imperialista" sobrepor-se às outras.

Partindo do pressuposto que o Plano de Formação é um planejamento, considerado mais que um currículo comum, e que trabalha com a interdisciplinaridade. Tornando-se necessário uma rápida explanação de conceitos para uma melhor definição do que vem a ser este Plano de Formação, que tem como principal característica organizar a alternância, ligando a escola e a família objetivando a construção de um projeto de vida para os jovens camponeses. O que diferencia esse plano de outros é a prática no dia-a-dia, se estiver sendo aplicado a partir do concreto para o abstrato, do local para o geral. Não significa que porque uma escola tenha esse plano, está tudo pronto, depende dos resultados, da forma que é aplicado, dos recursos humanos e financeiros, para se saber da sua influência no processo ensino-aprendizagem. Assim no próximo capítulo será exposta a problemática e a metodologia usada nesta pesquisa com o intuito de entender as interrogações que se levanta a partir deste Plano de Formação e os efeitos de sua aplicação.

## **CAPÍTULO 4**

### **PROBLEMATIZAÇÃO E REFERENCIAL METODOLÓGICO DA PESQUISA**

Neste capítulo, a intenção é demonstrar a problemática da pesquisa, bem como, a metodologia escolhida para a sua efetivação. A problematização vem mostrar os aspectos centrais da pesquisa empírica que possui, um referencial histórico concreto e localizado no espaço e no tempo. Para isso, utiliza-se de métodos que venham desvendar as faces ocultas daquilo que muitas vezes não se aparece com concretude durante a pesquisa. A metodologia utilizada tem a intenção de mostrar todas as evidências que foram sendo colhidas durante a pesquisa.

#### **4.1 A Problemática**

Levando em consideração que a Pedagogia da Alternância é considerada como a pedagogia da complexidade, pois não é simples fazer a ligação entre a realidade concreta vivida pelos jovens rurais, com o programa e conteúdos oficiais. Assim sendo, surgem muitos questionamentos por parte da sociedade, como um todo, ao se interrogar se é possível a formação integral dos jovens e como se dá o processo ensino-aprendizagem na EFAGO. Diante da experiência da pesquisadora no dia-a-dia do trabalho dessa escola, ouvindo essas indagações e, muitas vezes, muitas críticas a respeito da qualidade do ensino existente é que surgiram o interesse e necessidade da pesquisa.

Diante dessa situação, se evidencia o conhecimento insuficiente a respeito da Pedagogia propriamente dita, bem como, do Plano de Formação onde estão organizados os instrumentos pedagógicos da Alternância por parte do contexto onde está inserida a EFAGO. No Brasil, infelizmente, existe uma carência muito grande de material teórico e pesquisas sobre esses assuntos, principalmente com relação ao Plano de Formação. E os poucos materiais que existem são traduções de realidades em outros centros, de diversos países, sobretudo da França, que trabalham com a Pedagogia da Alternância.

Nesse sentido, há um número reduzido de produção e registro sobre as práticas vividas pelos CEFFAs no , o que país, o que dificulta o aprimoramento desta pesquisa. Para os estudiosos e defensores da formação a partir da Pedagogia da Alternância baseada nos grandes mestres da educação, essa pedagogia, com seu respectivo Plano de Formação, contribui para o processo ensino-aprendizagem de forma decisiva.

Esta pesquisa, portanto, tem como objetivo geral compreender os efeitos da introdução do Plano de Formação numa EFA, nos processos de ensino-aprendizagem.

Hipótese: Com uma aplicação assídua e pertinente, o Plano de Formação contribui satisfatoriamente com o processo ensino-aprendizagem da Escola.

Diante disso surge uma questão central:

### 1) *Em relação aos educandos/as*

Em que medida o Plano de Formação (PF) contribui para o processo de ensino-aprendizagem na Pedagogia da Alternância?

E, a partir dessa questão geral, busca-se responder algumas perguntas, tais como:

Os instrumentos pedagógicos da alternância contribuem para facilitar o Processo de ensino-aprendizagem? Como?

Os alunos aprendem na Alternância e qual a influência do PF nesse aspecto? Há melhoria no nível de conhecimento? Quais os efeitos do PF na aprendizagem dos alunos?

A Pedagogia da Alternância, este tempo escola e família, vêm contribuindo ou não no ensino e na aprendizagem dos educandos?

Há coerências nas aprendizagens entre a escola e casa, família e comunidade do educando? Os conteúdos ensinados na EFAGO estão ligados ou não à realidade dos alunos? As famílias participam deste processo? Como?

Acontece à interdisciplinaridade a partir do PF e os monitores dão importância para isso? Quais são as disciplinas mais apreciadas e menos apreciadas pelos educandos?

Qual a relação entre o processo de ensinar e de aprender entre os educandos e Monitores? O PF contribui para melhorar a prática dos monitores(educandos) com relação a aprendizagem e maior aproximação e cooperação entre eles e os monitores/as?

Existem, realmente, mudanças depois do PF?

### 2) *Em relação aos monitores/educadores*

Em que medida o Plano de Formação (PF) contribui para o processo de ensino-aprendizagem na Pedagogia da Alternância?

E, a partir dessa questão geral, busca-se responder algumas perguntas, tais como:



Como o Plano de Formação é aplicado (Organização e aplicação sistemática)?

A construção do PF fortaleceu a auto-estima dos monitores ?

Houve construção de uma identidade profissional? Os monitores se formam neste processo?

Quais são os desafios e os elementos facilitadores levantados pelos monitores?

O PF constitui um elemento motivador ou é uma carga suplementar ou um desafio institucional?

Houve aumento do rigor no trabalho de preparação pedagógica, de interdisciplinaridade?

Como é o trabalho em Equipe?

O PF contribui para melhorar a prática dos monitores com relação ao ensino e maior aproximação e cooperação entre eles e os educandos?

Existem, realmente, mudanças depois do PF?

Será que o Plano de Formação fortalece a formação integral da pessoa?

O que é que garante, naquilo que dizem os monitores e alunos, que há coerência nas seqüências de aprendizagem através do Plano de Formação, torna a formação do jovem mais global, complexa, harmoniosa?

Será que nestas suas representações pode-se perceber a consciência de uns (os monitores) e outros (jovens), no que diz respeito aos desafios e indicadores dessa formação “integral”?

#### ***4.2 Procedimentos Metodológicos***

Necessário salientar que esta pesquisa aborda um estudo sobre o Plano de Formação e o processo ensino-aprendizagem dentro de uma perspectiva analítico-descritiva, tendo em vista que não se têm estudos cujo foco central seja o processo de ensino-aprendizagem, a partir do referencial pedagógico da EFAGO. O que confirma e justifica a relevância social e educativa da temática.

Inicialmente, houve uma apresentação da proposta de estudo aos grupos envolvidos: comunidades locais, lideranças, pais/mães, parcerias, educadores/as e educandos/as. Na oportunidade, os grupos sociais e seus respectivos atores/as foram esclarecidos sobre o que se pretendia investigar. Buscou-se a cooperação deles, mostrando a importância da pesquisa para a sociedade, partindo do pressuposto de que a EFAGO constitui-se um paradigma alternativo para a problemática da educação rural no país e, também, no estado de Goiás. Estes atores/as

concordaram com a importância da pesquisa, bem como, aceitaram participar no que fosse necessário, bem como, viabilizou a possibilidades de futuras pesquisas.

Conseqüentemente a partir das experiências vivenciadas pela pesquisadora, no terreno da pesquisa e dos objetivos, foram levantados alguns critérios e assim definidos os atores/as sociais e suas realidades empíricas, vinculadas ao problema a ser pesquisado. Neste sentido, tem-se delineado, que tais atores seriam: 16 Educandos/as, do 3º ano do Ensino Médio e Profissionalizante- Técnico em Agropecuária e 14 Monitores/Educadores/as, da Escola Família Agrícola de Goiás – EFAGO.

#### **4.2.1 A Coleta de Dados**

Inicialmente, a técnica definida para a obtenção de dados foi a entrevista semi-diretiva por acreditar que seria mais interessante e aprofundaria melhor nas questões com relação ao ensino-aprendizagem e a sua relação com o Plano de Formação da Escola Família Agrícola de Goiás. Porém, percebe-se que se tratando de um público de 16 Educandos e 14 Educadores não seria uma tarefa tão simples. E, também, ao montar o roteiro para uma entrevista, ficou muito extenso e complexo. Depois da análise da situação, esse roteiro se tornou um questionário aberto.

Foram elaborados, então, dois questionários abertos distintos, para os educandos e educadores, prontos para as duas situações com ênfase aos dados relacionados aos valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados. Primeiramente, foram aplicados os questionários com os 16 educandos (ver em anexo), com 32 questões a partir da realidade empírica que viviam na Escola e até na Família. Após uma avaliação criteriosa, esses educandos foram escolhidos para serem os sujeitos da pesquisa por fazer parte de uma turma considerada especial pela escola, o 3º ano do Ensino Médio e Profissionalizante – Técnico em Agropecuária.

Portanto, uma turma representativa por ter educandos com uma diversidade de experiências na Escola, com diferença de tempo na instituição, possibilitando uma análise mais profunda. Foram observados também os diferentes pontos de vista entre quem está a mais tempo e quem chegou mais recentemente na escola:

- Seis dos educandos/as que estão na Escola desde a 5ª série do Ensino Fundamental, portanto, há sete anos;
- Um educando, desde que a Escola funcionava em regime de suplência, não se adaptou em outra Escola, e só voltou a estudar quando foi implantado o Ensino Médio;
- Outro que fez todo o Ensino Fundamental, também não conseguiu se adaptar e outra escola e retornou quando se iniciou o Ensino Médio e Profissionalizante;
- Um outro que entrou na escola no meio do Ensino Fundamental;
- Sete educandos deles que entraram somente no Ensino Médio e Profissionalizante.

Sendo assim, percebeu-se que essa turma poderia representar satisfatoriamente os educandos em geral, para falar sobre o Plano de Formação e sua contribuição para o processo ensino-aprendizagem, por algumas razões:

- uma das educandas da turma participou da construção do primeiro Plano de Formação do Ensino Fundamental, em 1999, e, também da construção do Plano de Formação do Ensino Fundamental, Médio e Profissionalizante de 2003;
- Dos 16 educandos deste grupo, 15 fazem o Ensino Médio e Profissionalizante concomitante. Apenas um, o Ensino Profissionalizante;
- Entre 16 educandos, foram obtidos 15 questionários com as devidas respostas;
- apenas um questionário respondido, segundo o educando, foi entregue em mãos de terceiros e desapareceu;
- Desse grupo de educandos, 13 são homens e 02 são mulheres.

***Dados Pessoais dos Educandos/as***

Educandos/as	Sexo	Idade	Série em Curso
1	Masculino	18 anos	3º ano
2	Feminino	22 anos	3º ano
3	Masculino	20 anos	3º ano
4	Masculino	24 anos	3º ano
5	Masculino	17 anos	3º ano
6	Masculino	20 anos	3º ano
7	Masculino	23 anos	3º ano
8	Masculino	19 anos	3º ano
9	Masculino	18 anos	3º ano
10	Masculino	17 anos	3º ano

11	Masculino	25 anos	3º ano
12	Feminino	18 anos	3º ano
13	Masculino	18 anos	3º ano
14	Masculino	19 anos	3º ano
15	Masculino	19 anos	3º ano

***Dados Sociais dos Educandos/as***

<b><i>Educandos/as</i></b>	<b><i>Tempo de Estudo na EFAGO</i></b>	<b><i>Origem e onde vive atualmente</i></b>	<b><i>Participação Movimentos Sociais</i></b>	<b><i>Perfil do Aluno na EFAGO</i></b>
1	7 anos	Rural, vive no campo, filho de assentado	-Grupo de Jovens -Pastoral da Juventude Rural -Igreja	Participativo, Crítico Dedicado Militante Religioso Tímido em relação ao seu potencial
2	7 anos	Rural, vive no campo, filha de assentado	-MST -CPT -Pastoral da Juventude Rural	Liderança, Estudiosa, dedicada, crítica, Radical participativa, precisa aprender trabalhar e viver melhor em grupo, um tanto centralizadora
3	7 anos	Rural, vive no campo, filho de assentado	-Pastoral da Juventude Rural	Liderança , Inteligente Distraído, Disperso, não aproveita o potencial que tem, as vezes imaturo
4	7 anos	Rural, vive no campo, filho de assentado	-Pastoral da Juventude Rural	Humano, sabe viver em grupo, criativo. Dificuldades na escrita. Participativo.
5	7 anos	Origem Rural, filho de assentado, está morando na cidade de Goiânia.	Pastoral da Juventude Rural	Inteligente, gosta de estudar. Participativo, Reclama muito, imaturo próprio da idade, mas com um grande potencial.
6	6 anos	Rural, vive no campo, filho de assentado	-Pastoral da Juventude Rural	Liderança, participativo, Radical, confuso, dificuldades de interpretação, centralizador.
7	3 anos	Rural, vive no campo, filho de agricultor tradicional.	-Pastoral da Juventude Rural	Poeta, alegre, Crítico, Participativo. Distraído, poderia aproveitar melhor seu potencial.
8	2 anos	Rural, vive no campo, filho de	- Pastoral da Juventude Rural	Humano Participativo Crítico

		agricultor tradicional.	- Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA - Grupo de Jovens - Igreja	Inteligente Carinhoso Trabalhador.
9	2 anos	De Origem Rural-mas vive hoje na cidade	-Pastoral da Juventude Rural	Carismático, sabe viver e trabalhar em grupo, amigo, crítico, distraído poderia aproveitar melhor seu potencial.
10	2 anos	Rural, vive no campo, filho de agregado de fazenda	Pastoral da Juventude Rural	Tímido, calado, porém com um grande potencial, inteligente, meigo e amigo.
11	6 anos	Rural, vive no campo, filho de assentado.	Pastoral da Juventude Rural Pastoral da Juventude Rural	Humilde, amigo e companheiro de todos, tem uma certa dificuldade na escrita e interpretação, distraído.
12	7 anos	Rural, vive no campo, filho de assentado.	Pastoral da Juventude Rural	Distraída, tem muitos problemas pessoais que interferem no seu desenvolvimento, lenta, espera muito pelos colegas.
13	3 anos	Rural, vive no campo, filho de assentado	Pastoral da Juventude Rural	Brincalhão, amigo, carinhoso, evoluiu muito na EFAGO. Distraído, poderia usar melhor seu potencial.
14	2 anos	Rural, vive no campo, filho de agricultor tradicional.	Pastoral da Juventude Rural	Distraído, enrola com as atividades, não leva as coisas muitas a sério, é dinâmico gosta de teatro e organizar apresentações, festas.
15	2 anos	Rural, vive no campo com o tio agricultor tradicional.	Pastoral da Juventude Rural	Inteligente Distraído, carinhoso, problemas familiares o afetam muito, Emotivo.

Os questionários aplicados puderam ser considerados como depoimentos, pois os educandos responderam com muito entusiasmo e dedicação, tendo respostas até de 10 páginas escritas manualmente. Demonstra-se, com isso, que se trata de uma turma bastante aplicada. De início, os questionários estavam sendo aplicados para os educandos de forma coletiva. Depois de ler e explicar as perguntas, respondiam coletivamente uma a uma. Quando terminavam

uma questão, passava-se à outra. Mas, no processo, os próprios educandos solicitaram que continuassem fazendo individualmente, pois estava “cansativo e demorado”. E assim foi feito.

A aplicação dos questionários aos educandos serviu para alguns reparos, pois eles fizeram algumas críticas com relação à quantidade e nível da qualidade das perguntas. Então, foram aplicados os questionários aos 14 educadores da Escola (ver em anexo), também com questões a partir de suas experiências, no terreno da pesquisa sobre o Processo Ensino-Aprendizagem e a correlação com o Plano de Formação. Existe uma variação de tempo em que cada Educador está na Escola.

Dos 14 educadores, que exercem função na escola, 12 responderam. O tempo de trabalho dos monitores/as varia de 03 meses a 05 anos. Lamentavelmente, as duas educadoras que tinham 7 anos e meio de trabalho no terreno de pesquisa não responderam aos questionários. Dos 12 monitores que responderam, apenas um não leciona para os educandos entrevistados, pelo menos neste ano de 2003. Dos que responderam, 05 são homens e 07 são mulheres. As respostas dos Educadores/as foram em forma de depoimento, com até 12 páginas escritas manualmente.

***Dados Pessoais dos Monitores/as***

<b>Monitores/as</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Nível de Formação</b>	<b>Formação Inicial em Pedagogia da Alternância</b>
1	Feminino	27	História	Sim. Falta a monografia final
2	Feminino	29	Geografia	Sim. Falta a monografia final
3	Feminino	33	Letras Português/Inglês	Não
4	Feminino	26	Cursando 3º ano de matemática	Cursando
5	Feminino	31	História	Não
6	Feminino	24	Letras Português/Inglês	Cursando
7	Feminino	23	Cursando 4º ano de matemática	Não
8	Masculino	28	Filosofia/Teologia Mestrando em Educação	Não
9	Masculino	23	Técnico em Agropecuária e Cursando 2º ano de Adm. Rural	Não
10	Masculino	34	Agrônomo e	Não

			Especialista em Administração Rural	
11	Masculino	31	Agrônomo e Especialista em Plantio Direto	Não
12	Masculino	24	Zootecnista	Não

***Dados Sócio-Profissionais dos Monitores/as***

<b><i>Monitor es/as</i></b>	<b><i>Origem Rural ou Urbana</i></b>	<b><i>Tempo de Experiência na Educação</i></b>	<b><i>Tempo de Trabalho na EFAGO</i></b>	<b><i>Participação em Movimentos Sociais</i></b>	<b><i>Perfil do Profissional na EFAGO</i></b>
1	Rural	7 anos	5 anos	—	Dedicada, esforçada, tem iniciativa organizada, calada, crítica, sincera, poderia assumir mais escola fora do prédio e deveria preocupar mais com a pontualidade nos trabalhos.
2	Rural	7 anos	3 anos e 9 meses	CPT, MPA	Dedicada, Liderança esforçada, mística, dinâmica, trabalhadeira, assume o trabalho dentro e fora da escola, um tanto preocupada e nervosa demais, a levando a um desgaste profissional e pessoal.
3	Rural	06 anos	2 anos e meio	MPA	Dedicada, esforçada, organizada e prestativa, precisava assumir a escola fora além do prédio.
4	Rural	3 anos	2 anos e 4 meses	—	Dedicada, esforçada, prestativa e amiga de todos, precisaria assumir a escola fora do prédio e se preocupar com pontualidade para desenvolver os trabalhos em dias
5	Urbano	3 anos	2 anos	—	Trabalhadeira, esforçada e dedicada,

					precisaria assumir mais a Escola fora do prédio. Ter mais responsabilidade com relação a atualidade de trabalhos.
6	Rural	2 anos	1 ano e 6 meses	—	Dedicada, Liderança, esforçada, trabalhadeira, dinâmica, franca, participativa.
7	Urbano	9 meses	3 meses	—	Calada, esforçada, humilde, inteligente, precisa socializar mais as idéias, pois tem um grande potencial.
8	Rural	4 anos e 06 meses	10 meses	CEBs, PJMP, MEB e Movimentos Populares e Sociais.	Inteligente, humano, tem muita iniciativa e competência contribui sempre que solicitado, deveria se preocupar mais com a pontualidade nas atividades, às vezes deixa de assumir atividades de suas responsabilidades.
9	Rural	2 anos e 4 meses	2 anos e 4 meses	CPT, Grupo de jovens.	Amigo, desmotivado, às vezes nervoso e agressivo, falta muito ao trabalho, principalmente às reuniões da equipe
10	Urbano	8 anos	2 anos e quatro meses	—	Disperso, inteligente, não usa o potencial que tem porque o salário é baixo, não aproveita o tempo de trabalho, cumpre apenas a carga horária, falta serviço. Precisaria assumir mais a Pedagogia da Alternância e a Agricultura Familiar. È muito capitalista para uma EFA.
11	Urbano	3 anos	1 ano e 10	—	Esforçado,



			meses		inteligente, tem dificuldades para trabalhar em equipe, não participa de reuniões, nem assembleias, não acredita em alguns instrumentos, acha que tem PE demais, se preocupa muito com conteúdo, discrimina algumas disciplinas. Trabalha isolado e distante da Agricultura familiar, visa mercado de trabalho. É ex-funcionário de uma multi nacional, só trabalha na sessão do Médio e Profissionalizante. Trabalha na escola porque gosta de Educação e acredita no potencial da escola, embora tenha que mudar muitas coisas.
12	Rural	3 meses	3 meses	—	Esforçado, brincadeiras inadequadas. Pelo pouco tempo teve afinidade com a Pedagogia e desempenhou um bom trabalho.

Além dos questionários, foi realizada uma entrevista semidiretiva com o João Batista Begnami (Ver transcrição da entrevista em anexo), membro da Equipe Pedagógica Nacional, Assessor da Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas – AMEFA e que assessorou a construção do primeiro Plano de Formação da EFAGO, em 1999. A entrevista reforçou o histórico, bem como, serviu para iniciar uma análise do Plano de Formação na visão do Assessor como para a pesquisadora.

As informações foram complementadas pela experiência, convivência e anotações da pesquisadora, pela observação *indireta* (educação não-formal); participação nas atividades e eventos da EFAGO, em observação *direta* (educação formal) do processo ensino-aprendizagem na escola e em pesquisa documental como: consultas e fontes secundárias: projeto político pedagógico, plano de formação, plano de estudo, caderno da realidade, regimento escolar, censos, anuários, atas de reunião da comunidade e da escola, boletins, cartilhas, folders, estatísticas, registro visual (fotografias), dissertações, teses e outros.

#### 4.2.2 A Organização e Análise dos Dados

A organização dos dados, coletados em campo, foi realizada no início a partir de uma leitura flutuante de todos os questionários. Em seguida, foram todos digitados, totalizando aproximadamente 100 páginas. Com isso, facilitou a leitura, demonstrando o potencial do material coletado. (Ver em anexo exemplos de respostas de educandos/as e educadores/as)

Posteriormente, foram feitos quadros distintos, com todas as respostas tanto dos educadores, como dos educandos. Em cada quadro, vinham todas as respostas de número um, por exemplo, e, assim por diante, de todas as questões, permitindo uma visão mais clara das respostas e ao mesmo tempo podendo comparar as respostas.

Levando em consideração a quantidade de dados a analisar, a próxima etapa foi criar cinco grandes temas para dividir as respostas para melhorar seu ordenamento, e garantir que questões viessem numa ordem coerente, já que ultrapassavam 40 páginas. E, assim, criados outros quadros para as questões dos Educadores/as e Educandos por temas e, ao mesmo tempo, ir retirando somente as palavras chaves, as categorias principais das respostas.

Os grandes temas trabalhados para ajudar na análise são: 1) A Formação na Alternância. O que ela é? E o que ela permite. 2) Plano de Formação. O que é? Organização, aspectos positivos e negativos, mudanças entre antes e depois; 3) Plano de Formação e os Instrumentos Pedagógicos e suas Modificações; 4) Plano de Formação e a prática dos monitores (Ensino). A relação com os educandos; 5) Os efeitos do Plano de formação na aprendizagem (Educandos) e A Formação Integral.

Foi realizada ainda, no final, a análise e interpretação dos mesmos dados, em se tratando da última etapa metodológica da pesquisa de campo. As categorias de análise foram retiradas do

próprio interior dos dados durante a análise e foram norteadas pela prática pedagógica e pela cultura em que está imersa tal prática.

#### **4.3 Caracterização do Corpus Coletado: Processos e Limites da Análise**

Ciente de que o método é , segundo Ferreira ( 1986:128), apenas um caminho para se chegar a um fim, regula previamente uma série de operações que devem ser realizadas, apontando erros evitáveis em vista de um resultado determinado, optou-se por trabalhar os dados qualitativos como análise espacial e territorial caracterizada por meio dos questionários, de documentos da escola e das entrevistas , bem como, das observações feitas em forma de registros.

A análise qualitativa de conteúdos se justifica porque a pesquisa requer um aprofundamento com maior abrangência devido a importância desta temática para as EFAs e a educação no Brasil - e, ainda, porque ela fornece elementos que permitem compreender as “comunicações” produzidas pelos e entre os homens, focando seu interesse também nas mensagens contidas em cada uma das fontes apropriadas ou escolhidas.

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção-recepção das mensagens ( Bardin, 1977:21).

Embora reconhecendo esta vertente como ferramenta adequada e suficiente, porque se pode retornar ao material todas as vezes que for necessário. Triviños admite que há limites em privilegiar a “linguagem escrita”, porque exclui as outras formas importantes de comunicação como, no caso, a oralidade camponesa. O que não impediu, ainda com riscos, aproveitar, como referência, no levantamento de dados como na análise, a vivência da pesquisadora no universo da pesquisa.

Interação intensa entre quem investiga e os sujeitos investigados. Procedimento, como foi dito, que estimula que os dados *invisíveis*, do compartilhar de quem pesquisa no universo da

ação como no dos sujeitos sociais, venham compor o corpus desse conjunto analisado. Ainda que não sejam tabulados, estão nos princípios do enfoque como na leitura de quem os decompõem sem fragmentá-los, buscando seus significados mais profundos.

...É impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social, sem raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculações estreitas e essenciais com a realidade mais ampla (Silva, 2000: 49).

Mais ainda. O pesquisador deve, neste sentido, seguir os atores o mais próximo possível do trabalho interpretativo feito por eles mesmos, porque têm “uma competência própria para analisar sua situação”. Trata-se, na realidade, de estabelecer uma ponte com o outro, e, na sequência, se implicar em algo que é decisivo. O sujeito só pode estar implicado com o mundo, se estiver, ao mesmo tempo, implicado em alguma coisa.

A etnometodologia contribuiu de forma útil para esse deslocamento que constitui na busca de similitudes entre as explicações científicas e as explicações fornecidas pelos próprios autores... Interpretar é imaginar um ou vários mundos possíveis abertos pelos textos, e é também agir... a verdade encontra-se mais abaixo, seguindo a correnteza (DOSSE, 2001: 398-400).

A Pedagogia da Alternância parece campo ideal para isto, sem dúvida. Neste contexto no próximo capítulo há a narrativa da construção e reconstrução do Plano de Formação da Escola Família Agrícola de Goiás bem como a sua evolução, possibilitando clarificar como se realiza o processo de ensino -aprendizagem ao mesmo tempo conhecer a atuação dos sujeitos da pesquisa, o que permitirá uma maior clareza para ajudar na análise dos dados coletados, onde será priorizado a interpretação dos discursos dos sujeitos.

## **CAPÍTULO 5**

### **O PLANO DE FORMAÇÃO NA EFAGO**

Neste capítulo, objetiva-se apresentar o Plano de Formação da EFAGO, desde a sua construção, os ajustes e avaliações até à sua reconstrução, com a intenção de situar os leitores/as para um maior entendimento da problemática que se levanta nesta pesquisa.

#### ***5.1 O Início de um Caminho para a Construção do Plano de Formação***

Havia uma grande necessidade de se construir o Plano de Formação (PF) da EFAGO, só que a equipe de monitores/as não tinha conhecimento de sua existência. Somente após a participação no Curso de Formação Inicial em Pedagogia da Alternância, em 1999, é que houve uma pesquisa que se constatou o fato, mas os atores/as da EFAGO não sabiam exatamente o que e como construí-lo. Com a participação de dois monitores na terceira etapa com o Módulo o Plano de Formação e os Instrumentos Pedagógicos no Curso de Formação Inicial em Pedagogia da Alternância promovido pela Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas – AMEFA, sendo um deles a autora dessa pesquisa, é que ficou mais transparente a problemática e suas possibilidades.

Partindo do pressuposto que o Plano de Formação é construído pela equipe de monitores/as a partir do que conhecem da realidade sócio-econômica dos educandos/as, dos pais e de outras pessoas que participam diretamente da formação dos jovens é que foi feito um estudo em equipe, conversa com a associação, com os educandos/as, com a família para mostrar a importância do Plano de Formação para EFAGO. Como, desde a implantação da Escola, não havia o Plano de Formação, eram aplicados os instrumentos pedagógicos e ao lado de uma tentativa de articulação dos instrumentos com as disciplinas, mesmo sem saber da existência desse plano que organizaria melhor todo o trabalho.

A partir disso, João Batista Begnami que foi o coordenador do curso promovido pela Regional AMEFA, onde atualmente continua sendo o coordenador do Regional e é também coordenador da Equipe Pedagógica Nacional se prontificou a assessorar a construção do Plano de Formação e assim o fez, em dezembro de 1999. Foi uma experiência riquíssima para a equipe de monitores/as e educandos/as que participaram. Naquela época, tinha-se a

impressão que os alunos tivessem obrigatoriamente que participar da construção. Mas, como afirma, João Begnami na sua entrevista não havia esta necessidade, obrigatoriamente.

È... eu me lembro de um casal de alunos que vocês é... Pediram né, para que eles ficassem na escola e representassem os alunos. Eles participaram. Eu não me lembro mais, seria interessante pais né? Eu não me lembro agora se vocês fizeram um trabalho prévio, porque, na verdade, naquele momento ali, era um momento específico nosso dos monitores, porque no processo da construção do Plano de Formação, se nós formos relembrar aí os passos metodológicos é... Você teria que ter inicialmente, um diagnóstico da realidade. Esse diagnóstico deve ser construído junto com os alunos e com os pais, num momento anterior àquele que nós estávamos ali. É... Você junto com os pais e alunos pode fazer a partir do diagnóstico feito, previamente, todo um levantamento de temáticas, que estejam coniventes com esse diagnóstico com essa realidade que vocês levantaram, bem como construir os objetivos da escola. O aluno que vocês querem formar, ao final tem que estar conivente com este diagnóstico. Estes objetivos têm que ser decidido a partir desse diagnóstico. Eles podem ser também decididos antes daquele momento de nós estarmos ali e os atores a participar disso são os monitores, os pais, os alunos e outros parceiros da escola. Eu não me lembro bem agora se todo esse processo aconteceu antes, mas eu me lembro que haviam dois alunos que estavam ali para representar os colegas naquele momento. Eu diria que a participação deles foi uma participação boa, mas não era necessária a presença deles ali naquele momento, que era um momento mais de elaboração, de sistematização de um conjunto de elementos que teriam que ter previsto a participação deles anteriormente, ou seja, na discussão do diagnóstico. Na elaboração dos objetivos, no levantamento dos temas, de acordo com os objetivos. São passos que devem ser feitos antes daquele momento de sistematização que era do compromisso, da responsabilidade da equipe técnica, quando me refiro a equipe técnica, estou falando dos monitores<sup>1</sup>.

Diante disso, percebe-se que os pais e alunos devem participar de diagnóstico, e, nesse tempo ,foi realizado uma pesquisa para saber os temas que os alunos queriam estudar. Como se pensava que os alunos e os pais tinham que participar foram convidados. Porém, participaram como ouvintes e apenas um dia, na abertura.

A EFAGO não tinha o Plano de Formação, portanto, os instrumentos pedagógicos eram realizados de forma precária. Mas os Monitores conheciam a realidade dos/as jovens, das comunidades, o meio sócio-profissional, o que facilitou e contribuiu bastante o desenvolvimento do trabalho. Em relação ao consultor, ele já conhecia um pouco a partir da

---

<sup>1</sup> . Entrevista exclusiva para esta pesquisa.

correção da pesquisa sobre a Associação proposta pelo Curso de Formação Inicial, onde o mesmo sugere que com a construção do Plano de Formação melhoraria a articulação dos instrumentos Pedagógicos e a participação das famílias e outros problemas seriam amenizados, como por exemplo, a evasão.

### 5.1.1 A Construção do Plano de Formação

O Processo de Construção do Plano de Formação durou cinco dias, de 13 a 17 de dezembro de 1999, houve muito trabalho, mas também muita diversão, com dinâmicas, atividades em grupo. Serviu também para uma maior confraternização da Equipe, uma vez que já era final de ano e que todos estavam cansados, mesmo assim, houve um esforço por parte da Equipe e o assessor conseguiu com muita criatividade animar o grupo.

Inicia-se a oficina para a construção do Plano de Formação da EFAGO, com a apresentação de cada participante. Logo após, o assessor pediu para cada um colocar suas expectativas e todos disseram que esperavam conhecer e construir o Plano de Formação para o melhor desenvolvimento das atividades da EFAGO. A primeira etapa foi definir o que era Plano de Formação, que ficou para o grupo como: *uma carta de viagem, ou seja, o objetivo que se quer alcançar, uma organização dos Instrumentos Pedagógicos a partir do Plano de Estudo.*

Na segunda etapa, Begnami fez uma exposição teórica do que seria o Plano de Formação, seus objetivos, conseqüências metodológicas, atividades e ferramentas pedagógicas, os quais já foram citados no capítulo 3. A terceira etapa foi passar para a construção do Plano de Formação propriamente dita. Passaram por quatro passos na metodologia de construção do Plano de Formação. Para se fazer um Plano de Formação é necessário: introdução (o que é Plano de formação?); Finalidade da EFA (objetivos gerais da EFAGO e específicos de cada série, onde quer chegar com os educandos, saber que tipo de jovem se quer formar, com quais habilidades?); Atividades progressivas, integradas, articuladas, integração das atividades com as matérias (saberes populares com os saberes teóricos – programa oficial – teoria – prática).

O primeiro passo é fazer um diagnóstico da realidade para se fazer o Plano de Formação. É preciso conhecer o meio sócio-profissional dos/as educandos/as, famílias e comunidades. Quanto a isso, essa equipe que participou já trabalhava na EFAGO, de 2 anos a 5 anos. Dessa forma, havia um conhecimento e um estudo da Realidade, o que facilitou o trabalho. Havia sido aplicado um questionário para famílias e educandos para saber os temas que queriam pesquisar no Plano de Estudo. Um outro fator interessante é que, se constatou, o Plano de Formação é específico de cada escola, exatamente devido às especificidades de cada região.

O segundo passo foi definir os objetivos gerais e específicos por turma a partir dos dados da realidade da EFAGO. O que os educandos querem aprender e o que precisam aprender? A partir daí, foi feito trabalhos em grupos para definir o Plano de Formação e o objetivo geral da EFAGO e um objetivo específico para cada série, de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental. Cada grupo, após a discussão e reflexão, em tarjetas os objetivos foram colocados em tarjetas que, depois foram definidos na plenária.

O trabalho em grupo resultou, de início, numa definição do plano de formação. *“O Plano de Formação é um itinerário, um plano de navegação para atender os objetivos da EFAGO, definidos a partir dos dados da realidade resultando numa organização das atividades programadas durante o ano”*.

Em seguida, foi redefinido o objetivo Geral da EFAGO. *“Formar integralmente filhos e filhas de agricultores, preocupando com os aspectos: intelectual, profissional, humano, social, ético, ecológico e espiritual, numa perspectiva de continuarem no campo, porém com uma vida mais digna, valorizando sua família, comunidade e meio sócio-profissional”*.

E, por último, foram definidos os objetivos específicos de cada série. Para levantar os objetivos foi levada em consideração a orientação para o Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série que deve ser trabalhado em ciclos, ou seja, 5ª e 6ª séries conhecer e aprofundar mais sobre a questão familiar e comunitária; e a 7ª e 8ª séries trabalhar mais com a busca da descoberta e vocação profissional.

Os objetivos das quatro séries ficaram definidos da seguinte maneira: 5ª série, *conhecer e valorizar mais a família, comunidade, culturas, religião e meio ambiente*; 6ª série, *preocupar com a vida comunitária, ética, sociedade, aspecto, espiritual, ecológico e grupos organizados*; 7ª série, *ter conhecimento sobre a política, economia, saúde, esporte, senso crítico e orientação profissional*; 8ª série, *orientar e aprofundar o Projeto Profissional*.

O terceiro passo foi definir os temas dos Planos de Estudo. Como já foi citado, havia sido preparada alguma proposta de temas de cada série a partir das famílias, comunidades e educandos/as. Então, em plenária, foram selecionados os temas começando pela 5ª série, considerando os objetivos levantados de cada série, a realidade que a equipe conhecia. Com a assessoria de Begnami, ficaram 8 temas para cada série, partindo do princípio que a EFAGO trabalha com 10 sessões de 12 dias na escola. Então, a 1ª sessão é para introdução dos trabalhos e a última para conclusões gerais. Assim, em 8 sessões seguidas seriam realizados Pes (Planos de Estudos).



O quarto passo foi sistematizar o Plano de Formação, colocando todas as atividades e instrumentos metodológicos da Pedagogia da Alternância articulados com programas oficiais (as disciplinas da base nacional comum e a parte diversificada), a partir dos temas do Plano de Estudo. Esse trabalho foi realizado usando tarjetas e atividades desenvolvidas em grupos, visando mais agilidade e organização. A partir da entrevista com Begnami para essa pesquisa, atual é que ficou claro sobre o trabalho com as tarjetas que segundo seu depoimento ele criou essa metodologia na EFAGO.

(...) Eu me lembro que na primeira parte da manhã, na segunda-feira que era o início do nosso encontro eu fiquei sozinho na escola porque os monitores foram para a cidade para resolver algum problema, alguma coisa, e eu fiquei sozinho na escola e esse ficar sozinho na escola achei muito interessante porque me ajudou a repensar, refletir e eu acabei montando um esquema para trabalhar o Plano de Formação com vocês de uma forma mais criativa. Foi ali, que eu consegui naquela manhã sozinho, que eu consegui trabalhar com vocês uma metodologia com tarjeta e aí idealizei um local perto do refeitório que tinha muito espaço, parede, onde podia colar papel. Então, quando vocês retornaram da cidade de tarde eu já tinha todo um esquema pra poder envolver vocês no trabalho. (Coordenador da AMEFA e da Equipe Pedagógica da UNEFAB)

### 5.1.2 Os PEs e seus Desdobramentos, em Detalhes

A partir dos temas dos PEs levantados, foram trabalhando por série na seguinte lógica: a sessão, o PE, enfoques (o que se alcançar com o tema do PE, o que irá focar para a Colocação em Comum, orientação na elaboração do questionário do Plano de Estudo), intervenção externa (temas que se poderia trabalhar com palestras, cursos a partir PE), visitas e viagens de estudo; atividades de retorno; experiência, estágio; visitas às famílias; as disciplinas da base nacional comum (português, matemática, história, geografia., ciências, educação artística, educação física e ensino religioso); as disciplinas da parte diversificada (zootecnia, agricultura, administração e engenharia rural, educação familiar e espanhol). Com relação ao Caderno de Acompanhamento da Alternância, Caderno Didático, foi discutido sobre eles e a equipe ficou de aprofundar mais sobre estes instrumentos.

O Plano de Formação foi montando a partir da exposição das tarjetas, no quadro e na parede. Cada monitor elaborou as atividades da sua disciplina a partir do tema do PE, da realidade do educando/a, comunidade e família e na medida do possível do programa oficial. O trabalho de cada monitor/a foi apresentado em plenária. Foram tiradas algumas coisas, acrescentadas outras, houve trocas de lugares, permitindo a interdisciplinaridade. Durante o

desenvolvimento do trabalho, surgiram vários questionamentos, debates, reflexões, o que enriqueceu bastante o resultado. Mesmo sendo final de ano a Equipe estava bem animada.

É... bom enquanto a questão do envolvimento dos monitores eu lembro que no início eu estava um pouco apreensivo porque não tinha ninguém na escola, já era final de ano, já não tinha mais aluno na escola... Eu me lembro que foi um trabalho muito positivo porque nós discutimos como construir um Plano de Formação, o que compõe um Plano de Formação. Ou seja, os conteúdos e componentes. Depois vimos os objetivos da escola, os objetivos específicos de cada série. A partir dos objetivos e a partir da realidade, fomos estabelecer os temas dos Planos de Estudos. Depois organizar esses temas numa sequência progressiva da 5ª a 8ª série. Isso foi feito de uma forma muito participativa, com muito envolvimento de toda a equipe. E depois eu me lembro que quando chegamos naquela parte da organização transversal das disciplinas, juntando com os temas a gente teve muita discussão né, mas a gente conseguiu chegar no final do processo onde cada monitor/a pode trabalhar os seus planos de cursos, ou seja, os conteúdos de suas disciplinas, de uma forma interligada né, com é... Distribuindo os temas ao longo do ano, ao longo das sessões, ligando com os temas geradores. Eu me lembro que isso foi feito, foi produzido com muita participação dos monitores, tinha momento que cada um saía a trabalhar sozinho, teve momento de trabalho de grupo e, após cada momento desse vinha a socialização, onde utilizávamos as tarjetas de forma que ao final tínhamos um grande painel construído naquele refeitório. E eu me lembro, por exemplo, de áreas como a matemática é... que havia resistência na organização do plano ligando com os Planos de Estudos, aliás ligando com os temas dos Planos de Estudos e principalmente havia resistência a essa forma de organização de planejamento e que no final o pessoal percebeu que deveria ser assim mesmo, que assim dava mais certo né, e eu ainda me lembro que neste contexto todo, foi só aquela professora da área de espanhol que teve mais resistência e que nós não conseguimos dialogar com ela, mas os demais monitores todos entraram na dinâmica e participaram muito bem. (Coordenador da AMEFA e da Equipe Pedagógica da UNEFAB)

Terminada esta fase, ficou como proposta digitar o resultado e apresentar à Associação de Pais e Alunos da EFAGO e aos educandos/as para uma avaliação e aprovação ou não. Também foram elaboradas algumas fichas no decorrer da oficina (intervenção externa, visita de estudo e à família, serões, colocação em comum), para melhor organização, aplicação e acompanhamento dos Instrumentos Pedagógicos realizados na Escola. Os monitores deveriam planejar um tempo semanal para organizar a sessão, para fazer a interdisciplinaridade entre a síntese da Colocação em Comum e as disciplinas. Seria necessária uma reunião de avaliação no final de cada Plano de Estudo para o sucesso do Plano de Formação.

Concluindo a oficina, Begnami acrescenta que:

Os Instrumentos Pedagógicos não podem ser trabalhados isolados, devem ser interligados, integrados. O Plano de Formação integra não só disciplinas, mas monitores/as. O currículo trabalhado na Pedagogia da Alternância é mais do que se pede, é uma integração entre áreas de conhecimento; PE, PF, Colocação em Comum, Visitas, Intervenções Externas, Experiências, Atividades de Retorno e Estágios. É mais amplo do que o currículo das escolas regulares e este currículo elaborado nas Escolas em sistema de alternância é que deveria ser apresentado para a Secretaria de Educação, pois na prática aplica-se o Plano de Formação e apresenta outro para a Secretaria. Foi uma oficina prática, não teórica e todos contribuirão para a construção do projeto, foi prático com reflexão teórica, nada da prática aconteceu sem intencionalidade.

Para a melhor efetividade do Plano de Formação na EFAGO, algumas atividades teriam que ser desenvolvidas numa perspectiva de um planejamento global como partido do básico como, digitar o Plano de Formação:

1. Organizar o Plano de Formação por turmas em cartazes grandes e fixar na sala de monitores/as. Planejar as datas de cada Visita de Estudo, lugar, meios de transporte, quem acompanha monitores/as e pais, quem e quando preparar com os educandos, interdisciplinaridade, Colocação em Comum da visita, relatório. Planejar as datas, quem convidar, quem ser convidado para as Intervenções Externas. Planejar desde o início do ano tudo que deve ser preparado previamente para a implementação das Experiências e Atividades de Retorno.

2. Visita a Família – Planejar quantas, quando, quem, objetivos, criar uma pasta para cada família com fichas para cada visita no ano e fazer uma avaliação no final do ano. Os objetivos das Visitas às Famílias devem ser claros e determinados, nas saídas para as visitas cada monitor/a ter o conhecimento dos objetivos. Os objetivos das Visitas às Famílias devem ter os seguintes aspectos: sociais, pedagógicos, e técnicos. Os objetivos sociais devem ter maior ênfase na primeira visita da 5ª série e das séries seguintes menos.

Os aspectos pedagógicos devem ser definidos a partir de cada caso (fator da convivência, integração, compromisso, participação, interesse, aprendizagem do/a filho/a na EFAGO – habilidades – potencialidades – dificuldades – disciplinas etc.), ainda nas visitas incentivar a importância do acompanhamento dos pais na elaboração do Plano de Estudo e no restante dos Instrumentos Pedagógicos. Os aspectos técnicos devem ser observados nas famílias e os

impactos a partir dos temas concretos trabalhados na EFAGO, como experiências e atividades de retorno: horta, galinhas, cuidados de higiene, conservação do solo, agricultura orgânica, etc. Fazer reunião pedagógica depois da Colocação em Comum do Plano de Estudo.

3. Problematicar, ainda, o PE (síntese), estabelecer os conteúdos a serem aprofundados nas diversas disciplinas de forma interdisciplinar, ver as atividades conjuntas e interdisciplinares. Trabalhar a conclusão, a avaliação de cada PE. Incluir essa atividade no Caderno da Realidade. Trabalhar com o Caderno da Realidade nas diversas disciplinas como recurso didático e como objeto concreto de avaliação. Cada monitor/a deve elaborar o Plano de Curso (programa de suas disciplinas), ou seja, acrescentar aos temas do Plano de Formação os conteúdos com objetivos, metodologia e atividades sugeridas.

Ao término da oficina, foi realizada uma avaliação, onde todos/as expuseram que superaram a expectativa, entenderam o que seria o Plano de Formação e mais do que isso construíram o da EFAGO. (Ver o PF da 8ª série do Ensino Fundamental)

Ter o Plano de Formação na EFAGO é um sonho de muito tempo agora realizado. Ao mesmo tempo em que anima, desperta preocupação para o bom funcionamento do PF, como por exemplo, a infra-estrutura que vai desde o carro para visitar, estradas em péssimas condições até a questão financeira. (Monitor)

Concluiu-se que, mesmo que não acontecesse 100% do que estava no Plano de Formação, se executado no ano seguinte, já se ganharia muito com ano seria organizado. A oficina foi organizada, dinâmica e interessante. O grupo de monitores acreditou ser muito importante à questão de interdisciplinaridade, a flexibilidade de integrar com a realidade do educando/a. Maior consistência à equipe para desenvolver o trabalho, com uma meta mais clara, com mais facilidade para superar os problemas, uma luz para maior integração entre monitores/as e disciplinas.

Segundo Begnami, a EFAGO tem muitos valores e pode contribuir com o meio rural, com a função de dar perspectiva digna para o homem e mulher do campo. Formar o/a jovem para ser um cidadão e cidadã que exerça a cidadania, para transformar a sociedade. Afirmou também que a EFAGO está fazendo uma formação com os/as educandos/as, pelo que viu nos casos de Vanessa e Edvando e em outros/as educandos/as que conheceu. Isso revela que a Escola, apesar das limitações, vem contribuindo, de forma produtiva, para a formação dos filhos dos

camponeses. E, com a experimentação do Plano de Formação poderá se avaliar e conseqüentemente ver o que mudar futuramente.

### ***5.2 Impactos, Desafios e Perspectivas do Plano de Formação***

Com a construção do Plano de Formação na EFAGO, o trabalho desenvolveu-se bastante em vários sentidos. Houve articulação dos Instrumentos Pedagógicos, a integração da equipe e a interdisciplinaridade aconteceram mesmo que superficialmente. Antes do Plano, havia apenas dois, três PEs por ano em cada turma e, assim, mesmo desarticulado e isolado, além do que os temas eram copiados das EFAs do Espírito Santo, portanto, totalmente desvinculado da realidade dos jovens, por mais que havia adaptação, não acontecia como deveria. Depois da organização do Plano de Formação, o foram aplicados oito PEs em cada turma, de 5ª a 7ª série; e, na 8ª série, só três devido aos 3 estágios profissionais e o projeto profissional. Como já foi citado, na EFAGO trabalha-se dez sessões por ano, sendo cada uma de doze dias na Escola.

Estágios de 5ª a 8ª série, aconteceram regularmente e com muito êxito. A 5ª série fez estágio em uma família de um colega, numa comunidade diferente da dela, com objetivo de conhecer outra realidade e trocar experiências. A 6ª série, por sua vez, estagiou social nas diversas instituições da região (Comissão Pastoral da Terra – CPT, Central Única dos Trabalhadores, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Agência Rural, Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra-MST, Hospital São Pedro, Diocese de Goiás, Pastorais, Escolas, etc.). Com objetivo de despertar pelo aspecto social, não só conhecer como passar a participar de associações, cooperativas e grupos existentes na comunidade e região.

A 7ª série cumpriu estágio profissional em diferentes áreas (fazendas, hospital, casa da lavoura, marcenaria, agricultura, plantação de maracujá, escola, EFAGO, informática, etc.). E a 8ª série, três estágios profissionais em diversas áreas a partir da escolha do educando para orientá-lo a escolher sua profissão ou o que gostaria de estudar depois. Turma em que se trabalhou o projeto profissional, onde foi feito o histórico da sua propriedade. Depois, houve uma apresentação oral para uma banca de monitores/as e educandos e apresentação por escrito. Havia a proposta de fazer um projeto mais especificamente na área profissional, mas segundo a equipe não houve tempo, afinal estavam aprendendo, foi a primeira experiência.

Intervenções Externas, por outro lado, foram bastante ricas. As pessoas gostavam de contribuir e sempre destacavam a iniciativa de se estar trabalhando temas a partir da realidade do educando. O destaque maior, além mesmo com elogias, foram as intervenções para a 8ª série, de diferentes profissionais nas diversas áreas, a partir do resultado do PE “*Quem Sou Eu?*”. Os/as educandos/as colocaram as profissões que lhes interessavam enfatizando que este PE foi riquíssimo, pois se contou com a ajuda de uma psicóloga.

Diante de tudo isso, fica claro que houve articulação entre os Instrumentos Pedagógicos, houve interdisciplinaridade. O PE, Colocação em Comum, Caderno da Realidade, Visitas às Famílias, Intervenção Externa, Estágios, foram interligados e extremamente interessantes, principalmente, partindo do pressuposto que todas as disciplinas trabalharam o mesmo tema articulado e, ao mesmo tempo, de forma diferente.

O impacto do Plano de Formação foi grande e bastante positivo. Como já se disse na avaliação da construção, não 100% por cento, mas acredita-se que 60%, pois existiram alguns desafios. O fator de destaque é que houve uma grande integração da equipe, os educandos sentiram a equipe mais equilibrada, motivada, um ano mais organizado e, conseqüentemente, os/as educandos/as ficaram mais motivados/as e a família também participou mais. Melhorou a colaboração para responder os PEs, ajudaram mais nas tarefas de casa, incentivaram os educandos nos trabalhos práticos propostos pela Escola. Enfim, melhorou os aspectos no que diz respeito à Pedagogia da Alternância. Mesmo tendo alcançado aquele percentual nos resultados do Plano de Formação, ainda restaram 40% que é atribuído, principalmente ao fator financeiro.

Alguns desafios, enfrentados, foram prejudiciais à aplicação do Plano de Formação na EFAGO. Muitas atividades propostas não foram realizadas por falta de um carro e combustível disponível, pois a escola tem apenas uma camioneta para todos os trabalhos e assim muitas Intervenções Externas, Visitas de Estudo e as Visitas às Famílias deixaram de ser realizadas. Outro complicador foi que muitas pessoas que se propuseram a trabalhar a Intervenção Externa só poderiam ir à EFAGO à noite e a Associação pediu para não usar o motorista neste período, pelo pagamento de horas extras e a falta de recursos financeiros. Ainda em relação à Intervenção Externa e Viagem de Estudo, não houve uma organização criteriosa das datas de acordo com a sessão do PE e às vezes, ficava para última hora e não havia tempo suficiente para as atividades. E, muitas vezes, faltou material para a reorganização das Intervenções Externas.

Outro aspecto complicado, e de difícil solução, foi que a equipe de monitores/as, por excesso de trabalho, falta de planejamento e desorganização de tempo, não conseguiu elaborar o texto da Colocação em Comum no devido tempo, às vezes atrasando e, com isso, prejudicando a utilização do material nas disciplinas. Também houve atraso na correção do Caderno da Realidade, impossibilitando o retorno à família no tempo determinado, para que os pais tivessem acompanhado melhor o resultado do PE. E na chegada do jovem na EFAGO nem sempre foi possível fazer o acompanhamento individual do PE com o jovem, por diversos fatores como tempo, horário de chegada dos Educandos/as e outros. O texto realizado a partir da Colocação em Comum, na verdade, era um relatório e não uma síntese apontando os questionamentos e problematizações. Às vezes também a Colocação em Comum foi um tanto cansativa, pelo número de perguntas elaboradas pelos/as educandos/as no PE e sempre a mesma dinâmica de grupo, não respeitando a série e idades diferentes.

O planejamento em conjunto das aulas para responder, refletir e aprofundar as questões do Plano de Estudo não foi totalmente possível, porque precisava mais tempo. Faltou reunião pedagógica para maior interdisciplinaridade. O excesso de atividades, representações da Escola pelos monitores em diversos setores da sociedade complicou a situação. Foram realizadas muitas reuniões, mas quase sempre para resolver questões administrativas e comportamento de educandos. No entanto, alguns monitores/as, de matérias afins, se reuniram e planejaram juntos. Acredita-se que, mesmo assim, tenha ocorrido a interdisciplinaridade, devido ao planejamento feito no Plano de formação.

Também não foi possível aplicar o Caderno Didático nas aulas. Com isto, a equipe de monitores não tinha muito conhecimento dessa ferramenta. Saber que se tem uma metodologia própria da Alternância, é mais do que uma apostila comum, apesar dos professores/as e monitores/as montarem suas próprias apostilas a partir do PE. Mas ainda não era o Caderno Didático e para sua aplicação se requer mais estudo e aprofundamento por parte da equipe de monitores/as.

Quanto à Experiência e Atividade de Retorno, ficou um tanto confuso na prática, pois eram atividades muito parecidas, quanto aos objetivos. Outro fator que dificultou foi o acompanhamento na família. As visitas às famílias eram poucas, em relação ao número de Atividades de Retorno e Experiência. Dessa forma, como se tinha o calendário de visita, quando chegava numa comunidade a atividade de retorno ou experiência era em outra comunidade. Portanto, ficou difícil acompanhar e ter controle de ambos Instrumentos Pedagógicos.

Em relação à Visita à Família, por mais planejada que fosse, com objetivos propostos, as famílias e comunidades, era sempre exigido mais práticas, resultados concretos. E para a EFAGO, com os reduzidos recursos financeiros disponíveis, tornou-se quase impossível aumentar o número de visitas, dificultado ainda pelo fato de cada monitor/a ser responsável por diversas áreas e funções dentro da escola.

O Serão foi pouco rotineiro, também devido ao acúmulo de tarefas que monitor deixava de planejar melhor. Um monitor responsável por duas turmas, também prejudicou. Na construção do Plano de Formação, foram elaboradas várias fichas para acompanhamento e registro dos Instrumentos Pedagógicos, mas aplicada apenas a ficha de Visita à Família. Sobre o Projeto Profissional do jovem, houve algumas dificuldades por falta de conhecimento e experiência. Mas através dos estágios, dos PEs, das intervenções e do histórico da propriedade atingiram os objetivos de orientar o jovem a respeito da sua vocação profissional. E, por último, o desafio principal, uma reavaliação do Plano de Formação, não foi possível como tinha sido proposta por causa do tumultuado ano de 2000. Apenas alguns setores foram avaliados.

Mesmo com muitos desafios, a partir da avaliação parcial, foi possível a previsão de algumas perspectivas – propostas para mudança no Plano de Formação para melhorar ainda mais a aplicação do mesmo na EFAGO. Percebeu-se que era preciso avaliar criteriosamente o Plano de Formação e fazer calendários com as datas das Viagens de Estudo e Intervenção Externa com antecedência e definir que monitor/a iria acompanhar. A perspectiva maior foi de conseguir um convênio com a Prefeitura Municipal, para ajudar nas despesas do carro para aumentar o número de Visitas, Viagens de Estudo e Intervenção Externa. A partir da experiência visavam diminuir o número de PE. Para a Equipe com a aplicação em toda sessão não havia tempo de aprofundar os temas pesquisados, ficando em sistema de gaveta, não retornando para análise e reflexão porque sempre tem que aplicar outro PE. E diminuindo o número de PEs, conseqüentemente, reduziram-se também os outros instrumentos. Com isso, acreditava-se que teriam mais tempo para organizar melhor todas as atividades.

Pretendia-se, desta maneira, dar maior importância à reunião pedagógica, a ser realizada depois da Colocação em Comum para o planejamento em conjunto das matérias, prevendo a interdisciplinaridade e também com a preocupação de rever as problematizações levantadas a partir do PE na Colocação em Comum. Organizar melhor a correção do Caderno de Realidade, dividindo mais a equipe e responsabilizando os monitores/as para este fim. No planejamento, dedicar mais tempo para a correção. Também dar maior importância ao



acompanhamento personalizado do educando objetivando maior êxito com a aplicação do PE. No Caderno da Realidade seriam acrescentadas todas as atividades dos educandos que tem a ver com a sua realidade como relatórios das intervenções, mapas, croquis, desenhos e atividades das disciplinas, onde, antes, havia restritamente questionário, texto pessoal síntese e ilustração.

Quanto ao texto da Colocação em Comum, dar mais ênfase para se fazer uma síntese com as problematizações e não mais relatórios. Para isso, seria preciso que a equipe fosse mais rígida e exigisse também dos educandos/as que ajudassem na redação. Planejar dinâmicas diferenciadas para aplicação da Colocação em Comum, respeitando as séries e idades diferentes. Seria, então, menos cansativa e mais produtiva. Poderia ser por meio de dramatização, teatro, cartazes e em grupos, etc. Fazer a Colocação em Comum dos outros instrumentos também, afinal deve-se aprofundar em todos e não somente o PE.

Caderno Didático passou por um estudo para se começar uma experimentação proposta pela UNEFAB. Inclusive, um representante da AEFACOT (Associação das Escolas Famílias Agrícolas do Centro-Oeste e Tocantins) participou de um Encontro sobre o Caderno Didático e repassou para a equipe. Todos ficaram entusiasmados em fazer e aplicar o Caderno Didático. Definir melhor a distinção entre Experiência e Atividade de Retorno. Foi preciso também criar uma estratégia, a partir do Caderno de Acompanhamento que também seria implantada na EFAGO, para registrar as atividades, pois sabe-se que a experiência realizada é uma forma concreta de avaliar todo o processo do Plano de Estudo. Também seriam marcadas as visitas na comunidade observando as Atividades de Retorno e Experiência para que os/as monitores/as pudessem acompanhar.

Na aplicação do novo PE, iriam rever os enfoques já propostos pelo Plano de Formação, já prevendo como os/as monitores/as iriam planejar as aulas a partir do PE. Assim, com a melhor organização dos enfoques e do questionário, conseqüentemente, o resultado seriam melhores, pois seriam utilizados nas aulas, por isso, deveriam ser bem feito. Depois, o monitor/a organizaria as questões do PE, sabendo que tem um papel importante na elaboração do questionário. Deveria se preocupar antes com as Intervenções Externas e fazer uma reavaliação para apreciar o PE e as ligações com as disciplinas, além de um cronograma dos trabalhos, para organizar melhor o tempo de cada monitor/a e professor/a e também prever o tempo para reorganização de todas as atividades.

Seria preciso Reforçar a avaliação do PE, com intervenções e aulas dadas na sessão passada e planejar a próxima sessão e seria feita a avaliação dos monitores e educandos uma vez por

semana, pois uma vez, na sessão doze, pareceu pouco. Não há, desta forma, tempo para se resolver as questões. Foram preparados, assim, um caderno para as pessoas que contribuísem na Intervenção Externa para o contato e uma pasta de relatórios das intervenções para se ter, no final, um acúmulo de informações que serviria como fonte de pesquisa. Seriam aplicadas as fichas elaboradas, para se ter todo o registro dos Instrumentos trabalhados, e organizado melhor o serão com atividades planejadas em equipe para toda a quinzena, realizadas em forma de rodízio. As atividades seriam: organização de tarefas, reunião de grupos de articulação, noite livre, comunicação, grupos de estudo, leitura dirigida, análise de conjuntura e noite cultural.

O Projeto Profissional seria aprofundado para Ensino Médio Profissionalizante e, de 5ª a 8ª séries, apenas a orientação vocacional para ajudá-los na continuidade dos seus estudos. Ainda sobre os Instrumentos Pedagógicos com deficiência, como Caderno Didático, Atividade de Retorno, Avaliação e Colocação em Comum, seriam trabalhados a partir do Curso de Formação promovido pela AEFACOT, nos Projetos de Pesquisa e Experimentação de quatro monitores da EFAGO, que estavam participando da Formação em Alternância no ano de 2001.

A EFAGO, nos seus 6 primeiros anos de funcionamento, não possuía Plano de Formação. Com a contribuição relevante do Curso de Formação Inicial, construiu-se o Plano de Formação, que, sem dúvidas, foi de suma importância para o desenvolvimento da Escola. Os resultados foram concretos: o PE aplicado sem dificuldades, segundo a equipe de monitores/as; a maior integração da Equipe, os educandos/as e as famílias, mais motivados porque perceber a organização das atividades do ano. A partir disso, é possível afirmar que a construção e aplicação do Plano de Formação na EFAGO, incentivados pelo Curso de Formação Inicial, deram certo. E os resultados positivos, principalmente, com a orientação profissional aos Educandos/as, contribuíram para que a Associação de Pais e Alunos da EFAGO, a pedido dos pais, Educandos/as, famílias e comunidades, implantasse o Ensino Médio e Habilitação Profissionalizante em Técnico em Agropecuária, março de 2001.

### ***5-3 Os Ajustes e a Reconstrução do Plano de Formação***

Após a construção do Plano de Formação em 1999, aplicado no ano seguinte, houve avaliação pela Equipe de monitores/as anualmente. Ou seja, de 2000 a 2002, com reparos onde fosse necessário ajustar. Levando em consideração os desafios e as perspectivas que foram

apontados a partir da avaliação da construção do primeiro Plano de Formação, constatou-se que muita coisa precisaria se modificar e que o próprio grupo teria condições de conseguir, aos poucos, ir reconstruindo o Plano de Formação até responder às necessidades e demandas da Escola. Mesmo porque o Plano de Formação não é estático, devem ser realizadas mudanças sempre para melhorar a formação dos educandos/as.

Sabe-se que o Plano de Formação, elaborado para Ensino Fundamental e com a implantação do Ensino Médio e Profissionalizante em 2001, se esgotará e havia necessidade de se elaborar outro Plano. Como a EFAGO sobrevive com muitas dificuldades financeiras, administrativas, com prejuízos naturais para a questão pedagógica, não foi elaborado o Plano de Formação logo que se iniciou o Ensino Médio e Profissionalizante. Associação e Equipe ficaram mais preocupados com a questão de infra-estrutura, formar equipe, pois o curso iniciou-se em outro prédio doado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), dentro de um Projeto de Assentamento, uma Agrovila, denominada Serra Dourada, que tinha por obrigação ter uma Escola dentro do Projeto e, assim, estabeleceu-se uma parceria com a Associação da EFAGO. Nesse sentido, multiplicaram-se os trabalhos da Equipe de monitores/as e as despesas da Escola aumentaram. Quanto ao pessoal, a Secretaria de Educação de Estado permitiu a contratação de mais cinco monitores, o que contribuiu bastante, porém, praticamente nenhum deles conhecia a Pedagogia da Alternância.

Apesar das famílias terem total interesse no Curso de Ensino Médio e Profissionalizante, estavam completamente despreparadas, pois não havia nenhum recurso. Porém, como havia uma necessidade, o Ensino Fundamental não estava respondendo aos verdadeiros interesses dos camponeses/as da região de Goiás, almejavam resultados mais concretos para o desenvolvimento local sustentável e, para isso, era necessária a profissionalização dos jovens. Neste contexto, sem projeto concreto de financiamento, começa uma história que desencadeará numa situação polêmica e difícil, para os atores da EFAGO como um todo, uma grande crise financeira, administrativa e pedagógica na Escola em 2003.

Com cursos encaminhados, na medida do possível, é que foi construído o Plano de Formação do Ensino Fundamental, Médio e Profissionalizante em 2003 (Ver em anexo o PF da 8ª do Ensino Fundamental e da 3ª do Ensino Médio). Antes, estavam aplicando os instrumentos, mas sem uma organização mais rigorosa. Era necessária a construção do Plano de Formação, uma vez que, com a implantação do Ensino Médio e Profissionalizante mudava toda a estrutura da formação prevista no Plano de Formação do Ensino Fundamental. Assim, a Equipe de monitores pediu as turmas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio e

Profissionalizante para que levantassem os temas que gostariam de estudar nos Planos de Estudos durante o ano. O 3º ano, inclusive, preparou também os temas do 4º ano do Ensino Profissionalizante, pois são quatro anos de formação através de módulos. Do 1º ao 3º ano, é o Ensino Médio e Profissionalizante concomitante, e, no 4º ano, realizado somente o Ensino Profissionalizante – Técnico em Agropecuária.

Enquanto na construção do primeiro Plano de Formação contou com assessoria externa, nesse de 2003, foi construído pela própria Equipe de Monitores, com um representante de cada turma de alunos/as, apenas do 3º ano eram dois. A atividade foi animada pela Coordenadora da EFAGO e contou com a participação de um pesquisador da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), São Paulo, da área de Educação Rural e Políticas Públicas que fora monitor na EFAGO e estava fazendo uma pesquisa na Escola. Inicialmente, foram realizadas oficinas para discutir a parte teórica como a Educação Rural no Brasil e em Goiás, a Pedagogia da Alternância, seus Instrumentos Metodológicos e o Plano de Formação. Essas oficinas foram realizadas com trabalhos em grupos, debates e sínteses.

Como esse grupo teriam apenas três dias de trabalho, optou-se por desenvolver as atividades sempre em grupo com os mesmos integrantes. Assim, cada grupo trabalhou todos os aspectos de uma série. Primeiramente, cada grupo trabalhou sobre os objetivos de cada turma e o objetivo geral da Escola, depois plenária. Criou-se uma verdadeira polêmica a questão do objetivo do Ensino Médio e Profissionalizante porque uns defendiam a questão do mercado de trabalho, como objetivo central, e outros não, porque estaria fugindo à filosofia da Escola. Assim, a conclusão foi que a Escola iria preparar o educando para a Agricultura Familiar, e nesse caso preparar o aluno para desenvolver atividades nessa linha tanto na propriedade ou no mercado de trabalho. Alguns pais, membros do Conselho Administrativo da Associação da EFAGO estiveram na Escola a convite da Equipe, mas participaram mais como ouvintes, estiveram para registrar a presença, não se envolveram.

Depois dos objetivos, foram levantados os temas dos PEs de cada turma por grupos e definidos em plenária, pois não poderia haver repetição e teria que haver uma sequência lógica desses temas. Em seguida, cada grupo trabalhou a ligação de todos os instrumentos pedagógicos trabalhados na Escola e a ligação com os conteúdos, quem estava em um grupo, mas lecionava em outras séries de outro grupo tinha que preparar os conteúdos e passar para o grupo. Um trabalho exigente e pelo número de pessoas, cada grupo trabalhou com duas séries. Tudo em tarjetas com a intenção de haver socialização, porém, o tempo não foi suficiente, afinal eram três dias nos três períodos para fazer o Plano de Formação de oito turmas. A

reconstrução do Plano de Formação foi num período difícil para a Escola e Monitores, todos/as estavam sem contrato de trabalho, pois o Governo Estadual havia interrompido o convênio, alegando que não pagaria os salários de quem tinha mais de dois anos de contrato temporário, que tratava de um decreto Estadual. Nesse período, já havia três meses sem salário e não se sabia como ficaria a situação dos monitores, todos estavam inseguros e desmotivados para a realização do Plano de Formação, mas mesmo assim foi construído.

#### ***5-4 Impactos, Desafios e Perspectivas do Plano de Formação***

O impacto maior foi, sobretudo, para os monitores que não conheciam o Plano de Formação, pois acharam interessante a organização dos instrumentos e, segundo a equipe, estava acontecendo a interdisciplinaridade. Um outro aspecto relevante é que passou de quatro PEs por ano, desde a mudança em 2001, pois os monitores e educandos avaliaram que eram muitos PEs, que não dava tempo para aprofundar e na Reconstrução de 2003 foi refletido a importância de se ter PE em todas sessões objetivando uma maior integração entre a Escola e meio sócio-profissional.

A Escola estava atravessando, naquele momento, uma crise gravíssima, o que veio abalar toda a estrutura de trabalho desenvolvida pela EFAGO e Associação. Acabaram todos os recursos vindos de ONGs estrangeiras, e tanto o Governo Federal, Estadual e municipal não assumem os compromissos assumidos com educação na cidade e, muito menos, no campo. Dessa forma, a Escola sofre uma fortíssima pressão financeira, administrativa e pedagógica. Diante disso, as maiorias dos instrumentos pedagógicos não foram aplicadas como as Visitas às Famílias, que são consideradas fundamentais para fazer a integração com o meio sócio-profissional do jovem.

Praticamente não houve Visitas de Estudos para aprofundar os temas pesquisados no Plano de Formação e foram poucas Intervenções Externas. Mesmo os instrumentos realizados, foi de forma precária, pois, como acabaram todos os recursos, a Escola enfrenta um período de crise nunca vista na sua trajetória: monitores e Associação desmotivados na busca de solução para a continuidade da Escola. Nesse sentido, centraram-se as forças na busca de recursos e o pedagógico ficou um tanto adormecido.

O grupo de monitores/as e educandos/as, diante disto, constata uma queda considerável da qualidade de Ensino na Escola. Outro desafio é a rotatividade de profissionais, com o baixo salário, sendo que o monitor com pós-graduação recebe menos de 2 salários mínimos, sem

férias, sem 13º salário, isto sem falar da insegurança e a grande carga horária de trabalho. Além disso, há uma desvalorização muito grande do profissional pela própria Associação. Talvez por uma questão cultural, sem salário ou uma renda fixa, o agricultor considera elevado o salário dos monitores, e pensam que todos devem trabalhar por amor à causa. E assim, contribuem também para a desmotivação e desvalorização dos profissionais que acabam saindo da EFAGO. Em 2003, em especial, houve o maior índice de rodízio de monitores e isso quebra qualquer chance da aplicação do Plano de Formação, pois tem monitor/a novo todos os dias, que não entende da Pedagogia da Alternância.

A perspectiva é primeiramente garantir a continuidade da Escola, juntamente com as Parcerias que tem feito um intenso trabalho junto aos órgãos públicos para o reconhecimento da EFAGO. Muitas coisas avançaram, mas precisa ainda muito mais para garantir a sua continuidade de forma segura. Outro fator importante, que precisa ser trabalhado com urgência, é o engajamento dos pais assumindo a responsabilidade, de fato, a Escola, que é deles. Associação é o pilar mais forte da formação em Alternância. E daí organizar a situação pedagógica, a articulação entre os diversos atores da Alternância da EFAGO para reavaliar o Plano de Formação e efetivar as mudanças necessárias.

O segundo PF teve como objetivo reorganizar e atualizar os temas dos PEs e principalmente reavaliar a aplicação de todos os instrumentos pedagógicos. Essa reorganização foi fundamental e acredita-se ter sido boa. Depois que se construiu o PF, houve uma reorganização das atividades de formação em nível de ensino fundamental (5º a 8º série), ensino médio e profissionalizante. Acredita-se que o PF, de 1999, foi melhor do que o atual, porque no ano de 2000 foi possível realizar grande parte das atividades que havia planejado no PF.

A partir da fundamentação teórica abordada nos capítulos dois e três desta pesquisa, sobre o processo ensino-aprendizagem, e depois mais especificamente sobre o Plano de Formação, e neste capítulo passa-se a ter um maior conhecimento de como é a prática da aplicação de um plano de Formação e de seus instrumentos pedagógicos. Assim será tratado no próximo capítulo da análise das representações dos educandos/as, permitindo assim um confronto entre a parte teórica e empírica.

## **CAPÍTULO 6**

### **AS PRÁTICAS E AS PERCEPÇÕES DOS EDUCANDOS/AS SOBRE O PLANO DE FORMAÇÃO**

Neste capítulo apresenta-se a visão dos Educandos/as sobre o Plano de Formação a partir da perspectiva da Pedagogia da Alternância, bem como, as suas práticas vivenciadas na Escola, na família e na comunidade. Nesse sentido, será possível compreender a atuação dos educandos/as como protagonistas da pedagogia, do ato de educar, das escolhas e dos papéis históricos que se formam no processo e suas contribuições significativas para o processo ensino-aprendizagem. Foram importantes os diálogos realizados com Andreola (1984), Arroyo (2000), Brandão (1995) e Freire (1996).

#### ***6.1 Enxadas e Foices na Construção da Educação e da Aprendizagem***

Todos os modelos educacionais se utilizam determinados instrumentos pedagógicos para que possam realizar plenamente suas utopias. Por isso, determinados instrumentos podem ser caracterizados conforme os interesses das classes que os pensam, formulam e os coloca em prática no cotidiano das pessoas. Os instrumentos para os agricultores de Goiás podem ser simbolizados pelas enxadas e foices. A foice e a enxada são instrumentos necessários para que o camponês ainda ligado à Agricultura Familiar de subsistência possa realizar convicto seu ofício. Também, a Pedagogia da Alternância possui instrumentos, assim como os agricultores, necessários para melhor conduzir o que sai do pensamento humano para se tornar ação concreta. Os instrumentos pedagógicos da alternância contribuem para facilitar o Processo de ensino-aprendizagem? Mas como se dá este processo? Como se dá a aplicação do PF, ou seja, sua organização e sistematização?

Os instrumentos pedagógicos da Alternância contribuem significativamente para o processo ensino-aprendizagem dos educandos/as, desde que sejam aplicados sistematicamente como é planejado no Plano de Formação. Mas isso não está sendo possível, segundo diversos fatores como o financeiro e outros problemas que serão apontados no decorrer deste capítulo.

Vejo que esse desenvolvimento na formação, só será valido se conseguimos trabalhar ela com a PA, ou seja, trabalhar com os instrumentos pedagógicos com os jovens aí assim obteremos uma formação, onde a realidade desse jovem será prioridade na sua formação. Nesse caso a Escola esta deixando a desejar, pois a

Pedagogia da Alternância não está sendo realizada de uma forma concreta e isso com certeza irá influenciar na formação dos jovens. (Educando 2).

Os jovens da Escola Família Agrícola acreditam que a Pedagogia da Alternância e seus instrumentos contribuem para o processo ensino-aprendizagem o que causa uma certa surpresa o que vem evidenciar que, em muitos casos, a não aplicação dos instrumentos no cotidiano da Escola não altera o sentimento dos educandos/as. Para tanto se torna necessário expor como estão sendo trabalhados os instrumentos pedagógicos na EFAGO e suas contribuições segundo as percepções dos educandos/as.

**O PE** é um dos principais instrumentos pedagógicos que a EFAGO e outras EFAs possuem. Segundo os educandos/as, atualmente está mais interessante que antes pelo fato dos próprios educandos/as a partir de sua realidade apresentarem temas. E a maneira com que está sendo trabalhado é positiva, embora deveria existir um trabalho de conscientização em relação à importância de se aplicar o PE, e ainda a importância de retornar o resultado do PE para a família e comunidade.

... Não percebo que esta havendo exploração mais ou menos do que antes, apenas percebo que ele está sendo realizado de maneira diferente e é essa diferença que nos leva a interessar por ele, e completar os nossos conhecimentos nos dando uma bagagem maior no plano profissional. A Escola interessa trabalhar com tema que envolve e interessa todos os alunos/as, que passam envolver completamente dentro de cada realidade diferente. E isso ajuda muito na compreensão de cada aluno (a), tornando um trabalho mais rico e interessante para cada realidade diferente que existe na Escola. (Educando 2)

Para alguns educandos/as aumentou o número dos PEs, pois no Plano de Formação de 2000, foram planejados 8 PEs por ano. No ano de 2001 após avaliação diminuiu o número, por que acreditavam que não estava dando tempo de aprofundá-los. Em 2003 foi reavaliado e se decidiu por aumentar novamente o número de PEs, pois se percebeu que não era possível trabalhar a realidade dos educandos/as com um número pequeno de PE. A Escola tem interesse que o educando tenha mais consciência do que se passa, que conheça melhor a sua comunidade e região.

Acredito que o PE está sendo mais explorado em quantidade, porque toda sessão aplica-se um PE e muitas das vezes há um acúmulo de matérias atrasadas. (Educando 3)



Para alguns Educandos/as o PE está mais explorado, abordando temas mais amplos que tem a ver com os módulos principalmente, e isso é de suma importância para eles, pois facilita bastante na compreensão do mesmo. Para outros, o PE é bem explorado, mas falta a parte chave que é trabalhar com o jovem em relação a sua cultura. Neste sentido Andreola (1984) vem dar uma contribuição importante. Os educandos/as acreditam que devem encarar os seus problemas e desafios e como o PF trabalha com temas da realidade em que vivem, fica muito fácil compreender e ajuda no desempenho da Colocação em Comum.

Penso que é um dos mais importantes métodos do aprendizado da EFAGO, e agora bem mais explorado e técnico, tirando ainda mais proveito, levando a Escola à busca por meio de pesquisas e palestras e também aulas diárias se tornando bem interessante ajudando e muito a nossa compreensão. (Educando 8)

Diante dos problemas enfrentados pela Escola nos últimos meses, no caso específico da situação financeira, constatou-se um declínio pedagógico por parte do Plano de Estudo no sentido de não estar sendo aplicado totalmente o que foi planejado. Os educandos/as poderiam estar explorando mais a fundo o tema no PE que são interessantes, estimulando a busca de soluções. E, segundo os educandos/as, se há interesse, há compreensão.

O interesse da Escola em trabalhar o tema durante a quinzena é para dar mais conhecimento para os alunos. (Educando 11)

É um ótimo instrumento de trabalho para estar desenvolvendo os temas levantados e que é de ótimo resultado, pois procuramos aprender com a experiência de outros e não na teoria dos quadros. (Educando 15)

E, para os educandos/as, o PE está sendo aplicado a partir das normas de trabalho científico, o que consideram ótimo para enriquecer a aprendizagem e ter um trabalho com mais rigor, afirmando portanto a necessidade daquilo que Freire (1996) chama de rigorosidade metódica. (Ver em anexo dois temas de Planos de Estudo)

Penso que agora o PE está sendo mais profundo que antes, estamos entrando de cabeça. É muito importante, pois ele nos mostra o conhecimento teórico e também o prático. (Educando 14)

Já a **Colocação em Comum** segundo os educandos/as está melhor trabalhada do que antes, na medida em que evolui o PE, realizando o entendimento de todas as questões e ouvindo todas as colocações com o objetivo de formular um texto que engrandeça o conhecimento do corpo discente e docente. Freire (1996) afirma que sem discência não há docência e uma

característica deste fator dentro da Pedagogia da Alternância é o respeito pelos saberes dos educandos/as que trazem consigo para o momento da socialização suas experiências e lutas vivenciadas no meio social em que habitam.

É um momento de compartilharmos as nossas experiências adquiridas através do PE, pois é um momento muito rico para todos os alunos /as. Ela está sendo mais explorada do que antes, houve um maior interesse pelos alunos /as. A Escola tem o interesse de trabalhar a colocação em comum durante a sessão, pois ela transmiti um conhecimento muito elevado para os alunos/as, interessando assim no conhecimento de todos e facilitando na compreensão dos trabalhos desenvolvidos na EFAGO. (Educando 2)

A colocação em comum está sendo realizada de forma mais rápida, pois antes se levava até dois dias na sua aplicação, atualmente está mais fácil para assimilar as colocações de cada educando/a. Com este instrumento a Escola busca resgatar a cultura e incentivar aos educandos/as a se prepararem para apresentações verbais, principalmente, em públicos considerados estranhos para eles/as. Por isso, todos os educandos/as consideram que é muito interessante este instrumento para a formação deles/as,

Acho que através dela que entendo não só de mim, mas sobre cada colega, pois às vezes esquecemos um pequeno detalhe que com a ajuda e palavra deles mudamos uma história ou imagem que tínhamos construído e com isso tem me ajudado muito. (Educando 8)

Este instrumento é realizado na maioria das vezes, através de diálogo , facilitando no aspecto de entendimento e compreensão. A Escola tem o interesse em trabalhar a Colocação para avaliar se os educandos/as estão respondendo ou não os PEs com suas famílias e a comunidade, pois é onde se busca os conhecimentos para serem aprofundados e refletidos na Escola. Isso também é interessante para estar vendo em que ponto se pode ajudar a comunidade e ao mesmo tempo ajuda na compreensão dos pais da EFAGO. Como afirma Gohn (2001) o processo educacional se amplia ao sair dos limites e muros da Escola formal abrindo um diálogo constante com educações que acontecem no cotidiano do educando como é o caso aqui da família e da comunidade.

Para alguns educandos/as a colocação em comum não mudou muito. Afirmam que antes se usava algumas técnicas como teatro, cartazes etc. Já hoje está sendo feita em forma de debate. Assim, esses educandos/as consideram que está sendo demorada e sem metodologias diferenciadas, caindo numa rotina o que às vezes desmotiva.

Está um pouco fraca e às vezes perdemos muito tempo. Sei que ela é muito importante para nós alunos, porém deveria ser mais criativa. (Educando 5)

Para estes educandos/as está faltando preparação e planejamento por parte dos educadores, que por muitas vezes caem de pára-quedas e não contribuem por não entenderem o tema e a própria Pedagogia da Alternância prejudicando todo o processo.

O **Caderno da Realidade-CR**, após ter concretizado que seria feito em regras de MTI, ficou mais interessante, na opinião dos educandos/as, dando mais subsídios para que se possa organizar melhor o caderno. Deveria ter um espaço para que o educando pudesse usar a criatividade, pois é um resultado muito abrangente no qual os educandos/as desenvolvem no processo Escolar que retrata um pouco de sua realidade, onde a família tem a contribuir muito para o bom resultado deste trabalho. Não se constatou que ele está sendo mais explorado do que antes. Para os educandos/as, em sua grande maioria não houve grandes mudanças no CR. Mas com o PE, o CR está sendo mais organizado e, ao mesmo tempo, mais explorado. A EFAGO procura ligar CR com as disciplinas para melhorar o desenvolvimento do educando/a e facilitar a aprendizagem do mesmo. Pedagogicamente, sua importância está em corrigir erros ortográficos e de concordância segundo alguns educandos/as. É interessante porque fica arquivado todo o desenvolvimento de todos os PEs.

A troca de questionário por roteiro estimula na própria busca do aluno na formulação das perguntas que antes. A comparação com outras realidades e o melhoramento diante do que os educandos/as conhecem. É interessante pelo fato de que os educandos/as podem estar melhorando, estar fazendo de maneira correta diante dos conhecimentos aspirados. Desde que estejam vendo o que está errado procurando encontrar soluções, pois a compreensão com certeza existe.

O interesse da Escola é porque ela passa conhecer melhor a realidade de cada educando/a. É importante para o funcionamento da Escola.

É muito interessante e a cada dia que passa está sendo mais explorado, ao ser trabalhado durante a quinzena, a Escola está nos proporcionando maiores conhecimentos, que é de grande importância para os educandos/as e proporcionando maiores compreensões. (Educando12)

É um estudo que vai nos aprofundar nos assuntos que nós conhecemos e nos que não conhecemos. (Educando14)

Os educandos/as percebem a grande importância das intervenções externas o que não vem ocorrendo com frequência nos últimos anos, ou seja, constata-se uma falta de organicidade

por parte da equipe de monitores/as em preparar e agendar com os órgãos, parceiros, sindicatos e outros que poderiam estar partilhando o conhecimento e a busca por uma educação definitivamente integral.

As intervenções externas na Escola são de grandiosa importância para com o trabalho desenvolvido, embora vejo que essa atividade está sendo menos explorada que antes, tendo em vista a não execução de mais frequentemente visitas de entidades parceiras, órgãos que tinha alguma ligação com a Escola e ainda que supla as curiosidades e necessidades de conhecimento do corpo discente. (Educando 1)

As intervenções externas são momentos onde se transmite muito conhecimento através da palestra para os educandos/as porque é neste momento que serão discutidos e esclarecidos todas dúvidas.

A Escolas tem interesse em realizar este processo, porque melhora e ajuda na compreensão dos alunos (as) aumentando seu conhecimento profissional. E é um trabalho muito interessante pelo fato de esclarecer as dúvidas dos alunos (as) na determinada área atuante. (Educando 2)

Busca explorar temas atuais que acontecem no nosso meio. Com isso os alunos estão sempre informados, nesse sentido a Escola está contribuindo com a formação do aluno. (Educando 3)

Outro fator constatado se refere ao fato dos jovens terem o desejo de escolherem juntos os temas a serem abordados pelos intervencionistas que estarão expondo as idéias. A intervenção não é aulismo. É um método propício para que os educandos/as possam juntamente com a equipe de monitores/educadores estar discutindo temas pertinentes com a realidade global e local. Há de se lembrar que o educador não deve centralizar os poderes de decisões a respeito dos temas das intervenções, mas, trazendo Freire (1996) e Gadotti (2000) para este diálogo, percebe-se que o papel do educador é conduzir, dar rumos, colocar o educando em caminhada no caminho certo e... *só se faz caminho caminhando*.

Tem um grande papel na aprendizagem da juventude, pois devemos melhorar a vida em vários aspectos. Acredito que na escolha dos temas deveriam escolher temas junto com os jovens, pois isso seria muito proveitoso. (Educando 6)

São importantes, levam e trazem idéias diferentes e que podem ser absorvidas pela Escola. (Educando 7)

A Escola sempre tenta buscar ajuda com pessoas também qualificadas no assunto para nos ensinar, ficando cada vez mais explorada nos ajudando aqui na Escola e também em casa, nos auxiliando muito para nossa formação. (Educando 8)

Já outros educandos/as conseguem afirmar a importância das intervenções externas sem perceber o limite da aplicabilidade da Pedagogia da Alternância, como por exemplo, em afirmar que as intervenções estão sendo exploradas em seu todo.

Ela está sendo explorada ao máximo, pois acredito que a Escola tem interesse de estar melhorando o trabalho na Escola durante a quinquena, que é muito interessante para nós de estar aproveitando o máximo a oportunidade de estar compreendendo as disciplinas e de estar fazendo um intercâmbio. (Educando 12 )

Os educandos/as também atestam que as **Visitas de Estudos** estão sendo trabalhadas, embora não exista recursos suficientes para a realização da mesma; diante da necessidade que se tem em estar realizando práticas, uma vez que a Escola não tem estrutura suficiente para oferecê-los, busca-se uma alternativa viável que são as visitas de estudo em locais apropriados para o exercício do processo ensino-aprendizagem em determinadas áreas. No entanto há os que discordam e vêem a necessidade de maiores investimentos neste tópico.

Ela não está tão explorada quanto deveria ser, pois tem muitas coisas que os monitores ainda não conhecem, principalmente os alunos e suas famílias. (Educando 2)

Não está acontecendo com frequência a visita de estudos, mas quando há, são mais exploradas e mais aproveitadas pelos alunos, ajuda nas disciplinas e na compreensão dos alunos. (Educando 5)

Tem que ser mais exploradas em relação às turmas, pois se interessar na parte dos professores e alunos, pois está deixando a desejar. Ela pode e ensina muito em matéria técnica, e ajuda o aluno a soltar as amarras. (Educando 6)

Em relação as visitas de estudo das poucas que tivemos não desperdiçamos a oportunidade e as exploramos até nossa total compreensão, pois com as poucas coisas de que a Escola tem na área técnica em máquinas e estrutura, ela supre ao meu ver, não nos deixando assim tão desinformados. (Educando 8)

Estão sendo coordenadas de acordo com o PE e com os módulos, com certeza está sendo mais trabalhado, principalmente na área técnica. Como tem relação aos módulos, estamos vendo a teoria e depois iremos ver na prática através da visita de estudos. Tudo o que vemos aqui é interessante para a nossa formação pessoal e profissional. (Educando 9)

Não está mais explorada, pois atualmente nem visitas estão tendo, não sei se é por motivo de verba ou se é falta de interesse dos próprios monitores. (Educando 14)

Desde quando entrei para a Escola não estamos tendo oportunidade de visitas de estudos. (Educando 15)

Outro instrumento importante neste processo é o **Serão** que não é bem considerado por muitos teóricos da Pedagogia da Alternância. A Escola Família Agrícola de Goiás até mesmo por sua natureza revolucionária e de resistência ao que é imposta de cima para baixo qualifica o Serão como sendo um instrumento pedagógico onde o educador e o educando poderão estar dialogando, dançando, festando, estudando, debatendo, criando, pensando e alternando. É um momento propício para que se possa realizar o todo da práxis educativa na concepção de Libaneo (2001). Mas os educando/as sentem falta de atividades coesas entre educador e educando, também, aqui se percebe o caráter centralizador das decisões.

...diante a importância que tem o serão para as atividades realizadas, penso que deveria existir um planejamento mais rigoroso, para que de maneira criativa e útil possa estar usufruindo desses momentos. (Educando 1)

Para alguns educandos/as o caráter simplório do Serão toma conta o que evidencia que os mesmos percebem nos educadores o senso-comum em relação ao Serão como o cumprimento somente por questão de carga horária.

Está sendo mais explorado simplesmente porque tem que cumprir a carga horária. (Educando 3)

...sempre achei que a Escola se preocupava muito em estar preenchendo este horário e não de estar associando ao PE, diálogo com aluno sobre o objetivo tanto geral, como durante a quinzena que a Escola tem e porque não em filmes, e até mesmo em tarefas que por nós e também muitas vezes pelos professores acabam se acumulando, mas esta ficando agora bem melhor do que antes, menos cansativo. (Educando 8)

Os serões às vezes são muito proveitosos. Não quando se é trabalhado um tema repetido, em relação às atividades. Com um grande esforço sim, mas às vezes. Está mais explorado com disciplinas tradicionais, os interesses da Escola com o serão é cobrir a grade curricular, (a carga horária). (Educando 6)

No entanto, há os educando/as que ao responderem o questionário sempre conseguem ficar nas limitações da ingenuidade sem ter o mínimo de sendo crítico, ou então, se colocam em posição de neutralidade (entender o Serão como aula) apenas afirmando a necessidade, a urgência e a importância dos instrumentos.

É outra atividade de extrema importância para os alunos (a) ele esta sendo muito bem explorado com muitas aulas, que ajuda na nossa formação, é interessante trabalhar, ou seja, estudar nos serões, porque ele nos proporciona uns estudos mais amplos, que não é somente aulas, mas sim noites culturais, intervenção externas etc, e isso ajudam no nosso ensino que é formação integral e isso nos motiva bastante, e também na compreensão e entendimento global do nosso mundo atualizado. (Educando 2)

São muito importantes no sistema de semi-internato, através dele que colocamos a matéria em dia. (Educando 4)

Está acontecendo com frequência e mais explorado, temos aulas quase todos os dias e é muito importante, pois assim não deixamos desperdiçar tempo e aprendemos mais. (Educando 5)

Já outros educandos/as compreender a necessidade do Serão ser um instrumento de interagibilidade, conhecimento mútuo e de criar e recriar o espírito comunitário. O serão é bem compreendido pelos educandos/as ao afirmaram conscientemente que este instrumento nada deve jamais ser entendido como espaço para a aplicação de conteúdos, ou seja, aulas.

Não vejo grandes mudanças em relação aos serões, lembrando que me matriculei em 2002. (Educando.9)

Com relação ao serão, não sou a favor que tenha aulas, mas sim que fosse trabalhado palestras, música, brincadeiras, etc., com certeza teria um melhor aproveitamento. (Educando 10)

É importante para a Escola, mas tem que trabalhar de forma que não seja cansativo para os alunos e para os monitores, não porque não está tendo palestra, mas sim só aula. O interesse da Escola de trabalhar o serão durante a quinzena é para estar fechando a carga horária. (Educando 11)

Um dos grandes pilares da Pedagogia da Alternância é a relação entre Escola e comunidade e família que acontece por meio da presença dos Pais na Escola (Associação) e, principalmente, por meio das Visitas as Famílias. Este instrumento pode ser considerado como o grande

tesouro das EFAs. No entanto, na EFAGO o que vem ocorrendo é uma falta de visitas. Existem educandos/as que já estão a três anos na Escola e nunca recebeu a visita. Também se limitou a visita somente aos monitores da área técnica o que impede que cresça uma consciência maior nos monitores/as da parte pedagógica da importância deste instrumento.

As visitas nas famílias esta menos trabalhada que antes, não acontecendo frequentemente, quanto deveria acontecer, por questões financeiras, mas quando há oportunidade, acontece de não haver um aproveitamento total do objetivo das visitas. (Educando 1)

Não está acontecendo por falta de condições financeiras, quando há é mais explorada e mais objetiva e ajuda no trabalho da Escola e o aluno tanto na Escola como na comunidade. (Educando 5)

Estão um pouco atrasadas, pois tendo um grande desafio que é o transporte para monitores irem a um só lugar, precisam de carro disponível, pois não temos. Os temas podem ser interessantes, pois são incentivados, aos pais que dá certo, a agricultura familiar sustentável. (Educando 6)

Quase não existe mais; a Escola busca trabalhar a prática e o desenvolvimento da parcela do aluno, por isso é interessante a ligação aluno, Escola e família. (Educando 7)

Só tive uma até hoje estudando aqui na Escola, mas mesmo assim senti que os professores estão sempre prontos para nos ajudar em qualquer dúvida a ser trabalhada ou até já existente, melhorando ainda o interesse do aluno e também dos pais em relação a Escola nos ajudando a compreender ainda mais. (Educando 8)

Matriculei-me em 2002 e não tive nenhuma visita a minha família o ano passado lembrando que a Escola da preferência a alunos que moram no campo, e eu estive morando na cidade. Olhando também para os problemas enfrentados pela Escola e vendo a dificuldade de efetuar essas visitas. (Educando 9)

São para ver se o aluno está desenvolvendo alguma prática que ele aprendeu na EFAGO, é também uma forma de mostrar que a Escola tem preocupação com o aluno, não só na Escola, mas em sua família. Estão sendo mais exploradas do que antes. O interesse da Escola de fazer estas visitas durante a sessão em casa é para conversar com o aluno e com sua família junto. É interessante para a Escola e para a família do jovem. Ajuda o filho a explicar para os pais algumas coisas que a família tiver dúvidas do filho dentro da Escola. (Educando 11)

Outros educandos/as procuram dar uma explicação plausível baseados nos problemas que a Escola vem enfrentando desde 2002.



Esta menos trabalhada também pelo grande número de alunos que cresceu muito, abrangendo muitos locais, dificultando ainda mais um acompanhamento mais direto. (Educando 1 )

A Escola busca trabalhar a visita a famílias durante a sessão porque também é um dos instrumentos pedagógicos muito importante para o aluno (a) e ela proporciona conhecer melhor a realidade do aluno com a família e comunidade, com a família e comunidade, como este aluno (a) comporta diante de sua comunidade, este trabalho é interessante por este motivo e ajuda muito compreender melhor a vida do aluno (a), aqui na Escola, contribuindo no seu crescimento na Escola com sua família e comunidade. (Educando 2)

Para alguns educandos/as a Escola está explorando as visitas as famílias como êxito mudando o enfoque da família para a visita a comunidade. Neste sentido, Nascimento (2004) faz uma crítica ao observar que tais mudanças evidenciam um caráter minimizador da Pedagogia da Alternância. Nascimento (2004) busca na teoria do Estado Mínimo enfocada pelo neoliberalismo o por que de determinadas concepções existentes numa Escola de resistência como a EFAGO. Refere-se às concepções de determinados sujeitos que buscam entender a visita as famílias como contenção de gastos e para isso se faz necessário ir somente até a comunidade.

Está sendo mais explorada envolve algumas mudanças no sentido da visita de realizar para a comunidade. Assim a Escola divulga seu trabalho, ajuda a comunidade, economiza no transporte individual a família. (Educando 3)

É um ponto fundamental para a EFAGO, através da visita que os monitores ficam conhecendo a realidade de cada pessoa e que passa trabalhar conforme a realidade. (Educando 4)

O Estágio é um instrumento realizado de seis em seis meses no período de recesso Escolar dos educandos/as. Neste sentido, os educandos/as buscaram refletir sobre o estágio sempre na perspectiva de encontrar alternativas para os problemas existentes. (ver em anexo dois trabalhos- resultados dos Estágios dos Educandos)

O estágio é um instrumento que imagino estar sendo melhor trabalhado, sendo bem explorado pelos alunos; penso que a Escola

deve trabalhar melhor as questões de convênios para que possamos realizar estágios em áreas de maior procura. (Educando 1)

O estágio não mudou, sua exploração é a mesma. A Escola busca trabalhar o interesse do aluno com os estágios, por isso é interessante, pois o aluno escolhe o tema do seu estágio. (Educando 7)

Com certeza é a mais importante ferramenta de estudo que a Escola tem e principalmente para os alunos do terceiro ano do ensino médio e profissionalizante, vindo a ser mais técnico e atualizado em relação a anos anteriores que não exige muito de nosso conhecimento e interesse. (Educando 8)

... É o instrumento mais bem trabalhado na Escola, talvez por ser feito uma só vez no ano, a Escola deveria acompanhar de maneira mais direta os estágios e estar buscando das condições de se efetuar em áreas de grande procura e de rica carga de conhecimento, através de convênios com grandes empresas. (Educando 9)

Está sendo muito mais explorado do que antes, pois a Escola está nos dando grandes oportunidades de estar aprendendo na prática durante o ano, para nós é de grande aproveitamento. (Educando 12 )

Está sendo normal, é uma fonte de aprendizagem na formação do aluno e enriquecendo mais seus conhecimentos. É interessante na formação do aluno e ajuda muito na compreensão dos alunos que nele situa-se. (Educando 13)

A definição de Estágio em Pedagogia da alternância pode ser assim formulada:

O estagio é um meio em que o aluno (a) busca a assimilar teorias e praticas é o momento em que o aluno (a) aprende fazendo na prática e isso ajuda muito este aluno (a) uma vez que teoria e pratica tem que caminhar juntos. É interessante por este motivo, e o estágio sempre ajudou a compreender melhor as nossas dúvidas com relação à escolha em que trabalhar profissionalmente, melhorando e ampliando cada vez mais os nossos conhecimentos na área técnicas. (Educando 2)

O Estágio é de suma importância para o aluno, onde irá adquirir o conhecimento e saber o que é a área escolhida para o trabalho. (Educando 4)

O estágio está mais explorado, ajuda muito na aprendizagem do aluno, pois obtém mais conhecimento e é essa a intenção da Escola, trazer uma melhor forma de aprendizagem para o aluno. (Educando 5)

No entanto, determinados educandos/as percebem claramente as limitações do Estágio, como por exemplo:

Os estágios estão sendo bem trabalhados, mas está faltando em alguns monitores o interesse em ajudar o aluno a promover e estar realizando seu estágio. a Escola não busca interesse, mas sim um bom desenvolvimento. (Educando 6 )

Avaliar é um dos aspectos mais difíceis de ser abordado dentro da Escola Família Agrícola no Brasil devido aos fatores sócio-econômicos e culturais segundo Nascimento (2004) e Freire (2001). Avaliar significa saber escutar o outro, a dimensão do diferente. Isto sempre foi negado à cultura camponesa. Para os educando, portanto, este instrumento tem um significado especial, porém não há um esforço coletivo para mudar os paradigmas impostos pela cultura dominante nas consciências das pessoas.

A avaliação tem a importância muito grande para com o desenvolvimento e o crescimento da Escola; mas ela não está sendo trabalhada para que se alcance este objetivo; por vários fatores, dentre eles a saída de muitos alunos antes da execução da mesma e a aplicação sem verdadeira credence de estar colaborando com os próprios críticos e sugestões. (Educando 1 )

Os próprios educandos/as ressaltam a necessidade de não tornar a avaliação em momentos rotineiros e impostos.

É um momento muito importante que tem que ser levado mais a serio, ela não está sendo muito explorada muitas das vezes fazemos a avaliação por obrigação, e isso não resolve nada os nossos problemas internos. (Educando 2)

No entanto, os educandos/as não questionam a necessidade e a importância da avaliação como instrumento pedagógico da alternância, o que se percebe em suas respostas são propostas e alternativas que possa melhorar a metodologia e os objetivos deste momento tão rico para o crescimento pessoal e coletivo dos educandos/as, bem como, dos educadores.

É um momento muito interessante, porque neste momento que esta havendo um questionamento dos problemas entre alunos e monitores. Ajudando assim a compreender várias situações que acontece aqui na Escola, uns ajudando os outros. (Educando 2 )

A avaliação das disciplinas no final da sessão está sendo mais discutida. Nessa avaliação a Escola busca melhorar o que foi proposto de certo e ou errado. (Educando 3)

A avaliação das disciplinas está da mesma forma de antes, já a de final de sessão, no meu ponto de vista, não está indo bem, pois não está resolvendo nada entre alunos, só há discussão aluno com aluno e monitores. O dia que está fazendo a avaliação, também não é correto, no dia de ir embora, os alunos só têm um pensamento que é ir embora. (Educando 4)

A avaliação das disciplinas não tenho nada contra e em final de sessão poderia ser o velho estilo de EFA, falar cara a cara e apontar o aluno. A avaliação das disciplinas não tem conhecimento e nem autonomia para comentários, a avaliação de final de sessão é importante, pois são apontados os pontos negativos e positivos e são apontadas várias sugestões para melhorar os pontos positivos e não deixar os pontos negativos. (Educando 7)

Sobre as avaliações aqui da Escola em relação a outras tradicionais, sempre gostei dos métodos de avaliações daqui, de que faz com que o aluno aprenda e não simplesmente passe de ano sem saber quase nada e acho nisso o principal de tudo porque estou aprendendo para a vida o que é o mais importante, e sobre a avaliação final da sessão notei uma mudança, pois agora esta solucionando mesmo que seja pouco, algumas reivindicações, melhorando para nós assim enquanto aluno e pessoa ficando ainda melhor. (Educando 8)

Percebe-se que os educandos/as, em sua grande maioria, concordam em participar do momento avaliativo seja nas disciplinas ou nas avaliações de sessões o que ficou claro é a questão metodológica que deve ser mudada para que se possa haver uma maior interação entre os educandos/as.

## **6.2 Educação, Aprendizagem e Plano de Formação: Conciliações Plausíveis?**

A relação entre o ensino e a aprendizagem na EFAGO se formam numa lógica onde os educandos/as percebem que o ato de aprender costura-se com a finalidade do projeto político-pedagógico estabelecido na EFAGO.

Quando existe o interesse do aluno em buscar conhecimento, acredito que não aprendemos tudo, mas o que é de capacidade de

cada um, embora penso que deveria ser melhor trabalhar das questões de horas aulas. (educando 1)

Não só acredito, mas acredito como tenho certeza de que já aprendi muito aqui dentro, não é muito que se vê, mas se aprendi, o que é mais importante, pois o que me adianta decorar muitas coisas se depois se esquece tudo, e o plano de formação só tende a contribuir com meu aprendizado como, forçando a minha pesquisa e conseqüentemente o meu aprendizado. (educando 8)

Segundo os educandos/as a aprendizagem acontecem a todo instante, o que demonstra a coerência da dissertação de Azevedo (1999) ao afirmar que a Pedagogia da Alternância é uma proposta inovadora.

Na EFAGO a todo o momento você aprende, isso porque você mostra o seu eu, que é observado por várias pessoas e ao mesmo tempo você observa a personalidade do colega. Mas quando se fala no aprendizado vocacional acredita que na Escola alunos e monitores apreendem isso porque será uma troca de experiência. (educando 3)

Sim, só de estar convivendo com um grupo de pessoas, é uma forma de aprendizado. (educando 4)

Sim, através de aulas teóricas, palestras, intervenções externas, viagens de estudos e aulas práticas. É isso tudo e através do PF que é feito no início do ano. (Educando 5)

Um dos aspectos da eficácia do processo de ensino-aprendizagem existente nesta experiência é a relação dialógica entre teoria e prática tão anunciada por Freire (1978 e 1996), bem como, Padilha (2001). Para os educandos/as a teoria e a prática no processo ensino-aprendizagem vem ocorrendo de forma que se pode chamar tal postura pedagógica de Pedagogia da Comunhão.

Sim, dando suporte para que possa adquirir melhor conhecimento. Sim, não só na teoria, mas também temos a oportunidade de praticar também, que nos ajuda compreender melhor a matéria. (Educando 12)

Nós aprendemos muito mais do que nas Escolas tradicionais, com o Estágio, aulas teóricas e práticas e como o PE e a Escola ajudam muito na nossa formação de nós alunos. (Educando 13)

Para aprender basta interesse e como na maioria somos alunos do meio rural temos grande interesse na formação da Escola. (Educando15)

Também se percebe o sonho de transformação incutido nas palavras dos educandos/as abaixo o que caracteriza que o processo de ensino-aprendizagem da EFAGO busca construir uma sociedade mais justa, fraterna e ecologicamente sustentável, associando a práxis educativa dessa experiência pedagógica com a atitude sócio-política dos indivíduos.

Vim estudar na EFAGO por fazer parte deste trabalho e me identificar com o mesmo e me sinto construtor de uma nova história que faz parte da fraternidade e compreensão de trabalhar com uma integração homem-natureza. (Educando 1).

No principio eu fiquei sabendo da Escola, através de uma amiga, pois ela me falava de como funcionava e eu comecei a me interessar até vim para a Escola. Hoje me sinto transformada em muitas coisas, pois aqui na Escola vivi um tempo de muitas transformações na minha vida tanto no meu meio social, político e familiar. (Educando 2)

Fui estudar na EFAGO, por ela ter uma educação voltada para o meio rural e por ela estar preparando o jovem para o dia-a-dia. Eu tenho orgulho de estudar na EFAGO e de ter pessoas que realmente interesse para passar o seu conhecimento para os outros. (Educando 4)

Por eu me identificar com a Escola, pois ela trabalha com a terra procurando um ensino melhor para o jovem do campo. Sinto-me feliz por ter a oportunidade de estudar numa Escola como essa. (Educando 5)

Por interesse no aprendizado que ela oferece, me sinto privilegiado, pois tenho um bom conhecimento, através da EFAGO e nos mostra o que devemos fazer com a propriedade e a preservar a mãe terra. (Educando 6)

Os educandos/as vieram estudar na EFAGO por vários motivos, como: amigos que já estudam na unidade, apresentação por parte de membros da igreja e, também, porque a Escola busca ser uma educação alternativa, diferenciada e específica para o meio rural.

O motivo que mim levou a estudar na EFAGO, porque queria permanecer na minha comunidade junto a minha família e também achei interessante a proposta de ensino da Escola. (Educando 12)

Eu estou estudando na EFAGO porque tem um ensino melhor e uma formação para o campo, por isso mim sinto um aluno muito diferente das Escolas Estaduais. (Educando 13)

Por opção e pelo trabalho desenvolvido, e hoje me sinto um privilegiado por ter o estudo que tenho. (Educando 15)

### ***6.3 Tempo Escolar e Familiar no Processo Ensino-Aprendizagem***

Para alguns educandos/as a Pedagogia da Alternância, bem como a aplicação dos instrumentos pedagógicos não vem sendo aplicado sistematicamente nem na Escola e nem na Família por diversos fatores, principalmente, pelo fator financeiro e a falta de profissionais preparados, pois quando os educandos/as estão em casa, não tem acompanhamento dos monitores/as como é proposto pela pedagogia e assim os jovens sentem a falta maior de profissionais que os ajudem no desenvolvimento da propriedade. Como afirma o Educando abaixo:

O processo de alternar na Escola e em Casa, em algumas instâncias torna o desenvolvimento da Pedagogia da Alternância um tanto complicado no que diz respeito à aplicação dos instrumentos pedagógicos e ao desenvolvimento das atividades Escolares, tendo em vista que no período que o aluno está em casa, não existe um acompanhamento profissional. No entanto, em um âmbito com maior dimensão, vejo a Educação oferecida pela Pedagogia da Alternância como uma alternativa para o meio rural, uma vez que o grande objetivo desse modelo de educação é a permanência do jovem do campo em seu meio natural, e ainda pelo fato de se trabalhar família-Escola-comunidade. (Educando 1)

Já para outros educandos/as está indo bem, pois através de seus instrumentos é que o educando da EFAGO adquire seus conhecimentos aperfeiçoando cada vez mais. Esses conhecimentos são de suma importância para a vida familiar e para o futuro profissional, porque a Escola Família faz com que o educando fique por dentro do que realmente acontece no mundo lá fora e dentro da Escola. A EFAGO sempre será uma novidade para todos, pois trás e mostra o caminho certo.

Penso que a PA tem desenvolvido muito na minha formação, pois quando eu cheguei na EFAGO não sabia nada sobre PA, hoje já sei como funciona, quais os instrumentos pedagógicos e suas importâncias, pois é com eles que conseguimos os conhecimentos de diferentes realidades com a realização de estágios e desenvolvimento de planos de estudo que contribui com 60% da nossa formação, pois vivemos na prática. a minha formação é hoje o que sempre esperei, pois a Escola além de oferecer uma alternância para colocarmos em prática o que aprendemos, nos fortalece a viver no campo. (Educando 6).

A PA vem contribuindo no desenvolvimento do educando não só em um curso profissionalizante, que influenciará no profissional, mas enquanto pessoa, na convivência, na educação e também na busca pelo conhecimento, superando barreiras e dificuldades complicadíssimas. Os instrumentos pedagógicos trabalhados na PA dão todas essas vantagens em relação às Escolas tradicionais. Há uma formação muito importante nas vidas dos educandos/as, pois é a partir daqui que se vai formar um cidadão mais valorizado perante a sociedade e, principalmente, com relação ao mercado de trabalho. A EFAGO vem contribuindo desde que o educando procure estar se envolvendo na PA, e desta maneira, vai contribuir ainda mais na formação como pessoa humana.

A Pedagogia da Alternância é muito importante para minha formação, porque... pude aprender mais com os planos de estudos, com os estágios e estou aprendendo ainda mais, com toda Pedagogia da Alternância. (Educando 11)

Esta formação na PA, esta desenvolvendo o desempenho de crescimento da Escola quanto profissional e educacional na vida de cada aluno da Escola e pequenos agricultores. (Educando 12)

Dentro da Escola se desenvolve a formação dentro da PA e enriquecendo os conhecimentos para o futuro melhor. Na parte dos instrumentos é o estágio que ajuda bastante na formação de cada um de nós. (Educando 13)

Ajuda muito, pois a Escola oferece uma educação cultural, do tipo fazendo com que o aluno não só coloque o estudo na teoria, mas que ele possa estar colocando também em prática, ex: em nossa casa ajudando na formação de nossas vidas, favorecendo com que os filhos do homem do campo permaneçam no campo. (Educando 14).

#### ***6.4 Relações dialéticas do processo ensino-aprendizagem: casa/Escola, família/comunidade***

A Pedagogia da Alternância busca ser um referencial educativo para os filhos/as de agricultores/as da região territorial que abrange o município de Goiás, bem como, os municípios circunvizinhos. Ela é uma referência. Mas sua principal categoria, ou seja, seu rosto se evidencia na relação dialética entre dois espaços que são diferentes mas que se unem dentro da Pedagogia da Alternância. Neste tópico os educandos/as expõem suas impressões a respeito do processo ensino-aprendizagem nos ambientes: Escolar, familiar e comunitário. Assim, os educandos/as se manifestam que deveria haver maior ligação entre estes espaços como fica bem claro nas palavras abaixo:

A nossa alternância é uma alternância que poderíamos aproveitar muito mais, às vezes quando estamos em casa não aproveitamos como poderíamos aproveitar, ou seja, nos entrosarmos mais com a família, comunidade, realizando algum trabalho que possa envolver



mais a Escola com os alunos e vice-versa. Tem um caráter, que nos quais muitas das vezes interessante, mas que não aproveitamos, pois acredito que ela é uma ponte que liga Escola e comunidade, realizando um trabalho mais envolvente e proveitoso, nos quais muitas das vezes não se realiza. (Educando 1)

Penso que é muito bom, pois ao mesmo tempo em que estudamos temos a oportunidade de estar na família colocando em prática o que aprendemos. (Educando 5)

A respeito da Alternância possamos transmitir muitos conhecimentos, favores a todos que transmitem sua experiência. (Educando 6)

Não é apenas passar duas semanas na Escola e duas semanas em casa, mas sim aprofundar os estudos para valer enquanto estamos por conta dele e refletir e por em prática enquanto estamos em casa. (Educando 8)

Eu penso que a alternância é bastante importante, pois trabalhamos o ensino aqui dentro da Escola, mas podemos colocar em prática no nosso dia a dia relacionando com a nossa realidade. E também o contrário trazer da nossa vivência em casa para a Escola, aumentando na nossa formação como aluno, pessoa e profissional. (Educando 10)

É muito importante para o funcionamento da EFAGO e para o aluno, isto porque o aluno passa mais tempo na Escola e o aluno tem como trabalhar para se manter o seu estudo, sem precisar esperar pelo seu pai, isso quando o aluno tiver com sua família. (Educando 11)

No entanto, alguns educandos/as limitam a alternância dos espaços já citados acima como transposição de dias permanecidos na Escola e na casa/comunidade.

É o meio que o aluno permaneça por 12 dias na Escola, neste período o aluno aprenda teoria e prática, e quando vai para casa tem oportunidade de colocar em prática quando está na sua propriedade o que aprendeu na sua Escola. (Educando 3)

Não é só o período de estar em casa e na Escola, é mais que isso, pois tem a visita à comunidade, visita de estudo e até o estágio, que é de muita importância para o aprendizado. É uma forma de quem quer aprender, porque tem vários instrumentos de estudo. (Educando 4)

Alguns educandos/as fazem a comparação deste aspecto com as Escolas tradicionais que não se preocupam em compreender a educação além dos intramuros Escolares como já atestou Nascimento (2002).

É a Pedagogia da Alternância que dá essa diferenciação das Escolas tradicionais da Escola Família, é esse período de alternância que nos possibilita trabalhar em casa e na propriedade tudo o que vimos na Escola, a integração Escola e Família é importantíssimo em todo o

processo. Olhando por outro lado nos dá oportunidade de trabalhar para nos manter aqui na EFA, no período em casa estudamos e trabalhamos, praticando ou repassando o que vimos na Escola. (Educando 9)

Fica claro que os educandos/as procuram associar-se o tempo Escola, o tempo casa, o tempo família e o tempo comunidade de forma a se possuir uma pedagogia da comunhão que venha unir estes espaços diferenciados.

Neste sentido, a família deve buscar participar das atividades da Escola e isto fica bem demonstrado nas palavras dos educandos/as.

Meus pais são a base e dão importância fundamental em minha formação, principalmente social, e a cada dia que participam das atividades da Escola ficam ainda mais interessados em buscar diálogo para que eu possa crescer minha personalidade, envolvendo a Escola – família – comunidade nessa formação. (Educando 1)

Meus pais têm um grande interesse na minha formação, porém, atualmente eles não estão participando dos eventos da Escola, mas sempre me apóiam e me ajudam nos meus estudos. (Educando 5)

Mais ou menos, em dar um bom futuro para mim, um tempo depois da visita ficam incentivados. (Educando 6)

### ***6-5 Currículo e Interdisciplinaridade na Alternância***

Na visão dos educandos/as acontece a interdisciplinaridade na Escola, pois a maioria dos monitores/as se preocupam em trabalhar as disciplinas ligadas ao Plano de estudo.

Algumas disciplinas estão sendo trabalhadas a partir do estudo do PE, dentre elas, geografia, espanhol, as de profissionalização e as da área de exata não é visível a interdisciplinaridade pelo fato dessa integração ser um tanto mais complicada. (Educando 1)

Percebe-se que, para alguns educandos/as, a interdisciplinaridade acontece a partir da ligação dos instrumentos com as disciplinas:

Sim estão sendo trabalhados e sempre que possível os professores fazem com que aconteça a interdisciplinaridade porque nem sempre é possível relacionar com o conteúdo da matéria. (Educando 15)

Acredito que o PE que está sendo trabalhado a partir das disciplinas esta envolvendo interdisciplinaridade. Isso porque os temas dos PEs foram elaborados pelos alunos e monitores e depois foi feito uma

seleção de temas que poderiam conciliar as disciplinas e os PEs. (Educando 3)

Nem sempre, pois alguns temas de PE não dão para trabalhar com as disciplinas, portanto nem sempre há interdisciplinaridade. (Educando 5)

Já, alguns educandos/as entendem que a interdisciplinaridade vai além da ligação das disciplinas com os temas dos PEs, compreendendo que deve haver uma interação entre todas disciplinas. Isso é organizado pelos monitores/as no plano de formação, no papel, mas pelo que os educandos/as falam não está havendo essa ligação nas disciplinas, há sim uma preocupação de alguns monitores ligarem os temas dos planos de estudo as disciplinas e, assim mesmo, conseguem ligar as disciplinas da área humana, pois as exatas são consideradas mais difíceis de serem trabalhadas.

A interdisciplinaridade está acontecendo de maneira obscura, não percebi que estamos fazendo ela com seriedade, muita coisa precisa ser feita para acontecer esta interdisciplinaridade. Em algumas disciplinas é mais simples como geografia, por exemplo, são fatos que acontecem diariamente que nos afeta e nos atinge, mas existem outras que são uns muito difíceis como química e física. E se a equipe de monitor não estiver preparada para realizar isto de uma forma continua, vejo que dificilmente ele (a) conseguira realizar esta interdisciplinaridade, até porque ele (a) não conhece e ficará perdido. (Educando 2)

Nesse sentido, os educandos/as percebem que alguns monitores/as mesmo tendo a preocupação com a interdisciplinaridade não conseguem trabalhar, pois não conhecem a Pedagogia da Alternância, nem o que vem a ser concretamente a interdisciplinaridade. Em contrapartida muitos dos educandos/as percebem o que vem a ser a interdisciplinaridade, mas nas entrelinhas das respostas nota-se que não vem acontecendo a interdisciplinaridade em todas disciplinas, somente nas mais fáceis como o português com a questão da correção de erros, o que não seria concretamente a interdisciplinaridade.

Às vezes as disciplinas trabalham em cima do PE. Já outras disciplinas, até mesmo as técnicas estão deixando a desejar. Já a interdisciplinaridade é muito trabalhada, ex: no Português que usamos na História, na Geografia e outras quase não se usa a matemática, usa, mas é pouco. (Educando 14)

Os educandos/as têm a impressão que não se é possível trabalhar a interdisciplinaridade com as disciplinas de exatas. Nesse âmbito, evidencia-se que os próprios monitores não conseguem trabalhar a interdisciplinaridade.

Em algumas matérias não tem como trabalhar interdisciplinaridade como Matemática, Física, Química, Já nas outras disciplinas já que há como trabalhar a interdisciplinaridade, o monitor já tem a preocupação de trabalhar isso, já integrando o PF. (Educando 9)

Algumas trabalham a partir dos temas do PE, outras não, porque a Matemática, a Física, a Química, a Biologia, etc, não trabalham, por exemplo “Reforma Agrária”, “Plantio Direto”. E outras já trabalham, como a Geografia, a História, os Módulos, já trabalham com mais frequência. Há também uma interdisciplinaridade entre os monitores, porque monitores de algumas matérias procuram corrigir erros de outros. (Educando 7)

As disciplinas às vezes não trabalha dentro a interdisciplinaridade, porque o monitor pensa que uma matéria não tem a ver com a matéria que ele trabalha. (Educando 11)

Todos os educandos/as que responderam a entrevista tem preferência pelos módulos que são trabalhados na educação profissional de nível Técnico em Agropecuária, pois são mais ligados a realidade deles. Além do que os prepara profissionalmente. Desses educandos/as a maioria aprecia as disciplinas humanas, sobretudo, as que trabalham as questões sociais e políticas.

Dos 15 educandos/as que responderam os questionários da pesquisa, 12 não apreciam as disciplinas de exatas, pois dizem que tem dificuldades com os números e sentem que as disciplinas não tem muita ligação com a dia-a-dia deles. Nesse sentido, apenas 03 educandos/as apreciam tais disciplinas.

As disciplinas que mais Aprecio são os módulos, e as outras que envolve política envolve questões sócias, problemas com o meio das pessoas, questões que envolvem religião, famílias e filhos, ou seja: historia, geografia, filosofia, sociologia, psicologia, aprecio estas disciplinas porque acredito que seja muito importante para a realização profissional naquilo que quero trabalhar nas questões sócias. Já as que menos aprecio que é matemática, física e química, não que eu não ache importante, mas tenho dificuldades com as exatas. (Educando 2)

O interesse que eu tenho é pelos módulos, pela área técnica e não me interesse muito pelas matérias tradicionais, pois eu vivo na realidade que necessita muito na área técnica. (Educando 15)

Eu gosto de todas as disciplinas do Ensino Médio, os Módulos, menos matemática e inglês, pois nessas ultimas duas matérias eu estou tendo muita dificuldade no entendimento. (Educando 10)

Eu gosto de todas as disciplinas humanas e todos os módulos das matérias exatas, menos matemática por não dar conta de ligar muito ela com minha realidade ou dia-a-dia. (Educando 8)

Determinados educandos/as não possuem conhecimento a respeito dos temas e nem mesmo da Pedagogia da Alternância como fica comprovado nas palavras abaixo:

Não tenho conhecimento aprofundado dos temas do Plano de Formação. (Educando 7)

Penso que são temas de nosso interesse e curiosidade, porque é em cima deles que aprofundamos nossos conhecimentos, no PE que levamos toda quinzena para casa. (Educando8)

A partir das colocações dos educandos/as sobre as disciplinas, eles têm interesse principalmente pela área agropecuária e tem dificuldades na área de exatas e na disciplina de inglês por sentirem que está distante da realidade deles e por não saberem colocar em prática no seu meio sócio-profissional. No âmbito dessa questão evidencia-se que o trabalho a partir das disciplinas de exatas tem que ser revisto, pois a Pedagogia da Alternância é a pedagogia do concreto. Nesse sentido, será preciso reavaliar o trabalho com essas disciplinas. O que se percebe é que os conteúdos estão sendo técnicos e fora da realidade, por isso está ficando sem sentido para os educandos/as.

#### ***6-6 Relações Dialéticas do Processo Ensino-Aprendizagem: Educador/Educando***

Segundo a maioria dos educandos/as os monitores estão preparados para trabalhar a Pedagogia da Alternância e o Plano de Formação, o trabalho desses monitores vem sofrendo uma transformação após a construção do Plano de Formação e pelo tempo de trabalho dos monitores na Escola. Como afirma o educando:

A sensibilização da equipe de monitores para com os trabalhos da Escola está mais visível, dentre eles no desenvolvimento das atividades e diante da necessidade de se trabalhar cada aluno de maneira diferenciada, isso se dá a partir da participação de cada um/a no processo de formação e integração a qual a Escola trabalha. Penso que na Escola existe uma divisão em três capacidades de desenvolver

as atividades pedagógicas em uma classificação de monitores/as. 1º - A classe dos que conhecem o desenvolvimento pedagógico e que tem sua própria concepção no que diz respeito a desenvolver as atividades da Escola. 2º - Os que já estão se integrando nas atividades e que tem tempo médio na Escola e que estão se preparando para desenvolver as atividades da Escola. 3º - Os que são novos e que ainda não perceberam a dimensão do objetivo de trabalhar a PA, e que nos desenvolvimentos das atividades Escolares deixam a desejar. (Educando 1)

Nesse sentido, nota-se que os monitores tem interesse pelo trabalho da Escola e se dividem segundo o educando em grupos distintos de interesse e de experiência de trabalho na Escola. Também se observa a partir da experiência na Escola que existem aqueles que já estão na Escola há algum tempo e não se adaptam à Pedagogia e outros que tem menos experiência e conseguem desenvolver a pedagogia, se tratando, portanto, de uma questão de afinidades.

Muitos educandos/as acreditam que o trabalho do monitor tem mudado e contribuído com os trabalhos da Escola.

Essa transformação no qual passou a equipe de monitores mudou um pouco as coisas na Escola, o próprio relacionamento entre os colegas, através das conversas particulares, ajudou a incentivar o aluno na sala de aula, a melhorar o relacionamento com a família e amigos, a Os monitores mudaram muito na aplicação de conteúdo e outros pontos de aprendizagem. E os monitores têm a capacidade de trabalhar a PA na EFAGO. (Educando 2)

Em algumas partes, em termos de associarem temas por nós escolhidos, em sua matéria, penso eu que cada um esforça-se da sua maneira tendo que revisar um pouquinho o PF, para aí sim se encaixarem na PA, mas todos já se enquadram. (Educando 8)

No planejamento das aulas, essa evolução para mim trouxe mais perceptivas nos estudos e maior entusiasmo de estar aprendendo, estão preparados para trabalhar o PF. (Educando 12)

Os monitores mudaram muito na aplicação de conteúdo e outros pontos de aprendizagem... (Educando 13)

Para alguns educandos/as existem monitores que não estão preparados e que muitas vezes não levam a sério a prática com a Pedagogia da Alternância.

Mudou na maneira de educar. Mas não é todos os monitores que estão preparados para trabalhar o PF e o PA isso porque a Escola tem uma dificuldade de permanência de monitores. (Educando 3)

Com certeza, em tratar o aluno, monitores, da “EFA” não, “EFAGO” tinham um grande dever que era estar em harmonia com os alunos, mas ao mesmo tempo alunos não os criticavam muito, acredito que eles eram mais severos em cumprir regras. Alguns sim, os mais velhos de EFA outros não, pois não tem idéia o que é. (Educando 4)

Não mudou nada. Eu penso que os monitores são preparados e que às vezes não colocam em prática a Pedagogia da Alternância. (Educando 6)

Penso que mudou, mas não muito. Eu tenho pouco conhecimento sobre o assunto, em relação ao PE, às vezes deixa um pouco a desejar de algum monitor. (Educando 14)

Todos os educandos/as explicitam que o relacionamento com os monitores é muito bom, de amizade, de companheirismo e de amor. Claro, segundo eles/as, que como se trata de uma família sempre tem algumas discussões que são passageiras e que se resolvem com diálogos. Existem aqueles educandos/as que dizem que tem não tem uma boa relação com alguns monitores e também com alguns educandos/as, mas que isso é normal na sociedade em que vivemos.

A relação entre monitores e alunos é uma questão muito relativa e que depende da particularidade de cada monitor (a) aluno (a); e ainda da construção da personalidade de cada um; no entanto esta relação é considerada por mim boa, pois vejo o esforço em ambas as partes, para que se tenha uma boa convivência. Penso que deveria existir uma melhor distinção de ambas as partes tendo assim respeito mutuo. (Educando 1)

Vejo que a relação entre monitores e alunos é boa, às vezes há algumas pequenas intrigas, mas é normal. (Educando 5)

Por ser uma Escola com regime de internato não poderia ser diferente, uma relação de troca de ensino e de amizade, nos ouvindo e acatando nossas idéias. (Educando 9)

Percebe-se que há um bom relacionamento, porém, é preciso definir bem o papel e profissionalismo para que não haja uma confusão e que os monitores não percam sua autoridade com os educandos/as. O que pode acarretar problemas sérios de indisciplina.

É tanto quanto difícil de explicar, pois quando envolve profissionalismo e amizade, na EFAGO sempre prevalece à amizade. (Educando 3)

A relação entre ambos acredita-se que falta, pois os alunos brincam demais e alguns monitores não levam o trabalho a fundo e de coração, com amor. (Educador 6)

### **6.7 A construção histórica do PF na visão dos sujeitos da educação: educandos/as**

Busca-se compreender aqui a construção histórica do PF na visão dos educandos/as levando em consideração o tempo de cada um na Pedagogia da Alternância. Os problemas da Escola se fazem presente no discurso dos educandos/as o que comprova que a situação financeira, os problemas como falta de alimentação e de gasolina, falta de pagamento de salário dos monitores/as influenciaram muito o andamento da efetivação do PF na prática cotidiana da EFAGO.

Penso que o Plano de Formação de hoje é melhor que de antigamente, no entanto a maneira como esta sendo trabalhada é influenciada pela realidade atual da Escola, tornando assim menos satisfatório a aplicação do PE. (Educando 1)

Depois que houve a reforma do PF aconteceu uma organização nas atividades, as escolhas dos temas dos PEs, as intervenções externas, as visitas de estudo foram fatores que organizaram as atividades Escolares. O PF é um meio de organizar as atividades Escolares durante o ano, é um meio de organização que não é difícil, até porque as atividades ficam organizadas e mais fáceis de executá-las. (Educando 2)

As diferenças que observo é com relação aos cursos, pois o sistema de modulo facilitou o aprendizado e o aproveitamento de tempo. O que falta é material didático. (Educando 3)

Outros educandos/as não perceberam mudanças nos Planos de Formação de 2000 para o de 2003 o que comprova que a Escola não trabalhou bem o conceito e a importância do PF com os educandos/as.

Não vejo que o PF passado foi melhor do que neste ano, claro que sofreu várias mudanças, mas vejo que todos os planos de formação são importante para o andamento do ensino aprendizagem do aluno (a). Também houve um crescimento com relação a equipe de monitores (a), na questão de conhecer melhor o Plano de Formação. (Educando 2)

Vejo que mudou, algumas coisas melhoraram, outras não, talvez seja porque alguns alunos não aproveitam a oportunidade que a Escola oferece. (Educando 5)

Meio parada (cheia demais) preocupam em lançar PEs. O PE anterior não é igual, pois aquele se tinha tempo para fazer, e agora não se tem tempo, porque hoje os monitores estão preocupados muitos em quantidade e não qualidade. (Educando 6)



Os educandos/as que fazem a diferenciação entre os anos de 2000 e o de 2003 sentem mudanças conforme se atesta abaixo.

O atual PF não é idêntico e esta sendo mais bem programado isso porque a nova reforma esta trabalhando com instrumentos pedagógicos. (Educando 3)

No entanto, existe o grupo de educando que não sabem nada a respeito do PF e que não possuem conhecimento algum a respeito do andamento do PF o que vem atestar novamente a falta de ligação entre o que fora construído pelos monitores e representantes dos educandos/as e sua aplicabilidade formativa para os demais educandos/as. A impressão que fica é que muitos educandos/as ouviram falar de Plano de Formação, mas não sabem o que vem a ser e muito menos houve uma preocupação formativa por parte da Escola.

Não tenho conhecimento do anterior. (Educando 7)

Não tive um convívio muito grande com o PF anterior, mas penso que esse é bem melhor ainda, está em andamento, mas já percebemos mudanças em termos de exploração, porque faz com que o aluno procure e não mais fique na sua casa ou comunidade. (Educando 8)

Não sei do antes, mas de hoje é muito bom. (Educando 10)

Penso que a nova organização está melhor que o PF anterior porque esta trabalhando melhor em todas as disciplinas e dentro da EFAGO. (Educando 11)

Não conheci o PF anterior, pois acho que é um bom trabalho que está sendo realizado, proporcionando um ótimo conhecimento para o aluno. (Educando 15)

Porém segundo os estudiosos da Pedagogia da Alternância, entre eles Pedro Puig defende que não é preciso o jovem participar da sistematização do Plano de Formação. Este momento é mais para os monitores/as. Antes deve ser feito um diagnóstico da realidade dos jovens. Mas isso não impede que os jovens fiquem a par do que venha ser o Plano de Formação na teoria, porém o que importa mesmo é se os educandos adquirem com mais facilidade a aprendizagem por meio dele.

Neste capítulo foram trabalhadas as percepções dos educandos/as sobre a Pedagogia da Alternância com seu respectivo Plano de Formação e suas implicações a cerca do processo ensino-aprendizagem. A partir das contradições entre os educandos/as percebe-se que a maioria destes jovens tem senso crítico, e que sabem expor realmente em que acreditam. Apesar de todos desafios que aqui é exposto em todo texto, inserido em cada tópico, onde mostra os pontos positivos e negativos da aplicação dos

instrumentos pedagógicos. Como é analisada a visão dos educandos/as, torna-se necessário, para promover posteriormente uma comparação, apresentar no próximo capítulo as práticas e percepções dos monitores/as da EFAGO sobre o Plano de Formação.

## **CAPÍTULO 7**

### **AS PRÁTICAS E AS PERCEPÇÕES DOS MONITORES SOBRE O PLANO DE FORMAÇÃO**

Neste capítulo objetiva apresentar a análise a partir das representações dos sujeitos da pesquisa, os monitores/as da EFAGO, com o propósito de responder algumas questões levantadas na problemática sobre o Plano de Formação e sua contribuição no processo ensino aprendizagem, bem como perceber as contradições que apontam nos discursos deles. Intenciona-se ainda entender quais as práticas desenvolvidas por estes monitores/as a partir da aplicação do Plano de Formação.

#### ***7.1 Aplicabilidade do Plano de Formação: Desafios a Serem Vencidos***

Aplicação do Plano de Formação na EFAGO é realizada a partir da sua construção e avaliações anuais. Daí em diante inicia-se uma luta constante dos diversos atores da Escola para a concretização efetiva da aplicação dos instrumentos pedagógicos da Alternância articulando as disciplinas da Base Nacional Comum e Diversificadas, partindo sempre do princípio da realidade vivida pelos educandos no seu meio sócio-profissional. A organização para a aplicação se dá através de divisão de trabalhos realizados pela Equipe de monitores onde cada grupo fica responsável por uma série de educandos/as para acompanhar durante todo o ano letivo a aplicação de todos os instrumentos pedagógicos, bem como, a sua ligação com os conteúdos, ou seja, a interdisciplinaridade, que trataremos posteriormente.

Partindo do pressuposto que com a aplicação do Plano de Formação de forma organizada e sistemática ele poderia contribuir para o processo ensino aprendizagem respondendo a um dos objetivos propostos pela Escola através de seu Regimento e Projeto Político Pedagógico que é a formação integral dos jovens. Neste contexto, observa-se a partir do corpus coletados dos monitores que existem muitas contradições entre o ideal e a prática por diversos fatores como falta de formação da Equipe.

A falta de conhecimento sobre a Pedagogia da Alternância por parte de muitos monitores/as faz com que caia a qualidade de trabalho,

muitos são recém-chegados a Escola e não conhecem o PF, outros nunca se adaptaram tornando difícil o trabalho em equipe. O PF só é eficaz se todos o conhecerem, espero que pare o rodízio de profissionais na EFAGO e que a formação na Pedagogia da Alternância nos ajude a colocar em prática todos os instrumentos pedagógicos. (Monitor 1).

Na história da EFAGO sempre houve um sério problema de rodízio de profissionais por inúmeros fatores como a falta de adaptação a uma pedagogia diferenciada, a questão salarial, mesmo com uma carga horária pesada não é reconhecido pelo Governo Estadual, o salário dos profissionais da Escola é até menor do que das outras escolas pelo fato dos professores não serem concursados. Há uma desvalorização pela própria Associação de Agricultores que pensa que o salário é bom por que eles não ganham isso nas suas propriedades, são influenciados pela Igreja que cobra muito trabalho voluntário. Tem todo um contexto histórico da própria região onde está inserida a Escola de Coronelismo, o patrão e o latifúndio, e os pequenos agricultores tradicionais, quanto os assentados em Projetos de Reforma Agrária carregam esse ranço como bem atestam Pessoa (1999), Nascimento (2004), Queiroz (1997) e Martins (1981 e 1997b). Há ainda a questão do excesso de trabalho, péssima estrutura de funcionamento, o monitor vai numa carroceria de camionete sem nenhuma segurança e muitas vezes o monitor/a não se adapta a essa pedagogia, como: passar o dia todo na escola, pernoitar, passar alguns finais de semana, ir para as comunidades dos alunos para fazer visitas. Mas o que mais se evidencia diante deste quadro de dificuldades é falta de valorização profissional que os monitores sentem da Associação que vê como último plano a busca de solução para a situação caótica que se encontra o monitor que a cada ano não tem nenhuma segurança de continuar na Escola e, como neste ano, ficaram seis meses sem receberem seus salários.

Essa situação está transparente na colocação do monitor acima, tendo como resultado o rodízio nessa Escola. Esta colocação aparece praticamente em todas as respostas dos monitores/as como um fator prejudicial para o melhor desenvolvimento da aplicação do Plano de Formação quanto ao desenvolvimento da Pedagogia da Alternância. Como foi citado no Capítulo I, a Escola está passando por uma grave crise financeira e que conseqüentemente tem influenciado negativamente nos aspectos administrativos, pedagógicos e vem abalando o relacionamento entre os atores da Escola. Neste sentido, estes aspectos estão muito presentes no corpus e na própria pesquisadora que sendo integrante da Equipe de monitores não poderia ser diferente.

Outro aspecto bastante relevante que prejudica a aplicação do Plano de Formação é falta de formação, poucos fizeram formação inicial em Pedagogia da Alternância, alguns ainda estão fazendo, mas como acontece muito rodízio fica difícil formar uma equipe consistente para saber aplicar o PF. Para dez monitores/as a escola se preocupa com a formação dos profissionais da Escola, entretanto, não acreditam que a associação se preocupe com isso.

Sinceramente não vejo por parte da Associação e pais não a preocupação com a formação dos monitores/as. No que diz respeito à escola vejo sim a preocupação em propiciar essa formação. Faça essa distinção entre Associação e Escola porque infelizmente criou-se essa separação no decorrer dos últimos anos, sem razão de ser porque ambas são uma entidade só. A primeira é hoje representada por presidente e tesoureira, uma centralização que os próprios pais impuseram e a segunda na pessoa do diretor/a e monitores/as. (Monitor 1).

Acredito que a Escola se preocupa com a formação dos monitores/as, pois sempre se organiza de forma que os monitores/as possam participar dos cursos de formação na PA e demais cursos oferecendo as mesmas oportunidades para todos. (Monitor 2).

A Escola tem preocupação com a formação dos monitores/as, mas não há cursos oferecidos pela Regional para suprir a verdadeira realidade da nossa Escola em nível de formação. (Monitor 3).

A Escola sim, mas há dificuldades no setor financeiro para o investimento dos profissionais. (Monitor 4).

Já para dois monitores, na Escola há preocupação com formação, mas são poucas realizadas e as que existem pouco contribuem para a formação na perspectiva de ajudar no trabalho do dia-a-dia.

(...) Mas não adianta só preocupar se não procura meios para estar formando, vai ficar apenas em preocupação. E sinto que não estamos tendo muita formação para melhorar os trabalhos. Neste tempo que estou na Escola participei de poucos momentos que me formaram para desenvolver um bom trabalho. Acredito que devemos pensar nisso, preocupar e executar para funcionar. (Monitor 9).

Percebe-se uma certa contradição nas respostas, para maioria há preocupação e a formação vem se realizando, para outros apenas tem-se a preocupação, mas não acontecem por questão financeira, outros pensam que o regional não oferece formação suficiente. Nesse processo nota-se uma ruptura entre Associação e Escola com relação à formação, pois a Associação

tem uma preocupação maior com a parte administrativa que, por sua vez, também deixa a desejar, porque também falta muita formação para a própria Associação. É questão cultural que o professor é o detentor do conhecimento e o agricultor não sabe. Com relação à formação o Regional tem realizado Cursos de Formação Inicial para Monitores em Serviço por módulos com duração de dois anos. A SIMFR deixou de financiar diretamente os CEFFAs e passou a financiar formação através dos Regionais. Já está realizando o Curso com a segunda turma. Também tem sido realizada formação para os Dirigentes das Associações. Acontece que os pais da Associação de Goiás têm resistência em participar, quase sempre nenhum pai comparece. Agora com relação aos monitores a maioria participa das formações oferecidas, mas acontece também daqueles que criticam que não tem, mas quando acontece não participam. Pode ser pela desmotivação, falta de recursos financeiros ou por falta de credibilidade na proposta da Pedagogia da Alternância.

#### **7.1.1 Ofício de Mestres e Aprendizizes**

Apesar dos desafios enfrentados pela equipe na Escola com relação a desvalorização profissional e à falta de formação formal, os monitores/as se formam no dia-a-dia na Pedagogia da Alternância, pois estão em constantes trocas de experiências com os educandos, aprendem e ensinam ao mesmo tempo. Nesse sentido, pode-se dizer que o Plano de Formação contribui para a formação da identidade do monitor, que trabalha fazendo o que gosta, apesar dos desafios que existem, fazem o que gostam e, além disso, participam de formação quando acontecem e vai adquirindo junto com os educandos/as conhecimentos. É recíproco o processo de ensino-aprendizagem. Mesmo que o monitor esteja satisfeito com o trabalho e formação na escola se sente desvalorizado no contexto da Escola.

A primeira vez que fui trabalhar na EFAGO foi para substituir uma colega de faculdade, não conhecia nada sobre a escola. Ao trabalhar uma quinzena me apaixonei pela escola e neste período participei de uma assembléia de pais isso em 1998. Depois em 1999 fui convidada a substituir uma monitora durante a licença maternidade, confesso que me identifiquei com a escola pela pedagogia e por retornar ao campo onde tenho minhas raízes, pois sou filha de pequena agricultora. E o meu maior sonho é continuar trabalhando no campo onde realmente me sinto realizada, mesmo diante de tantos desafios. Enquanto monitora preciso continuar buscando novos horizontes do conhecimento para cada vez mais contribuir na troca de experiências e deixar plantado no chão da EFA futuros profissionais. (Monitora 2).

Como monitor me senti de fato aprendendo muito com os alunos/as e os monitores/as com mais experiência. Foi uma troca de experiências que fizemos durante o período em que estive na EFA. (Monitor 8).

Vim trabalhar na EFAGO, porque buscava a realização de um grande sonho que sempre foi o de ser Educadora, e poder assim contribuir de alguma forma para tornar o mundo melhor e mais justo, além disso, sempre gostei de conviver com várias pessoas, pois, isso nos humaniza, mas a EFAGO é mais do que eu esperava, e eu me sinto uma pessoa realizada trabalhando nessa Escola. E digo que quando começamos a trabalhar na EFAGO, nós nos apaixonamos tanto pela proposta da Escola quanto pela convivência que temos com os/as jovens e os colegas de trabalho, porque é uma Escola totalmente diferente das outras, sinto não ter conhecido uma EFA nos meus tempos de aluna, pois teria tido uma formação com certeza mais gratificante. Hoje após trabalhar na EFAGO acho que não sentiria satisfeita em trabalhar em outra escola, pois a minha concepção de Educadora vai ao encontro da proposta da mesma, e é impossível descrever como me sinto sendo monitora, pois são tantos os sentimentos ora um, ora outro. (Monitor 6).

O motivo que tenho é que sou de realidade camponesa e sempre vou estar procurando formas para estar desenvolvendo esta maneira de trabalhar com os agricultores/as contribuindo com o campo. Hoje na EFAGO sinto que me identifico muito com minha origem e tenho sempre uma boa relação com os assentamentos e pequenos produtores e sempre sei que o principal responsável por isso é a minha família que me forma. Então por isso que devemos usar meios para que as famílias também participem desta formação na Escola. (Monitor 9).

Eu não só acredito como também tenho certeza que na Escola se ensina e se aprende, há uma verdadeira troca de conhecimento, eu cresci muito depois que estou na EFAGO. (Monitor 3)

No meu caso porque gosto de educação (ser educador) e a EFAGO por ter uma proposta diferente de pedagogia, como monitor da EFAGO percebo uma desvalorização do profissional por parte da Escola. (Monitor 10).

É sem dúvidas uma situação ambígua, por um lado os monitores gostam de trabalhar na EFAGO, porque se apaixonam pelo trabalho, acreditam no processo ensino-aprendizagem, mas por outro lado existe a desvalorização profissional. Neste aspecto, o Plano de Formação às vezes contribui com a auto-estima do monitor/a, porque dar organicidade e mais prazer para desenvolver o trabalho, mas também causa baixa estima para aqueles/as que não entendem muito bem o processo e mesmo para os que entendem e por diversos motivos, como o financeiro, pedagógico e de organização não conseguem aplicar na íntegra o Plano de Formação.

Com a construção do Plano de Formação evidenciam-se duas situações, por um lado as facilidades e por outro as dificuldades na aplicação do PF. Existe opiniões divergentes entre os monitores/as, alguns acreditam que houve mudanças outros não.

O Plano de Formação nos possibilitou planejar melhor nossas aulas, trabalhar melhor o Plano de Estudo, o que fez com que os alunos/as se interessassem mais pelas aulas. Para mim enquanto professora o PF fez com que eu organizasse minhas aulas, eu não vejo dificuldades no Plano de Formação em si, mas como a Pedagogia da Alternância é a pedagogia da complexidade, às vezes, não consigo realizar o planejamento como queria, pois há muitas dificuldades cotidianas. Vejo que se realmente o Plano de Formação funcionasse na íntegra seria o ideal, mas não é o real. (Monitor 6).

## ***7.2 A Transformação do PF como Processo Transformativo***

A implantação do Plano de Formação possibilitou muitas vantagens, pois ajudou a organizar as atividades diárias, havia um cronograma com tudo programado facilitando a aplicação dos instrumentos pedagógicos com mais êxito. O Plano de formação contribui para inovar o processo ensino aprendizagem na Escola, pois maior interação dos Planos de Estudos com as disciplinas e os módulos trabalhados no Ensino Profissionalizante. Contribuiu para direcionar o ensino e, conseqüentemente, a aprendizagem a partir do fortalecimento da aplicação dos instrumentos pedagógicos da Pedagogia da Alternância.

A mudança foi gratificante, pois antes do PF participávamos todos da aplicação dos instrumentos, mas com dúvidas e falta de integração, pois estávamos acostumados com o tradicionalismo das escolas do Estado assim deixando muito a desejar. Porém logo após o estudo do PF os monitores estão mais integrados e com, mais facilidade para aplicar os instrumentos e planejar nossas aulas a partir dos temas propostos. A dificuldade é de conseguirmos planejar nossas aulas a partir de temas mais complexos. (Monitor 5).

Para a maioria dos monitores houve uma mudança de antes sem a construção do Plano de Formação. Lembrando que alguns monitores com mais tempo de trabalho se referem à implantação de 2000, e outros falam da reconstrução de 2003, que foram os dois pontos fortes do processo da existência do PF na EFAGO. É interessante que neste grupo de monitores/as tem dois que são ex-educandos da EFAGO e que hoje contribuem no processo de Ensino Aprendizagem na Escola.



Olha quando passei na escola como estudante não tive conhecimento deste PF se tinha ou não. Como monitor não trabalhei sem o PF. Tive oportunidade de iniciar na escola, e já contribui com o processo de implantação e já ter controle das atividades. O que melhorou muito é que PF é um calendário que organiza todas as atividades, facilitando para a estrutura. Dificultou foi que somos mais cobrados para executar o que está programado e que muitas vezes não são cumpridos, deveríamos primeiro fazer um levantamento de palestras, cursos etc de tudo que é colocado no PF e assim teremos mais certezas das propostas, se iriam ser realmente cumpridas. (Monitor 9).

As maiores dificuldades na aplicação do PF mencionadas pelos monitores: a falta de realização das visitas de estudos, visitas às famílias devido à dificuldade financeira. Outra questão que aparece é a dificuldade dos monitores conseguirem planejar suas aulas a partir de temas, considerados por eles, complexos. Quando dizem isso é no sentido de fazer ligação de alguns temas técnicos com as disciplinas da base nacional comum. Também segundo os monitores existem muitas dificuldades cotidianas o que dificulta realizar o planejamento de forma eficiente. Aparece ainda a questão dos alunos que não se adaptaram a Pedagogia da Alternância, se preocupam apenas em desenvolver atividades que valem notas.

(...) Os alunos que não se adaptaram confundem o limite entre o dever e o direito ou vice-versa, se alguma atividade não tem nota alta (avaliação), alguns não esforçam em fazer a atividade. (Monitor 11).

O Plano de Formação contribui muito para o desenvolvimento das atividades como um todo na Escola, pois antes os instrumentos pedagógicos eram realizados isoladamente, não havia uma ligação sistemática com as disciplinas. Porém, mesmo com a aplicação do Plano de Formação mais assídua ainda existem muitos desafios a serem superados. Existe monitor que acredita que o Plano de Formação de 2003 deixou a desejar.

Ao meu ver nada mudou. Pelo menos, neste ano. Parece que são poucos alunos/as que sabem o que vem a ser PF e as famílias não são nem contatadas. Além do mais quando se fala em famílias há uma espécie de reducionismo político, pois todos os poderes são dados a Associação e aos membros da Diretoria, enquanto os pais/mães que não participam deste ficam a margem das informações. Até mesmo os membros da Diretoria nem todos participam. Talvez tenha facilitado na questão das aplicações dos PEs, mas devido a situação

econômica da escola não houve uma interação entre família (propriedade, comunidade e cultura) com a escola (conhecimento, teoria, reflexão dos saberes) e muito menos a escola foi ao encontro das famílias. Muito do que foi construído não saiu do papel. (Monitor 8).

O Plano de Formação é um elemento motivador quando ajuda a organizar as atividades da Escola, onde o trabalho fica mais visível, facilitando a aplicação dos instrumentos pedagógicos, trocas de experiências e a promoção da interdisciplinaridade. Isso para aqueles/as que se adaptam e conseguem desenvolver a aplicação do Plano de Formação. Mas não deixa de ser apenas uma carga suplementar para aqueles que não entendem muito bem o processo, acham um sacrifício aplicar os instrumentos, um peso e também a questão financeira e a falta de organização e planejamento e sobrecarga de trabalho prejudicam o desenvolvimento do Plano de Formação, resultando mais como uma carga suplementar.

### ***7.3 A Interdisciplinaridade do PF na Visão dos Educadores***

Essa questão do Plano de Formação contribui para o desenvolvimento do processo pedagógico em Alternância, pode ser considerado como motivador, mas também como carga suplementar, e ainda como um desafio institucional. Uma vez que foi construído o PF para articular todos os instrumentos com as disciplinas e para ligar com o meio sócio profissional dos educandos/as e assim haver uma maior integração entre a Escola, Comunidade, Associação e parcerias que apóiam a escola, nesse sentido, não deixa de ser um desafio institucional para viabilizar a concretização dos trabalhos.

Mas um dos principais objetivos do PF é a motivação para realização da interdisciplinaridade e para os monitores o PF tem ajudado. Houve um aumento do rigor no trabalho de preparação pedagógica, de interdisciplinaridade. Acontece a interdisciplinaridade a partir do PF e os monitores dão importância para isso. Alguns monitores se preocupam mais com a interdisciplinaridade, sobretudo, quem tem maior formação escolar. Sabem da importância disso para a formação dos educandos/as.

Eu trabalho as disciplinas de Português e Inglês. Minhas aulas são planejadas dentro do PE e também procuro discutir com meus colegas de trabalho os temas PE e a interdisciplinaridade nas áreas (técnicas, exatas e humanas). (Monitor 3).

A disciplina que eu atuo é de matemática, no meu ponto de vista é a mais difícil de se fazer interdisciplinaridade, pois me preocupa não só com o PF, mas também com o aprendizado do aluno no geral, pois tem conteúdo que não dá para conciliar, e quando é possível trabalhar juntos é bem aproveitado. (Monitor 4).

Quando é possível procuro trabalhar as minhas disciplinas a partir dos temas PE, às vezes os temas técnicos dificultam um pouco o trabalho, mas não inviabiliza. Há interdisciplinaridade através do PF, mas nós professores não temos tempo disponível para planejar as nossas aulas juntos trocando idéias, isso facilitaria essa interdisciplinaridade... (Monitor 6).

De uma certa forma sim, pois ciências, química, física e matemática são ciências que são trabalhadas no cotidiano dos alunos, às vezes sem eles perceberem. Temas são como: relações degeneram, Fertilidade do solo; a água envolve essas ciências, pois são estruturas, as DST; as causas que desgastam o solo e como acertar, o uso de produtos químicos na lavoura e a consequência para o ser humano, a utilização da água para fins úteis e utilizando os desperdícios e os cuidados que se deve tomar para não poluir ou contaminar a água. (Monitor 7).

Algum tema é possível encaixar, principalmente, na sociologia. Na filosofia é mais complexo. Como falar filosoficamente da suinocultura, por exemplo. No entanto, penso que mesmo com dificuldades pelas quais atravessei na escola, devo confessar que houve sim interdisciplinaridade com os temas dos PEs. Claro que o PF contribuiu e muito, pois destacamos o que iríamos fazer em cada sessão, mesmo que muitas vezes tenha saído errado. (Monitor 8).

Sempre procuro intercalar o tema do PE com minhas disciplinas. Pedindo para fazer textos ligados ao tema. Ex. o PE da tecnologia no campo. Foi pedido para fazer um texto descrevendo a importância da tecnologia e as desvantagens. Sempre que aplico o tema do PE com o conteúdo de sala de aula percebo que o conteúdo tem mais importância. (Monitor 9).

Eu trabalho apenas com uma disciplina e houve um planejamento dela no PF, só que este planejamento não retornou para nós professores, para podermos segui-lo. (Monitor 10).

Todos os monitores/as se preocupam em trabalhar a interdisciplinaridade, mas a maioria estão acreditando que interdisciplinaridade é apenas a ligação dos temas dos PEs com as disciplinas e com a vida do educando, mas interdisciplinaridade é interação com todas as disciplinas, isto de certa forma é feito no Plano de Formação, mas que deve ser avaliado no dia-a-dia e planejado entre a equipe em reuniões pedagógicas. Essas reuniões acontecem de quinze em quinze dias com a duração de sete horas, mas na maioria das vezes são discutidos mais questões administrativas e problemas diários e o pedagógico mesmo fica a desejar. Nesse sentido, o Plano de Formação contribui porque obriga a preparar a aplicação dos instrumentos, bem como, as aulas e atividades afins.

#### **7.4 O Entendimento Pedagógico dos Educadores**

Para efetivar este trabalho com a Pedagogia da Alternância é preciso um sério trabalho em equipe e entender os fundamentos dessa pedagogia e do Plano de formação e para a maioria dos monitores/as falta maior conhecimento sobre a Pedagogia da Alternância, o PF e saber trabalhar em equipe.

Penso que sei o que é plano de formação, pois tive um momento para aprender em um curso de formação para monitores/as, mas há alguns monitores/as que precisam entender melhor e outros que ainda não participaram da construção de um plano de formação, a nossa forma de trabalhar mudou após o PF, pois organizamos mais as atividades da Escola, conseguimos relacionar melhor as nossas atividades com os temas do PE. As disciplinas ficaram mais interessantes para os alunos/as, penso que essa evolução foi muito positiva, mas precisa ser aprimorada, pois, o PF deve ser realmente seguido por todos nós e as vezes isso não acontece devido a sobrecarga de atividades que temos, acabamos esquecendo o objetivo do PF, daí a importância dele estar sempre visível para nós. Penso que ainda precisamos passar por um curso de formação específico para realmente estarmos preparados para trabalhar o PF e a Pedagogia da Alternância, acho que nós também não estamos preparados para o trabalho em equipe, pois, para mim isto também requer uma formação, vejo que alguns trabalham mais e outros menos, há uma desigualdade de exigência, os que dedicam mais acabam sendo mais exigidos, pois demonstram suas habilidades que os outros também podem ter, somente não fazem questão de demonstrar e de colaborar com o trabalho. Também vejo que as pessoas que tem mais afinidades acabam se separando das outras. Assim sendo vejo que ainda estamos aprendendo a trabalhar em equipe. (Monitor 6).

É difícil julgar. Primeiro, nem todos os monitores/as participaram do PF. Os que participaram estavam descontentes pelas questões salariais e até de incertezas em relação a continuidade da EFA. Penso que todos ou em grande maioria devam saber sim o que vem a ser PF. Só não sei se mudamos, não tenho certeza disso. Em relação a estar preparados, penso que todos/as ou quase todos/as tenham condições de trabalhar com o PF na PA. Penso que a escola use demais o discurso de “equipe” para se esconder de algo. A Igreja também usa muito o discurso de comunidades (comum+unidade) e, no entanto, há uma hierarquia que destrói a concepção original de comunidade conforme apresentada nos Evangelhos e nos atos dos Apóstolos. A escola como obra eclesiológica, pelo menos, ideologicamente, também apresenta um discurso que tudo deva ser decidido em equipe, levando muitas vezes até questões de ordem pessoal para dentro da EFA. Isso acontece tanto com os monitores/as, alunos/as e a Associação, pois reproduzem como criaturas (EFA) a imagem do criador (Igreja). Nem tudo deve ser

colocado em equipe, isso é uma pedagogia estratégica. O problema é que nos escondemos atrás da democracia da EFA sendo que ela se tornou uma espécie de empresa que gerencia seus súditos empregados, nos escondemos atrás da máscara de que a EFA é uma escola diferente e alternativa mas está ultimamente reproduzindo o bancarismo e práticas tradicionais que outras escolas praticam. Devemos repensar nosso jeito e nossos ideais. (Monitor 8).

Para alguns monitores/as a Equipe conhece o que é Pedagogia da Alternância e o Plano de Formação.

Na nossa escola todos os monitores conhecem o que é o PF e sua importância no ensino-aprendizagem. A equipe é unida, no entanto, somos aprendizes, não temos experiências necessárias à prática. Temos muito desejo em crescer na pedagogia, pois somos educadores/as, compromissados. (Monitor 3).

Nesse contexto, percebe-se que há uma divisão de opiniões entre a própria equipe, por um lado, alguns conhecem a Pedagogia da Alternância, mas existem dificuldades na aplicação do PF por diversos fatores como: rotatividade de profissionais, com isso não conhecem na prática o que vem a ser a PA e o PF, pois alguns monitores agora que estão adquirindo o espírito de trabalho em equipe, dificultando o trabalho em equipe, sobrecarga de trabalho, a questão irregular da situação dos monitores. Com relação ao trabalho da equipe nota-se também que por um lado trabalha em equipe, porém, com muita dificuldade e falta uma maior preparação e até mesmo formação visando uma melhor organização das atividades. Tem algum problema de administração de trabalho e tempo, pois segundo, o monitor 6 uns trabalham mais que os outros.

Eu tenho conhecimento sobre PF superficialmente, pois minha formação nesta área foi apenas de um encontro em Goiânia, e algumas capacitação na própria escola, e aplicando na prática seus instrumentos. Agora para julgar os colegas fica difícil. Em relação ao trabalho de equipe, isto é complexo, pois exige formação do grupo para chegar a uma evolução nesta área e nunca houve dentro da escola formação adequada para tal fim. (Monitor 10).

Mesmo com as dificuldades encontradas em trabalhar em equipe e com a aplicação do PF, ele contribui para melhorar a prática dos monitores com relação ao ensino. Acreditam que a maneira de fazer vem mudando, progredindo a partir dos planejamentos realizados na Escola

e, principalmente, dos cursos de formação inicial na PA. Cada um tem uma idéia de como trabalhar os instrumentos pedagógicos, mas os objetivos são os mesmos. A Equipe reage de acordo com o modo que ele foi implantado, trabalhando na medida do possível, pois o PF e a PA sempre estão em processo de construção. A partir das oficinas sobre o Plano de Formação oferecidas pelo Regional acreditam estarem no caminho para conhecer melhor o PF. E estão aprendendo a maneira de construí-lo, pois foi a primeira vez que muitos destes monitores participaram da construção do PF, mas detectam mudanças, como no planejamento das aulas no PE, e em outros instrumentos. E só a partir da aplicação constante dos instrumentos é que se pode evoluir cada vez mais. Muitos acreditam estarem preparados para o trabalho, mesmo com algumas dificuldades, assim como o trabalho em equipe, tem falhas, mas estão se esforçando, pois trabalhar em equipe não é tarefa fácil.

Na minha opinião todos sabem o que é o PF, mas percebo que tem monitores que tem dificuldade em estar fazendo a interdisciplinaridade com as matérias, pois tem alguns temas e matérias que são muitos difíceis de estar ligando, mas penso que o monitor deve sempre estar frisando o tema no PE em suas aulas. Mudou em como trabalhar com os alunos e tentando aplicar o tema na disciplina, é muito importante, principalmente para os alunos. Todos estão querendo aprimorar os conhecimentos para poder desenvolver um bom trabalho, todos tem interesse em estar preparando. Todos têm facilidades para trabalhar em equipe, mas precisamos melhorar, em termos de pontualidade e cobrar mais, mas em toda equipe tem que ter um responsável direto para ser mais pontual nas tarefas. Ex: notas dos planos de estudos, precisamos falar disso, percebo que sempre estamos dependendo destas notas, para fechar o bimestre então está faltando detalhes na equipe, isso precisa ser solucionado. (Monitor 9).

É importante o trabalho em equipe em todas organizações, mas se um elo da corrente não funciona, a corrente pode não ter sucesso. Tem monitores que acreditam saber trabalhar em equipe, mas pensam que alguns monitores/as têm uma certa resistência, optam pela individualidade.

### ***7.5 Plano de Formação e Prática Docente***

O Plano de Formação contribui para melhorar a prática de ensino dos monitores?

O PF contribui e muito para o ato de ensinar, pois são através dos instrumentos pedagógicos que o meu ato de ensinar diversificou e se tornou mais rico em termos de conteúdos e contextualização com o meio sócio-cultural do aluno... pelo fato de ter lecionado pouco tempo em uma escola particular na 2ª série posso dizer que a maneira de agir e planejar as aulas para os alunos da EFAGO é mais prazeroso e com certeza mais adequado para situar os alunos na sociedade em que eles estão inseridos. Com certeza os monitores das EFAGO formam uma equipe e, sobretudo amigos e humanos. (Monitor 7).

(...) O PF contribui muito para o ato de ensinar, pois é o momento que nós temos para planejar juntos as nossas atividades e possibilita uma organização das minhas atividades como professora, e ainda vejo que os alunos/as têm participação no planejamento das aulas. (Monitor 6).

(...) Sinto mais facilidade para ensinar e percebo que os alunos têm mais facilidade para aprender... Utilizo exemplos que foram citados na família. (Monitor 9).

Os monitores têm um bom relacionamento com os alunos, porém, as opiniões se dividem com relação a isso, para alguns monitores está bom, conhecem a realidade dos educandos, é harmoniosa a relação. Já para outros monitores/as está precisando melhorar, pois os alunos estão perdendo o respeito pelos monitores e confundindo as coisas. Por não está sendo realizado concretamente todo o instrumento pedagógico como a visita a família os monitores não estão conhecendo a realidade dos educandos.

Sinto um distanciamento no relacionamento entre monitores/as e alunos/as, muitas vezes não sabemos nem a história e origem do/a mesmo/a. Esta sendo uma relação de professor/a para aluno/a. (Monitor 1).

A relação entre monitores e alunos ligados ao PF e PE é muito boa, tenho experiência próprias que os monitores demonstram interesse em aplicar e socializar o PE e os alunos tem interesse em desenvolver. Sinto um pouco falta de autoridade com os alunos principalmente do Ensino Médio. Tem monitores que acham que eles são de maiores, tem privilégios. Mas fica aqui minha observação aluno sempre é aluno, nunca deixa de ser aluno independente de sexo, cor, idade, classe social, precisa ser tratado de mesma forma e ter a mesma autoridade entre todos. (Monitor 9).

A relação entre monitores/as e alunos/as é boa, mas acho que precisamos saber diferenciar melhor os momentos em que estamos sendo educadores/as dos momentos de lazer, pois vejo que os alunos/as nos confundem com colegas e nós estamos em um outro processo, isso acaba atrapalhando a convivência e o respeito entre os alunos/as e monitores/as. (Monitor 6).

O que se constata é que o Plano de Formação contribuiria melhor se estivesse acontecendo efetivamente, porém, apesar de não estar, somente o fato de conviverem juntos durante a quinzena de atividades na escola permite uma boa relação entre monitores/as e educandos/as, mesmo que exista alguns conflitos e às vezes falta respeito dos educandos/as para com a equipe, ficam muito tempo juntos e conversam entre eles possibilitando um maior conhecimento de quem é cada educando/a, facilitando assim, um bom relacionamento. É como uma família, sempre com o objetivo de trabalhar em união, companheirismo, carinho e compreensão de ambas as partes. Porém, sabendo que existem desavenças, mas que são passageiras. Sabendo que está tendo um sério problema de indisciplina nas escolas em geral, que muitas vezes é por culpa dos pais que não souberam dizer não para os filhos quando eram pequenos e, assim, não aprenderam a ter limites e muitas vezes os pais querem jogar a culpa na Escola. Acontece um pouco de cada, muitas vezes, o problema vem de casa, mas também pode ser reflexo da situação financeira que abala toda a estrutura do trabalho da escola, principalmente os monitores. Por isso, na EFAGO tem aumentado a indisciplina o que é um fator relevante para se indagar como está acontecendo o processo ensino-aprendizagem nessa perspectiva. Pode ser o resultado de algo que não está indo bem, pode ser uma forma dos jovens demonstrarem que não estão satisfeitos. Diante dessa situação segundo alguns monitores deve-se ter pulsos firmes e não se confundir direitos com deveres de cada um/a. Mesmo o trabalho da escola sendo realizado através de trabalho em equipe, esta questão de relação é um tanto individual, pois tem monitores que se dão muito bem com todos/as, já outros têm problemas de relacionamento, mas sobressaem em outras atividades.

No meu entender, essa relação, além da filosofia da PA é influenciada pela personalidade de cada monitor/a, sendo com isto uma relação individualizada. (Monitor 10).

Segundo todos os monitores/as os instrumentos pedagógicos da alternância contribuem para facilitar o Processo de ensino-aprendizagem.

O objetivo da EFAGO com a aplicação dos instrumentos pedagógicos é enriquecer o processo de ensino-aprendizagem contribuindo para o debate, pesquisa, experiências e práticas dentro dos temas abordadas nos PEs. Sem sombra de dúvidas os instrumentos pedagógicos são importantíssimos no processo de ensino-aprendizagem, nenhum melhor que o outro, é como uma engrenagem, uma completa o outro proporcionando a interação do



conhecimento. Houve uma queda na exploração de alguns instrumentos pedagógicos, em contrapartida melhora nos estágios e intervenções externas com cursos promovidos pela Agência Rural e outros, trabalho de psicologia realizado pelo Mosteiro, lembrando aqui a realização da semana cultural que foi de grande preciosidade. Embora haja declínio na exploração de alguns instrumentos pedagógicos, vale dizer que estes jamais deixaram de serem trabalhados, com exceção do Caderno de Acompanhamento, e que há harmonia dos instrumentos pedagógicos com o que foi planejado no PF, quando trabalhamos algum tema que não está condizente com o PF é porque achamos que ele também contribuirá de uma forma ou de outra para o processo de ensino-aprendizagem e por ser um tema polêmico e atual que mereça ser estudado. (Monitor 1).

Penso que esses instrumentos é que possibilitam a formação integral do/a jovem e buscam uma integração maior da família nessa formação, na minha opinião após o plano de formação esses instrumentos estão sendo mais elaborados e explorados por parte dos monitores/as e dos/as alunos/as e estão em parte em harmonia com o que foi construído no PF porque nem tudo que foi planejado tem a possibilidade de acontecer e os acontecimentos (problemas) cotidianos mudam muito as coisas planejadas. A EFAGO busca trabalhar esses instrumentos com o objetivo que o/a aluno/a aprenda os conteúdos, desenvolva suas habilidades, ter uma formação social, conhecer a realidade das famílias e dos alunos/as entre outros. É muito interessante e importante esses instrumentos, pois contribuem no processo ensino-aprendizagem. (Monitor 6).

Eu penso que cada instrumento é muito importante no funcionamento da pedagogia, todos têm seu valor. Devido à quantidade de alunos que tinham antes os instrumentos eram mais explorados que hoje. Esta harmonia deixa um pouco a desejar quando falha de executar a programação. Com o objetivo de conhecer a realidade dos alunos, a vivência na família e comunidade e colocar essas experiências em comum com todas os alunos. É muito interessante, pois o aluno sente muito importante em estar falando de seu conhecimento adquirido na família. Ajuda muito porque o aluno aprende a observar os detalhes que acontecem na família, novidades, sabendo que tem o compromisso de apresentar para os monitores e colegas na Escola além de saber desenvolver sua fala narrando, descrevendo ou dissertando sua experiência. (Monitor 9).

**O PE**, ou seja, o Plano de Estudo faz com que enriqueça e desenvolve a intelectualidade do aluno, ao passo que o CR seja uma forma de arquivar todos os trabalhos de pesquisa (PE) impondo ao aluno maior organização e responsabilidade na hora de fazer os PEs. **A intervenção externa, visitas as famílias e de estudo, serão, estágio e avaliação** são ferramentas de crucial importância para a pedagogia da alternância, pois oferecem maiores laços entre pais e Escola e sociedade. O objetivo de se trabalhar esses instrumentos durante a quinquena é estreitar as relações com os pais dos alunos, buscando ajudá-los a melhorar sua qualidade de vida, isso devido aos temas enfocados nos PEs e das visitas feitas por monitores. E também oferecer ao aluno, através dos serões, trabalho com

psicólogos. Esses instrumentos são interessantes e ajudam com certeza à conscientização dos alunos acerca de vários temas ligados a sua realidade e à sua sexualidade. (Monitor 7).

### ***7.6 Observações do Campo: Sentimentos dos Educadores/as***

Cada instrumento pedagógico possui um objetivo e uma finalidade e juntos interagem para a construção do sucesso da aplicabilidade do Plano de Formação. E com relação a sua aplicação, alguns estão sendo desenvolvidos dentro da escola corretamente e outros não. Nesse sentido, se torna necessário expor os instrumentos trabalhados na EFAGO e qual a contribuição de cada um para o processo ensino-aprendizagem na visão de todos os monitores/as.

**O PE** é o instrumento pedagógico da alternância por excelência é a chave de todos os segredos é de uma preciosidade sem igual porque ele é um dos instrumentos que possibilita conhecer vários aspectos da realidade vivenciada pelos/as jovens. Através dele se obtém um diagnóstico que leva a problematizar, buscar, questionar e realizar pesquisas. Os educandos/as são chamados/as a trazer alguns problemas ou soluções diante das propostas dos Planos de Estudo. Ele também não poderia deixar de ser um instrumento pedagógico de intervenção social nas comunidades, pois o retorno deste à comunidade deveria influir para a transformação da mesma. Porém nem sempre isso acontece por diversos fatores. Este instrumento sendo bem aproveitado é uma ferramenta de aprofundamento nos estudos.

**A colocação em comum** é um dos instrumentos pedagógicos da alternância que deveria ter mais atenção por parte da Equipe de monitores da EFAGO, pois se surpreende com tantas descobertas. É onde os educandos/as trazem os PEs respondidos e socializam em forma de colocação individual ou coletiva as respostas dos PEs. Com este instrumento os educandos/as vão aos poucos se soltando e começam a participar da roda, falando, questionando e sugerindo. Este instrumento talvez seja, do ponto de vista filosófico, o mais importante para levar o educando/a a vir participar das discussões que ocorrem na sociedade política e civil.

**O Caderno da Realidade** é um instrumento que serve para registrar o roteiro ou questionário do PE, o texto minha realidade, o texto nossa realidade, os anexos, as intervenções externas, o relatório das visitas de estudo, o relatório das intervenções externas, os estágios, relatório de aulas práticas. É o instrumento que auxilia o PE na compreensão da realidade ou das realidades existentes em cada região, no caso da EFAGO dos projetos de assentamentos provindos da Reforma Agrária e dos pequenos agricultores tradicionais, mostrando as situações sociais, econômicas e culturais.

**A intervenção externa** muito contribui nesse processo porque são os momentos de palestras e cursos de acordo com a temática do PE, sendo assim fundamental na formação profissional do jovem. Ultimamente, a EFAGO tem falhado por diversos motivos, principalmente pelo financeiro e aspecto de organização. Serve para que os educandos/as tenham um contato com um especialista no assunto abordado no tema do PE e que deveria tirar as dúvidas necessárias para que os mesmos/as, ao chegar em suas propriedades e na comunidade, possam estar transformando os problemas em sonhos e esperanças.

**As visitas às famílias** são de grande valor porque permite o monitor da área técnica e pedagógica vivenciar a realidade e o contexto do aluno/a a nível social, econômico e cultural, ou seja, conhecer empiricamente a realidade do aluno/a, seus problemas, seu mundo simbólico e suas representações religiosas. Nas visitas é momento dos monitores/as passar as últimas informações a respeito da Associação de Pais e Alunos e realizar uma conversa pedagógica com as famílias sobre a vida do educando/a na escola e a importância da família participar e acompanhar o jovem na sessão em casa. E também acontece um acompanhamento na área técnica que estará com eles observando, avaliando e fornecendo algumas explicações aos pais na questão da propriedade. Quando o monitor vai a visita ele deve tirar as sandálias, pois o solo que está pisando é solo sagrado, é o mundo dos camponeses/as. Infelizmente, as visitas às famílias foram prejudicadas devido ao fator financeiro da escola. Isso prejudica o conhecimento mútuo e a relação dialética entre monitor-aluno/a.

**As visitas de estudo** muito contribuem para a formação dos jovens embora poucas são realizadas em virtude das dificuldades financeiras. São de suma importância para que os alunos/as possam conhecer experiências técnicas, pedagógicas e até mesmo econômicas diferenciadas, seja na cidade ou no meio rural. Tais visitas deveriam ser mais frequentes, pois é na observação das experiências já vivenciadas que se busca complementar a formação do aluno/a. Embora estas aconteçam raramente, estas contribuem muito para a formação dos jovens, pois estes têm a oportunidade de estar conhecendo e aprofundando a partir dos temas dos PEs as tecnologias surgidas, e assim aprimorando cada vez mais seus conhecimentos, e abrindo a consciência para o mundo atual, levando em consideração a sua realidade, servindo para confrontar e adquirir novas experiências.

**O serão** é um dos momentos que são realizadas algumas intervenções externas, organização dos PEs, estágios, místicas, assistir filme, jornal, promover debates, comemorar os aniversariantes do mês (confraternização) e noite cultural. Não é aulismo. O serão é um instrumento que deveria ser usado como fórum de debates, de discussões e de formação para a participação popular dos educandos/as. O que acontece muitas vezes na EFAGO é que o serão é usado como espaço de

aulas. Deve ser massacrante para os educandos/as estudarem o dia todo e ainda chegar à noite e ter que estudar de novo. Acontecem aulas no serão por dois aspectos; um é de completar carga horária, pois com o Ensino Médio e Profissionalizante juntos a carga horária fica pesada e tem que se cumprir o que exige a Lei de Diretrizes de Bases (LDB), por outro lado, falta criatividade e iniciativa por parte de alguns monitores/as e existem aqueles que acreditam que devem ser dadas aulas mesmo no serão para aproveitar melhor o tempo.

**Os estágios** são momentos cruciais de aprendizagem que apresenta uma evolução de forma significativa que se inicia com o estágio especial na família, social, técnico e profissional. O mais interessante são as temáticas sociais, técnicas, comunitárias, religiosas e profissionais que carregam os estágios. É onde o aluno faz contato, adquirindo experiências, trocando informações e complementando o conhecimento adquirido na EFAGO. É de suma importância, pois é onde os educandos/as têm a oportunidade de mostrar na prática tudo o que foi visto em sala de aula. Porém, apesar do valor deste instrumento, pois é onde se concretiza as práticas ligadas as teorias aprendidas na Escola, percebe-se que nem todos os educandos/as fazem o estágio, sendo por questão financeira, falta de interesse, falta de iniciativa de procurar os estágios e, principalmente, porque vale pouca nota.

**A avaliação** de aprendizagem realizada na EFAGO, ainda é muito tradicional, o que difere é que possui outros tipos de avaliação tais como: avaliação de sessão e auto-avaliação. Acontece a avaliação dos conteúdos, avaliação de sessão e auto-avaliação. Na avaliação de final de sessão, que é um bom momento para praticar a tão falada atitude de escuta. Ouvir faz bem a saúde. O problema é que não há uma formação para os educandos/as em explicar que a Avaliação não é o momento para se taxar o monitor/a, mas é um bom momento para se avaliar a sessão e propor alternativas de mudança. Outro problema é que nem todos/as os monitores/as concordam com a avaliação, principalmente, os monitores/as da área técnica que são questionados em relação ao discurso que a escola apresenta como defensora da Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Sustentável e que se defronta com a prática de tais monitores/as em aulas quando apresentam propostas de Plantio Direto, Agricultura Patronal com uso agrotóxico e até defendem o uso de transgênicos. Avaliação – na maioria das vezes marca a Evolução (conhecimento) do aluno e o seu comportamento, mas a EFAGO ainda está muito presa na questão de notas, todos os instrumentos valem pontuação e quando tem um valor menor, os alunos deixam de fazer a atividade. Isso tem prejudicado o bom desenvolvimento da aplicação dos Instrumentos Pedagógicos.

Penso que os instrumentos pedagógicos da Alternância não estão sendo explorados como deviam ser, pois os problemas da escola e do mundo inteiro se reduzem a uma palavra: CAPITAL. Quem tem prática, quem não tem não prática. Eis o grande empecilho da EFAGO. Por isso, não posso dizer que os instrumentos estão em harmonia com o PF, pois tudo o que foi pensado no PF não se efetivou na prática. Claro que os instrumentos ajudam no processo ensino-aprendizagem desde que efetivados e inseridos no cotidiano da vida dos alunos/as. (Monitor 8).

A EFAGO tenta aplicar os instrumentos da PA, por isto chega a resultados, mas há algumas deficiências em alguns instrumentos pedagógicos que precisam ser melhoradas. (Monitor 10).

Os temas do Plano de Formação é a partir da realidade dos educandos/as na visão dos monitores/as pesquisados.

Penso que esses diferentes temas vão ao encontro do desejo dos alunos/as de aprender, conhecer, desenvolver, compartilhar, pois são eles que escolhem os temas, e ainda penso que o PF é a forma mais coerente de se trabalhar os temas transversais. (Monitor 6).

São temas condizentes com a realidade dos alunos/as. Teoricamente... estão bem formulados e pensados. O problema está em efetivá-los na prática dos alunos/as na comunidade. (Monitor 8).

No que tange aos temas do PF, acho que foram bem escolhidos, pois levou-se em conta temas sociais, políticos, econômicos e transversais, distribuídos por série conforme o grau de conhecimento humano, social, técnico e profissional dos/as jovens. (Monitor 1).

Os diferentes temas trabalhados no PF abrem vários horizontes para o conhecimento de vida e de mundo. (Monitor 2).

Os temas são selecionados e organizados a partir dos interesses dos alunos, mas como tem realidades muito diferentes e alunos mais novos que ainda não entenderam muito bem a Pedagogia da Alternância, foram escolhidos temas distantes da realidade, fugindo ao objetivo do Plano de Estudo que é uma pesquisa a partir da realidade dos educandos. Dessa forma, foi confundido tema que poderiam ser aprofundados nas disciplinas, foram trabalhados como tema de PE.

“Alguns temas não enquadram na sua realidade”. (Monitor 10).

Os educandos/as queriam estudar sobre a soja e plantio direto, apesar de não ser a realidade local, porém, os alunos do Ensino Profissionalizante queriam ter o conhecimento, já que serão técnicos em agropecuária e no âmbito dessa questão querem ter conhecimento das técnicas atualizadas. E por equívoco e monitores com pouco tempo de experiência na hora de organizar o Plano de Formação foi considerado importante atender aos educandos/as que insistiram muito pelos temas. Mais tarde, foi refletido que esses conteúdos deveriam ser pesquisados em outro sentido e não como temas de PE, pois foram pesquisados em livros e não a partir da realidade vivida no meio sócio-profissional.

O Plano de Formação vem contribuindo para a motivação dos alunos com relação a aprendizagem e a Escola na ótica de alguns monitores, além de ajudá-los no processo ensino, como demonstra o trecho a seguir:

Após o PF os alunos/as estão mais motivados com as disciplinas específicas e técnicas, pois estão tendo um objetivo maior para realizar o PE, pois se esgotam todas as dúvidas em relação aos temas. Além disso, o processo ensino/aprendizagem está mais organizado e planejado, o que contribui tanto com o aluno quanto com o professor, pois há uma interação maior, é uma troca de conhecimentos em que o/a monitor/a se torna apenas um/a mediador/a que também aprende com seus alunos. Pois nós que não somos da área técnica, também temos a oportunidade de aprender muito com nossos alunos e colegas monitores/as, o que torna gratificante o ser professor/a. Visto que, uma atividade planejada e organizada com a participação de todos que fazem parte da Escola (aluno/a, família, comunidade, parcerias, monitor/a, entre outros) contribuem com o ensino e facilita a aprendizagem, podemos dizer que PF possibilita esse melhoramento. (Monitor 6).

No entanto, existem aqueles monitores que acreditam que está havendo uma certa credibilidade com relação ao Plano de Formação e sua contribuição porque os atores não estão conhecendo a Pedagogia, graças ao rodízio de monitores/as e aumento do número de educandos/as.

Do tempo que estou na Escola, sinto que de 2 anos para cá houve uma queda de interesse por parte dos alunos/as e até monitores/as na aplicação do PF. O processo de ensino-aprendizagem só acontece na PA quando os instrumentos do PF são colocados todos em prática, o que infelizmente estamos deixando a desejar. Acho que não houve evolução no PF porque a equipe de monitores/as atual não participou do primeiro, não estão conhecendo ainda a Pedagogia. (Monitor 1).

### ***7.7 Plano de Formação e Educandos***

Existem monitores que não perceberam nenhuma mudança com a aplicação do Plano de Formação e que percebem que ao contrario a EFAGO está fugindo a sua filosofia e preocupada com o aspecto financeiro e está se aliando ao Sindicato Patronal ligado a Federação da Agricultura do Estado de Goiás (FAEG). Além do que está contradizendo a questão da Pedagogia da Alternância que é adquirir o conhecimento a partir da realidade e da troca de experiências. E os CEFFAs que fazem uma confusão denominando as escolas regulares como tradicionais, e pode acontecer de se ter muitos centros que trabalham a Pedagogia da Alternância e serem tradicionais.

Sinceramente não vi muita diferença no comportamento dos alunos/as, principalmente, os do Ensino Fundamental que nem sabem o que vem a ser PF. A aprendizagem da Escola deve ser repensada no próximo PF porque se está transformando a EFA de Goiás numa escola bancária, extensionista e que reproduz o sistema de educação onde o aluno é reduzido a número. Muitas coisas precisam ser repensadas, como: o número de alunos/as, a presença de monitores/as sem sonhos e sem causa que usam a escola e até mesmo o sistema público de educação como cabide de empregos, a presença de determinados parceiros/as que impõem um feudalismo contemporâneo e a presença de determinados setores da sociedade que são contra a luta pela terra, por exemplo, a FAEG. Não vejo motivação nos alunos/as, o que percebo é uma corrida em busca de resultados a partir de uma concepção neoliberal da competição, pois estamos treinando alunos/as preocupados em correr atrás de notas. Deixamos os saberes da educação popular de lado. Para mim, o PF não contribuiu devido às dificuldades da escola, mas seus atores/as também deixaram a desejar e dentre estes me coloco como ator do processo. (Monitor 8).

É interessante que os monitores com menos tempo de trabalho na EFAGO tem uma visão mais otimista com relação a contribuição do Plano de Formação no processo ensino-aprendizagem.

Toda mudança exige novos comportamentos e atitudes e acredito que esse PF foi bem aceito pelos alunos, a ponto de fazer com que os mesmos mudassem o seu ponto de vista para o novo. E se houve um novo PF foi devido às necessidades de mudanças que a EFAGO exigia. Com relação à motivação e aprendizagem do aluno, pelo pouco tempo que leciono na escola, observo que há um interesse muito grande por parte dos mesmos, e isso faz com que eles evoluam tanto no aspecto intelectual, moral e social. (Monitor 7).

A Equipe constata algumas mudanças no comportamento dos educandos/as após a reconstrução do Plano de Formação, pois atualmente estão mais motivados com o processo ensino aprendizagens da EFAGO. Percebe-se que quando o tema do PE interessa aos alunos, os mesmos demonstram mais participação, opinam, trazem experiências e questionamentos da família e comunidade, o retorno é surpreendente. Hoje, estudam temas que eles próprios sugeriram, com isso contribuiu para a aprendizagem dos alunos porque querem estudar algo que os interessam. Os alunos ficaram mais conscientes da importância de todos os instrumentos para melhor aprendizagem, ou seja, a troca de conhecimentos entre professores e alunos na Escola, antes não estava tendo uma boa integração, principalmente, entre os professores mais novos na Escola, devido as dúvidas sobre os instrumentos.

### ***7.8 Pedagogia da Alternância: Significados***

Percebe-se que os educandos/as e monitores/as ficaram mais motivados facilitando assim a aprendizagem. O Plano de Formação é fundamental para o desenvolvimento dos alunos, eles ficam mais motivados, pois percebem a organização e que na implantação levou em consideração sua realidade e os próprios alunos ficam mais motivados. E sem dúvidas melhora o interesse para conhecer o novo e interessado nesse novo se busca novos horizontes do conhecimento, aprendem sem medo de aprender. Pode-se considerar que houve mudança porque houve um planejamento para a execução de um trabalho e com isto quem está inserido no contexto levou mais a sério. Observa-se que, principalmente, os alunos que participaram da elaboração do Plano de Formação e, principalmente, os educandos/as que têm origem rural são mais motivados/as com relação à escola e a aprendizagem. Também é transparente que nem todos os educandos/as se adaptam na escola e com isso há um descaso por parte dos mesmos/as, sobretudo os que vêm da cidade, mas os que são interessados têm um bom aproveitamento. Essa questão é ambígua, pois se alguns educandos/as não se adaptam na escola, o problema pode estar na escola e não nos alunos. E também existe o caso de monitores/as que não se adaptam. Nesse sentido, esses monitores podem estar contribuindo para desanimar alguns educandos/as na escola.

A pedagogia é ligada à família, pois busca novos saberes, integrando família-escola-sociedade valorizando seus conhecimentos e valores e possibilitando a troca de experiências. É um processo complexo na prática, mas que completa a aprendizagem em todos os aspectos e



envolve todos/as no processo de ensino-aprendizagem, partindo do local para o global, valorizando a realidade do/a jovem. E tem como objetivo principal promover uma formação integral ao jovem motivando o/a permanecer no campo de forma alternativa. A Pedagogia da Alternância é ativa, é como um caminho que conduz ao conhecimento, é um processo de construção onde o educador/a e educando/a sentem-se envolvidos neste processo, está sempre aprendendo partindo da realidade de cada um/a.

Este processo é de grande importância para a aprendizagem do aluno e da comunidade, pois é onde ele realiza sua prática. A alternância é o mais interessante na pedagogia, pois é o que permite conhecer melhor os educandos/as e seus pais, ou seja, sua realidade.

A pedagogia da alternância para mim significa que o/a jovem estuda período na Escola e outro período em casa com a família e a comunidade desenvolvendo assim, seus conhecimentos e habilidades num processo de aprendizagem simultâneo em que se trocam experiências. Eu penso que a alternância em si é o que possibilita essa troca de experiências é esse intercâmbio entre família, comunidade e escola mediatizado pelo/a jovem, além disso, através da alternância o estudante pode associar seus conhecimentos teóricos aos práticos, promovendo o desenvolvimento e melhoramento da sua comunidade. Entretanto penso que essa alternância não deve ser de um período muito longo, pois a/o jovem se distancia dos conteúdos estudados, o ideal é que esse período fosse semanal e não quinzenal. (Monitor 6).

Pedagogia da Alternância é uma das propostas pedagógicas, nascida de uma experiência francesa, que busca desenvolver o ato de ensinar e aprender numa realidade específica, a saber, o meio rural. A Alternância seria o encontro dos saberes populares e cotidianos (mundo da práxis) com o saber científico e teórico (mundo do conhecimento). Além disso, no Brasil, a Pedagogia da Alternância assume, historicamente, uma dimensão sociológica no ato de se desenvolver como educação nas realidades vivenciadas pelos agricultores/as familiares. Assim, a Pedagogia da Alternância é ou deveria ser uma pedagogia da resistência frente à hegemonia da classe dominante, é uma pedagogia da comunhão que busca a aprendizagem a partir da dimensão comunitária, é uma pedagogia do conflito e da teimosia onde se evidencia a dicotomia existente nas sociedades humanas, é uma pedagogia dos pequenos que se associa ao mundo dos excluídos na busca por inclusão social, dignidade e justiça para os que estão à margem da sociedade e é uma pedagogia da esperança – como dizia Paulo Freire – que mostra ao Poder Público uma alternativa de educação para meio rural e que se destaca por integrar a família, a comunidade e os movimentos sociais na luta por uma educação verdadeiramente do campo, com pedagogias voltadas para atender as reais necessidades dos camponeses/as. Penso que a Alternância é um sistema que deveria dialogar mais com a realidade histórica. Sabe-se que ainda se sofre a pressão européia da Pedagogia da Alternância aqui no Brasil fazendo-se com que as

EFAs, as CFRs e as ECRs não constroam a sua própria forma de fazer e pensar a Pedagogia da Alternância. (Monitor 8).

Na Pedagogia da Alternância ocorre uma aprendizagem entre a escola e a família, pois o que o aluno aprende na escola, ele tem a oportunidade de passar o que aprendeu às pessoas de sua família ou de sua comunidade. (Monitor 12).

Educação onde se usa o meio em que o aluno nasceu, criou-se e vive, como instrumento de ensino, procurando o seu desenvolvimento social, educacional, profissional e cultural. (Monitor 11).

Há opiniões distintas com relação a participação dos pais e parcerias a partir do PF. Por um lado, alguns monitores/as acreditam que houve evolução na participação na Escola.

Os pais, mães e responsável perceberam algumas diferenças com a aplicação do PF na escola e na aprendizagem porque os alunos/as apresentam o resultados dos PEs aos pais, estão preocupados em realizar as pesquisas na família e comunidade pois o ensino aprendizagem surge a partir da realidade de cada um/a. Boa parte das famílias tem interesse na formação dos filhos/as, visitam a escola, buscam parcerias e participam das assembléias. De certa forma pode se afirmar que há uma evolução no interesse das famílias algumas intervenções externas foram realizadas pelos pais, na verdade ocorre uma certa troca de experiências entre as famílias, os/as jovens e a equipe de monitores/as. (Monitor 2).

Hoje fazem as exposições de sua prática em casa que antes não aconteciam. Tem, interesse, que seus filhos possam aprender e construir algo para se próprio e para família, hoje e no futuro. Há evolução, pois as comunidades estão mais presentes, com toda dificuldade tentam participar. (Monitor 3).

Já por outro lado, a maioria dos monitores não viram evolução na participação das famílias e parcerias, acreditam que por falta de conhecimento na pedagogia da Alternância, por falta de organização da escola, por falta de formação, ou ainda por descaso das famílias, que deixam as responsabilidades exclusivamente para a Escola.

O PF não alterou em nada o andamento da escola. O conselho penso que nem saiba direito o que é e qual a importância do PF. As famílias estão distantes da escola, falta um trabalho em todas as escolas neste sentido, pois sofremos historicamente a influência da não necessidade de participação. Sempre foi passado que o professor é aquele que sabe e o agricultor e seus filhos/as os que não sabem. Para mudar este fato é com um processo lento de conscientização e formação. Em relação aos alunos/as, os que participaram do PF sempre estão ativos na escola e até mesmo na construção de uma

sociedade mais justa e solidária. Já os parceiros/as devem ter ouvido dizer sobre o PF, no entanto, não houve interesse nem da escola e muito menos deles em participar do PF. Os pais e as mães estão a margem do que acontece na escola a não ser a Associação que participa da escola de uma forma suspeita. A Associação de Pais e Alunos da Escola Família Agrícola de Goiás exercem uma espécie de microfísica do poder proveniente das estruturas hierarquizadas da Igreja. O poder não é comunitário, pois a participação dos pais e mães de alunos/as é mínima. Não há formação e conscientização que mostre a importância da participação das decisões. Os alunos/as foram silenciados em participar, pois não tem direito ao voto. Aliás, os alunos/as quando votam precisam de 10% para ter o direito de um voto. Isso não se pode chamar de democracia. Então temos um problema: Educa-se, teoricamente, para a cidadania, mas na hora de participar o direito democrático é violado com os alunos/as sem direitos a voto individual. Os monitores/as não participam do processo fazendo com que se tornem empregados, “serviçais” e sem voz e vez no processo. Concordo que monitores/as não devam assumir a Associação, mas negar a possibilidade de participação de criar dicotomia entre associação X monitores/as que passam a ser empregados (explorados/as) obedientes ao que determina a Associação, o empregador (exploradores/as). Criou-se na Escola Família Agrícola de Goiás uma reprodução social de classes onde o fator desigualdade é evidente. Percebo que os pais e mães têm um interesse sim na formação de seus filhos/as, mas não compreendem a PA que é uma pedagogia da participação. Não há interesse em participar. As escolas públicas nunca fizeram isso, propor para que a comunidade ou a família participe da escola e da vida educativa de seus filhos/as. Quando aparece uma Escola que propõe participação, mas não se há um trabalho para isso fica difícil ver pais e mães participando. Falo do que estou vendo hoje. Pode até ser que a Escola tenha feito um trabalho que mostrasse a importância de participação nas decisões da escola, mas hoje estamos reféns de um sistema que fora reproduzido da Igreja e da sociedade para dentro das EFAs, dentre elas, a EFAGO, pois nem visita as famílias se fala. O bonito é falar em visita de palestras. Os monitores/as (os que sabem) vão de vez em quando as comunidades e não as famílias dar palestras para os agricultores/as (os que não sabem) sempre tendo como tema a propriedade e a agricultura. Claro que tais formações são importantes, mas reduzir a Visita as Famílias a este aspecto que fragmentaliza o conceito de educação da PA. (Monitor 8).

Os pais/ mães/ responsáveis não perceberam diferenças com a aplicação do PF na Escola e na aprendizagem dos alunos/as porque não compreendem o processo, a maioria dos pais não teve a oportunidade de conhecer na íntegra como se dá esse processo na Escola e estudaram pouco, assim encontram dificuldade em entender o que é o PF, mas todos demonstram muito interesse e preocupação com a formação dos filhos, pois querem dar aos filhos/as um futuro melhor e aquilo que eles não tiveram a oportunidade de ter, querem que os filhos/as sejam cidadãos conscientes e que lutem pelos seus direitos e por aquilo que acreditam, sempre evidência essa preocupação nas reuniões dos pais, assembleias, visitas dos pais na Escola, visita dos monitores/as na casa dos alunos/as, sempre há uma evolução no interesse e participação dos pais/mães quando há uma

reunião para discutir os problemas da Escola, mas o papel maior é do aluno/a que deve motivar os pais para participarem mais da sua vida escolar, ainda há muitos que não participam. (Monitor 6).

Na nossa Escola são poucos os pais que participam da vida escolar de seus filhos/as. O curso de formação é ideal para mudar este quadro. Os pais também precisam de cursos de formação. (Monitor 3).

O que se constata é que poucos pais e mães entendem diretamente o que vem a ser o Plano de Formação e seus respectivos instrumentos, porém, não tem que entender como são organizados o Plano de Formação e instrumentos. Essa tarefa é dos monitores/as, os pais e educandos devem sentir o resultado na formação, claro que cada um tem o dever de desempenhar a sua função. Porém, criou-se na EFAGO uma teoria que na construção do Plano de Formação deve ter participação de todos os atores e o que se constata pela literatura, é que deve ser feito um diagnóstico com famílias e parcerias do meio sócio-profissional antecipadamente, no entanto, a construção e aplicação é realizada pela equipe de monitores com a participação aí dos educandos, famílias e parcerias quando solicitadas. Apesar dos pais não saberem dar nomes a todos os instrumentos pedagógicos, eles acreditam que a forma que a Escola trabalha contribui para o desenvolvimento do aluno.

Percebe que tem poucos pais de alunos que tem conhecimento deste trabalho, mas sei também que mesmo não sabendo que utilizamos este ferramenta (instrumento), os pais sabem que seus filhos estão tendo um crescimento na formação dos filhos, dando mais apoio no desenvolvimento dos trabalhos nas famílias, sendo mais apegado emocionalmente com os integrantes. Tem pais que entendem o trabalho da Escola e a proposta da PF e isso influência no desenvolvimento dos trabalhos na Escola. E nas visitas as famílias sempre estão falando deste calendário que elaboramos e que procura atender os alunos e famílias. (Monitor 9).

### ***7.9 Efeitos e Desafios do PF para os Educadores***

Os efeitos para os monitores/as do Plano de Formação foi a evolução da participação das famílias, jovens e monitores/as, o que muito tem contribuído no processo ensino aprendizagem porque a equipe sempre procura trabalhar a partir das solicitações dos atores da Pedagogia da Alternância .

O PF teve um efeito positivo na formação dos alunos/as, pois, eles tiveram a oportunidade de escolher o que gostariam, de aprender e o que achavam importante para sua formação, além disso, conheceram como funcionaria o processo ensino-aprendizagem na EFAGO, uma vez, que os alunos escolhem o que querem estudar, ficam mais motivados, cabe a nós enquanto monitor definir o que é viável. No processo ensino-aprendizagem o PF possibilitou uma organização e um desenvolvimento. (Monitor 5).

O Plano de Formação foi construído com o intuito de dinamizar o processo ensino-aprendizagem na EFAGO, porém, é um processo lento e complexo e dificilmente será realizado totalmente, pois trabalhar a partir do concreto para o abstrato exige muito dos educadores que nesse caso o grupo todo não tem formação em Pedagogia da Alternância, e com pouca experiência na área de educação. E com relação à Pedagogia da Alternância, ela poderia se tornar mais ativa com o Plano de Formação que é construído exatamente com esse intuito de unir a teoria e prática vivida pelos educandos tanto na escola, quanto na comunidade. No entanto, como já foi abordada inúmera vez nessa pesquisa, que não se trata de uma tarefa simples, pelo contrário, exige-se muito dos atores dessa pedagogia. E como a situação financeira da escola não permitiu uma aplicação assídua do Plano de Formação não se pode dizer que a pedagogia está mais ativa. Mas com um trabalho mais rigoroso com o PF, com certeza contribui para que se tenha uma pedagogia mais ativa e que contribua para a formação dos jovens rurais.

Na verdade, acho que esta evolução é um processo longo e contínuo, para se obter melhores resultados. Os alunos estão caminhando a cada dia, mas é preciso melhorar, assim os professores precisam se integrar cada vez mais na pedagogia. (Monitor 4).

Diante de toda dificuldade que se tem passado a EFAGO parece difícil constatar os efeitos no processo ensino-aprendizagem na Escola.

Primeiro que não percebi evolução alguma. Houve sim retrocesso. E não aconteceu efeitos neste PF para o processo ensino-aprendizagem dos alunos/as. (Monitor 8).

É um tanto contraditório dizer que o efeito do PF está na motivação dos alunos, sendo que foi mencionada várias vezes que muitos alunos estão preocupados somente com notas.

Quando falamos de evolução, sempre vem em mente conhecimento e desenvolvimento. Então com a renovação do PF tem um bom desenvolvimento nas atividades. O efeito é que os alunos estão motivados a executar o que está proposto no PF e isso contribui muito no aprendizado. (Monitor 9).

Dentre as diversas questões realizadas com os monitores aparem que a EFAGO com seu respectivo Plano de Formação contribuem com a formação integral dos jovens. Isso é possível a partir dos temas trabalhados no PF ligados à realidade dos alunos, sempre com o objetivo de desenvolver os aspectos sociais, econômicos, culturais, religiosos, comunitários, profissionais, pois intenciona-se que os jovens construam um projeto de vida.

Na EFAGO acredito que realmente se ensina e aprende no dia-a-dia, pois a troca de experiência é riquíssima e o P.F muito contribui com a formação integral dos jovens através dos instrumentos pedagógicos ex: PE, CR, intervenção externa, visitas de estudo, visita às famílias e estágios. (Monitor 2).

(...) A EFAGO e seu PF contribuem para a formação integral dos/as jovens porque é nele que planejamos como serão trabalhados os temas em cada instrumento pedagógico e são esses instrumentos que contribuem para a formação integral dos jovens. (Monitor 6).

Cada professor faz a sua parte de ensinar e verificar se houve aprendizado. Com relação ao ensino-aprendizagem é possível observar que há um cuidado e interesse por ambas as partes. A EFAGO e seu PF otimizam a formação integral dos jovens e acredito que cada um fazendo sua parte (professores e alunos) o êxito na formação será ótimo ao longo das vidas dos alunos. (Monitor 7).

Acredito que a Escola Família Agrícola de Goiás tenta ensinar e aprender. Se ela atinge este objetivo pode-se questionar devido que todos os dias aparecem problemas novos que confundem o andamento pedagógico da escola. Ela ensina quando aprende com os agricultores/as e aprende ensinando teorias que devem estar ligadas ao mundo dos alunos/as. Nisto o PF contribui com a formação integral se sair da gaveta e for posto em prática em todos os sentidos. (Monitor 8).

O PF contribui e muito para a formação integral, fazendo com que o jovem se sinta agente direto para desenvolver a proposta da PA. (Monitor 9).

Pelas representações dos monitores percebe-se que o Plano de Formação contribui para a formação integral, pois trabalha vários aspectos da formação dos educandos, e que por sua

vez, formam os monitores/as também. Mas claro que o trabalho da EFAGO como foi demonstrado nas colocações dos monitores/as e pelo conhecimento da realidade da Escola falta muita articulação de todos os atores para uma reorganização do Plano de Formação e da Escola como um todo para se concretizar uma formação integral a partir de um processo ensino-aprendizagem dentro das perspectivas da proposta da Pedagogia da Alternância.

Neste sentido, buscar-se-á, por fim, no próximo capítulo comparar as concepções sobre o Plano de Formação na alternância a partir da visão e sensibilidade dos educadores/as e educandos/as da Escola Família Agrícola de Goiás, bem, dar rumos aos desafios e perspectivas desta experiência de educação rural.

## **CAPÍTULO 8**

### **COMPARAÇÃO DAS CONCEPÇÕES SOBRE PLANO DE FORMAÇÃO NA ALTERNÂNCIA ENTRE OS MONITORES/AS E EDUCANDOS/AS E OS DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

Este capítulo aborda a questão da análise das diferentes opiniões dos monitores/as e educandos/as, bem como, suas contradições, comparações e limites com relação ao Plano de Formação e sua verdadeira contribuição e efeitos no processo ensino-aprendizagem na EFAGO. Ainda se apresentarão neste capítulo os desafios e perspectivas a respeito do Plano de Formação na Alternância.

#### **8.1 *Comparação entre as Concepções dos Educandos/as e os Monitores/as***

A partir da análise realizada e a partir dos dados dos educandos/as percebe-se muitas contradições entre as respostas dos mesmos. E com relação aos monitores/as aconteceu a mesma situação de contradições. Por um lado, muitos educandos/as e monitores/as acreditam e confirmam que o trabalho com o Plano de Formação evoluiu e que contribui positivamente para consolidação eficaz do processo ensino-aprendizagem, apesar das problemáticas existentes no contexto que abarca toda a Escola.

Entre os monitores/as percebe-se que alguns possuem uma visão otimista com relação a atual situação do trabalho pedagógico da Escola. O que ficou claro é que a situação financeira tem prejudicado de forma intensa o desenvolvimento das atividades da Escola, mas percebe-se que nas entrelinhas das respostas que existem diversos fatores que dificultam os trabalhos. E para alguns monitores/as mais críticos e com uma visão mais realista, às vezes um tanto pessimista o que não é difícil de entender diante tantas dificuldades vivenciadas pelos atores da Escola.

Com relação aos educandos/as notaram-se contradições, mas era esperado, partindo de uma turma considerada especial pelo nível de participação e desenvolvimento das atividades da Escola. Como no caso dos monitores/as houve aqueles que acreditam que o Plano de formação contribui com o processo ensino-aprendizagem dentro da perspectiva da pedagogia da Alternância. Já os mais críticos e realistas percebem que contribui, mas que faltam muitos aspectos a serem mudados e realizados para o melhor desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.



No âmbito das respostas dos monitores/as que contribuíram bastante neste processo de análise, não se pode deixar de registrar o nível das respostas dos educandos/as que sem dúvidas foram excelentes demonstrando a veracidade da potencialidade da turma. Muitas respostas superaram as respostas de alguns monitores/as. Agora o interessante foi perceber que existiram contradições entre os próprios monitores/as e entre os próprios educandos/as, mas que entre os monitores/as e educandos/as não tiveram tantas contradições. Analisando o conteúdo numa perspectiva qualitativa os dados e opiniões dos dois grupos pesquisados foram pertinentes e homogêneos diante dos fatos vividos no contexto desta pesquisa.

Essas contradições possibilitaram a percepção do real funcionamento do trabalho realizado na EFAGO. Portanto é nessas contradições e limites que é realizado o processo ensino-aprendizagem a partir do Plano de Formação em Alternância. Contanto que infelizmente o Plano de Formação tem deixado a desejar nesse processo de formação integral tão falado e sonhado pelos CEFFAs. Neste sentido deve-se discutir a partir da real situação, entender os desafios, apontar as perspectivas visando uma transformação desta fatalidade, que mesmo sabendo e acreditando nesta proposta muito se falta para uma efetivação concreta da aplicação e conseqüentemente do desenvolvimento do Plano de Formação na perspectiva de consolidar o processo ensino-aprendizagem desta Escola.

Com relação a aplicação dos instrumentos pedagógicos tanto para os educandos/as está deixando a desejar, pois falta uma melhor organização da equipe de monitores/as, falta de recursos, rotatividade de professores, as vezes falta de adaptação dos monitores/as e de alguns educandos/as que não conseguem se enquadrar na proposta da Pedagogia da Alternância. Esta situação pode ter dois sentidos uma que essas pessoas não tem afinidade ou por outro lado que a Escola com seu respectivo plano de Formação não está cumprindo o seu objetivo que é trabalhar a partir da realidade e interesse dos jovens, como é previsto pela pedagogia.

Aqui se faz necessário um aporte ao documento escrito do Plano de Formação que tem conteúdos de interesse, mas também se tem conteúdo totalmente desligado da realidade como o plantio direto, plantação de soja. Mas esclarecendo que partiu dos educandos que queriam se profissionalizar melhor. Porém os educandos/as tiveram que buscar as informações em livros e em outras realidades, não que isso não possa ocorrer, mas fugiu a filosofia é trabalhar a realidade dos jovens e a partir de observações muitos educandos que não vive o que colocado no Plano de estudo, fica sem interesse. E este desinteresse pode estar sendo gerado por ter educandos/as de realidade diferente na Escola. Sendo que a Escola recebe alguns educandos/as que provêm da cidade, o motivo segundo as observações é que tem sido muito

discutido a questão do rural e urbano. Pois estes jovens vêm de cidades com uma população muito pequena, e que sobrevivem da agricultura familiar, outros que vivem no campo como empregados, agregados e depois vão para a cidade e dessa forma saem do campo, mas viveram muito tempo no campo.

Diante dessa reflexão foi permitida a entrada de jovens, o que segundo os atores dificulta o trabalho, pois o PF foi planejado para os jovens que vivem especificamente no Campo. Nesse sentido o Plano de Formação fica a desejar, pois tem educandos de realidade diferente e como ele é programado para um fim. E com o início do Ensino Profissionalizante-Técnico em agropecuária tem vários temas repetidos no Plano de Formação da 8ª série do Ensino Fundamental e do 3ª do Ensino Médio e Profissionalizante (ver em anexo). Os educandos/as do 3ª não haviam estudado alguns temas que constam para a 8ª série. Na reavaliação do plano será feito o reajuste necessário. Ainda se tratando de realidade diferente há por um lado um interesse muito grande dos alguns jovens da cidade pelo campo e conseqüentemente pela a Escola e ao mesmo tempo um desinteresse dos jovens do campo pelo campo e conseqüentemente pela Escola.

Há um outro elemento: planejar os conteúdos das disciplinas. Muitas vezes o que ocorre nas nossas escolas é que as atividades dos Planos de Estudos são feitos, os alunos pesquisam, estudam a realidade e esses Planos de Estudos viram quase que uma disciplina, um conteúdo à parte porque quando o aluno traz a pesquisa para a escola morre ali na Colocação em Comum. Não há uma seqüência nas disciplinas que são estudadas. As matérias estudadas não são relacionadas. Elas, muitas vezes, não estão articuladas com o Plano de Formação. Ele possibilita a gente estar buscando alternativas adequadas. A gente não consegue cem por cento em todos os temas, em todos os conteúdos, mas na medida do possível, a gente vai trabalhar de uma forma mais articulada. (Coordenador da AMEFA e da Equipe Pedagógica Nacional)

Tanto nas falas dos educandos/as como dos monitores/as isto é muito forte a questão de haver um desinteresse por parte do educando pela Escola. Para os educandos/as é preciso rever o quadro de educandos que não se interessam pela Escola e pedir para sair, e fazer seleção para a entrada de educandos/as, ou seja, apenas aqueles que tem um real interesse pela Escola. Segundo eles a presença dos educandos/as que não tem afinidade e que na maioria das vezes estão ali obrigados pelos pais. Esse desinteresse dos educandos esta gerando um conflito interno na Escola que tem prejudicado e muito a aplicação dos instrumentos pedagógicos, pois tem se problema de indisciplina na Escola, que vem piorando cada vez mais. Segundo os

atores é devido ao aumento de números de Educandos/as na Escola e principalmente por ter educandos de realidade diferente, culpam parte da equipe por faltar pulso firme, brincam demais com os educandos, não se dando o respeito, tem educandos/as que sentem um certo descaso de alguns monitores/as com a Escola, deixam os educandos muito a vontade.

Já na visão dos monitores Os monitores serem mais severos com seus alunos, pois se corrigirem também. Às vezes os monitores, estão olhando mais os exemplos, e não as regras, cobram “regras”, mas eles próprios fogem essas “regras”. (Educando 7)

O acréscimo de educandos/as atrapalha o processo, a presença de educandos que não tem afinidade com a Escola e a falta de respeito dos educandos/as com eles, os educandos/as confundem amizade e ultrapassam os limites. Acreditam também que deve ser realizada uma seleção de educandos que tem a ver com a filosofia da Escola.

Sermos enérgicos e firmes no cumprimento das normas, disciplinando os alunos. Selecionando melhor os alunos (teste de aptidão), tem alguns que só estão para concluir o 2º grau, prejudicando os alunos interessados. (Monitor 11)

Percebe-se assim que está havendo um problema de relação e de diálogo entre esses atores, o que prejudica o processo ensino-aprendizagem, não só isso, mas todos os fatores, principalmente financeiro que geram outros problemas. Assim deve-se repensar o quadro de monitores/as, ou melhor, do que isso lhes proporcionar formação adequada, pois muitos dos monitores/as pela questão de rotatividade, não fazem formação na Pedagogia da Alternância, e além disso a sua formação é muitas vezes tradicional e é difícil mudar isso de uma hora para outra. Diante de tudo isso o Plano de Formação deve prever isto tudo na hora de construí-lo.

Essa crise financeira repetida inúmeras vezes durante a pesquisa tem afetado todo o trabalho e gerado uma desarticulação e desânimo nos monitores/as educandos/as que estão no dia-a-dia. Com isto conseguiram realizar os PEs, colocação em comum e os estágios, algumas intervenções externas, mas as visitas de estudo e visitas às famílias não foram realizadas e isso certamente distanciou a Escola da comunidade e vice-versa. E não tendo alguns instrumentos os educandos/as se desmotivam e perdem o interesse. E isto chamou bastante a atenção no material coletado, pois diante de tantas dificuldades, falhas humanas, desorganização, faltam de apoio dos órgãos competentes, tanto os educandos/as, quanto os monitores/as, apesar de

tudo, tem um grande entusiasmo pela a Escola. Acreditam mesmo nessa proposta e que os instrumentos contribuem no seu processo de ensino aprendizagem.

No âmbito destas questões a Escola vem contribuindo para a Formação dos jovens rurais e alguns que não estão no campo, mas que já estiveram e querem voltar. Têm ex-educandos nas universidades, inclusive dois educandos sujeitos desta pesquisa que hoje são monitores/as da Escola. Se pensar numa estrutura dessas que não tem recursos suficientes, sobrevive de migalhas e tem tido resultado com a formação de muitos jovens conscientes e reflexivos. Imagina se obtivesse recursos suficientes com certeza todos os instrumento seria aplicados e se investiria mais nos monitores/as.

Os monitores/as são muito importantes neste processo de desenvolvimento da Pedagogia e do Plano de Formação, porém precisam de formação, reconhecimento salarial e profissional. Pois na Escola há uma desvalorização do profissional, pois para o agricultor só é trabalho se for pesado, ficam com aquela idéia que o monitor não faz nada, e isso tem desmotivado os monitores/as em geral, na Escola não se fala em questão salarial, nem dos direitos trabalhistas dos monitores/as, pois como a Escola nasceu com apoio da igreja, herdou-se também voluntariado, todos têm que trabalhar, uma carga horária pesada e se falar em salários é porque não é líder, não gosta da Escola, existindo um confusão entra o profissionalismo e a militância.

Ter uma melhor valorização dos profissionais tanto da área técnica como pedagógica. Equipe ter mais iniciativas. Ter uma forma para que os alunos tenham mais respeito com os monitores. (Monitor 12)

Aqui ainda aparece as parcerias que contribuem bastante, mas criticam na mesma medida. O que a partir da experiência e d observações causa um mal estar, surgindo uma discussão entre a teoria e pratica, Quem vive um cotidiano de EFAGO sabe que extremamente prazeroso, mas cansativo. O que se nota é na Escola a avaliação é por punição, criticas e acreditam que isso melhorara a Escola, mas não se sabe que não é por aí, e sim através da Pedagogia que deve ser a pedagogia do dialogo, e da esperança é melhor sussurrar um elogio que dizer uma critica muito forte, pois se deve corrigir pelos acertos e não pelos erros.

Por um lado a construção do Plano de Formação fortalece a auto-estima do monitor, porque o trabalho fica mais organizado, ma por outro frustra porque por falta de recursos não se coloca em pratica o que havia sido planejado e com isso da impressão de incompetência, de descaso,

os educandos/as e famílias cobram muito da equipe, não levam muito em consideração os problemas externos.

No entanto os monitores/as acreditam que o Plano de Formação colabora na construção da sua identidade profissional, pois os ajudar a compreender melhor o processo ensino-aprendizagem e, sobretudo o trabalho como educador, e seu interesse aumenta por conhecer mais a Pedagogia da Alternância, portando se forma neste processo entre a Escola e a comunidade. A não ser aqueles que ficam muito pouco tempo na Escola, não dá tempo de compreender o processo, e tem aqueles educadores que mesmo com muito tempo não se enquadram, e as vezes tem alguns educadores com menos tempo de trabalho e desenvolve um ótimo trabalho, é um caso de afinidade.

Ao mesmo tempo em que os monitores/as têm essa dificuldade de relação entre eles e a Associação, às vezes tendo uma relação de poder, os monitores/as que estão na Escola e desenvolvem a pratica e a Associação que acompanha e administra com muita dificuldade a Escola.

Eu penso que para a AFAGO conseguir realizar as atividades que são importante dentro do desenvolvimento da Pedagogia da Alternância, é necessário que se repense todo quadro profissional da mesma, principalmente a do conselho administrativo, tendo uma melhor formação dos mesmos, em se tratando de como trabalhar com a administração das EFAs, uma vez que a gestão da EFAGO está nas próprias mãos dos pais de alunos da mesma. Penso também que a escola deve repensar o quadro de corpo discente, sugiro até que haja uma seleção com o objetivo de termos alunos que identifiquem com a Escola. (Educando 1)

E esse mesmo jogo existe entre os educandos/as e monitores/as com relação a notas, na Escola ainda se usa avaliação tradicional por números, inclusive os instrumentos pedagógicos valem pontos e o comportamento, e trabalho desenvolvido na propriedade da Escola, pois segundo os monitores/as, caso contrário os educandos não fazem e mesmo valendo notas muitos educandos/as não tem realizado os instrumentos pedagógicos como o PE e o Caderno da Realidade. Isso tudo tem a ver com o Plano de Formação que é muito bem produzido no papel, mas na hora da pratica os monitores/as não conseguem aplicar. Tem se a intenção de reavaliar o quadro de profissionais, de educandos/as, com uma contribuição mais direta no dia-a-dia da EFAGO e não somente na critica de longe, rever o Plano de Formação a partir da realidade da Escola. O que se evidencia claramente é que houve a intenção de fazer o plano de Formação a partir da realidade, mas na verdade ele foi construído encima de um ideal. Deve-

se analisar como esta sendo feita a escolha dos temas, como fazer a família participar ativamente. Como alguns monitores/as disseram mesmo com falhas mas sempre houve uma luta muito grande para insistir na aplicação dos instrumentos. Estes instrumentos influenciam diretamente no processo ensino aprendizagem, pois a partir da realidade se trabalha todas as disciplinas.

O Plano de Formação contribui no processo ensino-aprendizagem na Pedagogia da Alternância a medida em que é colocado em prática na Escola e envolvendo a família e segundo os educandos/as e os monitores/as é pela formação a partir do dia a dia na Escola e na família onde a realidade do jovem é priorizada, a ligação entre a Escola e o meio sócio profissional através dos instrumentos pedagógicos, pela relação entre monitores/as e educandos, pela interdisciplinaridade proposta pelos plano de formação, ajuda o jovem a construir seu projeto de vida, quando se consegue ligar pratica-teoria-pratica. Os monitores/as acreditam que se forma também na pedagogia, segundo alguns quando chegam na Escola eram tímidos e com dificuldades de falar em público e hoje a partir dos instrumentos se formaram, principalmente na questão da apresentação verbal.

E para os educandos/as elogiam o estágio como um dos instrumentos que mais contribui na formação deles porque conseguem ligar a prática a teoria estudada e como eles tem que fazer apresentação oralmente e por escrito, alias este processo de registrar e apresentar contribui para o processo ensino aprendizagem. Agora com relação as disciplinas a partir dos dados coletados e das observações os monitores/as da área de exatas tem dificuldades de ligar os conteúdos com a realidade dos educandos, nota-se no documento do plano de formação que o conteúdo de algumas disciplinas é totalmente técnico e que mesmo no papel alguns monitores/as não conseguem fazer a ligação com os temas dos Planos de estudo. Imagina na pratica e assim os educandos também não vê muito sentido em algumas disciplinas porque segundo eles não conseguem ligar realidade deles.

Então, outro aspecto importante do Plano de Formação que eu vejo é que ele, ele é... ajuda a acompanhar melhor os alunos, é... a fazer com que eles pesquisem mais, e pensem mais na sua realidade e aí busque é... Alternativas pra vida deles, porque quando estou falando aí de alternativas de, de alternativas profissionais então o Plano de Formação ele é montado não só em vista de melhorar o processo ensino – aprendizagem, na minha visão, quando nós trabalhamos lá eu estava também preocupado, e eu acho que essa é uma preocupação da Escola Família. Mais do que minha preocupação, é que não só otimiza o processo ensino – aprendizagem, porque quando você parte do concreto, você otimiza, você facilita mais o processo ensino – aprendizagem, mas no caso da escola Família o Plano de Formação também está em vista de uma, de um processo de tradição de

construção do projeto profissional do jovem. Então é... um processo de escolarização e também de profissionalização e o Plano de Formação, tem que ter uma preocupação com a profissionalização do aluno. (Coordenador da AMEFA e da Equipe Pedagógica Nacional)

Tanto educandos/as como monitores/as colocam como principal desafio a questão financeira, a falta de estrutura física do prédio, o péssimo estado da estrada que liga a Escola as comunidades rurais, a rotatividade de monitores/as, monitores/as e educandos/as que não se adaptam com a pedagogia, falta de material didático, falta de transporte adequado, questão salarial dos monitores/as que chegam a ficar seis meses sem receber. A dificuldade em colocar em pratica na família o que estudou na Escola, falta de acompanhamento dos monitores/as na propriedade dos educandos, a não aplicação dos instrumentos pedagógicos, a falta de participação dos pais na Escola e falta de formação para os monitores/as, e Associação a partir dos pressupostos da pedagogia da Alternância. O Plano de Formação na teoria é ótimo, mas não sendo aplicado na prática como deveria.

Os elementos facilitadores é própria Alternância, que permite a formação na Escola e na família, os instrumentos que são aplicados, a maioria dos membros da equipe de monitores/as que mesmo com deficiência tem sido heróis em estarem na Escola com tantas dificuldades desenvolvendo o Plano de Formação mesmo com dificuldades. Os próprios educandos/as, onde a maioria que são bastante interessados e questionam no sentido de contribuir para a melhoria da Escola.

Tanto para os educandos/as, quanto para os monitores/as acontece a aprendizagem, pois os educandos demonstram isso nas falas, nos trabalhos escrito, nas apresentações, no nível de consciência em diferentes situações. Observa-se que os educandos têm uma facilidade para apresentações, lideranças, pelo lado social, mas com relação a conteúdos não são todos, mas a dificuldade é maior. Nas respostas de todos os educandos/as com relação às disciplinas que mais gostam foi citado por todos os módulos do ensino profissionalizante por estar ligados a vida deles, portanto tem mais sentido. Comprovando as teorias da aprendizagem que defendem que a aprendizagem só acontece se o individuo tiver interesse pelo tema estudado, e que existem inteligências múltiplas cada um aprende de uma forma, uns ouvindo, outros escrevendo, pela leitura, por meio de brincadeiras.

Se eu não acreditasse que aqui na escola se aprende, eu não estaria aqui, depende também do que se aprende, porque aqui aprendemos muitas coisas boas e ruins como em todos outros lugares do mundo. Mas essas aprendizagens são mais do que um simples conhecimento

porque estamos estudando um pouco da nossa realidade, do que costumamos fazer em nossa casa, através dos instrumentos pedagógicos e na interdisciplinaridade aqui na escola e isso contribuem muito na formação integral como um todo.(Educando 2)

Eu acredito que realmente na EFAGO se ensina e se aprende, pois há uma troca de experiências e informação, a EFAGO e seu PF contribuem para formação integral dos/as jovens porque é nele que planejamos como serão trabalhados os temas em cada instrumento pedagógico e são esses instrumentos que contribuem para a formação integral dos jovens. (Monitor 6)

No entanto as disciplinas de exatas por não fazer sentido para eles, a maioria não conseguem aprender. E os monitores/as têm dificuldades em fazer a ligação com a realidade dos jovens. Um dos principais efeitos do Plano de Formação na aprendizagem é que ele propõe uma formação que trabalha a aprendizagem individualmente e coletivamente. Quando o indivíduo faz seu PE com a família ele faz síntese, elabora individualmente seu texto, produz seu conhecimento e quando chega na Escola trabalha em grupo, às vezes apresenta em grupo ou individualmente. Há sempre este jogo entre o saber pensar, refletir e fazer individualmente e o coletivamente.

A partir do Plano de Formação as atividades ficam mais organizadas e assim facilita a aprendizagem. Também a interação entre as disciplinas com os temas, temas que interessam aos educandos/as. Alguns educandos/as colocaram não saber muito bem o que o Plano de Formação, mas pelas respostas compreendem muito bem, não sabem bem o conceito mas colocam de forma transparente da sua articulação para desenvolver o processo-ensino aprendizagem. Na verdade eles não têm que conhecer o conceito, mas sim sentirem que este PF contribui na formação deles, e isso eles acreditam sem duvidas que contribui.

Para os educandos/as um dos principais efeitos do Plano de Formação é a aprendizagem entre a Escola e a família, pois levando em consideração que a vida ensina mais que a Escola, eles trazem experiências muito interessante para Escola. É consenso entre os monitores/as e educandos que a aprendizagem entre a Escola e a família é muito interessante, pois ajuda no ensino, porque os educandos/as têm mais interesse pelas aulas e trazem elementos para aprimorar suas atividades.

Tanto para os monitores/as e os educandos/as por um lado há coerências entre as aprendizagens entre a Escola, casa, família e comunidades, devidos aos temas levantados serem de interesse dos jovens. Mas por outro lado muitos monitores/as, principalmente os que



têm menos tempo na Escola tem dificuldades de estar ligando os temas às disciplinas, mas pelo que se percebe é que tem temas que é difícil mesmo para encaixar. Mas o Plano de Formação não uma regra que deve se seguir a risca, ele pode e deve ser modificado a partir das necessidades de cada turma levando em consideração as singularidades dos educandos/as.

A participação das famílias é estarem acompanhando o jovem em casa e se responsabilizando pelas atividades que levam, tem casos que acompanham os filhos/as, já alguns deixam por conta só do filho e da Escola. É uma questão cultural que a Escola é que deve ensinar. A mesma coisa com relação à indisciplina na Escola, onde os pais culpam a Escola, mas segundo estudos a indisciplina na Escola, boa parte é culpa dos pais que não criaram limites para seus filhos. Os monitores/as sentem que os pais são muito desinteressados, pois tem pais que dificilmente vão a Escola. Nesse sentido tem a questão que a Escola, também não está indo até a família o que está mais distante a ligação entre a Escola e a família. Sempre que tem reuniões ou assembléias de pais a participação não é muito boa, os pais deixam muito a responsabilidades para os próprios filhos e Escola, sobretudo os pais dos educandos/as do Ensino Médio, devido a idade deles.

Muitos dos monitores/as e dos educandos/as não entendem muito bem o conceito de interdisciplinaridade, pensam que é apenas a ligação com dos temas do plano de estudo com as disciplinas, mas acontece que é mais abrangente, se trata da articulação das disciplinas entre si, estuda conteúdos que tem afinidades uma com as outras e no caso da pedagogia da Alternância fazer a interdisciplinaridade a partir dos temas do plano de estudo. E com relação às disciplinas preferem as do profissionalizante, depois a área humana e poucos gostam das exatas, mais a maioria não gostam.

Para a realização da interdisciplinaridade e aplicação do Plano de Formação se torna necessário um ótimo trabalho de Equipe, mas segundo monitores/as e educandos/as existem problemas sérios na Equipe onde uns trabalham mais que os outros, uns tem mais experiência e mais dedicação. Para se ter um trabalho em equipe cada um tem que fazer sua parte. E depois todos trabalhar coletivamente, um respeitando o outro, o que acontece a partir das representações é que falta formação e até mesmo interesse e responsabilidade em certos momentos. Tem monitor que ficam esperando uns pelos outros.

Para os sujeitos da pesquisa o ensino acontece simultaneamente com a aprendizagem, na troca de experiência o monitor ensina e aprende, ensina quando ajuda os jovens a compreenderem alguns conteúdos ligados a realidades deles e aprendem a partir das realidades deles, nos debates nas colocações em comum, nas apresentações de teatros. E os educando aprendem a

importância dos conteúdos, da teoria pra melhorar as praticas deles e ensinam quando trazem experiência deles para a Escola e ajudam aos monitores/as a fazer a interação com a sua vida. E também ensinam quando os monitores/as vão as suas propriedades e lá eles a partir do que vivem ajudam os monitores/as a fazer a ligação com a teoria que estudaram na Escola Nesse sentido acontece um processo-ensino aprendizagem.

Essa questão na opinião tanto dos monitores/as, quanto dos educandos/as foi bem divergente. Para alguns houve mudanças de metodologia, por um lado acharam que melhorou em algum aspecto, por autor acharam até que piorou. Mas alguns acreditam no que tem sido possível realizar houve mudanças bem interessantes, mais participação. Porém para uma parte de educandos/as e monitores/as não houve mudança, pelo contrario, tem piorado, pelas dificuldades, todos estão desmotivados, e muito do que se colocou no papel não foi cumprido.

Diante das respostas dos sujeitos da pesquisa, pelo que foi estudado na parte teórica no capítulo 3, sobre o Plano de formação e a Formação integral, fica evidente que o Plano de Formação contribui na formação integral do sujeito, pois há um trabalho com a preocupação não apenas com conteúdos, nem somente com a realidade do jovem, mas com junção das duas e preocupados ainda com a formação global do jovem, apenas iniciando do local para o global e do concreto para o abstrato. O Plano de Formação trabalha a transversalidade levando em conta todos aspectos sócios, políticos, econômicos, religiosos e ecológicos. Mesmo não se conseguindo trabalhar na íntegra todo o Plano de Formação, mesmo assim acontece a formação integral.

...Eu penso que se ele for planejado, bem planejado e bem executado, sim. Ele contribui para o processo de formação, você disse integral né? Do aluno, porque o Plano de Formação não só prevê trabalhar com disciplinas, ele organiza todo um conjunto de atividades na escola, não é só trabalhar conteúdos disciplinares. Por que aí nós estaríamos trabalhando numa dimensão do ser humano, que é a dimensão intelectual e cognitiva. Então o Plano de Formação quando bem, bem planejado ele tem um conjunto de atividades que envolvem outras dimensões, por exemplo, a dimensão emocional, a convivência, o internato, as atividades, o serão, por exemplo, à noite, ela tem outros aspectos, não só aspectos escolares. A dimensão profissional, o desenvolvimento do saber fazer né, trabalhando com a profissionalização. Há aí um saber fazer, que envolve tanto os saberes fazer da família, do jovem em casa com as teorias que são desenvolvidas com relação a estes saberes da agricultura, zootecnia, por exemplo, né, sem desfazer da cultura popular... Então quando o Plano de Formação, está bem estruturado, quando o ponto de partida realmente é a realidade do aluno, sua cultura, seu modo de ser, a sua vida, todos os seus conhecimentos, ele está contribuindo para uma

formação integral, porque aí nós não ficamos só na transmissão de conhecimentos, Éh! Nós não estamos somente nessa lógica de transmissão. E além do mais, no Plano de Formação, ele não está nessa lógica, os conhecimentos disciplinares. Eles estão em evolução, eles estão em diálogo com os conhecimentos prévios que os alunos trazem, né. Isso é uma questão, a outra eu acho que não basta a gente ter no papel um Plano de Formação com tudo articulado. Isso tem que ser executado, para isso nós temos que ter recursos humanos né, a equipe tem que ter uma postura. (Coordenador da AMEFA e da Equipe Pedagógica Nacional)

A partir das representações dos sujeitos da pesquisa percebe-se que a coerência nas seqüências de aprendizagem através do Plano de Formação, torna a formação mais global, complexa e harmoniosa a partir do momento que eles colocam que aprendem, se tornam mais críticos, desenvolvem práticas, fazem estágios em regiões diferentes, tem intervenções externas sobre diversos assuntos. E quando se fala da formação na Alternância todos afirmam que é muito importante porque escol e família. Acredita-se que diante do que foi exposto nesta pesquisa com relação às representações dos educandos e monitores/as todos expõem em todas respostas que com a aplicação fiel do Plano de Formação. Nesse sentido como se percebe que mesmo faltando alguns instrumentos pedagógicos e precisando melhorar a interdisciplinaridade, enfim organizar a proposta de Educação é evidente os resultados que revelam que o plano de Formação tem contribuído na formação integral. Assim com uma reelaboração e ajustes segundo os atores a formação será harmoniosa, complexa e global.

Na linha de buscar trabalhar com a formação integral e, por exemplo, o monitor que trabalha com Português ou o monitor que trabalha com Matemática, ele pode ter uma postura que vai ajudar a um processo de formação integral, eu posso trabalhar com um conteúdo de matemática, de português visando não só o intelecto da pessoa, mas envolvendo também o coração, a emoção, é... trabalhar na dimensão de formação global, que o ser humano não é só intelecto. Nós temos que envolver o coração, o sentimento, a parte sentimental no processo educativo, não é? A formação integral não depende só dos conteúdos que estão previstos lá no Plano de Formação, portanto, depende de toda uma postura, de um modo de ser da equipe que vai executar esse plano, né, que vai estar preocupada com essas dimensões. Somos seres que relacionamos, temos muitas outras dimensões. Acho que depende do Plano de Formação e depende também da equipe que executa o Plano de Formação. (Coordenador da AMEFA e da Equipe Pedagógica Nacional)

Mesmo os educandos acreditando na formação integral, tem aqueles que tem critica a forma que está acontecendo atualmente.

Não, eu não sou muito satisfeito com a formação, porque trabalha muito a teoria e muito pouco a prática que é o que mais ensina. Quando a gente aprende na prática não esquece mais, e a teoria não guardamos na idéia. Gosto particularmente da preocupação dos monitores no ensino na sala de aula. (Educando 7)

Percebe-se claramente nas representações dos sujeitos a consciência de uma parte dos monitores/as/as e de alguns educandos/as com relação aos desafios e indicações da formação integral dos jovens. Todos os monitores/as/as e educandos/as/as tem a consciência que a Pedagogia da Alternância e seu Plano de Formação contribuem para a formação dos jovens, bem como tem consciência que tem vários desafios, os quais já foram mencionados neste capítulo e ao mesmo tempo sentem que tem indicadores positivos para se realize de fato essa formação. É necessário uma melhor articulação entre a teoria e a prática, formação, trabalhar os temas nas disciplinas, fazer com que os jovens encontrem sentido nas disciplinas de exatas.

## ***8.2 Os Desafios do Plano de Formação na Alternância***

Diante de todo o contexto do material pesquisado e pela experiência constata-se que existem vários desafios a serem enfrentados e possivelmente superados. Um dos principais desafios hoje é a continuação da Escola, pois sem recursos e com dívidas dificilmente terá condições de continuar se não obtiver o apoio efetivo do Governo Brasileiro nas instâncias: Municipal, Estadual e Federal para o reconhecimento da Pedagogia da Alternância como uma das propostas para a educação rural em nosso país que por sinal tem deixado a desejar.

Existem outros desafios que são decorrentes deste primeiro, que é a organização do aspecto administrativo e pedagógico da Escola. Uma coisa puxa a outra, se um aspecto não vai bem, dificilmente os outros caminham bem. Os pais não estão participando ativamente da Escola, por diversos motivos como questões pessoais e por falta da própria Escola e Associação, isso pode estar mostrando o reflexo dessa situação e comprovando que a ineficiência da aplicação do Plano de Formação está afastando parte dos atores da mesma. Em consequência disso resulta toda uma problemática na questão pedagógica, que tem a ver com a rotatividade de monitores/as, dificuldade em saber trabalhar em equipe, falta de conhecimento da pedagogia da Alternância, falta de afinidade com esta proposta de educação, educandos/as/as e monitores/as/as que não se adaptam nesse processo, a má administração da Associação e da Equipe de monitores/as, falta de sintonia entre os atores, acontecendo até uma certa rivalidade

no trabalho. E principalmente a não aplicabilidade fiel do Plano de Formação por todos esse aspectos já citados, o que resulta no questionamento sobre o aspecto positivo do processo ensino-aprendizagem.

### ***8.3 Perspectivas ao Plano de Formação em Alternância***

Mesmo com tantos desafios e obstáculos existem algumas perspectivas com relação ao desenvolvimento do Plano de Formação e sua contribuição real para o processo ensino-aprendizagem na Pedagogia da Alternância. Apesar da problemática da pesquisa ser pedagógica, não se pode deixar de evidenciar e destacar a crise que esta Escola tem passado. Sabe-se que não é somente o aspecto financeiro que resolverá tudo, pois existem outros CEFFAs que não estão com tantas dificuldades financeiras e no entanto existem sérios problemas pedagógicos. Mas neste caso, a questão financeira está contribuindo para a desorganização geral desta Escola. Assim como perspectiva para resolver essa situação são as parcerias da Escola com as ONGs e Movimentos sociais que acreditam na sua contribuição para o desenvolvimento local, sobretudo no aspecto de um trabalho mais adequado e apropriado para os camponeses/as. Neste sentido elas estão buscando juntamente apoio financeiro e ao mesmo tempo organizar a administração e conseqüentemente a parte pedagógica e para já se tem uma possibilidade de um projeto com a Itália, mais uma vez o exterior que vem a contribuir. E o governo até agora está previsto o mesmo convênio de antes, apenas o pagamento de funcionários e projetos insignificantes em relação à necessidade da Escola.

Com relação a situação pedagógica tem-se que organizar a aplicação do PF, para isso equipe deve-se reprogramar os trabalhos, fazer a avaliação e reajustes a partir da realidade dos educandos/as. Deve colocá-lo em exposição para todos, colocar temáticas que serão possíveis de serem realizadas. Dar ênfase à interdisciplinaridade e as reuniões pedagógicas. Para a efetivação disto, é preciso rever a situação dos monitores/as/as. A Associação e a equipe de monitores/as/as que fazem um trabalho em conjunto, porém um tem que respeitar e ao mesmo tempo cobrar mais uns dos outros. Todos devem trabalhar por ideal, acreditar na causa, mas é preciso valorização salários e apoio, claro que também deve haver cobranças e avaliações por parte da Associação. Na verdade a cobrança deve ser mútua para se ter um bom resultado no trabalho.

Para a resolução dessas questões necessitará de tempo, organização e motivação de todos os atores dessa pedagogia, e a perspectiva que se apresenta é a avaliação do trabalho como um todo e a partir do momento que se resolver às questões de recursos, é preciso que tenha tempo para reorganizar todos os trabalhos e a solução está no próprio grupo de trabalho em planejar mais uma vez o Plano de Formação no próximo ano que já se aproxima, mas continuará com a problemática de rotatividade de monitores/as/as, pois destes monitores/as/as pesquisados já saíram cinco, entre eles, uma que tinha sete anos e meio de EFAGO, por diversos motivos, mas principalmente pela questão salarial, desmotivação pela desvalorização profissional, falta de segurança com relação a contratos e sobrecarga de trabalho.

O que se percebe é que está difícil esperar um resultado mais imediato para solucionar a questão da aplicação do Plano de Formação e obter resultados totalmente positivos. O que deve acontecer é a estruturação dessa Equipe, pois dos monitores/as que restam na Escola, alguns têm o interesse de sair e outros que a Associação, parcerias e parte da Equipe tem interesse que saiam por não estarem desempenhando suas funções, estão na verdade deixando muito a desejar. E depois disso deve a partir das possibilidades que se tem reiniciar o trabalho e animar esses monitores/as a fazerem o curso de formação pela AEFACOT. É difícil animar, pois não tem nada definido com relação à contratação dos monitores/as para o início de 2004.

Com relação às respostas positivas dos educandos/as e monitores demonstram que há uma compreensão de unidade de formação que já é o resultado que o Plano de Formação. Significa que o processo não pode parar, pois mesmo com dificuldades uma coisa é o possível, outra coisa é o desejável. O nível de satisfação dos Educandos/as e monitores/as, apesar das dificuldades, legitima uma concepção de um modelo adverso, o que se pode se questionar que sem recursos essa Escola vem avançando. O próprio nível de respostas dos educandos demonstram que a Escola tem desenvolvido um bom trabalho com relação formação dos educandos/as. Como os jovens querem continuar na Escola é porque gostam e acreditam na formação, porque os jovens da Escola vêm de uma formação libertária, onde muitos passaram pela luta pela terra, grupos de jovens, movimento de pequenos agricultores, portanto não aceitam qualquer tipo de formação, são críticos.

A Escola é uma ferramenta que forma quadros profissionais e intelectuais para o universo popular camponês. Tem educandos e ex- educandos na Universidade, a Escola prepara para a vida, por isso é que as respostas são positivas, não se pode cair no derrotismo, deve-se continuar lutando por educação.

## CONCLUSÃO

Ao final deste estudo, conclui-se a partir da problemática levantada sobre os efeitos do Plano de Formação no processo ensino-aprendizagem da Escola Família Agrícola de Goiás, que não tem tido o resultado esperado em relação a uma proporção de 100% na articulação dos instrumentos pedagógicos da Alternância com as disciplinas e com o meio sócio-profissional do jovem. Isto acontece por diversos fatores que estão ligados ao histórico da Pedagogia da Alternância, pois desde o início foi considerado que não era simples fazer uma ligação com a realidade dos jovens rurais e para isso foram aos poucos criando os instrumentos pedagógicos para facilitar o processo de ensino-aprendizagem e ao mesmo tempo orientar os jovens na construção do seu projeto profissional de vida.

Nesse contexto, na EFAGO não é diferente de muitos centros que trabalham a Pedagogia da Alternância e tem problema na concretização da mesma. O processo ensino-aprendizagem com certeza é facilitado pelo Plano de Formação, desde que seja executado, mesmo que não seja totalmente, que isso é praticamente impossível, mas pelo menos uma parte significativa para que seja um facilitador do processo ensino-aprendizagem dos jovens e monitores/as. Que por sinal é muito questionada pela sociedade como um todo, o que foi um dos principais motivos relevantes para a efetivação desta pesquisa. Diante deste questionamento o que se tem como resultado é que se aprende, desde que sejam realizados os instrumentos pedagógicos a partir de sua organização do Plano de Formação. E que mesmo com a dificuldade da Escola esses instrumentos não deixaram de ser aplicados na totalidade, e que partir dos depoimentos contribuem significadamente neste processo de ensino e de aprendizagem.

Constatou-se que a partir da construção do Plano de Formação em 1999 e com a sua aplicabilidade na EFAGO em 2000, muito contribuiu para o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem, e que depois seus reajustes e reconstrução em 2003 também tem colaborado. O que demonstra a relevância do Plano de Formação que foi criado exatamente para concretizar o trabalho com a Pedagogia da Alternância, ou seja, a ligação da vida com os programas oficiais, ou seja, a escola ao meio sócio-profissional do jovem. Mesmo com as inúmeras dificuldades a escola tem tentado aproximar da realidade do jovem. Porém a

EFAGO e todos os Centros em Alternância devem tomar cuidado para não perder a filosofia da pedagogia de estar trabalhando do concreto para o abstrato e se tornarem escolas convencionais, fazendo uma pedagogia tradicional. É importante neste processo tomar cuidado com o discurso, pregando uma prática, aquilo que seria o ideal e na realidade não estar fazendo as diferenças reais. Principalmente na orientação dos jovens para prepará-lo numa formação integral levando em consideração todos os aspectos sociais, econômicos, políticos, religiosos, ecológicos e culturais dos jovens.

Nesse aspecto da pergunta central deste trabalho se o Plano de Formação contribui para facilitar o processo ensino-aprendizagem, se levar em conta as respostas da maioria dos Monitores/as e Educandos/as que foram bastante otimistas. O que demonstra que apesar dos questionamentos da sociedade civil, o que se tem como resultado a partir dos sujeitos da pesquisa, da experiência da pesquisadora, de observações e da fundamentação teórica do que se propõe a Pedagogia da Alternância. Que é por sua vez baseada na pedagogia ativa e construtivista, através de seu Plano de Formação contribui para o processo de ensino-aprendizagem, o que demonstra a credibilidade dos atores por essa pedagogia.

Diante da situação fica claro que a sociedade, bem como seus próprios atores precisam conhecer mais a fundo essa pedagogia. Acontece que existe um preconceito em relação aos dias de estudo em casa, valorizando somente a escolarização como formação, deixando de considerar a importância da vida do Educando que o forma integralmente. Nesse sentido a educação precisa ultrapassar aos limites das escolas e unir os conhecimentos teóricos e práticos vividos pelos jovens.

O material recolhido dos Monitores/as e Educandos/as foram excelentes, devido a enorme quantidade de informações adquiridas, o teor deste material é de grande qualidade. Sendo assim, a partir do resultado desta pesquisa e deste material que não foi usado totalmente neste trabalho é possível enunciar pistas de novas pesquisas. A partir desta pesquisa pode aprofundar a formação do profissional, que foi colocado em evidencia como um dos grandes problemas para a efetivação do Plano de Formação, Outra questão seria como a Pedagogia da Alternância contribui concretamente para a Formação Integral, ver a questão do Plano de Formação como método facilitador para a realização da interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e transversalidade e por último fazer um estudo sobre os conhecimentos adquiridos através da Pedagogia da Alternância com seu Plano de Formação, nesse sentido aprofundar mais como é concretamente a aprendizagem, o nível de conhecimento, em que medidas isso é possível. Nessa pesquisa não se teve a intenção de trabalhar o nível de conhecimento, para isso seria necessário fazer teste sobre o grau de aprendizado, aqui foi



recolhido apenas opiniões. E nessa etapa final de pesquisa é que se percebe tudo aquilo que se gostaria de fazer, os primeiros aportes pessoais de todo esse trabalho de pesquisa, criando uma sensação de não ter concluído, e exatamente no final que as idéias e reflexões vêm, e nesse sentido criam-se várias outras interrogações sobre este tema. Outra situação que é bastante forte é a questão do fato de ser atora-autora, houve muitos momentos uma mistura de identidades. É difícil tomar uma certa distância apesar de saber que isso é importante, ter um olhar de fora, pois quando se envolve muito com a prática, a rotina, faz com que diminua a curiosidade e a criticidade, não se enxerga as coisas como elas são de fato. Porém por viver a realidade da temática pesquisada na prática, mesmo que inconscientemente a questão da ideologia influencia. Mas sem dúvidas é um processo de formação, onde ator e autor questionam entre si. Assim esta pesquisa não termina por aqui, pelo contrário, se abriram tantas indagações sobre a efetividade da aprendizagem, sobre a formação do profissional, que motiva para uma futura pesquisa.

A partir das representações dos monitores/as e educandos/as foi possível entender como acontece o processo ensino-aprendizagem. Aconteceu que decorrente desse estudo percebeu-se a importância de aprofundar mais ainda as questões citadas anteriormente para que a partir de outras pesquisas que emergirem possam contribuir para analisar as situações que decorrem o processo ensino-aprendizagem. E neste contexto possam contribuir para fundamentação mais teórica ligada ao empírico, na perspectiva de fortalecer os CEFFAs que possui pouco material científico nessa área de ensino- aprendizagem a partir do Plano de Formação na Pedagogia da Alternância.

É preciso continuarmos vivos, com nossos sonhos de uma educação que liberta, ir além dos princípios-pedagógicos. É ao lado de uma metodologia da criação e não da reprodução, construir caminhos capazes de garantir a apropriação e uso de ferramentas, teóricos-práticos e mesmo científicas, para reelaborar o universo, suas necessidades, aspirações, história e memória que em muitos casos, não estão nos arquivos da escrita. Mas estão em arquivos de história de vida, muitos exemplos de mártires e de camponeses que nunca foram a escola e no entanto tem a formação da vida e da experiência e nesse sentido o Plano Formação não é a única forma, mas sem dúvidas, é um delas para fazer um trabalho de relação de ensinar e aprender, sabendo que as crianças, os jovens e os adultos aprendem a partir do que ele tem interesse, e que existem inteligências múltiplas, ou seja cada um aprende de uma forma.

Temos que ter uma pedagogia do sentido, da vida, É preciso dar um sentido a escola , pois por mais que tenha o discurso que a vida ensina mais , isso não se nega, mas como educadores tem que se tentar amenizar essa dura realidade da distancia do que se vive na escola e vive em casa. É um outro mundo, que parece que se vai a escola para cumprir uma função e não por prazer. Por querer aprender e ensinar. Portanto, só uma reflexão corajosa, porque aliada com métodos novos, que levem em conta a determinação dos aspectos sociais, pelos destinos da educação coletiva na sociedade, compreenderá esta realidade do universo desse povo excluído. Não importa onde, no campo ou nas periferias doloridas das cidades, onde o (ex) camponês vivencia o desencanto, às vezes de forma violenta porque solitária, de ter sido arrancado da terra e se perdido nas ilusões não realizáveis. Neste contexto, os projetos de educação popular a exemplo da EFAs e da sua Pedagogia da Alternância, tem a responsabilidade de formar não apenas mão-de-obra qualificada e diferenciada para o meio rural, mas de indicar, as crianças e jovens com quem trabalha, a experiência da possibilidade concreta em contribuir, como camponês e intelectuais, na formulação de um novo projeto de desenvolvimento-realizável, justo e sustentável, também, oriundo de esforços científicos e do compartilhar com a mãe terra e da realidade do povo que vive dea..

## BIBLIOGRAFIA

- ANDREOLA, Balduino Antônio. Contribuição da pedagogia de Paulo Freire para o diálogo intercultural. *Educação e Realidade*, São Paulo, mai./ago., 1984.
- \_\_\_\_\_. Horizontes hermenêuticos da obra de Paulo Freire. *Boletim bibliográfico da Biblioteca Setorial de Educação/UFRGS*. Porto Alegre, jan./mar. 1976. Nova edição, jan./jun., 1985.
- \_\_\_\_\_. *Emmanuel Mounier et Paulo Freire: une pedagogie de la personne et de la communauté*. Dissertação de doutoramento. Educação. Louvain La Neuve, Faculté de Psychologie et des Sciences de L'Education, Université Catholique de Louvain, 1985b.
- ARROYO, Miguel. *Ofício de Mestre: Imagens e auto-imagens*. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000.
- AZEVEDO, A. J. *A Formação de técnicos agropecuários em alternância no estado de São Paulo: Uma proposta educacional inovadora*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Marília, São Paulo, 1999.
- BAFFI, Maria Adélia Teixeira. *O planejamento em educação: revisando conceitos para mudar concepções e práticas*. In: BELLO, José Luiz de Paiva. *Pedagogia em Foco*, Petrópolis, 2002. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/fundam02.htm>>. Acesso em: 03/12/1003.
- BARDIN, Laurance. *L'analyse de contenu*. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.cf., TRIVIÑOS, A. *op.cit.*
- BEISIEGEL, Celso de Rui. *Cultura do povo e educação popular*. Revista da Fac. de Educação da USP. São Paulo, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Estado e Educação Popular: um estudo sobre a educação de adultos*. São Paulo, Pioneira, 1974.
- \_\_\_\_\_. (1982). *Política e Educação Popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil*. Ensaios 85. São Paulo, Ática.
- \_\_\_\_\_. *Uma campanha de Educação de Adultos no Brasil. Pesquisa e Planejamento*, São Paulo. Publicação CEPE - Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 1965.
- \_\_\_\_\_. *A educação de adultos no Estado de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciências Sociais da FFLCH da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1972.
- BENINCÁ, E. *As origens do planejamento participativo no Brasil*. Revista Educação - AEC, n. 26, jul./set. 1995.

- BRANDÃO, C. R. *O que é método Paulo Freire*. São Paulo : Brasiliense, 1993.
- \_\_\_\_\_. *O que é educação*. 33ª edição. São Paulo : Brasiliense, 1995.
- CAPRA, F. *O ponto de mutação*. São Paulo : Cultrix, 1991.
- CHARTIER, D., *Motivation et alternance*. Paris: Universitaires, 1982. 293p. (Collection Mésonance).
- \_\_\_\_\_. *La spécificité des Maisons Familiales Rurales d'éducation e d'orientation*. In : *Revue Française de Pédagogie*, nº 73, oct.- nov.-déc. 1985.
- \_\_\_\_\_. *A l'aube des formations par alternance*. Paris : Universitaires, 1986. 99p. (Collection Mésonance).
- CHARTIER, D., DURFFAURE, A. *Education melieu et alternance; textos choisis et présentés par Daniel Chartier*. Paris : Universitaires, 1985. 288p. (Collection Mésonance).
- DESCARTES, René. *O Discurso do Método*. Coleção Os Pensadores. São Paulo : Abril Cultural, 1996.
- DEWEY, John. *Experiência e Educação*. São Paulo : Nacional, 1971.
- DOSSE, François. *O método histórico e os vestígios memoriais*. In : MORIN, E. *A religação dos saberes*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- DURKHEIM, Emile. *A evolução pedagógica*. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre : Artes Médicas, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 8ª edição. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Educação e Mudança*. 2ª edição. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 24ª edição. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. 26ª edição. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 9ª edição. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2001.
- FREITAS, L. C. *Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática*. Campinas : Papirus, 1995.

- GADOTTI, M.; FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. *Pedagogia: diálogo e conflito*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- GOHN, Maria da Glória. *Educação Não-Formal e Cultura Política*. 2ª. edição. São Paulo, Cortez, 2001.
- GANDIN, D. *A prática do planejamento participativo*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Planejamento como prática educativa*. 7.ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Posição do planejamento participativo entre as ferramentas de intervenção na realidade*. Currículo sem Fronteira, v.1, n. 1, jan./jun., 2001, pp. 81-95.
- GRENERAU, A. *Le livre de Lauzun*. In : NOSELA, Paolo. *Uma nova educação para o meio rural*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 1977.
- GRZYBOWSKI, Cândido. *Esboço de uma alternativa para pensar a educação no meio rural*. In: Contexto & Educação, Universidade de Ijuí, ano 1, nº 4, outubro/dezembro, 1986. pp. 47-59.
- LIBÂNEO, J. C. *Organização e gestão escolar: teoria e prática*. 4. ed. Goiânia: Editora alternativa, 2001.
- LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento humano*. 2ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- LOUREIRO, Walderês N. *O aspecto educativo da prática política*. Dissertação de Mestrado/Departamento de Filosofia da Educação do Instituto de Estudos Avançados em Educação. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: CEGRAF/EFG, Goiânia, 1988.
- LÜCK, H. *Planejamento em orientação educacional*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- MARTINS, José de Souza. *A questão agrária brasileira e o papel do MST*. In: STÉDILE, João Pedro (org.). *A reforma agrária e a luta do MST*. Petrópolis, Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Exclusão Social e a Nova desigualdade*. São Paulo, Paulus, 1997. pp. 60-129.
- \_\_\_\_\_. *Os Camponeses e a política no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1981.
- MARX, K. & ENGELS, F. *O manifesto do Partido Comunista*. 3ª edição. Comentado por Chico Alencar. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A Ideologia Alemã*. Tradução Silvio Donizete Chagas. São Paulo: Centauro, 2002.

MEPES. *Relatório Anual*. Vitória: MEPES, 1992.

\_\_\_\_\_. *Revista do VI Congresso Internacional*. Vitória, 1996.

MONTESORI, Maria. *Em família*. Rio de Janeiro: (mimeo.), 1979.

MORENTE, Garcia. 1966.

MOUNIER, Emmanuel. *O manifesto a serviço do Personalismo*. Lisboa: Livraria Moraes, 1967.

NASCIMENTO, C.G. *Educação e Cultura: as escolas do campo em movimento*. Goiânia: Fragmentos de Cultura/UCG-IFITEG, v. 12 nº 3, maio/junho, 2002. pp. 453-469.

\_\_\_\_\_. *Educação do Campo e Escola Família Agrícola de Goiás: o caminhar da teimosia de um movimento social educativo*. Revista Diálogo Educacional: PUC-PR. – v. 4, n. 8 (jan/abr. 2003). Curitiba: Champagnat, 2003. pp. 79-95.

\_\_\_\_\_. *A educação camponesa como espaço de resistência e recriação da cultura: um estudo das concepções e práticas educativas da Escola Família Agrícola de Goiás – EFAGO*. Dissertação de Mestrado. Campinas: FE/UNICAMP, 2004.

NOGUEIRA, J. D. Casa Familiar Rural no Paraná: organização e implementação de um programa. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, 1998.

NOSELLA, Paolo. *Uma nova educação para o meio rural. Sistematização e problematização da experiência educacional das Escolas da Família Agrícola do Movimento de Educação promocional do Espírito Santo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC/SP, 1977.

PADILHA, R. P. *Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

PESSOA, Jadir de M. *A revanche camponesa*. Goiânia: Editora da UFG, 1999.

PIAGET, Jean. *Para onde vai a educação?* Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

PICHON-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. Trad. Marco Aurélio Fernandes. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991

PINTO, Ana Maria P. *O Plano de Formação no Processo Pedagógico em Alternância*. Brasília: UNEFAB, 2001. (mimeo.).

PUIG, Pedro. (2003).

QUEIROZ, João B. P. *O processo de implantação da Escola Família Agrícola (EFA) de Goiás*. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 1997.

- RODRIGUES, Neidson. *Da mistificação da escola à escola necessária*. São Paulo: Cortez, 1991.
- SANT'ANNA, F. M.; ENRICONE, D.; ANDRÉ, L.; TURRA, C. M. *Planejamento de ensino e avaliação*. 11. ed. Porto Alegre: Sagra / DC Luzzatto, 1995.
- SILVA, L. H. *As representações sociais da relação educativa escola-família no universo das experiências brasileiras de formação em alternância*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.
- SKINNER, Burrhus Frederic. *O mito da liberdade*. São Paulo: Summus, 1983.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação*. S. Paulo: Atlas, 1987.
- VASCONCELLOS, C. S. *Planejamento: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo*. São Paulo: Libertad, 1995.
- VEIGA, I. P. (Org.). *Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível*. 13. ed. Campinas: Papirus, 2001.
- ZAMBERLAN, Sérgio. *Pedagogia da Alternância. Escola Família Agrícola*. Coleção Francisco Giusti. Espírito Santo: Gráfica Mansur Ltda, 1996.

**ANEXOS**



**Anexo 1: Ata de fundação da Associação de Pais e Alunos da EFAGO**

**Anexo 2: Roteiro do Questionário dos Educandos**

**Anexo 3: Roteiro do Questionário dos Educadores**

**Anexo 4: Resposta de Questionários dos Educandos**

**Anexo 5: Resposta de Questionários dos Educadores**

**Anexo 6: Transcrição da Entrevista com João Batista Begnami**

**Anexo 7: Plano de Formação da 8ª série do Ensino Fundamental de 2000**

**Anexo 8: Plano de Estudo da 8ª série do Ensino Fundamental de 2003**

**Anexo 9: Plano de Formação da 3ª série do Ensino Médio de 2003**

**Anexo 10: Plano de Estudo da 3ª série do Ensino Médio de 2003**

**Anexo 11: Estágio Técnico: suinocultura**

**Anexo 12: Estágio Técnico: Agricultura**

## ANEXO 1

### **Ata de Fundação da Associação de Pais e Alunos da Escola Família Agrícola de Goiás**

Ata da Assembléia Geral de fundação da Associação de Pais e Alunos da Escola Família Agrícola de Goiás – GO. Aos 13 (treze) dias do mês de junho de 1992 (Hum mil novecentos e noventa e dois), com início às 12 (doze) horas, no Centro de Treinamento de Líderes da Diocese de Goiás, na cidade de Goiás, reuniram-se produtores rurais, entre jovens e adultos, incluindo representantes de 9 (nove) comunidades, associações de pequenos produtores e assentamentos rurais para deliberarem sobre a fundação da Associação de Pais e Alunos da Escola Família Agrícola de Goiás. Na abertura dos trabalhos, o coordenador da Assembléia, Sr. José Pedroso, deu as boas vindas aos presentes e discorreu sobre a importância da Escola Família Agrícola a ser criada, como um novo método de Educação integral dos filhos dos pequenos produtores. Na oportunidade de diversos produtores (as) fizeram uso da palavra para falar das dificuldades que enfrentam, sobretudo no que diz respeito à educação dos seus filhos. Como por exemplo: *“O currículo é diferente da realidade camponesa”*; *“não se aprende a trabalhar com o que existe na fazenda”* etc... Esclarecidos os objetivos e a forma de organização proposta, na qual participaram e participam representantes das Associações de Pequenos Produtores e de Assentamentos, o coordenador auxiliado pelo Padre Felliipe Leddet, passaram à apresentação da proposta de Estatuto da Associação. Procedeu-se a leitura artigo por artigo, sendo então, esclarecidas as dúvidas. Concluindo as dúvidas e a discussão, e não havendo mais dúvidas, os Estatutos, conforme cópias datilografadas, foram aprovados mediante a aclamação pela unanimidade dos presentes. Em seguida, passou-se a composição do conselho de Administração da Associação. Lembrando que este Conselho, para se formado, já havia tido uma discussão em cada Associação e Assentamento. Assim esse Conselho é integrado pelas seguintes pessoas: Dórico Dias da Silva (Uru); Manuelita Conceição Rodrigues Melo; Joaquim Vaz da Silva; Luzenir Bento Santana da Silva; José Osmar Nunes Marques (Engano); Milton Duarte da Costa (Mosquito); Altair Tobias Fideles (Mosquito); Eurípedes Roberto (Santa Marta); José Carlos de Almeida (São João do Bugre); Felliipe Leddet; Valdomiro Carvalho Gomes; José Pedroso dos Santos. Nada mais havendo a tratar deu-se por encerrada a Assembléia da qual lavrei a presente ata que vai assinada por mim, pelo coordenador, pelo Conselho de Administração eleito e pelos demais sócios fundadores presentes. Goiás, 13 de junho de 1992 às 18:00 horas. José Pedroso dos Santos, Deusdete Dias Pires (Comunidade Bom Jesus – Uru), Dórico Dias da Silva (Comunidade Uru – Goiás), Cláudio Pires de Azevedo (Comunidade Uru – Goiás), Elisângela Pires Ferreira (Comunidade Uru – Goiás), Divina Imaculada da Silva Marques (Engano), José Osmar Nunes Marques (Engano). Itapirapuã: Íris Conceição Melo (Boa Vista); Benedito Florentino Teixeira (Boa Vista), Manuelita Conceição Rodrigues Melo (Boa Vista), Justina Rodrigues Lima (Boa Vista), Valdelicia Rodrigues Lima (Boa Vista), Joaquim Vaz da Silva ( P.A. Retiro), Maria José J. de Brito Costa (P.A. Retiro), Valdi Pereira de Souza (P.A. Retiro), Eva Maria de Paula Souza (P.A. São João da Lavrinha), Enizo Martins de Souza (P.A. São João da Lavrinha), Luzenir Bento da Silva Santana (P.A. São João da Lavrinha), Sebastião Santana Neto (P.A. São João da Lavrinha), Leonardo Moreira da Silva (P.A. Rancho Grande), Adriana Regina da Silva (P.A. Mosquito), Milton Duarte da Costa (P.A. Mosquito), José Pinto de Faria (P.A. Mosquito), Dalila Pereira Durval (P.A. Mosquito), Maria Soares da Silva, Domingos Barroso de Carvalho (P.A. Mosquito), Altair Tobias Fidelis (P.A. Mosquito), Eurípedes Roberto (Comunidade Santa Marta), José Carlos de Almeida Filho (São João do Bugre), Valdomiro

Carvalho Gomes (P.A. São Felipe II), Luzia Fonseca da Silva (P.A. Rancho Grande), Edivania Silva dos Reis (P.A. Rancho Grande), Gercilene Batista Araújo (P.A. São Felipe II), Eurico Rodrigues Araújo (P.A. São Felipe II), Antônia Batista de Araújo (P.A. São Felipe II), José Pedroso dos Santos (Goiás – GO), Divina Célia Ferreira de Carvalho (Goiás – GO), Sebastião Cláudio Barroso, Riveles Alcântara de Almeida, Maria de Fátima Pinheiro.

## ANEXO 2

### Roteiro do Questionário dos Educandos/as

Pesquisadora: Ana Maria Pereira Pinto

Programa de Mestrado Internacional em Ciências da Educação

Questionário – depoimentos

Público alvo: Educandos/as do 3ª ano do Ensino Médio e Profissionalizante da EFAGO

Aluno/a: \_\_\_\_\_

Comunidade: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Tempo de EFAGO: \_\_\_\_\_

Questões:

1-O que você pensa do desenvolvimento da formação na pedagogia da alternância?

2-O que pode interessar verdadeiramente a respeito da escola para você? E igualmente o que é menos interessante?

3- O que vai menos bem? o que pode nos ajudar? e o que nos falta?

4- Para você o que seria o plano de formação?

5- Depois que foi feito o plano de formação já houve uma reorganização das atividades de formação?

6- O que você pensa da evolução que percebeu a respeito do pf atuais e quais foram os efeitos dele sobre a sua formação?

7- Você é satisfeito com a formação que a EFAGO trabalha? Porque? O que você gosta particularmente? O que você gosta mais ou menos?

8- Quais as disciplinas que você mais aprecia e quais as que você menos aprecia? Por que?

9- As disciplinas estão sendo trabalhadas a partir dos temas do PE? Há interdisciplinaridade? Por que?

10- O que você acha a respeito da alternância?

11- Você constata as diferenças nas organizações das atividades, dos cursos depois da reforma do PE? Quais? O que você acha disso? É mais fácil ou mais difícil para você? Porque?

12- A maneira de fazer dos monitores mudou? Em que? E o que você pensa dessa evolução? E que pensa dos monitores/as, estão preparados para trabalhar o PF e a PA?

13- O que você pensa do pe, está mais explorado ou não do que antes? Quais interesses a escola busca de trabalhar o tema durante a quinzena? É interessante ou não? Ajuda na compreensão ou não?

14- O que você pensa da colocação em comum, está mais explorada ou não do que antes? Quais interesses a escola busca de trabalhar colocação em comum durante a quinzena? É interessante ou não? Ajuda na compreensão ou não?

15- o que você pensa do caderno da realidade (CR), está mais explorado ou não do que antes? Quais interesses a escola busca de trabalhar o CR durante a quinzena na escola e em casa? É interessante ou não? Ajuda na compreensão ou não?

16- O que você pensa da Intervenção Externa, está mais explorada ou não do que antes? Quais interesses a escola busca de trabalhar a intervenção externa durante a quinzena? É interessante ou não? Ajuda na compreensão ou não?

17- O que você pensa da Visita de Estudo, está mais explorado ou não do que antes? Quais interesses a escola busca de trabalhar a Visita de Estudo durante a quinzena? É interessante ou não? Ajuda na compreensão ou não?

18- O que você pensa do Serão, está mais explorado ou não do que antes? Quais interesses a escola busca de trabalhar o Serão durante a quinzena? É interessante ou não? Ajuda na compreensão ou não?

19- O que você pensa da Visita a Família, está mais explorada ou não do que antes? Quais interesses a escola busca de trabalhar a Visita a Família durante a sessão em casa? É interessante ou não? Ajuda na compreensão ou não?

20- O que você pensa do Estágio, está mais explorado ou não do que antes? Quais interesses a escola busca de trabalhar o Estágio durante o ano? É interessante ou não? Ajuda na compreensão ou não?

21- O que você pensa da Avaliação das disciplinas e em final de sessão estão mais exploradas ou não do que antes? Quais interesses a escola busca de trabalhar as avaliações durante a quinzena? É interessante ou não? Ajuda na compreensão ou não?

22- Como é a relação entre monitores/as e alunos/as?

23- Qual o objetivo de cada etapa de ensino da escola?

24- O que você pensa dos diferentes temas estudados no plano de formação? Explique?

25- Seus pais têm interesse na sua formação? Como? Quando? E há uma evolução no interesse e participação deles com o PF ou após uma reunião dos pais ou visitas dos monitores/as?

26- O que pensa dessa nova organização, é melhor, idêntica ou o PF anterior é melhor do que hoje? Porque?

27- Quais as melhorias que deveríamos fazer agora no PF? E porque?

28- Por qual motivo você veio estudar na EFAGO? E como se sente como aluno da EFAGO?

29- Quais as diferenças que você percebe entre outra escola tradicional que estudou e a EFAGO?

30- Você acredita que na EFAGO realmente se aprende? Como? A EFAGO e o Plano de Formação contribuem para sua formação integral? Como?

31- A EFAGO e sua proposta de ensino através da Pedagogia da Alternância com seu respectivo pf contribuem para o desenvolvimento rural e local sustentável?

32- Dê algumas sugestões para melhorar o aspecto de formação (ensino-aprendizagem) na EFAGO? Ou se quiser fazer algum comentário que julgue ser importante.

### ANEXO 3

#### Roteiro do Questionário dos Educadores/as

Pesquisadora: Ana Maria Pereira Pinto

Programa de Mestrado Internacional em Ciências da Educação

Questionário - depoimentos

Público Alvo: Educadores/as da Escola Família Agrícola de Goiás

Monitor/a: \_\_\_\_\_.

Comunidade de origem: \_\_\_\_\_.

Função: \_\_\_\_\_.

Idade: \_\_\_\_\_.

Tempo de Trabalho na EFAGO: \_\_\_\_\_

Questões:

- 1) Para você o que seria a Pedagogia da Alternância? E o que pensa da Alternância em si?
- 2) O que você pensa da formação na Pedagogia da Alternância?
- 3) Para você o que seria o Plano de Formação (PF)?
- 4) Você participou do processo de implantação do Plano de Formação na EFAGO? Como e quando?
- 5) As famílias, alunos/as e parcerias participaram da elaboração do PF? Como?
- 6) O que mudou na Escola entre o momento que não tinha Plano de Formação (PF) e depois que foi elaborado? O que facilitou e o que dificultou?
- 7) Depois que foi feito o PF já houve uma reorganização das atividades de Formação? Você constata as diferenças nas organizações das atividades, dos cursos depois da reforma do PF? Quais? O que pensa dessa nova organização, é melhor, idêntica ou o PF anterior é melhor do que hoje? Por que?
- 8) O que mudou em relação ao comportamento dos alunos/as antes e depois da implantação do PF? Os alunos/as estão mais motivados/as agora do que antes com relação à Escola e à aprendizagem? Será que contribuiu para facilitar no ensino e na aprendizagem dos alunos/as?
- 9) O que você pensa da evolução que percebeu a respeito do PF atual e quais foram os efeitos sobre a formação dos alunos/as? Ajudou no Processo ensino-aprendizagem?
- 10) Você está satisfeito com a formação que a Escola trabalha? Porque? O que mais gosta e o que menos gosta? O que deve melhorar?
- 11) Os pais/mães/responsáveis perceberam alguma diferença com a aplicação do PF na Escola e na aprendizagem dos alunos/as? Por que? Eles têm interesse na formação dos filhos/as

deles/as? Como? Quando? E há uma evolução no interesse e participação deles com o PF ou após uma reunião dos pais ou visitas dos/as monitores/as?

12) O que você acha de positivo do PF?

13) O que você acha de negativo do PF?

14) O que deve melhorar e evoluir a respeito do PF na Escola?

15) O que você pensa de cada instrumento pedagógico da alternância na Escola (PE, CR, Intervenção Externa, Visita às Famílias e de Estudo, Serão, Estágio e Avaliação)? Estão ou não mais explorados que antes? Estão ou não em harmonia com o que foi construído no PF? Com quais objetivos a EFAGO busca trabalhar os instrumentos durante a quinzena? É interessante ou não? Ajuda no processo ensino-aprendizagem?

16) O que você pensa dos diferentes temas trabalhados no Plano de Formação?

17) Pode-se dizer que com o PF o Conselho Administrativo da Associação, as famílias, alunos/as e parcerias estão participando mais ativamente das atividades da Escola? Como?

18) As disciplinas que você atua estão sendo trabalhadas a partir dos temas do PE? Há interdisciplinaridade? Como? O PF contribui para o seu ato de ensinar?

19) Na sua opinião você e os/as monitores/as sabem o que é o PF? A sua maneira de fazer e dos outros monitores mudaram? Em que? E o que pensa dessa evolução? E como reagem, estão ou não preparados para trabalhar o PF e a Pedagogia da Alternância? Você e todos os monitores/as sabem trabalhar em Equipe?

20) Como é a relação entre monitores/as e alunos/as?

21) Em sua opinião, a Escola tem uma preocupação com a formação dos monitores/as?

22) Por qual motivo você veio trabalhar na EFAGO e como se senti como monitor/a da EFAGO?

23) Quais as diferenças que você percebe entre uma escola tradicional que estudou ou trabalhou e a EFAGO?

24) Qual o Objetivo de cada Etapa de Ensino (Fundamental, Médio e Profissionalizante) da EFAGO?

25) Você acredita que na EFAGO realmente se ensina e se aprende? Como? A EFAGO e seu PF contribuem para a formação integral dos jovens? Como?

26) A EFAGO e sua proposta de ensino através da Pedagogia da Alternância com seu respectivo PF contribuem para o Desenvolvimento Rural e Local Sustentável?

27) Dê algumas sugestões para melhorar o aspecto de formação (ensino-aprendizagem) na EFAGO? Ou se quiser fazer algum comentário que julgue ser importante.



## ANEXO 4

### Resposta dos Educandos

Aluno: Educando 1  
Comunidade: PA Mosquito  
Idade: 18 anos

O processo de Alternar na Escola e em Casa, em algumas instâncias torna o desenvolvimento da Pedagogia um tanto complicado no que diz respeito a aplicação dos instrumentos pedagógicos e ao desenvolvimento das atividades escolares, tendo em vista que no período que o aluno está em casa, não existe um acompanhamento profissional. No entanto, em um âmbito com maior dimensão, vejo a Educação oferecida pela Pedagogia da Alternância, como uma alternativa para o meio rural, uma vez que o grande objetivo desse modelo de educação é a permanência do jovem do campo em seu meio natural, e ainda pelo fato de se trabalhar família-escola-comunidade.

O que me chama a atenção na Escola é a identificação a qual tenho com a mesma, a maneira como se trabalha o social-político-econômico dentro de uma formação que nos oferece uma alternativa e experiência de vida. Por outro lado fico chateado em ver possibilidades de essa formação persistir ainda mais na vida de cada pessoa que faz parte dessa aprendizagem, muitas vezes nos pequenos acontecimentos dentro da escola.

O andamento econômico na Escola está de maneira geral atrapalhando o desenvolvimento as atividades da mesma, essas problemáticas são visíveis no núcleo da escola. No entanto o corpo da escola pode continuar desenvolvendo as atividades na busca de recursos e reconhecimento diante a entidades e do poder público, local, estadual e federal.

Para mim o Plano de Formação é um planejamento anual, que faz parte da Pedagogia da Alternância uma vez que é trabalhada a interdisciplinaridade entre instrumentos pedagógicos e as disciplinas desenvolvidas.

Em algumas disciplinas vemos a aplicação do Plano de Formação e em outras não, a organização é mais visível nos instrumentos pedagógicos, principalmente no PE.

A partir da evolução após o PF, vejo que as atividades estão de maneira geral mais preocupantes com a realidade a qual fazemos parte e isso é importante.

Sim, questão 2.

As disciplinas que mais gosto são as de formação profissional e as que trabalham o meio social, tanto atual quanto do passado, e as que menos gosto são as da área de exatas, pelo fato de pensar a realidade humana necessita de um trabalho que visa a fraternidade mútua.

Algumas disciplinas estão sendo trabalhadas a partir do estudo do PE, entre elas, geografia, espanhol, as de profissionalização e as da área de exata não é visível a interdisciplinaridade pelo fato dessa integração ser um tanto mais complicada.

Diz estar na resposta 1.

Não respondeu.

A sensibilização da equipe de monitores para com os trabalhos da escola estão mais visíveis, dentre eles no desenvolvimento das atividades e diante da necessidade de se trabalhar cada aluno de maneira diferenciada, eu penso que isso se dá a partir da participação de cada um/a no processo de formação e integração a qual a escola trabalha. Penso que na escola existe uma divisão em três capacidades de desenvolver as atividades pedagógicas em uma classificação de monitores/as.

1º - A classe dos que conhecem o desenvolvimento pedagógico e que tem sua própria concepção no que diz respeito a desenvolver as atividades da Escola.

2º - Os que já estão se integrando nas atividades e que tem tempo médio na escola e que estão se preparando para desenvolver as atividades da escola.

3º - Os que são novos e que ainda não perceberam a dimensão do objetivo de trabalhar a Pedagogia da Alternância, e que nos desenvolvimentos das atividades escolares deixa a desejar.

O PE está mais interessante que antes pelo fato de os próprios alunos a partir de sua realidade apresentar temas. A maneira com que está sendo trabalhado é positivo, embora eu pense que deveria existir um trabalho de conscientização da importância de se aplicar o PE, e ainda a importância de retornar o resultado do PE, para a família e comunidade.

A colocação em comum está melhor trabalhada do que antes, na medida em que evolui o PE, realizando o entendimento de todas as questões, e ouvindo todas as colocações com o objetivo de formular um texto que engrandeça o conhecimento do corpo discente e doente.

O CR, após ter concretizado que seria feito em regras de MTI, ficou mais interessante, dando mais subsídios para que possamos organizar melhor o caderno. Penso ainda que o caderno da realidade deveria ter um espaço para que o aluno pode-se usar a criatividade, fazendo assim com que se torne mais interessante.

As intervenções externas na escola são de grandiosa importância para com o trabalho desenvolvido, embora vi o que essa atividade está sendo menos explorada que antes, tendo em vista a não execução de mais frequentemente, órgãos que tinha alguma ligação com a escola e ainda que suple as curiosidades e necessidades de conhecimento do corpo discente.

As visitas de estudos estão sendo melhor trabalhadas, embora não exista recursos suficientes para a realização; diante a necessidade que temos em estar realizando práticas, uma vez que a escola não tem estrutura suficiente para oferece-los, penso que as visitas ainda são um número muito pequeno.

Os serões na escola são bem trabalhados quanto ao monitor responsável, existe semanas que não é realizado nenhuma atividade no serão; diante a importância que tem o serão para as atividades realizadas, penso que deveria existir um planejamento mais rigoroso, para que de maneira criativa e útil possa estar usufruindo desses momentos.

As visitas nas famílias esta menos trabalhada que antes, não acontecendo frequentemente, quanto deveria acontecer, por questões financeiras, mas quando há oportunidade, acontece de não haver um aproveitamento total do objetivo das visitas. Penso que esta menos trabalhada

também pelo grande número de alunos que cresceu muito, abrangendo muitos locais, dificultando ainda mais um acompanhamento mais direto.

O estagio é um instrumento que imagino estar sendo melhor trabalhado, sendo bem explorado pelos alunos; penso que a escola deve trabalhar melhor as questões de convênios; para que possamos realizar estágios em áreas de maior procura.

A colocação em comum tem a importância muito grande para com o desenvolvimento e o crescimento da escola; mas ela não está sendo trabalhada para que se alcance este objetivo; por vários fatores, dentre eles a saída de muitos alunos antes da execução da mesma e a aplicação sem verdadeira crença de estar colaborando com os próprios críticos e sugestões.

A relação entre monitores e alunos é uma questão muito relativa e que depende da particularidade de cada monitor (a) aluno (a); e ainda da construção da personalidade de cada um; no entanto esta relação é considerada por mim boa pois vejo o esforço em ambas as partes, para que se tenha uma boa convivência. Penso que deveria existir uma melhor distinção de ambas as partes tendo assim respeito mútuo.

Penso que o objetivo de cada etapa de ensino da escola é de estar envolvendo escola- família- comunidade, com o intuito de profissionalizar ambas as partes, dando (oferecendo) maior condição de se realizar um trabalho de desenvolvimento do meio rural, para que o campo possa ser reconhecido e valorizado principalmente se tratando de pequenos que vem crescendo.

Penso que os termos que foram estudados no PE, foram os mais adequados para ser trabalhado em nosso meio, sendo assim a realidade que vivemos; e a realidade que implica em nossas tomadas de decisões.

Meus pais são a base e dão importância fundamental em minha formação, principalmente social, e a cada dia que participam das atividades da escola ficam ainda mais interessados em buscar diálogo para que possa crescer minha personalidade, envolvendo a escola – família – comunidade nessa formação.

Penso que o plano de formação é melhor que de antigamente, no entanto a maneira como esta sendo trabalhada é influenciada pela realidade atual da escola, formando assim menos satisfatório a aplicação do PE.

De imediato penso que o PE, deveria ser passado com mais intensidade para os demais alunos para que possamos estar mais a parte do que será trabalhado o mesmo.

Vim estudar na EFA-GO por fazer parte deste trabalho e me identificar com o mesmo e não sinto construtor de outra história que faz parte da fraternidade e compreensão de trabalhar com integração homem-natureza.

Nunca estudei em escolas tradicionais mas vejo que a familiarização é única e exclusiva da EFA-GO, e é o que faz a diferença nos estudos e a absorção de conhecimento.

Sim, quando existe o interesse do aluno em buscar conhecimento, acredito que não aprendemos tudo, mas o que é de capacidade de cada um, embora penso que deveria ser melhor trabalhar das questões de boas aulas.

Contribui, um exemplo é o projeto FEMA, que resultou na elaboração da cartilha que abordou vários termos que fazem parte dos interesses do pequeno produtor. E o PE que é trabalhado com a família e a comunidade é que nos seus diversos temas contribui para o desenvolvimento local sustentável.

Eu penso que para a EFAGO conseguir realizar as atividades que é importante dentro do desenvolvimento da Pedagogia da Alternância, é necessário que se repense todo quadro profissional da mesma, principalmente a do conselho administrativo, tendo uma melhor formação dos mesmos, em se tratando de como trabalhar com a administração das EFAs, uma vez que a gestão da EFAGO está nas próprias mãos dos pais de alunos da mesma. Penso também que a escola deve repensar o quadro de corpo discente, sugiro até que haja uma seleção com o objetivo de termos alunos que identifiquem com a Escola.

Aluno: Educando 2

Comunidade: Assentamento Buriti Queimado

Idade: 22 anos

Vejo que esse desenvolvimento na formação, só será valido se conseguirmos trabalhar ela com a pedagogia da alternância, ou seja, trabalhar com os instrumentos pedagógicos com os jovens, assim obteremos uma formação, onde a realidade desse jovem será prioridade na sua formação. Nesse caso a escola esta deixando a desejar, pois a pedagogia da alternância não esta sendo realizada de uma forma concreta e isso com certeza irá influenciar na formação dos jovens.

O que mim interessa verdadeiramente na escola e a pedagogia da alternância, a filosofia da escola que é buscar alternativa para os jovens rurais e a sua permanência no meio buscando a sustentabilidade, a participação dos pais, onde eles saiam os gestores da escola. A o menor interessante é trabalhar com a filosofia da escola com jovens (a) que não irá contribuir no futuro, ou seja, eles têm outro plano para o seu futuro, bem diferente da proposta da escola. Vejo que a EFAGO tem que ter seu público fiel, ou seja, jovens que queiram trabalhar com a pedagogia da alternância em suas comunidades com as famílias, que querem transformação em seus meios, aí sim estamos dando respostas às necessidades de nossos pais, aí estaremos atingindo o nosso verdadeiro objetivo.

Ultimamente muitas coisas vão mal, como não ter uma ajuda efetiva do governo, a participação dos pais que ainda é pouca; e a mentalidade de alguns jovens (a) e a equipe de monitores, o que podemos nos ajudar, e trabalhar mais unido fortalecendo as nossas força, para superar as dificuldades, nos falta mais entrosamento entre pais, alunos e monitores, falta um olhar mais especial de todos os incluindo neste projeto EFA.

Para mim o plano de formação é um planejamento anual, com a interdisciplinaridade com os instrumentos pedagógicos. Fazendo uma avaliação do ano anterior.

Houve uma reorganização nas aplicações dos PEs, mas ainda falta muito coisa como: intervenção interna e externa, visitas as famílias, trabalho de campos enfim, os pais e apenas

um dos instrumentos pedagógicos de escola, não podemos só apegar a ele, e sim em todos os outros, e neste caso reorganizou o PE e outros ficaram esquecidos.

Não evoluem muitas coisas, e vejo que contribuiu de uma forma bem pequena que foi a realização dos PEs.

Eu estou muito satisfeita com a formação que a escola trabalhar, porque oferece um curso técnico em agropecuária e isso para filhos de pequenos produtores é muito importante, além disso, a formação da escola, nos mostra e ensino ter uma consciência muito grande a respeito o dos acompanhamentos socioeconômico e político a nível global.

As disciplinas que mais Aprecio são os módulos, e as outras que envolvem política e questões sócias, problemas que envolvem religião, famílias e filhos. As que trabalham o meio social, tanto atual quanto do passado, e as que menos gosto são as da área de exatas, pelo fato de pensar a realidade humana necessita de um trabalho que visa a fraternidade mútua.

Algumas disciplinas estão sendo trabalhadas a partir do estudo do PE, entre elas, geografia, espanhol, as de profissionalização e as da área de exata não é visível a interdisciplinaridade pelo fato dessa integração ser um tanto mais complicada.

Depois que houve a reforma do plano de formação acontecem umas organizações nas atividades, as escolhas dos temas dos PEs, as intervenções externas, as visitas de estudo foram fatores

Essa transformação no qual passou a equipe de monitores mudou um pouco as coisas na escola, o próprio relacionamento entre os colegas, através das conversas particulares, ajuda a incentivar o aluno sobre de aula, a melhores o relacionamento com a família e amigos ajuda também nos questões de interessar mais pelo estudo, porque a partir da organização todos ficam incentivados a continuar os estudos e os monitores também. Essa evolução só tem as contribuir para a formação dos jovens (as) uma vez que se trabalhar a formação integral onde exige muito dessa equipe onde ela deve estar muito bem preparada. Vejo que têm monitores que ainda não estão preparados para trabalhar o PF, até porque a equipe de monitores tem renovado sempre, percebo então que quando o monitores começam a adaptar a pedagogia da alternância, ele muda de escola, tornando quase impossível a execução dos trabalhos já iniciados.

Penso que o PE é um dos principais instrumentos pedagógicos que a EFAGO e outras EFAs tem, não percebo que esta havendo exploração mais ou menos do que antes, apenas percebo que ele esta sendo realizado de maneira diferente e é essa diferencia que nos leva a interessar por ele, e completar os nossos conhecimentos nos dando uma bagagem maior no plano profissional. As escolas interessam todos os alunos/as, que passam envolver completamente dentro de cada realidade diferente. E isso ajuda muito na compreensão de cada aluno (a), tornando um trabalho mais rico e interessante para cada realidade diferente que existe na escola.

Em acredito que a colocação em comum é um momento de compartilharmos a nossa experiência adquirida através do PF, pois é um momento muito rico para todos os alunos/as, não vejo que ela esta sendo mais explorado do que antes, apenas acredito que houve um maior interesse pelos alunos/as. A escola tem o interesse de trabalhar a colocação em durante a

sessão, pois ela transmitiu um conhecimento muito elevado para os alunos/as, interessando assim no conhecimento de todos e facilitando na compreensão dos trabalhos desenvolvidos na EFAGO.

Penso que o caderno da realidade é um resultado muito abrangente no qual os alunos/as desenvolvem no processo escolar que retrata um pouco será realidade, onde família tem a contribuir muito para o bom resultado deste trabalho.

Também não vejo que ele esta sendo mais explorado do que antes e acredito que a escola tem um interesse muito grande em trabalhar envolve a realidade dos jovens/as que estão presentes na escola, conhecendo melhor esses alunos e com isso facilitando e melhorando o relacionamento entre alunos/as, monitores e famílias.

A intervenção externa é um dos momentos que também transmite muito conhecimento através da palestra, para os alunos/as porque é naquele momento que serão discutidos e esclarecidos todas duvidas. Não percebo que antes, pois até houve neste ano pouca intervenção como relação ao ano passado. A escola tem interesse em realizar este processo, porque melhora e ajuda na compreensão dos alunos/as aumentando seu conhecimento profissionalmente pelo fato de esclarecer as duvidas dos alunos/as na determinado área atuante.

A visita de estudo também é um fator de extrema importância para o desenvolvimento do aluno tanto na escola quanto na família. Vejo que ela não esta tão explorada quanto deveria ser, pois tem muitas coisas que os monitores ainda não conhecem, principalmente os alunos e nas famílias.

A escola busca trabalhar a visitas de estudo durante a quinzena, porque faz parte da pedagogia da alternância e ela proporciona um conhecimento mais completo nisso visita de estudos, e é instrumento porque o nosso estudo estar sendo feito de forma mais abrangente buscando estudar experiências em outros lugares, e isso além de ajudar nas compreensões de estudo, ela nos motiva ainda mais em nossa estudo técnico profissionalizante.

18) O serão também é outra atividade de extrema importância para os alunos/as, vejo que ele esta sendo muito bem explorado com muitas aulas, que ajuda na nossa formação, é interessante trabalhar, ou seja, nos serões, porque ele nos proporciona um estudo mais amplo, que não é somente aulas, mas sim noites bastante culturais, intervenções externas etc, e isso ajudam nos nosso ensino que é formação integral e isso nos motiva bastante, e também na compreensão e entendimento global do nosso mundo atualizado.

Escola busca trabalhar a visita a famílias durante a sessão porque também é um dos instrumentos pedagógicos muito importante para o aluno/a e ela proporciona conhecer melhor a realidade do aluno com a família e comunidade, com a família e comunidade, como este aluno/a comporta diante de sua comunidade, este trabalho é interessante por este motivo e ajuda muito compreender melhor a vida do aluno/a, aqui na escola, contribuindo no seu crescimento na escola com sua família e comunidade.

O estagio é um meio em que o aluno/a busca a assimilar teorias e praticas é o momento em que o aluno/a aprende fazendo na prática e isso ajuda muito este aluno/a uma vez que teoria e pratica tem que caminhar juntos. É interessante por este motivo, e o estágio sempre ajudou a compreender melhor as nossas dúvidas com relação a escola em que trabalhar profissionalmente, melhorando e ampliando cada vez mais as nossos conhecimentos na área

técnicas. Percebo que antes, pois os níveis de apresentações esta sendo muito superior, com relação os outros.

Eu penso que a avaliação é um momento muito importante que tem que ser levado mais a serio, vejo que ela não estar sendo muito explorada vejo que muitas das vezes fazemos a avaliação por obrigação, e isso não resolve nada os nossos problemas internos. Mas a avaliação é um momento muito interessante, porque neste momento que estr havendo um questionamento dos problemas entre alunos e monitores. Ajudando assim a compreender várias situações que acontece aqui na escola, uns ajudando os outros.

A relação entre alunos (as) e monitores (as) tem sido bastante harmoniosa, é uma relação onde uma compreende o outro dentro de um nítido diálogo.

O objetivo de cada etapa do ensino da escola, é que ao termino de cada etapa, nós alunos podemos ainda mais, tornando profissionais competente, e sábios diante do meio social que nos envolve.

Os diferentes temas estudados no PF, é de muito importância porque nele é trabalhado uma variação de temas, que nos proporciona uma conhecimento mais amplo e eficiente para a formação integrada do aluno/a.

Com relação aos meus pais, eles não interferem na minha formação, até porque não moro com eles, então não tenho uma relação muito íntima com eles. Já com relação à participação dos pais como um todo na escola, depois da aplicação de PF e as visitas dos monitores, percebemos que não houve tanta evolução, pois ainda precisamos de muito participação de pais aqui na escola, principalmente os meus.

Não vejo que o PF passado foi melhor do que neste ano, claro que sofreu várias mudanças, mas vejo que todos os planos de formação são importante para o andamento do ensino aprendizagem do aluno (a). Também houve um crescimento com relação a equipe de monitores (a), na questão de conhecimento no plano de formação.

A melhoria que devem realizar no PF, não seria totalmente na estrutura do PF, mas em termo de participação, ou seja, buscar a participação mais externa dos pais alunos, para o engajamento dos mesmos.

No principio eu fiquei sabendo da escola, através de uma amiga, pois ela me falava de causo funcionava e eu comecei a me interessar até vim para a escola. Hoje me sinto uma transformação em muitas coisas, pois aqui na escola vivi um tempo de muitas transformações na minha vida tanto no meu meio social, político e familiar.

Eu sempre estudei em escola do meio rural, pois quando terminei a 4º serie, já comecei a estudar aqui, quanto diferença entre escolas há que estudei no primário era uma escola normal, a gente ia estudava e pronto, já aqui na EFAGO, agente tem uma ligação maior com relação a tudo e todos, as amizades aqui dentro é muito grande tanto entre diários. Como monitores agente cresce junto com a escola, se a escola caminha mal, agente também caminha. Então e essa relação fraterna entre escola e aluno, que faz um modelo de educação, na qual me interessa cada vez mais, acredito muito no poder de transformação que os EFAS exerce dentro da realidade de cada jovem.

Se eu não acreditasse que aqui na escola se aprende, eu não estaria aqui, depende também do que se aprende, porque aqui aprendemos muitas coisas boas e ruins como em todos outros lugares do mundo. Mas essas aprendizagens são mais do que um simples conhecimento porque estamos estudando um pouco da nossa realidade, do que costumamos fazer em nossa casa, através dos instrumentos pedagógicos e na interdisciplinaridade aqui na escola e isso contribuem muito na formação integral como um todo.

Vejo que ainda é muito cedo para se falar em contribuição, até porque é um processo lento e depende da consciência de um grupo maior de indivíduo que não faz parte da escola que é o nosso meio, e a transformação desses indivíduos depende de vários outros fatores nos quais não estão ligadas as escolas. Mas ela está plantando as sementes que são nós filhos /as desse meio, nós somos responsável pela transformação do nosso meio.

Sugiro que a escola sempre buscar a presença cada vez mais dos pais, para que eles possam participar ativamente, nos processos administrativo e outros processos, para que através do conhecimento de cada um (a) eles possam vestir \ camisa de luta da escola, e cada vez mais ter uma associação forte e consciente dos problemas que nos cercam, só assim teremos a certeza de que o projeto das EFAs e terão procedimentos, sucessivos de lutas e vitórias gloriosas.



## ANEXO 5

### Resposta dos Educadores

#### Questionário

Monitor: Monitor 8

Idade: 27 anos

Formação: Filosofia/ Teologia

Tempo de escola: 10 meses

#### Respostas do Questionário

Pedagogia da Alternância é uma das propostas pedagógicas, nascida de uma experiência francesa, que busca desenvolver o ato de ensinar e aprender numa realidade específica, a saber, o meio rural. A Alternância seria o encontro dos saberes populares e cotidianos (mundo da práxis) com o saber científico e teórico (mundo do conhecimento). Além disso, no Brasil, a Pedagogia da Alternância assume, historicamente, uma dimensão sociológica no ato de se desenvolver como educação nas realidades vivenciadas pelos agricultores/as familiares. Assim, a Pedagogia da Alternância é ou deveria ser uma pedagogia da resistência frente a hegemonia da classe dominante, é uma pedagogia da comunhão que busca a aprendizagem a partir da dimensão comunitária, é uma pedagogia do conflito e da teimosia onde se evidencia a dicotomia existente nas sociedades humanas, é uma pedagogia dos pequenos que se associa ao mundo dos excluídos na busca por inclusão social, dignidade e justiça para os que estão a margem da sociedade e é uma pedagogia da esperança – como dizia Paulo Freire – que mostra ao Poder Público uma alternativa de educação para meio rural e que se destaca por integrar a família, a comunidade e os movimentos sociais na luta por uma educação verdadeiramente do campo, com pedagogias voltadas para atender as reais necessidades dos camponeses/as. Penso que a Alternância é um sistema que deveria dialogar mais com a realidade histórica. Sabe-se que ainda se sofre a pressão européia da Pedagogia da Alternância aqui no Brasil fazendo-se com que as EFAs, as CFRs e as ECRs não construam a sua própria forma de fazer e pensar a Pedagogia da Alternância.

Na essência ou em teoria, a Pedagogia da Alternância é uma proposta de educação que tem como objetivo atender as necessidades históricas dos agricultores/as de cada região, ou seja, atender as necessidades de educação que se transdisciplina com a cultura, a sociedade, a economia, os saberes, a religião a fim de fazer com que o educando/a se assuma enquanto ser pensante e ser cultural na sua história e, no Brasil, especificamente, história dos dominados, dos explorados. A formação da Pedagogia da Alternância é chamada a ser uma pedagogia que caminha na contramão da história que faz a educação a partir do mundo dos dominados e não uma educação a partir da classe dominante. Em 500 anos de história do Brasil, sofreu-se a influência da classe dominante em todos os setores da sociedade a partir da Igreja, dos fazendeiros, dos empresários e outros. Até hoje, quem pensa a educação e o tipo de formação para os pequenos são as elites oligárquicas, seja do meio rural ou urbano. A Pedagogia da Alternância não pode entrar neste jogo. A Pedagogia da Alternância nasce com o intuito de construir um processo de educação que venha ser condizente com a realidade das famílias, das comunidades, ou seja, a História não será a história dos dominantes mas a história da luta pela terra, do surgimento da minha comunidade e assim por diante. Infelizmente, pode-se perceber que muitas EFAs no Brasil podem estar assumindo uma postura contrária a que se pensou na

essência devida que escolas entraram no sistema e estão em processo de assimilação dos programas neoliberais tão comuns nas políticas compensatórias dos atuais governantes.

Plano de Formação é um espaço de construção coletiva da caminhada que a EFA deverá percorrer. Os objetivos, os conteúdos, as dinamizações, os temas dos Planos de Estudos, enfim, toda a vida letiva de uma EFA é pensada e refletida a partir do Plano de Formação que deveria ter a participação dos pais/mães, dos educandos/as e dos monitores/as.

Não participei do primeiro PF. Participei do PF de 2003.

Em 2003, alguns educandos/as e os monitores/as (nem todos por sinal) participaram do PF. As famílias nem souberam da existência do Plano de Formação. Alguns membros da Associação de Pais e Alunos da Escola Família Agrícola de Goiás estiveram um dia a noite, mas não sabem a importância de se planejar as atividades pedagógicas. Os monitores/as participaram sem muita vontade devido aos grandes problemas que se alastrou pela EFAGO durante este ano de 2003. Problemas como: salários e contratos deixaram os monitores/as em situação desconfortável e, por isso, o PF ficou afetado chegando a ponto de não haver coletivização dos trabalhos.

Ao meu ver nada mudou. Pelo menos, neste ano. Parece que são poucos alunos/as que sabem o que vem a ser PF e as famílias não são nem contactadas. Além do mais quando se fala em famílias há uma espécie de reducionismo político, pois todos os poderes são dados a Associação e aos membros da Diretoria, enquanto os pais/mães que não participam deste ficam a margem das informações. Até mesmo os membros da Diretoria nem todos participam. Talvez tenha facilitado na questão das aplicações dos Planos de Estudo, mas devido a situação econômica da escola não houve uma interação entre família (propriedade, comunidade e cultura) com a escola (conhecimento, teoria, reflexão dos saberes) e muito menos a escola foi ao encontro das famílias. Muito do que foi construído não saiu do papel.

Não senti muita diferença. Apesar de que foi importante voltar a ter 08 Planos de estudo por turma no ano. Antes era 04. Muito pouco. Houve sim um início de reorganização, mas este ano foi atípico na EFA de Goiás, muitos problemas impediram com que houvesse uma reorganização maior. Penso que o PF deste ano não foi melhor de forma alguma comparando ao que foi construído no ano de 2000 ou 1999 com a presença do companheiro João Begnami. Além do mais a equipe de monitores/as era outra e um outro fator deste ano foi a grande rotatividade entre monitores/as na EFAGO.

Sinceramente não vi muita diferença no comportamento dos alunos/as, principalmente, os do Ensino Fundamental que nem sabem o que vem a ser Plano de Formação. A aprendizagem da Escola deve ser repensada no próximo Plano de Formação porque se está transformando a EFA de Goiás numa escola bancária, extensionista e que reproduz o sistema de educação onde o aluno é reduzido a número. Muitas coisas precisam ser repensadas, como: o número de alunos/as, a presença de monitores/as sem sonhos e sem causa que usam a escola e até mesmo o sistema público de educação como cabide de empregos, a presença de determinados parceiros/as que impõem um feudalismo contemporâneo e a presença de determinados setores da sociedade que são contra a luta pela terra, por exemplo, a FAEG. Não vejo motivação nos alunos/as, o que percebo é uma corrida em busca de resultados a partir de uma concepção neoliberal da competição, pois estamos treinando alunos/as preocupados em correr atrás de notas. Deixamos os saberes da educação popular de lado. Para mim, o PF não contribuiu

devido as dificuldades da escola, mas seus atores/as também deixaram a desejar e dentre estes me coloco como ator do processo.

Primeiro que não percebi evolução alguma. Houve sim retrocesso. E não aconteceu efeitos neste plano de formação para o processo ensino-aprendizagem dos alunos/as.

Penso que a Escola Família Agrícola de Goiás sobrevive com os ideais da Pedagogia da Alternância mas não vem colocando em prática os instrumentos pedagógicos. Se estou satisfeito? Penso que poderia melhorar porque precisamos retomar a educação a partir da realidade dos alunos/as e a nossa realidade se baseia na história de luta pela terra. Os alunos/as sentem, inconscientemente, vergonha de serem assentados. Uma pergunta: Antes da presença dos alunos/as filhos/as de pequenos agricultores/as tradicionais havia a dicotomia entre assentados/as X pequenos/as agricultores/as? A mídia contribui também de deseducar os alunos/as que assimilam conceitos da classe dominante a partir de uma ideologia imposta pelos programas televisivos. Os instrumentos pedagógicos se trabalhados em sua totalidade contribuem para a transformação do meio sócio-profissional dos alunos/as, mas se continuar a existir monitores/as com visão de mundo patronal/urbano, se não se fizer um trabalho de conscientização para a liberdade com os alunos/as, se continuar aceitando alunos/as sem vínculo com o meio rural estar-se-á amordaçando a Pedagogia da Alternância.

Não. Os pais e as mães estão a margem do que acontece na escola a não ser a Associação que participa da escola de uma forma suspeita. A Associação de Pais e Alunos da Escola Família Agrícola de Goiás exercem uma espécie de microfísica do poder proveniente das estruturas hierarquizadas da Igreja. O poder não é comunitário, pois a participação dos pais e mães de alunos/as é mínima. Não há formação e conscientização que mostre a importância da participação das decisões. Os alunos/as foram silenciados em participar, pois não tem direito ao voto. Aliás, os alunos/as quando votam precisam de 10% para ter o direito de um voto. Isso não se pode chamar de democracia. Então temos um problema: Educa-se, teoricamente, para a cidadania, mas na hora de participar o direito democrático é violado com os alunos/as sem direitos a voto individual. Os monitores/as não participam do processo fazendo com que se tornem empregados, “serviçais” e sem voz e vez no processo. Concordo que monitores/as não devam assumir a Associação, mas negar a possibilidade de participação de criar dicotomia entre associação X monitores/as que passam a ser empregados (explorados/as) obedientes ao que determina a Associação, o empregador (exploradores/as). Criou-se na Escola Família Agrícola de Goiás uma reprodução social de classes onde o fator desigualdade é evidente. Percebo que os pais e mães têm um interesse sim na formação de seus filhos/as, mas não compreendem a Pedagogia da Alternância que é uma pedagogia da participação. Não há interesse em participar. As escolas públicas nunca fizeram isso, propor para que a comunidade ou a família participe da escola e da vida educativa de seus filhos/as. Quando aparece uma Escola que propõe participação, mas não se há um trabalho para isso fica difícil ver pais e mães participando. Falo do que estou vendo hoje. Pode até ser que a Escola tenha feito um trabalho que mostrasse a importância de participação nas decisões da escola, mas hoje estamos reféns de um sistema que fora reproduzido da Igreja e da sociedade para dentro das EFAs, dentre elas, a EFAGO, pois nem visita as famílias se fala. O bonito é falar em visita de palestras. Os monitores/as (os que sabem) vão de vez em quando as comunidades e não as famílias dar palestras para os agricultores/as (os que não sabem) sempre tendo como tema a propriedade e a agricultura. Claro que tais formações são importantes, mas reduzir a Visita as Famílias a este aspecto que fragmentar o conceito de educação da Pedagogia da Alternância.

O grande tesouro do PF torna-se percebido na organização das atividades pedagógicas que acontecer-se-á durante o ano letivo. Além disso, a grande integração dialógica que acontece entre a teoria (escola) e a prática (família e comunidades).

O grande problema do PF é quando ele não se efetiva na prática da escola. Particularmente, não percebi a efetivação concreta deste último PF, ficando espaços em branco no processo ensino-aprendizagem dos alunos/as. O que mais me preocupa é quando sentamos para refletir, organizar e criar o PF e este não sai do papel.

O PF é um instrumento necessário em toda e qualquer escola que queira trabalhar numa perspectiva pedagógica condizente com as propostas do construtivismo de Paulo Freire. Não importa o nome que se dê, plano de formação, plano de curso, plano da unidade. Todas as escolas públicas estatais e comunitárias como as EFAs deveriam ter um plano de formação sério que venha auxiliar na prática educativa e na transformação dos problemas das comunidades. A escola é o local onde se deveria pensar os problemas sociais, econômicos, religiosos, culturais existentes em dadas sociedades humanas. Parece que o nosso PF tem muitas coisas que se sabe que serão postas em práticas devido ao pouco e reduzido material humano, pedagógico e financeiro que a EFAGO não possui. Deveria se pensar num PF mais simples que esteja pronto para ser inserido na prática, no cotidiano e deixar de lado um PF que vislumbra o impossível.

Primeiro, todos os instrumentos pedagógicos da escola tem sua importância, tem-se o porque de sua existência. O PE é o instrumento pedagógico da alternância por excelência. É o instrumento que traz realidades diversificadas dos alunos/as para dentro dos “muros” da escola. Os alunos/as são chamados/as a trazer alguns problemas ou soluções diante das propostas de planos de estudo. O PE também não poderia deixar de ser um instrumento pedagógico de intervenção social nas comunidades, pois o retorno deste à comunidade deveria influir para a transformação da mesma. O CR é o instrumento que auxilia o PE na compreensão da realidade ou das realidades existentes em cada região, no nosso caso dos assentamentos. A Intervenção Externa que ultimamente a EFAGO tem falhado por diversos motivos serve para que os alunos/as tenham um contato com um especialista no assunto abordado no tema do PE e que deveria tirar as dúvidas necessárias para que os alunos/as, ao chegar em suas propriedades e na comunidade, possam estar transformando os problemas em sonhos e esperanças. Um dos instrumentos que mais aprecio é a Visita as Famílias. É na visita as famílias que o monitor da área técnica ou pedagógica poderá conhecer empiricamente a realidade do aluno/a. Conhecer seus problemas, sua economia familiar, sua cultura, seu mundo simbólico e suas representações religiosas. Diria que quando o monitor vai a visita ele deve tirar as sandálias, pois o solo que está pisando é solo sagrado. É o mundo dos camponeses/as. Infelizmente, as visitas as famílias foram prejudicadas devido ao fator financeiro da escola. Isso prejudica o conhecimento mútuo e a relação dialética entre monitor-aluno/a. As Visitas de Estudo são de suma importância para que os alunos/as possam conhecer experiências técnicas, pedagógicas e até mesmo econômicas diferenciadas seja na cidade ou no meio rural. Tais visitas deveriam ser mais frequentes, pois é na observação das experiências já vivenciadas. O Serão não é aulismo. O serão é um instrumento que deveria ser usado como fórum de debates, de discussões e de formação para a participação popular dos alunos/as. O Serão poderia estar sendo utilizado junto com as intervenções externas. O que vi foi muitas vezes ser usado o serão como espaço de aulas. Deve ser massacrante para os alunos/as estudarem o dia todo e ainda chegar a noite, no caso específico da EFAGO, e ter que estudar de novo. O Estágio é um instrumento utilizado somente nas férias e deve ser repensado. Percebi que nem todos os alunos/as fazem o estágio. O mais interessante são as

temáticas do social, técnico, comunitário, religioso e profissional que carrega os estágios. A Avaliação penso ser aqui no sentido da avaliação de final de sessão. Penso que é um bom momento para praticar a tão falada atitude de escuta. Ouvir faz bem a saúde. O problema é que não há uma formação para os alunos/as em explicar que a Avaliação não é o momento para se taxar o monitor/a, mas é um bom momento para se avaliar a sessão e propor alternativas de mudança. Outro problema é que nem todos/as os monitores/as concordam com a avaliação, principalmente, os monitores/as da área técnica que são questionados em relação ao discurso que a escola apresenta como defensora da Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Sustentável e que se defronta com a prática de tais monitores/as em aulas quando apresentam propostas de Plantio Direto, Agricultura Patronal com uso de agrotóxicos e até defendem o uso de transgênicos. Penso que os instrumentos pedagógicos da Alternância não estão sendo explorados como deviam ser, pois os problemas da escola e do mundo inteiro se reduz ao uma palavra: CAPITAL. Quem tem pratica que não tem não pratica. Eis o grande empecilho da EFAGO. Por isso, não posso dizer que os instrumentos estão em harmonia com o PF, pois tudo o que foi pensado no PF não se efetivou na prática. Claro que os instrumentos ajudam no processo ensino-aprendizagem desde que efetivados e inseridos no cotidiano da vida dos alunos/as. Para encerrar esta imensa resposta, diria, a respeito da Colocação em comum, que é um dos instrumentos pedagógicos da alternância e que deveria ter mais atenção por nossa parte. A colocação em comum é onde os alunos/as trazem os PEs respondidos e socializam em forma de colocação individual ou coletiva as respostas dos PEs. É bom deixar claro que com a CC os alunos/as vão aos poucos se soltando e começam a participar da roda, falando, questionando e sugerindo. Este instrumento talvez seja, do ponto de vista filosófico, o mais importante para levar o aluno/a a vir participar das discussões que ocorrem na sociedade política e civil.

São temas condizentes com a realidade dos alunos/as. Teoricamente, como já disse, estão bem formulados e pensados. O problema está em efetiva-los na prática dos alunos/as na comunidade.

De forma alguma. O PF não alterou em nada o andamento da escola. O conselho penso que nem saiba direito o que é e qual a importância do PF. As famílias estão distantes da escola, falta um trabalho em todas as escola neste sentido, pois sofremos historicamente a influência da não necessidade de participação. Sempre foi passado que o professor é aquele que sabe e o agricultor e seus filhos/as os que não sabem. Para mudar este fato é com um processo lento de conscientização e formação. Em relação aos alunos/as, os que participaram do PF sempre estão ativos na escola e até mesmo na construção de uma sociedade mais justa e solidária. Já os parceiros/as devem ter ouvido dizer sobre o PF, no entanto, não houve interesse nem da escola e muito menos deles em participar do PF.

Alguns temas são possíveis encaixar, principalmente, na sociologia. Na filosofia é mais complexo. Como falar filosoficamente da suinocultura, por exemplo. No entanto, penso que mesmo com dificuldades pelas quais atravessei na escola, devo confessar que houve sim interdisciplinaridade com os temas dos PEs. Claro que o PF contribuiu e muito, pois destacamos o que iríamos fazer em cada sessão, mesmo que muitas vezes tenha saído errado.

É difícil julgar. Primeiro, nem todos os monitores/as participaram do plano de formação. Os que participaram estavam descontentes pelas questões salariais e até de incertezas em relação a continuidade da EFA. Penso que todos ou em grande maioria devam saber sim o que vem a ser PF. Só não sei se mudamos, não tenho certeza disso. Em relação a estar preparados, penso que todos/as ou quase todos/as tenham condições de trabalhar com o PF na Pedagogia da

Alternância. Penso que a escola usa demais o discurso de “equipe” para se esconder de algo. A Igreja também usa muito o discurso de comunidades (comum+unidade) e no entanto, há uma hierarquia que destrói a concepção original de comunidade conforme apresentada nos evangelhos e nos atos dos apóstolos. A escola como obra eclesiológica, pelo menos, ideologicamente, também apresenta um discurso que tudo deva ser decidido em equipe, levando muitas vezes até questões de ordem pessoal para dentro da EFA. Isso acontece tanto com os monitores/as, alunos/as e a associação, pois reproduzem como criaturas (EFA) a imagem do criador (Igreja). Nem tudo deve ser colocado em equipe, isso é uma pedagogia estratégica. O problema é que nos escondemos atrás da democracia da EFA sendo que ela se tornou uma espécie de empresa que gerencia seus súditos empregados, nos escondemos atrás da máscara de que a EFA é uma escola diferente e alternativa mas está ultimamente reproduzindo o bancarismo e práticas tradicionais que outras escolas praticam. Devemos repensar nosso jeito e nossos ideais.

É boa. Os alunos/as em sua grande maioria respeitam os monitores/as. Mas, como em toda família há desavenças que são passageiras.

Penso que sim. Principalmente em se tratando de estrutura das EFAs no Brasil. A SIMFR por exemplo deixou de ajudar as escolas particulares e passou a apoiar a formação de monitores/as nos regionais.

Fui trabalhar na Escola Família Agrícola de Goiás porque vim para Goiás a fim de desenvolver uma pesquisa de mestrado que tem a escola como alternativa de educação rural para o Meio Rural. Acabei entrando na escola como monitor e foi muito bom pois pude perceber nas entrelinhas alguns problemas que se tivesse somente como pesquisador jamais teria visto. Como monitor me senti de fato aprendendo muito com os alunos/as e os monitores/as com mais experiência. Foi uma troca de experiências que fizemos durante o período em que estive na EFA.

As diferenças são muitas. A formação é toda voltada para o mundo dos camponeses/as. Não diria que todas as escolas públicas são tradicionais. São públicas e devemos lutar juntos para que continuem sendo públicas, gratuitas e de qualidade pertencentes ao Estado. A diferença é que a EFAGO é uma escola que tem por objetivo ensinar a partir da realidade dos alunos/as, em sua maioria, proveniente de assentamentos da região de Goiás. No entanto, muitas coisas que deveriam se diferenciar pedagogicamente estão sendo usadas assim como nas escolas ditas tradicionais, como por exemplo o sistema de avaliação que queira ou não faz com que nos enquadremos neste modelo.

O objetivo do Ensino Fundamental é fornecer ao educando/a um processo de aprendizagem que leve o aluno/a a ler e a escrever não somente as palavras mas o seu mundo, a sua família, a sua comunidade e a sociedade que o cerca. O objetivo do Ensino Médio é integrar o aluno ao mundo e as relações de globalização pela qual o planeta vem passando, além de fornecer condições para que o aluno/a possa estar pensando, refletindo e questionando a ordem estabelecida como suprema verdade. A educação profissional visa fornecer aos alunos/as condições técnicas para que possa desenvolver em suas propriedades o tão sonhado mercado de trabalho a partir da Agricultura Familiar baseado numa concepção de mundo campesino.

Acredito que a Escola Família Agrícola de Goiás tentar ensinar e aprender. Se ela atinge este objetivo pode-se questionar devido que todos os dias aparecem problemas novos que confundem o andamento pedagógico da escola. Ela ensina quando aprende com os

agricultores/as e aprende ensinando teorias que devem estar ligadas ao mundo dos alunos/as. Nisto o PF contribui, como já disse, com a formação integral se sair da gaveta e for posto em prática em todos os sentidos.

Deveria contribuir. O problema vem de cima. Os pais estão desmotivados em participar da vida da escola, já tem problemas demais em suas propriedades/comunidades e deixam a desejar tal participação na escola. Os monitores/as cumprem o horário e nada mais justo pois nem recebendo estão direito, deixando de participar das discussões a respeito da Educação a nível local. A EFAGO não está participando muito da vida civil da cidade. De fato, a EFAGO deveria puxar as discussões da Agricultura Familiar, da Educação Rural ao participar dos Conselhos Gestores como: Educação, Desenvolvimento Rural e Agricultura. Penso que já deve ter contribuído mais e hoje deixa a desejar.

Penso que a Escola deveria se preocupar mais com a aprendizagem dos alunos/as no sentido ideológico, pois estamos formando alunos/as sem compromisso com a agricultura familiar e com o desenvolvimento sustentável. Alunos/as são espelhos de monitores/as que podem estar tendo uma concepção de mundo patronal, capitalista e neoliberal. A educação não pode se limitar somente aos instrumentos pedagógicos (se respondeu o PE ou não), mas fazer com que os alunos/as aos poucos estejam participando das discussões, dos debates públicos e participando dos movimentos sociais que estão aí ressurgindo das cinzas a fim de mostrar a elite/classe dominante que se pode construir um mundo mais justo, solidário e igualitário. O medo que tenho é que estejamos formando alunos/as submissos ao patrão, ao empregador, que manda e desmanda e os nossos alunos/as vendendo suas forças de trabalho em troca de um salário irrisório. Além disso, alunos/as extremamente individualistas sem noção comunitária alguma, sem vontade de fazer as coisas no coletivo. E, por fim, a escola deve repensar a questão da ruralidade/urbanidade. Alunos/as, devem manifestar as motivações que os levam a estudar na escola e não os pais decidirem os rumos dos filhos/as de forma ditatorial. Espero que possamos construir o sonho da Alternância juntos como companheiros a fim de eliminar de uma vez por todas as exclusões sociais existentes no Meio Rural.

### Questionário

Monitor: Monitor 1

Idade: 27 anos

Formação: História

Tempo de escola: 5 anos

A pedagogia da alternância é para mim a busca de novos saberes, integrando família-escola-sociedade valorizando seus conhecimentos e valores. A alternância é para mim um processo complexo na prática, mas que completa a aprendizagem em todos os aspectos e envolve todos/as no processo de ensino-aprendizagem.

A formação na pedagogia da alternância é de suma importância tanto para com aqueles que a colocam em prática (monitores/associação/alunos) quanto para aqueles que a recebem (pais/comunidades/parceiros). Só conhecendo o verdadeiro objetivo e os instrumentos

pedagógicos da pedagogia da alternância e que todos os segmentos juntos poderão colocá-la por completo em prática.

O plano de formação é para mim o plano de trabalho metas que a escola visa atingir no decorrer do ano no processo pedagógico utilizando-se dos instrumentos pedagógicos.

Neste tempo que estou na EFAGO participei e acredito ter contribuído para a emplatação do plano de formação; sendo que neste ano não participei muito na construção do PF do ensino médio-profissionalizante, mas sente do ensino fundamental como em dezembro de 1999.

Tanto no primeiro quanto no segundo PF contamos com a participação dos monitores/as, alguns alunos/as por séria e alguns dias a presença de membros da associação mais como ouvintes. Ressaltando que as turmas levantaram nomes dos PE que eles gostariam de estudar.

A implantação do PF só nos ajudou no cotidiano, pois temos assim um cronograma e metas visíveis a serem realizadas e já organizadas, evitando assim a repetição dos PE e a aplicação dos mesmos sem planejamentos.

O segundo PF teve como objetivo reorganizar e atualizar os temas dos PE e principalmente reavaliar a aplicação de todos os instrumentos pedagógicos. Essa reorganização foi fundamental e acredito teve sido boa. Não considero nenhum dos e PF melhor que o outro, mas sim que momento que implantamos o primeiro PF na escola alcançamos mais êxito devido a estrutura financeira-pedagógica-administrativa que vivia na época.

Do tempo que estou na escola de 2 anos para o tempo de hoje houve uma queda de interesse por parte dos alunos/as e até monitores/as na aplicação do PF. O processo de ensino-aprendizagem só acontece na pedagogia da alternância quando os instrumentos do PF são colocados todas em prática, o que infelizmente estamos no PF porque a equipe de monitores/as atuais não participou do primeiro, estão conhecendo ainda a pedagogia.

Esta junto com a 8.

Acredito muito na formação que a escola trabalhar porque ele envolve a sociedade nesta relação de ensino-aprendizagem. Gostaria muito dos instrumentos PF, mais particular das intervenções externas (palestra, cursos) que muito enriquece os temas estudados na PE. O que não gosto é ausência dos pais na educação dos filhos, muitos/as passam essa responsabilidade como único e exclusiva da escola, talvez não por culpa deles, mas da conjuntura prática da pedagogia da alternância na escola. Para melhorar essa formação hoje, faz-se necessário resolver a questão financeira da escola, pois esta tornando inviável até mesmo a continuidade da EFAGO.

Infelizmente percebo que a falta da prática fiel dos instrumentos pedagógicos estes levando todos os segmentos envolvidos na pedagogia da alternância a terem descredita por ela.

Particularmente acho positivo a estrutura do PF pois viabiliza o trabalho da pedagogia, propiciando a interdisciplinaridade nas disciplinas e integração com todos os instrumentos pedagógicos.



Não vejo pontos negativos no PF, talvez o negativo vejo os instrumentos que deixamos de colocar em prática.

Acredito que para haver melhor do PF na EFAGO é preciso primeiramente os monitores/as se entregarem realmente a essa pedagogia, assumindo por completo seu papel, só assim teremos conseqüentemente evoluções.

O objetivo da EFAGO com a aplicação dos instrumentos pedagógicos é enriquece o processo de ensino aprendizagem contribuída para o debate, pesquisa, experiência e pratica dentro do temas abordadas nas PE. Sem sombra de dúvidas os instrumentos pedagógicos são importantíssimos no processo de ensino-aprendizagem, nem um melhor que a outro proporcionando a inteiração do conhecimento. Houve uma queda na exploração de alguns instrumentos pedagógico, em contrapartida melhora nos estágios e intervenções externos com cursos promovidos pela Agência Rural e outros, trabalho de psicologia realidade pelo mosteiro, lembrando aqui a realização da semana cultural que for de grande preciosidade.

Embora haja declínio na exploração de alguns instrumentos pedagógicos, vale dizer que estes jamais deixaram de serem trabalhados, com exceção do CR, e que há harmonia dos instrumentos pedagógicos com o que foi planejado no PF, quando trabalhamos algum tema que não esta condizente com o PF é porque achamos ou de outra para bem contribuir de uma forma ou de outra para o processo de ensino-aprendizagem e por ser um tema polêmico e atual que mereça ser estudado.

No que tange aos temas do PF, acho que foram bem escolhidos, pois se levou em conta temas sociais, políticos, econômicos e transversais, distribuídos humano, social, técnico e profissional dos/as jovens.

Está na Nº 11 a resposta.

No primeiro PF acho que trabalhei melhor a interdisciplinaridade do PE com as disciplinas. Neste ano tenho trabalhado e muito para o melhora o ensinar e até aprender. Mas acho que posso fazer melhor.

A falta de conhecimento sobre a pedagogia da alternância por parte de muitos monitores/as faz com que caia nossa qualidade de trabalho, muitos são recém-chegados a escola e não conhecem o PF outros nunca se adaptaram tornando difícil o trabalho em equipe. O PF só é eficaz se todos o conhecerem, espero que o rodízio de professores na EFAGO e que a formação na pedagogia da alternância nos ajude a colocar em pratica todas os instrumentos pedagógicos.

Sinto um distanciamento no relacionamento entre monitores/as e alunos/as, muito vezes não sabemos nem a historia e origem do/a mesmo/<sup>a</sup> esta sendo uma relação de professoro/a para aluno/a.

Sinceramente não vejo por parte da associação e pais a preocupação com a formação dos monitores/as. No que diz respeito á escola vejo sim a preocupação em propiciar essa formação. Faço essa distinção entre associação e escola porque infelizmente criou-se essa separação no decorrer dois últimos anos, sem razão de ser porque ambos são uma entidade só.

A primeira, uma centralização que os próprios pais impuseram e a segunda na pessoa da diretora, e monitores/as.

Na verdade o motivo pelo qual vim trabalhar na EFAGO foi questão de serviço, acho que foi a realidade de todos. Mas a isto levo em consideração o gosto pelo meio rural e a vontade de conhecer essa pedagogia tão bonita e complexo da qual meu irmão me falava tanto na época por estar vivenciando-a gosto muito, aprende muito e tenho muitas coisas para aprender, sobre a pedagogia da alternância e sinto-me feliz ao fazer parte da EFAGO.

Nas escolas tradicionais a relação entre professor/a e aluno e muito a do ensino/aprender e os conteúdos não são tão próximo a realidade do/a jovem. Não há uma preocupação com a formação humana e psico-social do/a aluno/a o objeto único e exclusivo e a formação profissional. Já na EFAGO o objeto é propiciar uma formação humana, social, econômico, política e profissional ao jovem levando em conta seus valores.

Na EFAGO as etapas de ensino têm como objetivo:

Ensino fundamental-proporcionar ao jovem a descoberta de novos valores, uma formação humana e social, e orientação técnica para que ele possa trabalhar com sua família e comunidade.

Ensino médio-além da formação social, política, humana visa preparar o jovem para se inserir no mercado de trabalho.

Ensino profissionalizante - reforça-se a formação humana, social e política, mas principalmente prepara o/a jovem profissionalmente de técnico em agropecuária; para que de posse desses conhecimentos rural local e sustentável.

Na EFAGO eu acredito que se ensina e aprende, esse processo acontece nas disciplinas e na aplicação dos instrumentos pedagógicos.

Para mim a EFAGO tem contribuído para o desenvolvimento rural e local. Sustentabilidade, mas só acontece com um pequeno mínimo de famílias que acreditam e colocam em prática a pedagogia da alternância.

São muitas as sugestões para a mudança no aspecto de ensino-aprendizagem, sendo a primórdio a aplicação verdadeira e fiel do plano de formação. Com êxito neste conseqüentemente outras coisas melhorarão.

## ANEXO 6

### Entrevista realizada com João Batista Begnami – Assessor da AMEFA

#### Roteiro:

- Construção do Plano de Formação na EFAGO
- Motivo da Assessoria – sentimentos
- Quando e Como foi elaborado?
- Participação do Processo de Construção (Motivação dos participantes)
- Contribuição para o Ensino e para a Aprendizagem.
- Contribuição para a Formação Integral do Jovem.
- Facilidades e Dificuldades na aplicação do Plano de Formação.
- Contexto sócio econômico da EFAGO.
- Descrição de alguns aspectos que considerou mais interessante.
- Avaliação da Construção do Plano de Formação.

#### Entrevista :

**ANA:** Estamos na 7ª sessão de Mestrado em Ciências da Educação realizada em São Luis do Maranhão no dia 17 de julho de 2003 e vou entrevistar o João Batista Begnami. Gostaria João que você falasse um pouco do seu trabalho, ou seja de como foi feita a construção do PF na Escola Família Agrícola de Goiás e o que te levou a fazer a assessoria na EFA de Goiás?

**JB:** Então, em primeiro lugar Ana é um prazer poder responder a sua pergunta ou, aliás, as suas perguntas e espero que elas possam contribuir para o seu processo investigativo lá na sua escola e que você tenha um bom trabalho nesse mestrado Internacional que nós estamos fazendo conjuntamente. Então, eu te conheci lá em Minas Gerais em 1998, em maio de 98, quando você iniciou a fazer a Formação Inicial e, então, naquela época a gente estava também começando a experimentar um processo de acompanhamento de formação de monitores. Era a primeira vez que eu estava fazendo, no nosso caso de Minas Gerais, a formação de monitores e vocês de Goiás vieram participar conosco.

Então, a minha função na UNEFAB é a Coordenação da Equipe Pedagógica Nacional e na AMEFA assessoria pedagógica às Escolas Famílias de Minas Gerais. Não sei se é isso que

você queria saber da minha função. Atualmente meistrando como você em função da melhoria deste trabalho que nós fazemos é, como diria, com a missão de estar acompanhando os monitores através de visitas pedagógicas nas escolas e também acompanhando o processo formativo, o processo mais formal, através da formação inicial, através da formação continuada.

É, bom você me pergunta o que me levou a trabalhar com vocês o Plano de Formação na sua Escola, não é mesmo? Então, pelo que eu me lembro eu fui trabalhar o Plano de Formação lá na sua Escola porque vocês me convidaram né, e quando eu sai de Minas Gerais para dar uma contribuição a vocês numa Escola do Estado de Goiás, não fui em nome da minha Regional AMEFA, eu fui em nome da UNEFAB. E, eu fui porque vocês nos convidaram para essa atividade de construção, de esquematização do Plano de Formação. Eu tenho impressão que surgiu dentro do processo da sua formação pedagógica inicial, refletindo a partir da experiência de vocês, refletindo nas várias sessões de formação que aconteciam lá em Minas Gerais. Vocês perceberam que era necessário trabalhar o Plano de Formação na sua Escola. Sendo que vocês tinham um Plano de Formação, vocês estavam querendo reconstruí-lo. Compreender melhor esse Plano de Formação e adequá-lo à realidade de Goiás. Então eu penso que foi nesse contexto que eu surgi nessa história lá em Goiás.

**ANA:** Então, João você se lembra a data quando foi feita a construção do Plano de Formação e como foi feita essa construção? Como foi a participação dos monitores? Como que aconteceu?

**JB:** Olha Ana, agora eu vou ter que apelar para minha memória né, porque eu me lembro do fato: quando chegamos na escola tinha acontecido uma chuva que levou a ponte. A gente ia numa camionete até a beira do rio e lá a gente tinha que atravessar a pé e andar um trecho a pé até a escola. Eu me lembro que era uma ocasião de chuva. Penso que era exatamente, talvez, mês de dezembro, era final de ano, eh! Um tempo muito chuvoso. Me lembro que estava em Brasília num encontro da CONTAG onde fui falar representando a UNEFAB num encontro sobre a Educação do Campo, e eu viajei de Brasília para Goiânia conhecendo o Estado de Goiás.

De Goiânia eu peguei um ônibus para Goiás e cheguei à tarde. Enquanto não iam me pegar na rodoviária eu fiquei vendo o último jogo do campeonato brasileiro, inclusive com um time lá de Minas Gerais. E eu fiquei na rodoviária, debaixo de uma chuva. Fiquei vendo o jogo do Atlético. Quando terminou, passado aí uma, mais de uma hora, que eu estava lá na rodoviária é que chegou alguém para mim pegar. Era aí então, exatamente, mês de dezembro de 99, porque já estava no fim do ano, né.

É..., bom enquanto a questão do envolvimento dos monitores eu lembro que no início eu estava um pouco apreensivo porque não tinha ninguém na escola, já era final de ano, já não tinha mais aluno na escola. Eh! Eu me lembro que na primeira parte da manhã, na segunda-feira que era o início do nosso encontro e eu fiquei sozinho na escola porque os monitores foram para a cidade para resolver algum problema, alguma coisa, e eu fiquei sozinho na escola e esse ficar sozinho na escola achei muito interessante porque me ajudou a repensar, refletir e eu acabei montando um esquema para trabalhar o Plano de Formação com vocês de uma forma mais criativa. Foi ali, naquela manhã, sozinho que eu consegui trabalhar com vocês uma metodologia com tarjeta e aí idealizei um local perto do refeitório que tinha muito espaço, parede, onde podia colar papel. Então, quando vocês retornaram da cidade de tarde eu já tinha todo um esquema para poder envolver vocês no trabalho.

Eu me lembro que foi um trabalho muito positivo porque nós discutimos como construir um Plano de Formação, o que compõe um Plano de Formação. Ou seja, os conteúdos componentes. Depois, vimos os objetivos gerais da escola, os objetivos específicos de cada

série. A partir dos objetivos, e a partir da realidade, fomos estabelecer os temas dos Planos de Estudos. Depois organizar esses temas numa sequência progressiva da 5ª a 8ª série. Isso foi feito de uma forma muito participativa, com muito envolvimento de toda a equipe né, e depois eu me lembro que quando chegamos naquela parte da organização transversal das disciplinas juntando com os temas a gente teve muita discussão né, mas a gente conseguiu chegar no final do processo onde cada monitor/a pode trabalhar os seus planos de cursos, ou seja, os conteúdos de suas disciplinas, de uma forma interligada, né, distribuindo os temas ao longo do ano, ao longo das sessões, ligando com os temas geradores. Eu me lembro que isso foi feito, foi produzido com muita participação dos monitores, tinha momento que cada um saía a trabalhar sozinho, teve momento de trabalho de grupo e após cada momento desse, vinha a socialização e onde utilizávamos as tarjetas de forma que ao final tínhamos um grande painel construído naquele refeitório. E eu me lembro, por exemplo, de áreas como a matemática, que havia resistência na organização do plano ligando com os Planos de Estudos, aliás, ligando com os temas dos Planos de Estudos e principalmente havia resistência a essa forma de organização de planejamento e que no final o pessoal percebeu que deveria ser assim mesmo, que assim dava mais certo né, e eu ainda me lembro que neste contexto todo, foi só aquela professora da área de espanhol que teve mais resistência e que nós não conseguimos dialogar com ela, mas os demais monitores todos entraram na dinâmica e participaram muito bem.

**JB:** Ah agora eu não me lembro mais o nome.

**ANA:** Quando você fala dos participantes, você se refere a equipe de monitores, houve mais alguém que participasse, os atores da Pedagogia da Alternância não são só os monitores, além da equipe?

**JB:** É... eu me lembro de um casal de alunos que vocês é... Pediram né, para que eles ficassem na escola e representassem os alunos. Eles participaram. Eu não me lembro mais, seria interessante pais né? Eu não me lembro agora se vocês fizeram um trabalho prévio, porque, na verdade, naquele momento ali, era um momento específico nosso dos monitores, porque no processo da construção do Plano de Formação, se nós formos relembrar aí os passos metodológicos é... você teria que ter, inicialmente, um diagnóstico da realidade. Esse diagnóstico deve ser construído junto com os alunos e com os pais, num momento anterior àquele que nós estávamos ali. É... Você junto com os pais e alunos pode fazer a partir do diagnóstico feito, previamente, todo um levantamento de temáticas, que estejam coniventes com esse diagnóstico com essa realidade que vocês levantaram, bem como construir os objetivos da escola. O aluno que vocês querem formar, ao final tem que estar conivente com este diagnóstico. Estes objetivos têm que ser decididos a partir desse diagnóstico. Eles podem ser também decididos antes daquele momento de nós estarmos ali e os atores a participar disso são os monitores, os pais, os alunos e outros parceiros da escola. Eu não me lembro bem agora se todo esse processo aconteceu antes, mas eu me lembro que haviam dois alunos que estavam ali para representar os colegas naquele momento. Eu diria que a participação deles foi uma participação boa, mas não era necessária a presença deles ali naquele momento, que era um momento mais de elaboração, de sistematização de um conjunto de elementos que teriam que ter previsto a participação deles anteriormente, ou seja, na discussão do diagnóstico. Na elaboração dos objetivos, no levantamento dos temas, de acordo com os objetivos. São passos que devem ser feitos antes daquele momento de sistematização que era do compromisso, da responsabilidade da equipe técnica, quando me refiro à equipe técnica, estou falando dos monitores.

**ANA:** Então João, você sentiu que esse Plano de Formação elaborado na Escola Família Agrícola de Goiás teria contribuído para o ensino dos alunos, para facilitar o ensino e também ao mesmo tempo contribuído para a aprendizagem dos alunos, que aspectos desse Plano de Formação poderia ter ajudado? Quando foi elaborado? Quando que poderia estar a escola assumindo o seu trabalho?

**JB:** Olha, quando a gente tem um plano, um planejamento a gente sabe onde quer chegar. O plano é pra isso e não significa que ele está pronto. Ele é uma orientação que naquele momento foi feito. Ao longo da execução essa orientação pode ir se adequando na medida que a realidade solicita adequações. Então, ele não é uma camisa de força, mas de qualquer forma o plano é fundamental tem que saber como diagnosticar e eu tenho suposições de que aquele planejamento iria trazer um norte para a escola. Primeiro a Pedagogia da Alternância prega que o processo ensino-aprendizagem deve partir sempre da prática. O Plano de Formação organiza as atividades na escola, buscando essa integração da vida do aluno em casa com a vida escolar. É de propósito que o Plano de Formação organiza essa questão: o ir e vir da escola – família e família – escola. O Plano de Formação como está organizado? Com temas e atividades, com pesquisas, então, essa articulação é fundamental para o seu processo ensino-aprendizagem na alternância. Outra coisa importante, o Plano de Formação otimiza o processo, todo o processo. O que eu quero dizer com isso? Você vai organizando tudo que você vai fazer em cada sessão é... você pode estar selecionando previamente o que pode ser trabalhado dentro da realidade que o aluno vive, dentro da realidade ali do município, você já, organiza de certa forma os conteúdos que pode ser melhor adequados para a pesquisa, aprofundadas ao longo do ano. Então, ele otimiza, ele ajuda a otimizar o processo ensino-aprendizagem e por outro lado uma vez que ele é discutido com os alunos e com as famílias faz com que a família se responsabilize mais pelo acompanhamento dos alunos é... nos temas que eles vão estudando ao longo do ano. Então, eu percebo assim.

Há um outro elemento: planejar os conteúdos das disciplinas. Muitas vezes o que ocorre nas nossas escolas é que as atividades dos Planos de Estudos são feitas, os alunos pesquisam, estudam a realidade e esses Planos de Estudos viram quase que uma disciplina, um conteúdo à parte porque quando o aluno traz a pesquisa para a escola morre ali na Colocação em Comum. Não há uma seqüência nas disciplinas que são estudadas. As matérias estudadas não são relacionadas. Elas, muitas vezes, não estão articuladas com o Plano de Formação. Ele possibilita a gente estar buscando alternativas adequadas. A gente não consegue cem por cento em todos os temas, em todos os conteúdos, mas na medida do possível, a gente vai trabalhar de uma forma mais articulada. Então, outro aspecto importante do Plano de Formação que eu vejo é que ele, ele é... ajuda a acompanhar melhor os alunos, é... a fazer com que eles pesquisem mais, e pensem mais na sua realidade e aí busque é... Alternativas pra vida deles, porque quando estou falando aí de alternativas de, de alternativas profissionais então o Plano de Formação ele é montado não só em vista de melhorar o processo ensino – aprendizagem, na minha visão, quando nós trabalhamos lá eu estava também preocupado, e eu acho que essa é uma preocupação da Escola Família. Mais do que minha preocupação, é que não só otimiza o processo ensino – aprendizagem, porque quando você parte do concreto, você otimiza, você facilita mais o processo ensino – aprendizagem, mas no caso da escola Família o Plano de Formação também está em vista de uma, de um processo de tradição de construção do projeto profissional do jovem. Então é... um processo de escolarização e também de profissionalização e o Plano de Formação, tem que ter uma preocupação com a profissionalização do aluno.

**ANA:** Então você poderia falar um pouco mais o que acha com relação ao processo ensino – aprendizagem. Podemos dizer que o Plano de Formação ajuda na formação integral dos jovens, que é um dos pilares das EFAs?

**JB:** Olha é... eu penso que se ele for planejado , bem planejado e bem executado, sim. Ele contribui para o processo de formação, você disse integral né? Do aluno, porque o Plano de Formação não só prevê trabalhar com disciplinas, ele organiza todo um conjunto de atividades na escola, não é só trabalhar conteúdos disciplinares. Por que aí nós estaríamos trabalhando numa dimensão do ser humano, que é a dimensão intelectual, cognitiva. Então o Plano de Formação quando bem, bem planejado ele tem um conjunto de atividades que envolvem outras dimensões, por exemplo, a dimensão emocional, a convivência, o internato, as atividades, o serão, por exemplo, à noite, ela tem outros aspectos, não só aspectos escolares. A dimensão profissional, o desenvolvimento do saber fazer né, trabalhando com a profissionalização. Há aí um saber fazer, que envolve tanto os saberes fazer da família, do jovem em casa com as teorias que são desenvolvidas com relação a estes saberes da agricultura, zootecnia, por exemplo, né, sem desfazer da cultura popular, levando em consideração a cultura popular, então quando o Plano de Formação, está bem estruturado, quando o ponto de partida realmente é a realidade do aluno, sua cultura, seu modo de ser, a sua vida, todos os seus conhecimentos, ele está contribuindo para uma formação integral, porque aí nós não ficamos só na transmissão de conhecimentos, Éh! Nós não estamos somente nessa lógica de transmissão. E além do mais, no Plano de Formação, ele não está nessa lógica, os conhecimentos disciplinares. Eles estão em evolução, eles estão em diálogo com os conhecimentos prévios que os alunos trazem, né. Isso é uma questão, a outra eu acho que não basta a gente ter no papel um Plano de Formação com tudo articulado. Isso tem que ser executado, para isso nós temos que ter recursos humanos né, a equipe tem que ter uma postura. Na linha de buscar trabalhar com a formação integral e, por exemplo, o monitor que trabalha com Português ou o monitor que trabalha com Matemática, ele pode ter uma postura que vai ajudar a um processo de formação integral, eu posso trabalhar com um conteúdo de matemática, de português visando não só o intelecto da pessoa, mas envolvendo também o coração, a emoção, é... trabalhar na dimensão de formação global, que o ser humano não é só intelecto. Nós temos que envolver o coração, o sentimento, a parte sentimental no processo educativo, não é? A formação integral não depende só dos conteúdos que estão previstos lá no Plano de Formação, portanto, depende de toda uma postura, de um modo de ser da equipe que vai executar esse plano, né, que vai estar preocupada com essas dimensões. Somos seres que relacionamos, temos muitas outras dimensões. Acho que depende do Plano de Formação e depende também da equipe que executa o Plano de Formação.

**ANA:** João, você falou de vários aspectos do Plano de Formação, você poderia pontuar as maiores facilidades de trabalhar, de ter um Plano de Formação e quais são as dificuldades para aplicar esse Plano de Formação no dia-a-dia na EFA?

**JB:** Então vamos compreender essa pergunta. Primeiro você disse quais são as facilidades? Para se construir?

**ANA:** Para aplicar o Plano de Formação?

**JB:** Ah! Bom, primeiro que eu diria assim que do ponto de vista das facilidades, ele organiza a vida da escola, não é? Você tem um planejamento, isso facilita. Você sabe o que deve ser feito ao longo do ano, você tem um norte, uma carta de navegação. Vamos dizer assim né, você sabe de onde você parte, e onde você deve chegar. Então, isso facilita. Isso é importante.

Do outro lado, como eu já disse no momento anterior, você tem todas as atividades organizadas, planejadas, não significa que isso vai acontecer, tudo daquele jeitinho, é uma previsão, é uma orientação, né. Eu não conseguiria trabalhar num ambiente sem ter um planejamento, eu acho que o Plano de Formação facilita o trabalho nesse aspecto da organização, de onde você quer chegar. A gente trabalha por objetivos, né, e é claro, respeitando as necessidades do momento e o andar da carruagem que vai determinando outros aspectos que a gente pode estar introduzindo ou eliminando do plano.

O que eu diria de dificuldades, primeiro, os recursos humanos, às vezes, a gente tem um bom plano, mas não tem as pessoas adequadas, com uma formação adequada para executar aquele plano. Eh! Às vezes as pessoas não acreditam que possa trabalhar nesta perspectiva diferenciada que a gente trabalha né. Então, isso é um problema, um problema dos recursos humanos, a resistência das pessoas. Por outro lado, às vezes, as pessoas não são tão resistentes, elas têm boa vontade, mas não tem uma formação, não estão bem preparadas. Eh. E por outro lado, os recursos materiais. Você vai trabalhar um tema e não tem ali muitos recursos para aprofundar. Você fica, às vezes,... o tema fica muito no dado empírico que os alunos trouxeram, depois você não tem condições de aprofundar, então falta recursos materiais. Quando faltam recursos materiais, aí está um fator limitante para o Plano de Formação ser executado. Depois, o fator tempo também. Se a gente não for muito rigoroso com o tempo, não for metódico vamos dizer assim, rigoroso, né, com o tempo, a gente corre o risco de ir protelando muitas coisas que deveriam ser feitas e não são feitas porque a gente atrasou num tema e outro ficou para trás. Então a gente tem que ter um certo cuidado com o rigor, tem que ter um certo rigor com tempo para que as coisas aconteçam. Eu já disse várias vezes, o plano é um guia e ele não é uma camisa de força, a gente tem que ter o cuidado pra não virarmos meros executores daquilo que está ali prescrito, então agora tem que executar, mas eu digo assim que a gente não pode trabalhar de uma forma frouxa, tem que ter um rigor, tem que ter uma consistência, né... e isso é um fator limitante quando não há uma boa coordenação desse processo, uma boa gestão do tempo pra que realmente as coisas aconteçam devidamente na escola.

Depois eu vejo como um grande fator limitante para a execução do nosso plano, né, desses Planos de Formação, é o fator recurso financeiro. Então, o recurso financeiro, ele é necessário para você realizar uma visita de estudo com os alunos, às vezes, foi previsto uma visita e a gente não realiza porque não conseguiu o ônibus, não conseguiu fazer a viagem. É, e assim vai, às vezes, o monitor que não recebe o dinheiro devidamente, o salário, ele fica desmotivado. Então, tudo isso são fatores desmotivantes, né. Eu diria que nos recursos humanos e financeiros estão um grande problema que a gente tem que buscar resolver para aquilo que foi planejado seja realmente executado.

**ANA:** João, você falou que para que o Plano de Formação aconteça favoravelmente depende de uma boa coordenação e uma boa gestão, de quem seria essa coordenação?

**JB:** Olha, eu vou falar a partir da minha experiência. Quando era um monitor e coordenava também uma escola, percebia que as coisas andavam bem, porque a gente conseguia, sem falsa modéstia, fazer uma boa coordenação, uma boa gestão da equipe, que então esta, eu acho, é uma função do diretor da escola, do coordenador, e, portanto, ele precisa ter uma capacidade de animação, de coordenação de equipes. Aí ele precisa ter uma autoridade na equipe. Ele precisa ter, não só isso, essa capacidade de liderança, mas também a capacidade pedagógica. Ele tem que conhecer profundamente a proposta pedagógica e saber conduzir essa proposta junto com a equipe. É muito importante a reunião pedagógica, não que ele tem que coordenar as reuniões, mas ele estar presente e animando essas reuniões, qualquer um da equipe pode estar coordenando, mas ele tem, ele deve estar sempre presente, pelo menos



nesses momentos. Se fazer presente e participar junto com a equipe das decisões, eh! Do dia-a-dia na execução do Plano de Formação, né. O Plano de Formação, deve estar exposto numa parede bem visível dentro de uma sala, onde os monitores trabalham e o coordenador, ou diretor, deve ser alguém que esteja animando, incentivando a equipe toda a estar observando aquele planejamento ali. E as reuniões metódicas, né, as reuniões a cada semana, elas vão adequando esse Plano de Formação. Esse processo de reuniões permanente, discussão permanente no coletivo depende muito do coordenador, tem que ter alguém que puxa esse processo, e coordenador tem essa função.

**ANA:** Outro aspecto que eu gostaria que você esclarecesse é sobre a questão da teoria e prática, você fala em vários momentos que na família tem a prática e na escola a teoria, que é a união né, da teoria e prática. Como que você vê essa questão nas EFAs que você conhece, realmente se tem a prática na família, na escola como que é, é... teoria? Como você vê isso, o Plano de Formação contribui para o desenvolvimento da prática na escola e na família?

**JB:** Muitas vezes a gente percebe que o que está escrito no papel e planejado, o que nós dizemos, está distante do que nós fazemos. Este para mim é um grande desafio, quase que em todas a EFAs. Então, quando eu respondi para você aquela pergunta que você me perguntava o que que o Plano de Formação facilita, eu disse, essas são umas das respostas àquela pergunta também, porque o Plano de Formação articula a teoria com a prática. É uma proposta de articulação do vivido, da prática do trabalho na família com o que deve ser aprofundado na escola, ou seja, o que deve ser aprofundado na escola deve ser a partir daquilo que é vivido na prática, com o que é experimentado na prática. Nós temos, eu vejo hoje assim, no nível do ensino médio isso é mais comum, essa articulação porque nós estamos trabalhando com jovens e há uma preocupação cada vez mais hoje, de construir um projeto profissional e aí os jovens se implicam mais. No nível do ensino fundamental nós estamos trabalhando com crianças, pré-adolescentes e que não têm ainda muita experiência com o trabalho em casa. A cultura do trabalho, como antigamente aqui no Brasil, a gente começava a trabalhar aos 7 anos. A gente vem de uma cultura de trabalho, hoje a gente percebe que as crianças cada vez mais trabalham menos, e isso de uma certa forma, é até bom, as crianças precisam estudar mais e brincar mais, né, e então, nós estamos com uma realidade hoje de adolescentes, pré-adolescentes na Escola Família e que aí nós temos que desenvolver mais a escola ativa, e menos a Pedagogia da Alternância, porque a Pedagogia da Alternância, tem implicações com o mundo do trabalho, com a experiência com o trabalho, então o jovem na Pedagogia da Alternância, ele deveria estar também se envolvendo com a experiência do trabalho, com a experiência no campo social, responsabilidades, né, com associações, com grupos e tal. Então, com adolescentes isso não é muito forte. Ele está ainda muito voltado para o lúdico, né. Então eu vejo um grande desafio trabalhar alternância naquilo que a alternância se propõe, com crianças e pré-adolescentes. Então, nesse caso, com crianças e adolescentes eu vejo muito escolarização nas Escolas Famílias. A escola está muito mais voltada para a teoria, para os conteúdos escolares, muito pouco com a prática, mas é por causa dessa circunstância, a idade física, psíquica desses alunos tem que ser respeitada. E nós temos que rever a prática em relação a eles. Agora com os jovens no nível médio, na escola secundária e a formação profissional, eu já vejo diferente.

O Plano de Formação busca essa articulação da teoria com a prática. Eh! Não que na escola seja só teoria e na família seja somente prática. Nós não podemos fazer essa divisão assim. A teoria e prática andam juntas, né. Quando estamos fazendo, estamos também pensando e quando estamos pensando podemos também fazer. Na escola também tem experiências. O que é importante é o ponto de partida. Como é que a gente parte, de que ponto o conhecimento é dado e que para nós, entre nós, entendemos que na Pedagogia da Alternância

o Plano de Formação quer, exatamente, fazer isso. Ele quer fazer com que todo o conhecimento seja feito no processo construtivo, que ele não venha primeiro, que não venha primeiro a teoria na escola, mas que a gente possa trabalhar a teoria sim, mas sempre a partir dos conhecimentos que o aluno já trás, se é que ele tem conhecimento naquela área que vai ser trabalhada, do ponto de vista teórico. Sempre é esse ponto, esse é o ponto de partida e o Plano de Formação faz exatamente isso. Quando você elenca os temas de Plano de Estudo eles estão relacionados com a prática, com a realidade do aluno. Então se você trabalha respeitando aqueles temas geradores, os eixos geradores que vem da realidade, então você está respeitando os princípios da Pedagogia da Alternância.

**ANA:** Então João, voltando lá na construção do Plano de Formação na EFA de Goiás deu para você perceber o contexto sócio econômico em que a EFA está inserida? E qual é esse contexto e se facilitou para a construção do Plano de Formação?

**JB:** Eu me lembro que a gente conversou muito sobre isso. Nós estávamos numa escola que atende alunos, filhos de agricultores familiares, na sua maioria filhos de assentados. Eh! Naquela época eu fiquei sabendo que a cidade de Goiás, proporcionalmente, é a cidade que possui maior número de assentamentos no Brasil. Portanto, uma realidade de agricultura, a economia da cidade baseada na agricultura, agricultura familiar e numa história recente de luta pela terra, de conquista da terra, de luta pela terra. Eu percebi que a escola estava nesse contexto, de fortalecimento dessa luta pela terra. Embora percebi também, pela fala de vocês, eu me lembro muito bem disso, que havia uma preocupação muito grande, inclusive era um dos motivos pelos quais vocês queriam trabalhar o Plano de Formação. Os jovens não estavam nesta lógica da luta dos pais, embora os pais tivessem lutado pela terra, os jovens sentiam e sentem um grande apelo pela cidade, pelo mundo urbano, é..., e que vocês estavam preocupados com isso, né. Bom, eu me lembro da cidade de Goiás, cidade histórica, que tem um apelo forte pelo turismo, né. Engraçado que hoje eu faço uma avaliação. Nós não fizemos, pelo menos eu não me lembro nenhuma relação desse fato de Goiás ser uma cidade histórica e turística. Nós não relacionamos isso no Plano de Formação, o Plano de Formação ficou extremamente agropecuário.

**ANA:** Então, terminando nossa entrevista, eu queria que você colocasse algum ponto que te chamou a atenção, algum aspecto, ou que você achou interessante, que você não colocou ainda e se já colocou, que você fizesse uma avaliação da construção do Plano de Formação em Goiás, da sua assessoria, como que você sentiu, como que foi e se você acompanhou depois a EFA de Goiás, se você ficou sabendo como atuou o Plano de Formação, enfim as suas considerações finais.

**JB:** Bom, depois dessa ida na escola, eu só pude acompanhar o processo a partir das suas falas, dos seus depoimentos, dos seus testemunhos em outros encontros, em outras oportunidades que nós tivemos. Você mesma fez um trabalho refletindo sobre, avaliando a execução desse Plano de Formação. E a oportunidade que eu tive foi de ler esse trabalho que você fez, né, rememorando aqui a formação pedagógica inicial que realizamos lá em Minas. Você tinha que apresentar para concluir o seu estudo, o seu processo de formação. Você teria que, ao longo de um ano, fazer a observação e a experimentação de um tema e você escolheu exatamente o Plano de Formação. E você fez um trabalho, você fez um relato do que era antes e do que foi a partir daquele momento que vocês passaram a vivenciar aquele Plano de Formação. Eu me lembro que você fez várias considerações positivas e também os limites que ficaram, que ainda existiam, né, e que na verdade ficou muito bom o trabalho e essa foi uma grande fonte de informação que eu tive relacionada com o processo da escola, né. Bom, foi

isso, exatamente depois quando eu fui trabalhar acompanhando uma outra turma de formação pedagógica inicial do seu regional, na AEFACOT, eu fiquei praticamente nas três sessões do primeiro ano, acompanhei e ouvia informações que vocês passavam em relação ao Plano de Formação na escola.

Bom, foi isso, agora a minha avaliação que faço, para mim foi um grande aprendizado estar trabalhando com vocês. Naquela oportunidade eu pude descobrir, por exemplo, uma metodologia de trabalhar o Plano de Formação, que até então não tinha experimentado e me surgiu lá naquela manhã que eu fiquei sozinho, que até naquele momento eu não tinha claro como é que eu ia trabalhar com vocês e o sistema de painel com tarjetas, eu nunca tinha trabalhado, foi a primeira vez e depois daquela experiência ali, eu trabalhei em várias outras escolas aperfeiçoando esse sistema, porque ele dá possibilidade de fazer com que todos visualizem o processo de construção. Ele dá mais oportunidade de participação a todos e eu considero que ali naquele momento naquela assessoria construí uma metodologia de trabalhar o Plano de Formação junto com as escolas lá em Minas. Vocês me oportunizaram este aprendizado. Descobri lá e fiz em outros lugares. Deu certo e tem dado certo em outros locais. O que é mais importante quando a gente vai construir o Plano de Formação é a gente ter os elementos, por exemplo, o diagnóstico, todo esse trabalho prévio, que são passos prévios e aqueles passos ali que nós trabalhamos era um dos últimos passos no processo de construção do plano, que era a sistematização do plano e então eu vejo que foi uma experiência muito positiva. Eu fico feliz de ver como é que esse plano tem rendido lá na sua escola, né, você até hoje está preocupada com ele.

**ANA:** Então João, a gente vem aplicando o Plano de Formação, claro que tem as dificuldades e as facilidades também, mas com certeza ele contribui e pelo que você falou nessa assessoria sua do Plano de Formação você foi para ensinar e você também aprendeu, né. João com certeza, então comprovando a questão do processo ensino-aprendizagem e que o Plano de Formação está né, nesse sentido de trabalhar o processo ensino-aprendizagem dos atores da Pedagogia da Alternância.

Gostaria de te agradecer pela entrevista. Espero e tenho certeza que vai contribuir muito na minha pesquisa. Nesse processo de investigação da construção do Plano de Formação e os seus efeitos no processo ensino-aprendizagem na Escola Família de Goiás. Mas que sirva também para outras EFAs, né, que possa também contribuir com as outras escolas.

**JB:** Muito bem.

## ANEXO 7

## PLANO DE FORMAÇÃO DA 8ª SÉRIE

Ano: 2000

Alternância	Atividades Complementares (Instrumentos Pedagógicos)			
	Plano de Estudo	Colocação em Comum (enfoques)	Viagem de Estudo	Intervenções Externas
1ª	Introdução-motivação do p.e. quem sou eu?	(1ª semana)- Introdução (2ª semana) – Motivação do PE – ‘Quem sou eu?’ – Convidar um profissional da psicologia para fazer esta motivação.	X	X
2ª	Quem sou eu? introdução ao projeto profissional (pp)	Refletir sobre os três anos de vivência/experiência na EFA – elaborar um texto sobre “Quem sou eu? – auto conhecimento (minhas habilidades pessoais e relações com outras pessoas da área vocacional que estou optando o que eu mais gosto de fazer)”.	X	Testemunho de profissionais diversos da região – participação de um profissional da área de psicologia na colocação em comum
3ª	Primeiro estágio profissional (acompanhamento pp)	Escolher uma profissão para fazer o estágio – elaborar um roteiro para o estágio – observar e praticar durante o estágio – entrevista com o responsável pelo acampamento – avaliação do responsável – Auto avaliação – Conclusão	X	Uma vez por mês, palestra com psicólogo “descoberta vocacional”

		pessoal		
4 <sup>a</sup>	Criação de gado de corte (acompanhamento pp)	Sistema de criação – Raça – tipos de reprodução – técnicas de manejo – instalações – alimentação (campineiras e sais minerais) – Saúde (controle de pragas e doenças biológica e química) – Comercialização.	A combinar com o produtor de gado de corte	Curso com o técnico do projeto Lumiar (Junior) Discôrnica
5 <sup>a</sup>	Gado leiteiro e o leite (acompanhamento pp)	Sistema de criação – Raça – tipos de reprodução (natural e artificial) - técnicas de manejo – instalações – alimentação (campineiras e sais minerais) – Saúde (controle de pragas e doenças biológica e química) – higiene na ordenha uso e arma.	Em Itaberaí João Rodrigues (produtor de leite)	Curso com o Zootecnista da Emater (Colemar) Inseminação artificial
6 <sup>a</sup>	Segundo estágio profissional (primeira avaliação pp)	Escolher uma profissão para fazer o estágio – elaborar um roteiro para o estágio - observar e praticar durante o estágio – entrevista com o responsável pelo acompanhamento – avaliação do responsável – Auto avaliação –	X	Uma vez por mês, palestra com psicólogo “descoberta vocacional”

		Conclusão pessoal		
7ª	Relação do urbano com o rural	Diferença entre o campo e a cidade- mudanças que ocorreram nos jovens que foram para a cidade – preconceitos com a zona rural – Influência da cidade no campo – êxodo rural e urbano – O jovem, o namoro e o casamento na zona rural e na cidade – diferenças	X	Palestra sobre ruralidade e urbanidade (Luismar ou Luis Antônio Orio)
8ª	Terceiro estágio profissional	Escolher uma profissão para fazer o estágio – elaborar um roteiro para o estágio - – observar e praticar durante o estágio – entrevista com o responsável pelo acampamento – avaliação do responsável – Auto avaliação – Conclusão pessoal	X	Uma vez por mês, palestra com psicólogo “descoberta vocacional”
9ª	Conclusão do projeto profissional	X	X	X
10ª	Apresentação e avaliação do pp	X	X	X

Alternância	Atividades Complementares (Instrumentos Pedagógicos)			
	Experiências	Atividades de Retorno	Visitas as Famílias	Estágios
1ª	X	X		
2ª	Iniciar a escrever o projeto profissional	Apresentação (conversa) com os pais sobre o projeto profissional que pretende desenvolver		
3ª	O estágio propriamente	Relatório do estágio e elaboração do projeto profissional	Visita mais voltada para busca do apoio da família ao projeto profissional do filho	Estágio profissional
4ª	X	Descornar o gado da comunidade		
5ª	Desenvolver produtos biológico para prevenção e combate as pragas e doenças no gado leiteiro	Transmitir sobre o curso de derivados do leite para a família e comunidade		
6ª	O estágio propriamente	Relatório do estágio e elaboração do projeto profissional		Estágio profissional
7ª	Fazer uma palestra na comunidade sobre urbanidade e ruralidade	Fazer um relatório sobre urbanidade e ruralidade		
8ª	O estágio propriamente	Relatório do estágio elaboração do projeto profissional		Estágio profissional
9ª	X	Elaboração do projeto profissional		
10ª	X	Projeto profissional		

Alternância	Formação Geral (Base Nacional Comum)			
	Português	Matemática	História	Geografia
1 <sup>a</sup>	Introdução – Diagnostico do conhecimento do aluno através de interpretação e produção de textos – dinâmicos de interação – apresentação do programa estudo de uma letra de música sobre profissões (caçador de mim) produção de um texto narrativo	Introdução – boas vindas aos alunos – apresentação as plano de formação perspectiva para 2000	Memória da sétima série, dinâmica de integração – o Brasil no contexto mundial: república situar-se nos tempos/espaço – introdução a história moderna – a Europa no século 19 – a América Latina Independente.	Memória da 7ª série – Dinâmica de integração – Introdução a geografia política-o avanço da industrialização e o desenvolvimento tecnológico – a formação dos grandes mercados e as alianças econômicas
2 <sup>a</sup>	Leitura literária para vivenciar o imaginário Quem sou eu? Introdução de textos descritivos (quem sou eu?) – curriculum vitae – emprego adequadamente de acordo com as normas de língua padrão expressão conotem o tempo e o modo de realização	Radicais (propriedades, simplificação, racionalização, operações).	A 2ª revolução industrial – Ascensão das novas potencias econômica na segunda metade do século 19 – A influencia do capitalismo no Brasil a questão da mão-de-obra (trabalho escravo x trabalho assalariado) imigrações	A questão do trabalho - automação e desemprego – Goiás, um estado agrário – política de desenvolvimento do estado de Goiás – Alternativa produtivas x concentração de terras
3 <sup>a</sup>	Leitura literária –	Gráficos	História da	(continuaç



	noções de literatura (obras literárias , bibliográficas) musicas ou poesia literárias relacionadas com o boi – Resumo de textos organização de parágrafos em seqüência lógica – acompanhar a produção de textos do projeto profissional	estatísticos representatividade de das pessoas em inúmeras de profissões	produção agropecuária em Goiás – trabalho x desemprego no campo – produção e melhoramento de raça na cidade de Goiás	ão) trabalhar com textos que demonstrem a busca de alternativas de produção e renda (agroindústria – cooperativas agregar valores aos produtos dos campos)
4 <sup>a</sup>	Leitura informativa para formar opinião – criação de gado de corte (musica , poesia, literatura do boi) – interpretação – produção de textos dissertativos – empregar concordância verbal -acompanhar a produção de projetos profissional – resumo.	Equações do segundo grau (completo e incompleto)	A república e a formação das oligarquias rurais/ Goiás modernidade do Brasil e dependência do capitalismo internacional urbanidade e industria no Brasil	Estudo sobre o gado: a geografia (AL,EUA, Europa, Ásia) tecnologia , com são os países produtores de boi
5 <sup>a</sup>	Leitura informativa – gado leiteiro e o leite – interpretação – produção de texto dissertativo – acompanhar a produção de texto dissertativos – acompanhar a produção de projeto profissional curriculum vitae – leitura de textos, revistas e jornais – emprego adequadamente os pronomes pessoais.	Problemas do 2º grau (forma bascara) – problema do cotidiano (produção, comercialização , reprodução...)	A república e a insatisfação popular (canudos, contestado, chibata, vacina, sindicatos, marcha dos tenentes) – a cultura moderna (semana das artes)	(continuação) geografia do boi – leite e corte (estatística , forma de produção mercado)
6 <sup>a</sup>	Acompanhamento da produção de projetos profissional –	Continuidade da equação do segundo grau	Primeira guerra – as potencias em guerras e	Sistema político – econômico

	organização de parágrafos, pontuação e acentuação, concordância verbal – empregar adequadamente orações adverbiais temporais reduzidas de infinitivo, gerúndio – empregar adequadamente orações adverbiais.	(discriminante)	influências – crise do mercado - crise do capitalismo – ascensão dos EUA – 1929 – a questão da bolsa de valores de NY	o ideologia (o que é ?) – projeto político ideológica – música (Cazuza, Titãs)
7 <sup>a</sup>	Leitura formativa para formar opinião sobre a relação do urbano com rural (lendo Juá Tatu – livro Urupês) – interpretação de texto – produção de texto dissertativo a partir do P.E.(organização de parágrafos, pontuação e acentuação) – acompanhamento	Reações trigonométricas no triângulo no retângulo – geometria	Fim da república café com leite e o estado centralizado (constituição de 34, voto da mulher) – ditadura (perseguição aos trabalhadores e golpe de estado 37, CLT – critério) investimento na industrialização do Brasil – Vargas e Hitler (relação do estado, corporativo brasileiro e o nacionalismo nazismo e fascista).	O mundo no século XX – os países de economia de mercado – economia x danificada – capitalism o x comunism o – primeira e segunda guerra e guerra fria
8 <sup>a</sup>	Acompanhamento da produção do projeto profissional – empregar adequadamente os verbos existenciais haver. Existir e ter – reconhecer sinonímia entre os verbos haver e fazer uma expressão de tempo decorrido – distinguir a forma do presente e do idn	Continuidade de geometria	(continuação) – industrialização e endividamento do Brasil – o movimento político pela redemocratização – fim da era Vargas e a modernização com JK	Grande propriedad e e a agricultura extensiva x pequeno propriedad e e agricultura subsistênc ia
9 <sup>a</sup>	Leitura literária e interpretação – produção de texto dissertativo – estudo de letra de música – acompanhamento do projeto profissional (produção de texto) –	Noção de função	Os trabalhadores e o movimento popular na década de 60 (os jovens une) – fortalecimento dos sindicatos crise política e do golpe	Relação socio-geografico (profissão do campo/cid ade, terceirizaç

	empregar adequadamente expressões indicadores do tempo, em texto onde há reações temporal e		de 64. Ditadura militar concetralização e endividamento – o estado de segurança nacional	ão, turismo ecológico, modernização da agricultura ).
10 <sup>a</sup>	Conclusões e avaliação final	Conclusões e avaliações do ano letivo	A nova república e o liberalismo no Brasil – desnacionalização da economia – dívida externa mundial tecnologia, globalização e mercado, as conseqüências	Avaliação final

Alternância	Formação Geral (Base Nacional Comum)			
	Ciências	Educação física	Educação Artística	Ensino Religioso
1 <sup>a</sup>	Dinâmica de integração (quem sou eu?) – memória ao ano anterior – exposição do conteúdo programático integrado ao plano de estudo e estágio	Dinâmicas de entrosamento. - Revisão da 7 <sup>a</sup> série -exposição do conteúdo a ser trabalhado no decorrer do ano	Dinâmicas de integração.-exposição do conteúdo a ser trabalhado no decorrer do ano	Dinâmicas de integração. - Revisão da 7 <sup>a</sup> série -exposição do conteúdo a ser trabalhado no decorrer do ano
2 <sup>a</sup>	A reprodução humana sexualidade/ sexo, namoro e doença		Curso de pedreiro	Eu e a família e a comunidade (afetividade)
3 <sup>a</sup>	Processo de crescimento fazes da vida – situar as fazes deles		Curso de pedreiro	Que eu e outros amigos, amizade, namoro
4 <sup>a</sup>	Sistema ósseo – aparelho respiratório		Curso de pedreiro	Eu e a natureza
5 <sup>a</sup>	Sistema muscular		Curso de pedreiro	Eu a e sociedade engajamento social importância da participação ideais de solidariedade fraternidade e igualdade

6ª	Sistema nervoso		Curso de pedreiro	Eu e grande outro (Deus) missão do ser humano, visão de humanidade
7ª	Sistema digestivo		Curso de pedreiro	Maturação tipos de temperamento, descobertas do seu próprio comportamento
8ª	Sistema urinário		Curso de pedreiro	As virtudes
9ª	Aparelho sanguíneo		Curso de pedreiro	A ética
10	Avaliação final		Avaliação final	vocação

Alternância	Formação Profissional Básica (Parte Diversificada)				
	Espanhol	Agricultura	Zootecnia	Administração rural	Educação familiar
1ª	Introdução Dinâmica de entrosamento - Revisão da 7ª série Apresentação do Plano de curso	Introdução (memória da 7ª série – apresentação do programa – em fase na organização de propriedade da EFA – aplicação folha de observação).	Introdução ênfase na organização da propriedade da EFA memória da 7ª série programa do ano. - Aplicação folha de observação: criações	Introdução – memória da 7ª série refazer o caderno do inventário da propriedade da escola e da família – programação do ano	Boas vindas aos alunos apresentação do plano e formação – perspectiva para 2000-memorização das férias através de brincadeira
2ª		Análise do sistema de produção da família (motivações do pai na agricultura – situação da propriedade refletir sobre habilidade pessoais e das pessoas da família (se mais para	Projeto profissional na área de criações (situação das criações – o que se pode fazer melhores – as profissões na área de criações zootecnista – veterinária – comércio – administração – técnica de inseminação)	O administrador – opiniões (gestão / administração, comercialização, tecnologia) curso para administração e gestão rural	Fazer um estudo aprofundado com o jovem, levando-o a descobrir seu papel, sua responsabilidade dentro de sua família e da comunidade

		técnicas , comercio, administraç ão, etc) para a construção do projeto prof).			
3 <sup>a</sup>		Propriedade da EFA e projeto profissional ou comunitária	Bovinocultura de corte	Planilha de curso de instalação de currais e pastagem benefícios – aquisição e custos na criação no gado de corte	Continuidade do estudo para o jovem conhecer a si mesmo
4 <sup>a</sup>		Propriedade da EFA e projeto profissional ou comunitária	Bovinocultura de leite	Custo de matriz – reprodutor ou inseminação artificial – benefícios bezerros e do leite – instalações currais pastagens e alimentação	Planejamento familiar dentro das profissões
5 <sup>a</sup>		Propriedade da EFA e projeto profissional ou comunitária	Bovinocultura de leite	Beneficiamento de leite – curso da intervenção externo	Curso sobre derivados leite com a emater
6 <sup>a</sup>		Propriedade da EFA e projeto profissional ou comunitária	Acompanham ento do projeto profissional	Acompanhamento do projeto profissional Acompanhamento do projeto profissional	Curso sobre derivados leite com a emater
7 <sup>a</sup>		Propriedade da EFA e projeto profissional ou comunitária	Acompanham ento do projeto profissional	Acompanhamento do projeto profissional	Curso sobre derivados leite com a emater
8 <sup>a</sup>		Propriedade da EFA e projeto profissional ou comunitária	Acompanham ento do projeto profissional	Acompanhamento do projeto profissional	Curso sobre derivados leite com a emater
9 <sup>a</sup>		Propriedade da EFA e projeto	Acompanham ento do projeto	Acompanhamento do projeto profissional	Importância do urbano e rural para a

		profissional ou comunitária	profissional		ligação do urbano e rural em nossas vidas
10 <sup>a</sup>		Apresentação do projeto profissional e avaliação	Apresentação do projeto profissional – avaliação fina	Apresentação do projeto profissional e avaliação final	Conclusão e avaliação final do ano letivo.

## ANEXO 8

## Plano de Formação da 8ª Série      Ano: 2003

Sessões	Objetivo	Motivação	Plano de Estudo	Enfoques Colocação em Comum	Colocação em comum (metodologia)	Caderno da Realidade	Intervenção Externa
1ª	O PE em geral terá a utilidade de trazer a realidade da família e comunidade para a Escola e discutir os problemas e apontar soluções, para que o/a jovem possa contribuir com sua família e desenvolver o seu meio.	- Poemas: “O sabiá e o agricultor” - Exposição de símbolos: Boné MST, Bandeiras, Fotografias, Camisetas...	Introdução	_____	_____	_____	_____
2ª-	Proporcionar ao jovem o desenvolvimento crítico intelectual e humano que possa contribuir na descoberta de sua vocação profissional.	- Leitura do texto “máscaras” - Fundo musical: Roupa nova, com a música para o amor não existe	Descoberta “Eu”	- Reflexão sobre os 03 anos de experiência/ convivência na EFA - “Quem sou eu” – auto conhecimento - Minhas	- Exposição Individual	- Anexar toda produção referente ao plano de Estudo: pesquisa realizada na família e comunidade	- Palestra com um Psicólogo do Mosteiro

		fronteira. - Em seguida explicaremos os tópicos e falaremos um pouco sobre o tema.		habilidades-relação com outras pessoas -Área vocacional (sonhos) - O que eu gosto de fazer - Minhas facilidades/ dificuldades de convivência em casa/ amigos/ comunidade - Meus defeitos (convivência)		- Relatório das palestras, cursos - Relatório da viagem de estudo - Estágio - Relatório das aulas práticas/ experiências na escola/ família - Relatório da atividade de retorno Documentários/ fotografias.	
3ª	Observar as diversas profissões e suas evoluções e valorização de algumas em detrimento de outras.	- Encenação envolvendo a profissão do campo e cidade com a participação de monitores / as e alunos / as	Profissões do meio rural e urbano	Profissões do campo/ cidade - Oferta de trabalho - Valorização - Formação - Tecnologia -	- Seminário de acordo com os enfoques	Idem	-Depoimentos de vidas de vários profissionais do meio rural e urbano: um agricultor(Zé Osmar), marcenaria, vaqueiro, comerciante, odontólogo(João de Isac)
4ª	Conhecer as diferentes espécies de	- Conversas na casa do mel e apiário.	Criação de abelhas	- Importância do mel e da abelha - Tipos de	- Debate em grupos mistos	idem	- Palestra com o apicultor - Toninho ou



	abelhas, seus hábitos e de modo geral saber como se faz um apiário.			abelhas - Captura -Meleiro - Instalações e cuidados das abelhas - Tipos de plantas melíferas - Tipos de mel - Colheita do mel - Tipos de mel - Colheita do mel e purificação Comercialização-			CPT - Procomel
5ª	Despertar e conscientizar da importância da preservação do meio ambiente para as nossas vidas. Demonstrar aos alunos e pais resultados da pesquisa realizada sobre Educação Ambiental.	- Atividade em grupo a partir da cartilha educação ambiental	Educação Ambiental	Degradação do Meio Ambiente - Saúde da família - Agrotóxicos - Produção comercialização	-- Programa de T.V, onde os alunos irão organizar o programa(propaganda, entrevistas, debates, noticiários...)	Idem	Palestra com Isleide - Agência ambiental - Palestra com Daniela - Palestra com Rodrigo Borges
6ª	Entender como acontece a relação de gênero na	- Teatro com alunos / as mostrando a relação de	Relações de gênero	- As diferenças (consciência) - Valorização dos gêneros	6- Colocação em comum por comunidade	Idem	- Antônio Bairo CPT(relações de gênero)

	sociedade atual, bem como tentar superar os preconceitos existentes.	gênero		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Preconceito</li> <li>- Direitos Trabalhistas</li> <li>- Sexualidade</li> <li>- Violência</li> <li>- Habilidades -</li> </ul>			
7ª	Proporcionar trocas de experiências, conhecimentos e práticas para o desenvolvimento da atividade de suinocultura.	- Carta enigmática.	Suinocultura	Raças( espécie) <ul style="list-style-type: none"> <li>- Quantidade/ família e comunidade</li> <li>- Manejo</li> <li>- Alimentação</li> <li>- Controle de pragas e doenças</li> <li>- Objetivo: consumo e comercialização</li> <li>- Produtividade/ Reprodução</li> <li>- Instalação</li> <li>- Natalidade/ Mortalidade-</li> </ul>	- Através de tarjetas	idem	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Palestra com um veterinário</li> <li>- Cláudio( Ver com o aluno Wanderson 3ºano)</li> <li>- Alcion (Goiás)</li> <li>- Um produtor da P.A</li> <li>Mosquito</li> <li>- São Carlos</li> </ul>
8ª	Conscientizar da importância da qualidade dos produtos, bem como da agregação de valores e a sua comercialização.		Agregação de valores e comercialização de produtos	.- Infra-estrutura: transporte e armazenamento <ul style="list-style-type: none"> <li>- Propaganda</li> <li>- Transformação-derivação</li> <li>-Comercialização</li> <li>- Administração: lucro e prejuízo</li> </ul>	- Dramatização	idem	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Convidar Bento(CPT) para uma palestra</li> <li>- Conversar com Alcenir para indicar alguém da Faculdade de Jussara do curso de</li> </ul>

				- Embalagem			Administração Rural - Convidar Altair ou Sr. Pedro do Mosquito
9ª	Entender como os movimentos sociais contribuíram e contribuem no processo histórico e contemporâneo para a transformação de nossa sociedade.	Filme sobre: Os Movimentos Sociais	Os movimentos Sociais	- Origem - Objetivos -Evolução - Vantagens/ Desvantagem - Divulgação - Relação dos movimentos sociais com as famílias - Participação	- Dinâmica: grupo verbalizador e grupo observador (G.V G. O).	idem	- CEBs, MST, PJR, CPT, Sem Teto, CUT< SINTEGO
10ª	Conclusão		Conclusão	Conclusão	Conclusão	Conclusão	Conclusão

<b>Experiência na Escola</b>	<b>Experiência em casa</b>	<b>Serão</b>	<b>Cursos</b>	<b>Estágio</b>	<b>Atividades de retorno</b>	<b>Visita à família</b>	<b>Visita-viagem de estudo</b>
1- Introdução	_____	Atividades de entrosamento e descontração -Teatros -Jogos -Brincadeiras -Temas atuais	_____		_____		_____
2 -assistir aos filmes Sociedade dos Poetas Mortos, Diário de um adolescente (Cristiane F) - Anjo (dinâmica) - Auto avaliação voltado ao “Eu”	_____	- Conversa informal sobre o projeto profissional de vida	- Introdução do projeto pessoal de vida - Pré-projeto - Trabalho final		Conversar com a família sobre a sua descoberta pessoal e profissional	- Aspecto Pedagógico/ social - Formação das famílias, orientação profissional.	- Retiro na chácara do Lar São José
3 - Trabalhos práticos e Diários	_____	- idem	_____		Passar para a comunidade como está o mercado de trabalho- as profissões mais valorizadas	idem	Visita um agricultor e a um profissional da cidade com trabalhos bem desenvolvidos.
4 - Momentos de práticas no apiário e casa de mel		- Repasse das informações adquiridas na EFAGO proveniente do P.E.	- Curso de Apicultura SENAR - Agência rural		- Folheto explicativo da vantagem de se trabalhar a apicultura.	Idem	- Visita a Fazenda Lagoinha

5 Reaproveitamento do lixo da Escola - Campanha para a coleta seletiva		- Fazer o plantio de sementes para obtenção de mudas e plantar na propriedade	- Curso de reflorestamento e preservação das nascentes - Agência ambiental UFG		- Relatório da conversa com os pais sobre Educação Ambiental de acordo com a cartilha.	Idem	- Visita ao FICA
6- Convivência na EFAGO		- Fazer uma pesquisa de como se dá esta relação de gênero	-Curso relação de Gêneros com a Marina Santana (PT)	- Estágio profissional	_____	idem	_____
7 - momentos de práticas na pocilga da EFAGO		- Observar a real situação e determinar os problemas através do P.E	- Curso Suinocultura: Embrapa, SENAR. Agência rural e –FAT.		Passar para os interessados da comunidade sobre as técnicas da suinocultura	Idem	- Visita a cooperativa do Mosquito
8- Confeccionar embatidos em geral - Controle dos gastos na Escola		- Fazer o controle dos gastos e dos lucros provindos da comercialização.	- Curso de Agronégocio (SEBRAI e SENAR		Passar um texto de como trabalhar qualidade de produtos.	Idem	Visita a um agricultor que trabalha com comercialização de produtos- José Osmar
9- Motivar a criação da P.J.R e grêmio estudantil na EFAGO.		- Produção de um boletim informativo sobre os Movimentos Sociais.	- Formação política-setor político do PT - João Isacc presidente do PT em Goiás		Folheto explicativo sobre os movimentos sociais da região.	idem	Visita ao acampamento Luiz Orio
10- Conclusão	Conclusão	Conclusão	Conclusão	Conclusão	Conclusão	Conclusão	Conclusão
<b>Língua portuguesa</b>	<b>Matemática</b>	<b>Ciências</b>	<b>História</b>	<b>Geografia</b>	<b>Artes</b>	<b>Educação física</b>	

1- Dinâmica de integração e leitura de poesias, interpretação.	- Potenciação - Radiciação	- A matéria e suas propriedades	Dinâmica de entrosamento do grupo e revisão do conteúdo da 7ª série.	- Revisão da 7ª série - Dinâmica de integração - Introdução e revisão - Ao avanço da industrialização e o desenvolvimento tecnológico - A formação dos grandes mercados e alianças econômicas - A questão do trabalho	- Dinâmica: cada um falar um pouco do seu colega da direita ou da esquerda. - Leitura e interpretação da música O Que é? O que é, de Gonzaguinha. - Hino da EFAGO - Datas comemorativas	- Dinâmica de integração da turma - Recapitulação de algumas matérias do ano anterior.
2- Trabalhar o poema “Retrato de mim” de Graciliano Ramos ou “Sugestão” de Cecília Meireles ou o texto “Espelho de mim”. - Fazer um currículo vital e uma linha do	-Racionalização de denominadores.	- Estados físicos da matéria e mudanças de estado físico - O átomo - Características dos átomos.	-A crise das sociedades capitalistas - A 1ª Guerra Mundial	- Continuação - desemprego - Goiás um estado agrário - Políticas de desenvolvimento do Estado de Goiás - Alternativas produtivas X concentração de terra.	- Produção de texto ilustrado a partir da realidade de cada. - Interpretação e ilustração da música “Eu caçador de mim” de Milton Nascimento -Datas comemorativas	- Praticar individualmente ou em grupo as matérias que mais tiveram afinidade, facilidade ou dificuldades.

tempo da vida.						
3- Leitura e produção de texto narrativo - Entrevistas.	- Radiciação - Racionalização de denominadores.	- Substância, mistura e combinação. - Classificação dos elementos químicos.	Continuação : - A Revolução Russa - A 2ª Guerra Mundial	- Divisão do mundo atual Desenvolvimento Subdesenvolvimento - Trabalhar textos que demonstram a busca de alternativas de produção e renda: - Agroindústria - Cooperativa - agregar valores aos produtos do campo.	- Teatro: dividir em grupos , cada grupo trabalhar um enfoque do P.E. - Datas comemorativas	- Curtas, médias e longas distâncias.
4- Trabalhar concordância nominal e verbal, através do texto nossa realidade. - Ortografia	- Equação do 2º grau e biquadradas	- Ligações químicas - Preparação química das substâncias - Reações químicas	- Relação Social das abelhas - rainha - operárias - zangão - campeiras - Relação social da mulher na sociedade - Hierarquia social na atualidade	- O novíssimo continente (Oceania) - Texto explicativo sobre aspectos sociais, econômicos e culturais. - Evolução do Brasil: primitivo, moderno e - contemporâneo. - Produção e subsistência (geo-sócio - econômica) - alimentos e consumismo industrial - apicultura etc.	- Colagem em grãos - Datas comemorativas	- A importância do mel na dieta dos atletas - Resistência - Explosão
5- Trabalhar texto informativo - Trabalhar a Cartilha Educação	- Produto cartesiano - Relações e funções - Funções de 1º e 2º grau	- Ácidos e Bases - Sais e Óxidos - As leis químicas	- Impactos Ambientais a partir da: - 1ª Guerra mundial - 2ª Guerra	- Mundo tropical - Relevo - Clima, paisagem, vegetação. - Economia tropical - As lavouras e pecuária - Levar o aluno a observar as	- Pintura em estopa - Datas comemorativas	- Esporte em contato com a natureza, observando a degradação da natureza.

Ambiental da EFAGO - Um texto literário referente ao assunto			mundial - Guerra biológica- atualidade	questões do clima, paisagem vegetação atual para a questão ambiental, levando a refletir sobre a problemática da preservação ambiental - Órgãos de assistência ao produtor		- Caminhadas - Natação(Rio Vermelho).
6- Trabalhar conjunções através do texto minha realidade - Leitura de um texto literário - Produção de um texto sobre o assunto.	- Polígonos Regulares	- As ondas e o som - a luz, parte visível do espectro eletromagnético. - Espelho	- Relação social da mulher e do homem na sociedade - Hierarquia social antes e na atualidade	- Utilização da terra na América Latina - Levar o aluno a refletir sobre a questão gênero na luta e espaço físico da terra - Enfatizar a questão dos movimentos sociais que contribuíram para utilização da terra - Migração/ Imigração na América Latina	- Confeccção de cartazes - Datas comemorativas	- Estrutura corporal - Dança corporal (coreografia).
7- Apresentação do teatro feito pelos alunos a partir do P.E - Filme	- Razões trigonométricas	- Introdução ao estudo dos movimentos - Movimento uniforme(UM) - Movimento variado(MUV)	- Oriente Médio - Rússia - Leste Europeu - Brasil	- Continente Europeu: - Divisão política - Leste europeu - Queda do socialismo - Aspectos Econômicos e sociais - Comparação entre o	- Dramatização - Música - Datas comemorativas	- Salto com barreira ou sem barreira - Primeiros Socorros.



- Uma produção de história em quadrinhos - Textos literários que remetem ao assunto.				continente Europeu e o Brasil na questão alimentar dos povos.		
8- Uma dramatização do texto Minha Realidade - Entrevista com algum comerciante.	- Medidas da circunferência e área do círculo.	- Força de atrito, trabalho, potência e energia - Máquinas simples - Calor e Temperatura - Produção, propagação e efeitos do calor.	- Economia Comercialização no período: - Ditadura militar - A república (Brasil)	Multinacionais: as suas forças.econômicas e políticas. - O estado de Goiás: - situação geográfica - economia - exportação goiana - fatores - política interna e externa - interesses econômicos - situação norte e sul do estado (comentar e discutir sobre a agregação de valores e comercialização de produtos de nossa região).-	- Colagem cômica ou colagem de objetos ou colagem de mosaico. - Datas comemorativas	- Estruturas corporal - Exercícios que ajudam a manter a postura corporal.
9- Trabalhar um texto dissertativo através do texto Minha Realidade	- Relações métricas no triângulo e retângulo - Relações métricas num triângulo qualquer.	- Estudo das forças - as forças e as leis do movimento - A força e a gravidade e a lei da Gravitação.	- Movimentos Populares - ONGs - CUT - CPT - MST - SINTEGO - Grupos Estudantis - Associações	Capitalismo no campo: - Brasil - América Latina - Mundo (ênfase sobre os movimentos sociais que sofrem com o capitalismo feroz do mundo atual- tudo gira em a partir do capital) Transformações(modernização)	- História em forma de balões - Datas comemorativas	- Primeiro socorros - Afogamento - Consciente e inconsciente.

			- Sindicatos	- Agricultura e pecuária - O fim do século XX - a questão alimentar - a questão tecnológica (destacar quais os movimentos sociais mais importantes atualmente).		
10- Conclusão - Avaliação das aulas e propostas para o próximo ano.	-Áreas de polígonos	- Lentes - Magnetismo - Eletricidade	Conclusão - avaliação	Conclusão - avaliação	Conclusão - Avaliação do ano-metáfora - Ilustração e produção de um pequeno texto.	Conclusão - Avaliação dos objetivos, pontos positivos, juntamente com os alunos.

<b>Educação religiosa</b>	<b>Língua estrangeira moderna – Inglês</b>	<b>Língua estrangeira moderna – Espanhol</b>	<b>Ética e cidadania</b>	<b>Educação familiar</b>	<b>Agricultura</b>	<b>Zootecnia</b>	<b>Administração e engenharia rural</b>
1- Texto: Auto estima	- Dinâmica de integração -apresentação dos alunos em inglês - Cumprimentos - Ressaltar a importância do Inglês para a nossa vida.	Presentacion de los alumnos y la importancia de se conocer una otra lengua.	- Dinâmica para a acolhida e apresentação - Apresentar o Plano de Curso - Momento de mística.	- Memória da 7ª série - Dinâmica de integração - Apresentar o Plano de Curso	Introdução a Agricultura: Apresentação dos conteúdos programáticos.	- Dinâmica de integração da turma - Revisão das matérias do ano anterior. Ex.: Classificação das criações	- Dinâmica de entrosamento do grupo. - Apresentar o Plano de Curso
2- Valorização do “Ser” - O “ser” e o	- Adjetivos - Expressões faciais - Fazer uma descrição de si em Inglês	- Innovaciones en los 80 años de moda. - La gente y la	- Relacionar a subjetividade do aluno/ a com a realidade da	Introdução a economia familiar destacando a:	A Historia da descoberta da Agricultura. Fazer um	- Trabalhar as origens e profissões relacionadas com	- Utilizar a administração através de

“ter”		moda. - Musica se viniera de Javier - Casa - Hispañolismos y hábitos domésticos - Poclisis y ênclises	cidadania brasileira.	função social e inserção dos jovens no mercado de trabalho	relato das afinidades que o jovem tem com o trabalho que desenvolve no campo.	animais que os jovens mais afinidades	anotações das despesas pessoais como forma de organização o pessoal. - Com isto despertar a importância da administração em vários níveis
3- Quaresma - Carne branca X vermelha - Crenças religiosas		- las profisiones “Milagros” (virgen de guadalupe) - Costumbres curiosos en el mundo (rasgos culturales) - casa - Reglas especificas de la sociedade española y moros (jayos y gitanos)	- Ver as possibilidades profissionais do meio rural e urbano através dos conteúdos sobre quem controla o Brasil, o estado e o município.	. - Papeis da família: tarefas e decisões da mulher, do homem e do filho. - Dramatização - Enfocar as profissões do meio rural e urbano dos jovens em geral.	Desenvolver profissões no campo que possibilita rentabilidade econômica. E que atrai o jovem para a permanência no campo.	- As profissões ligadas aos animais no meio rural e urbano. (Conceito, direito e dever)	Fazer uma pesquisa de mercado sobre o aspecto de remuneração das profissões mais citadas no PE.
4 –	- Trabalhar os verbos	- Expresiones	- Dar	- Função	Fazer um	- Histórico da	-

Abelhas-convivência - Rainha – Zangão	regulares através do texto Nossa realidade	de: ex trañeza, e hipótesis, posibilidad, coñocimineto, convicción, certeza. - musica (el humahuaqueño) – portero Saldivar - Hombres de la historia - Mujeres cuyos trabajos y investigaciones han tenido especial relieve em la hist de la iência - Casa – textola sexa de Luiz Fernando Veríssimo	importância para os projetos alternativos de renda enfocando a apicultura - Conteúdo: Dívida Externa.	econômica e administrativa dentro do custo para: alimentação, casa, educação e saúde. - Fazer uma escala do custo da produção de mel da escola e confecção de bala de mel	estudo dirigido das plantas melíferas da propriedade e região.	apicultura - Principais raças - Plantios melíferos Manejo - Manipulação de produtos apícolas - comércio local - Procomel - Projeto	Levantamento de planilhas de manejo, custos operacionais e renda da atividades apicultura.
5- Abordagem plurilateral	- Imperativo: Confecção de cartazes - Trabalhar o texto "Biodiversity" do livro Stairway pág. 43.	- Carne de cerdos; Es dañina? - Las letras Del alfabeto - Orígem - Casa - Novela de aventuras	- Discutir a carta da terra numa perspectiva social - Trabalhar os movimentos no Brasil: Estudantis, populares e	- Planejamento familiar: programas oficiais, propostas da igreja e costumes da comunidade rural e urbana	Analisar os impactos ambientais pelo uso inadequado do solo.	Os meleiros  - Legislação em relação a criação dos animais silvestres ex. Abelha européia e africanizada.	- Levantamento dos dados do diagnóstico feito na propriedade e e um processo

		(retrato Del ser humano con sus y virtudes) - Dictado - Linguacuriosa	sindicais.	- Pesquisa e debate através dos temas.			administrativo.
6-	- Adjetivo, que não se alteram em Inglês. - Formação de frase - Vocabulário referente aos gêneros, ex: homem, mulher, tia, tio, esposo, esposa, etc.	- La sociedad: personas; cosas o hechos - Camiños de la cultura - Las invenciones - costumbres de Hispanoamerica género hispanismos, bilexos, espa. y portugueses	- Trabalhar a questão do gênero a partir da realidade do nordeste enfocando para o problema da superioridade do homem em relação a mulher. - Trabalhar o conteúdo: Direitos da mulher	- Problemas e perspectivas como: gravidez na adolescência, DST, natalidade e mortalidade, perspectivas para o jovem no novo milênio. - Destacar a importância de relação de gênero na nossa comunidade (palestra)	Formas de reprodução sexuada e assexuada, mergulhia enxertia alporquia.	. - Trabalho das mulheres com os animais (afinidades)  - O trabalho do homem na agregação de valores dos produtos e origem animal (queijo, doce e embutidos em geral) - A importância do homem e a mulher trabalharem juntos na família	- Na propriedade e que faz mais as anotações o pai ou a mãe.
7- Curso de Ensino Religioso - Citações Bíblicas	- Verbos no gerúndio e o presente contínuo, através do texto nossa realidade.	- Frases hechas - Cuento popular y fabula - película (las cenizas Del avuelo) - Casa¿ Por qué comemos así?	- Trabalhar a suinocultura como proposta alternativa de renda para os projetos de assentamento das reforma agrária dentro do	- Formas de associação para: comprar, vender e trabalhar. - Fazer embutidos de carne de porco	Plantio de culturas anuais e perenes. Ex: milho, mandioca.	. - Criação de suínos nas famílias - Situação atual. As raças - Manejo, alimentação. - Situação da suinocultura na região	- Levantamento de planilhas de manejo, custos operacionais e renda de suinocultur

			conteúdo: Reforma agrária				a.
8- Escola de Valores diversos níveis - União	- Música em Inglês - Carta” A letter in English.”	- Aspectos culturais de Uruguay - Aspectos culturales de Chile - Aspectos culturales de Argentina - Aspectos culturales de Peru	- Trabalhar o conceito de valores e comércio numa perspectiva cultural e étnica. - Conteúdo: os povos indígenas e as comunidades afro-brasileiras	- Confecção de quitandas - Identificar quais são os produtos mais comuns na região e sua comercialização através das organizações do campo. - Confecção de queijo e requeijão.	Organizações dos trabalhadores em cooperativas para comercialização dos seus produtos.	- Importância de se agregar valores aos produtos de origem animal (queijo, doces, embutidos e outros) - Embalagens higiênicas - propaganda. - Comercialização	- Quais são os intermediários e a porcentagem que cada um adquire no processo de comercialização
9- Idéias mentores dos movimentos sociais - O projeto de Jesus	- The Pound, the dollar e o real. - Textos.	La importancia de los movimientos sociales, para el cambio de la realidad.	- Trabalhar os movimentos sociais numa perspectiva dos direitos humanos.	As associações existentes nas comunidades rurais e urbanas. - pesquisa através dos dados como funciona as associações existentes na região - Fazer um estudo sobre os movimentos sociais e quais	Possibilitar a organização e o fortalecimento das lutas dos trabalhadores para garantir a permanência no campo.	- A importância dos movimentos sociais na implantação das cooperativas de criação de suínos (mosquito, São Carlos, Retiro) - Granja Rio Vermelho. - Frango Caipira melhorado	- Os projetos que administram contém orçamentos, receitas, despesas, etc.

				os reflexos deles nas associações.			
10- Conclusão - Avaliação	Conclusão - avaliação das aulas e sugestões para o próximo ano.	Conclusion - avaliacion del curso e sugerencias para el próximo año.	Conclusão - Avaliação do curso - Dinâmica - Bate - Papo	-Conclusão - Avaliação	Análise geral de todos as discursões promovida no decorrer do curso.	Conclusão - Avaliação dos objetivos alcançados, dificuldades e facilidades	-Conclusão - Avaliação

## ANEXO 9

**Plano de Formação do 3º Ano Ano: 2003**

<b>Sessões</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Motivação</b>	<b>Plano de estudo</b>	<b>Enfoques colocação em comum</b>	<b>Colocação em comum (metodologia)</b>	<b>Intervenção externa</b>	<b>Serão</b>

1	-O PE em geral terá a utilidade de trazer a realidade da família e comunidade para a Escola e discutir os problemas e apontar soluções, para que o/a jovem possa contribuir com sua família e desenvolver o seu	_____	_____	_____	_____	_____	-Atividades de entrosamento e descontração -Teatros -Jogos -Brincadeiras -Temas atuais
2	-Proporcionar trocas de experiências e conhecimentos e práticas para o desenvolvimento da atividade de suinocultura.	- Conversa informal	Suinocultura	-Raças( espécie) - Quantidade/ família e comunidade - Manejo - Alimentação - Controle de pragas e doenças - Objetivo: consumo e comercialização - Produtividade/ Reprodução - Instalação - Natalidade/ Mortalidade-	- Grupal	- Produtor de suíno - Trazer pai que trabalha com a experiência(Damáσιο)	-Palestras sobre suínos
3	-Promover conhecimento	- Visita na propriedade	Piscicultura	- Importância do peixe	-Apresentação por grupos.	- Produtor que trabalha na área.	-Palestra sobre piscicultura



	sobre esta atividade	onde tem dois tanques desativados de piscicultura.		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tipos de peixes</li> <li>- Cuidados com os peixes</li> <li>- Alimentação</li> <li>- Comercialização-</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Algum técnico</li> <li>- Agência rural</li> </ul>	
4	-Esclarecer a importância da Reforma Agrária para o país.	- Música	Reforma Agrária	<ul style="list-style-type: none"> <li>-importância</li> <li>-objetivo</li> <li>Perspectiva</li> <li>Empenho/ organização-</li> <li>Desafios</li> <li>-Movimentos Sociais</li> <li>-Situação Atual</li> <li>-Avaliação Geral</li> <li>-Conscientização</li> </ul>	Sistematização dos dados( por grupo) e apresentação do resultado(por grupo).	<ul style="list-style-type: none"> <li>- MST</li> <li>- CPT</li> <li>- FETAEG</li> <li>- Pai do aluno</li> </ul> Mestranda: Rusvênia.	-Palestras sobre a luta pela Terra no estado de Goiás
5	-Proporcionar conhecimentos e práticas para a atividade de plantio direto.	- Desenho	Plantio Direto	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conservação do solo</li> <li>- Preservação ambiental</li> <li>-Plantio ambiental</li> <li>-Custo de produção</li> <li>-Máquinas agrícolas</li> <li>-Cobertura utilizada</li> <li>-Rotação de cultura</li> <li>-Vantagens e Desvantagens</li> <li>-Tratos culturais</li> </ul>	- Seminário.	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Agência rural</li> <li>- Técnico</li> <li>- Produtor que trabalha com o plantio direto.</li> </ul>	-Palestra sobre o Plantio Direto
6	-Demonstrar aos alunos e pais resultados da pesquisa e despertar para a	-Reto projetor	Educação Ambiental (Cartilha FEMA)	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Degradação do Meio Ambiente</li> <li>-Utilização da água</li> <li>- A seca/ Produção comercialização</li> </ul>	-Apresentação oral.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Rodrigo Santana</li> <li>- Agência rural</li> <li>- CPT.</li> </ul>	-Apresentação dos resultados dos questionários

	importância da preservação do Meio Ambiente para nossa vida.			<ul style="list-style-type: none"> <li>- Saúde da família</li> <li>- Manipulação de agrotóxicos</li> <li>-- Mata ciliar</li> <li>- Curva de nível</li> </ul>			
7	-Conscientizar os alunos e pais da importância da Agroecologia e desenvolvimento sustentável	- Visita a propriedade da Escola.	Agroecologia e desenvolvimento sustentável	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desmatamento</li> <li>- Preservação da natureza</li> <li>- Queimadas</li> <li>-Cerrado</li> <li>- Exemplo de desenvolvimento sustentável local</li> <li>- Conscientização</li> <li>- O papel da EFAGO</li> </ul>	Apresentação por grupo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agência rural</li> <li>- Algum estudante de pós-graduação</li> <li>- Professor Pedro (UEG)</li> <li>- Professor José Alberto.(UEG)</li> </ul>	-Palestra sobre agroecologia
8	-Refletir como está a relação humana na família, comunidade e Escola para possíveis mudanças	Dramatização dos alunos sobre a importância da relação humana na vida.	Relações Humanas	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Relacionamento na família, no trabalho, comunidade e Escola</li> <li>-Questão de gênero</li> <li>-O comportamento e sua influencia nas relações humanas</li> <li>- Indisciplina na escola</li> <li>-Namoro na comunidade e escola</li> <li>- Afetividade e sexualidade</li> <li>-Direitos e deveres</li> <li>-Humanização e educação</li> <li>-A relação com o</li> </ul>	- Síntese por grupo e debate. Embasamento para a semana cultural com este tema.	- Palestra com Professor Jadir Pessoa da UFG sobre relações humanas e a cultura camponesa.	-Apresentação de teatro, poesia e música a partir das colocações em comum sobre relações humanas.

				ambiente.			
9		- Texto	Movimentos Sociais e ONGS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Origem</li> <li>- Objetivos</li> <li>-Evolução</li> <li>- Vantagens/ Desvantagem</li> <li>- Divulgação</li> <li>- Relação dos movimentos sociais com as famílias</li> <li>- Participação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Síntese</li> <li>- Teatro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Assunto; objetivo e atuação.</li> <li>- CPT</li> <li>- MST</li> <li>- FETAEG</li> <li>- ONGs</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Palestra sobre os Movimentos sociais da região e sua contribuição na transformação do meio.</li> </ul>
10		- Teatro	Drogas no campo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tipos de drogas que existem no campo e na cidade</li> <li>- Consequências das drogas</li> <li>- O que tem sido feito para controlar o uso de drogas</li> <li>- Papel da escola e da família</li> <li>- Participação em grupos de jovens</li> <li>- Lazer</li> </ul>	- Cartazes.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Assunto : Alcoolismo</li> <li>- Igreja</li> <li>- Pastoral da Juventude rural</li> <li>- Algum médico ou enfermeiras</li> <li>- Depoimento de algum usuário</li> <li>- Secretaria de Educação e Mosteiro.</li> </ul>	-Dramatização sobre as drogas e suas consequências.
11	Conclusão	Conclusão	Conclusão	Conclusão	Conclusão	Conclusão	Conclusão

Experiência na Escola	Experiência em casa	Cursos	Estágio	Atividades de retorno	Visita a família	Visita-viagem de estudo	Caderno da realidade
1- Introdução	Introdução	Introdução	Introdução	Introdução	Introdução	Introdução	Introdução
2-Desenvolver	-Praticar e	- Suinocultura	-Desenvolver	-Implantar em	- As visitas	- Cooperativa	- Anexar toda

atividades práticas como: vacinação, castração, alimentação e manejo.	desenvolver as experiências aprendidas como: vacinação, castração e manejo.	com a Agência Rural	nas propriedades da região no decorrer do ano letivo.	suas propriedades a produção de suínos.	terão os objetivos de conhecer a realidade do aluno/ a e formação observando os aspectos pedagógicos, sociais e técnicos. 1º para alunos/ as novatos/ as a visita a família. 2º Para alunos/as veteranos as visitas e palestra para a comunidade com temas escolhidos pela mesma.	de suínos - Visitar uma propriedade do educando/a.	produção referente ao plano de Estudo: pesquisa realizada na família e comunidade - Relatório das palestras, cursos - Relatório da viagem de estudo - Estágio - Relatório das aulas práticas/ experiências na escola/ família - Relatório da atividade de retorno Documentários/ fotografias.
3- Fazer um estudo in loco nos tanques de piscicultura na propriedade da Escola.	-Se tiver tanque na propriedade ou na comunidade fazer uma pesquisa do trabalho, produção e comercialização.	-Curso sobre piscicultura com Agência Rural		_____	idem	- Visita a um pesque-pague - Serra Dourada.	idem
4 –			- Estágio técnico em		idem	- Visita ao assentamento	Idem

_____	_____	_____	agropecuária na área escolhida pelo/a aluno/a. - Vale 100 horas. Apresentação escrita e verbal do estágio realizado.	Palestra para a Comunidade sobre Reforma Agrária.		Serra Dourada.	
5 – Plantio de algumas espécies de plantas que fornece matéria orgânica e adubação verde.	- Fazer uma experiência de plantio direto com a família para fazer comparação.	- Plantio direto - Agência rural - SENAR		_____	idem	- Visita a propriedade que tenha o plantio direto.	Idem
6 – Montagem de um laboratório para produção de inseticida orgânico. - Montagem de lixos na área da escola direcionando a reciclagem do lixo, usando na coleta a seleção do lixo. - Montagem de	- Implantar as propostas apresentadas nas Cartilhas	- Agência Rural e UEG sobre Educação Ambiental		Folheto sobre a Educação Ambiental.	idem	- Visita a uma Cooperativa de papel reciclado.	Idem

área para produção de húmus. - Montagem de um mini - viveiro.							
7- Coleta de sementes nativas da Mata e plantio no viveiro.	- Coletar sementes para o plantio de viveiro na EFAGO.	- Curso ou seminário - Agroecologia e desenvolvimento sustentável.		- Levar as mudas produzidas na EFAGO, para serem plantadas na comunidade.	idem	- Visita à mata (reserva do P.A Serra Dourada) - Visita ao assentamento Serra Dourada.	Idem
_____	-Relacionar melhor com sua família respeitando os direitos e deveres.	Técnica de relaxamento com Arcelina do Mosteiro		-Conversa informal com a comunidade sobre a importância de se relacionar na família, comunidade e escola.	idem	_____	idem
9 _____	_____	_____		-Palestra na Comunidade sobre os Movimentos Sociais e ONGs	idem	- Visita ao Sindicato - CPT (nacional) - MST - ONGs.	Idem
10				- Montagem de um folheto informativo sobre aspectos	idem	- Visita ao centro de recuperações de drogas.	Idem

_____	_____	_____		negativos do alcoolismo no organismo e na família.			
11 Conclusão	Conclusão	Conclusão	Conclusão	Conclusão	Conclusão	Conclusão	Conclusão

<b>Projeto profissional</b>	<b>Língua portuguesa</b>	<b>Educação física</b>	<b>Física</b>	<b>Química</b>	<b>Biologia</b>	<b>Matemática</b>
1- Introdução	-Introdução - Dinâmica de integração - Ouvir uma música-reflexão - Leitura de um texto literário-reflexão - Perspectiva.	- Dinâmica de integração da turma. - Revisão do ano anterior.	- Eletricidade: o poder da carga elétrica.	- Introdução à nomenclatura - Histórico e princípios básicos.	-Introdução	-Dinâmica do conhecimento - Conversa informal
2- Diagnóstico da realidade	- Etimologia da palavra – justaposição - Trabalhar os elementos da narrativa - Construir uma narrativa sobre o tema.	- Teórico: montagem de campeonatos, regras.	- Eletrodinâmica: corrente e potência.	- Nomenclatura oficial dos compostos orgânicos.	- Tipos básicos de reprodução -Casos especiais de reprodução - Embriologia.	- Trigonometria. - Porcentagem da produção de suínos na região.
3- Diagnóstico da realidade	_ trabalhar a concordância verbal, nominal, pontuação nos textos minha	- Campos e quadras oficiais	-Eletrodinâmica: resistência elétrica.	- Estudo das funções orgânicas - Os grupos funcionais	- Genética de população - A herança do sexo	-Porcentagem e representação gráfica da piscicultura na região.

	realidade e nossa realidade dos educandoos/as.	m <sup>2</sup> .				
4- Definição do tema do projeto profissional	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Trabalhar textos informativos jornais, revistas, tv, observando a linguagem usada em cada um.</li> <li>- Construir uma manchete sobre o assunto colocando o seu ponto de vista.</li> <li>- Apresentação e discussão da manchete.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Teórico</li> <li>- Regulamento dos campeonatos estadual e nacional.</li> <li>-Atualizados.</li> </ul>	- Geradores.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Isometria</li> <li>-Isometria plana</li> <li>-Isometria espacial.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desequilíbrio ambiental</li> <li>- Ciclo evolutivo</li> </ul>	- Trigonometria loteamento.
5- Formação sobre a montagem do Projeto Profissional -	- Trabalhar a gramática dentro de um texto técnico sobre o assunto ou texto nossa realidade.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Prática</li> <li>- um quadrangular</li> <li>- Regras</li> <li>- Táticas</li> </ul>	- Geradores	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reações orgânicas</li> <li>- Ruptura de ligação</li> <li>- Reações de substituição.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Relações ecológicas I</li> <li>- Relações ecológicas II</li> <li>- Sucessão ecológica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Trigonometria: área a ser plantada</li> <li>- Medida em graus.</li> </ul>
6- Inicio da Elaboração do projeto	- Trabalhar Poesia: verso(sonoridade, ritmo, metro, rimas, recursos fônicos e expressivos, paralelismo, repetição sentido: plurisignificação,	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Caminhadas ecológicas</li> <li>- Rio Vermelho FAMA.</li> </ul>	- Receptores	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reações orgânicas</li> <li>- Reações de adição</li> </ul>	-Mecanismo evolutivo	- Sistema linear.



	figuras), formas fixas e formas livres, através de poesias que falem sobre ambiente. - Construção de poesias para a semana cultural.					
7- Início da Elaboração do projeto	- Trabalhar pontuação através do texto nossa realidade.	- Os sons da natureza e a concentração (harmonia, corpo, mente e ambiente).	- Receptores	- Reações orgânicas - Reações de óxido-redução.	_O fluxo de energia e de matéria no ecossistema	- Sistema linear: produção, custo, vendas e lucro.
8- Desenvolvimento-metas (caminho a percorrer)	- Construir um texto descritivo sobre o tema. - Trabalhar os elementos da descrição.	- Teórico: preconceito em relação(cor e obesidade). - Prática: educar-se na alimentação respeitar os seus limites. - Valorizar e gostar de si como é.	- Introdução ao magnetismo.	-Reações de anulação de compostos químicos.	-Embriologia I -Embriologia II - Especiação	- Geometria.
9-. Elaboração final da estrutura do projeto	- Construir um texto dissertativo rever os elementos da dissertação - Filme-GO-GV.	- Educação alimentar - Teste prático para obesidade.	- Introdução ao eletromagnetismo	- Petróleo e Polímeros	- Biosfera e suas divisões I - Biosfera e suas divisões II	-- Geometria: espaçamento
10 – Apresentação	- Peça teatral - Júri-Simulado.	Gincana	- Força magnética.	- Bioquímica - Grupos	- Ciclos Biogeoquímico I	-Geometria analítica: - Gráficos

do projeto para monitores/as e educandos/as				bioquímicos: lipídios e hidratos de carbono.	Biogeoquímico II Reprodução humana Interação gênica	- número mais ou menos de usuários - % de idade.
11- Conclusão e avaliação.	-Conclusão - Conclusão das aulas e propostas.	-Conclusão - avaliação dos objetivos - pontos positivos e negativos - Sugestões e possibilidades.	-Indução eletromagnética.	- Bioquímica - Grupos bioquímicos: aminoácidos, proteínas e ácidos nucléicos.	-Noções de probabilidade -Grupo sanguíneos -Conclusão e avaliações	-Conclusão - Avaliação da interdisciplinaridade - Pontos positivos/negativos/ sugestões.

<b>História</b>	<b>Geografia</b>	<b>Inglês</b>	<b>Língua estrangeira moderna – Espanhol</b>	<b>Psicologia</b>	<b>Filosofia</b>	<b>Sociologia</b>
1 – Revisão do 2º - Introdução: século XVI e XVIII - Absolutismo: França e Inglaterra - Revolução científica no século XVII - O iluminismo - As visões de liberdade - Despotismo esclarecido - A união dos opostos.	-Dinâmica de integração de grupo O novo e a vida do ser humano. -Exposição do conteúdo programático que será trabalhado no decorrer do ano. -Memória do ano anterior.	- Introdução - Dinâmica de integração - Apresentação em Inglês - A importância da língua inglesa -Leitura e produção de um texto - Ouvir uma música	- Telebasura- Big Brother en Holanda y lectura del periódico El País.	-Introdução - Dinâmica para a acolhida e apresentação - Apresentar o plano de curso	- Dinâmica para a acolhida e apresentação - Apresentar o plano de curso.	- Dinâmica para a acolhida e apresentação. - Apresentar o plano de estudo.
2- As revoluções liberais: Inglesa, Francesa, do Porto(1820) - Revolução Industrial Inglesa.	-Introdução aos estudos geográficos. -Água, origem, uso e preservação. -Ciclo ecológico e ambientes aquáticos. - Ciclo da água subterrânea e sua ação geológica. - A importância da água para a suinocultura.	- Raças - Trabalhar os artigos e os verbos através do texto nossa realidade.	- Película(Albelix y ostelix contra César)	- Conceito de neurose.	- investigar as aventuras da metafísica na história da filosofia. - Ver a metafísica como algo incomodo na realidade dos povos.	-A sociologia no Brasil. - Como surgiu a sociologia no Brasil. - ligar com a realidade sócio-transformadora nas cooperativas que implantaram o Projeto de Renda alternativa a partir da suinocultura.

3- - Fazer uma retrospectiva da degradação dos rios com a exploração do ouro no século XVIII identificando os problemas hoje. (falta de peixes).	-Mapeamento da produção de piscicultura município/ região/ centro oeste e outras regiões -Blocos econômicos -Associativismo -Cooperativismo -Mercosul	- Espécies de peixe em inglês - Composição da água. Através do texto nossa realidade - Construir uma história em quadrinhos em inglês.	- Lectura de revistas y historietas gráficas- Mafalda Garfield, condorito - Muy interesante vanidad gente.	- A possibilidade de cura das neuroses.	- Ontologia e metafísica - analisar o problema da ontologia (ser) como metafísica.	- A contextualização da sociologia. - Analisar os temas: seca água no Brasil. - Dar uma contribuição na proposta de formação de Piscicultura nas comunidades.
4- Revolução americana(1776) - Independência das 13 colônias - As raízes da ruptura entre as colônias e a metrópole - A consolidação da independência- Carta Constitucional - As colônias pagavam ônus à Metrópole.	- Estudo da Reforma Agrária na região. - A educação e a Reforma Agrária. - Banco da terra. - Código de ética / projeto casulo. - As super indenizações/ títulos da terra. - As lutas camponesas. - Mapeamento	- Fazer uma carta sobre o tema em inglês.	- Tradución de mi realidad al español	- Conceito de depressão.	- Problema do conhecimento. - Verificar o problema do conhecimento na história da filosofia. A preocupação com o conhecimento. A percepção e a memória. - Ligar o conhecimento a sua produção com a produção de conhecimento sobre a reforma agrária.	-Movimentos sociais - Verificar os movimentos sociais existentes na luta pela terra( por exemplo: MST e CONTAG).
5 -- América:	- Dociê sobre as	- Present tense of	- Traducción de la	- A formação	- A imaginação, a	- ONGs e Terceiro

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Administração colonial-espanhola, inglesa e francesa.</li> <li>- Identificar o tipo de alimento que era feito em plantio direto na época da colonização.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>grilagens da terra.</li> <li>- Noções de plantio direto.</li> <li>- a importância e a consequência do plantio direto.</li> <li>- transgênicos.</li> <li>-Globalização</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>verbs- the most used as: want, need, and look etc através do texto nossa realidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>musica- La Barca</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>reativa das pessoas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>linguagem e o pensamento. A consciência pode tudo.</li> <li>- Analisar estes temas problemáticos de conhecimento com o conhecimento técnico do Plantio Direto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Setor.</li> <li>- Diferenciar movimentos sociais de ONGs que funcionam e terceiro setor.</li> <li>- Buscar identificar ONGs que funcionam o Plantio Direto nas comunidades maiores e na EFAGO.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>6-.A sociedade do ouro(século XVIII)</li> <li>- A formação das fronteiras e limites</li> <li>- Rebeliões do Período Colonial</li> <li>- Movimentos emancipacionistas</li> <li>- Inconfidência mineira</li> <li>- Baiana</li> <li>- Pernambucana</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Introdução à educação ambiental.</li> <li>- Mapeamento da degradação ambiental e preservação local e regional</li> <li>- A educação ambiental/ desenvolvimento científico e tecnológico.</li> <li>- Legislação ambiental</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Forma imperativa em inglês</li> <li>- Construção de cartazes. Texto: "We are tall How Keepers!"</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Educación Ambiental</li> <li>- Poesia e Prosa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sexualidade e afetividade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O mundo de práxis e Cultura</li> <li>- Verificar a práxis e a realidade do mundo a partir dos dados culturais e identificar os movimentos ambientais existentes no mundo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A questão Ética Brasileira.</li> <li>- Trabalhar as raízes multiétnicas-povos indígenas e a resistência negra no Brasil</li> <li>- Verificar esses povos como educadores/ as naturais do meio ambiental.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>7- Brasil:</li> <li>- A pecuária e a ocupação de novas áreas</li> <li>- As bandeiras</li> <li>- Demonstrar o</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Legislação ambiental</li> <li>- As três ecologias</li> <li>- Classificação do cerrado</li> <li>- Saber cuidar</li> <li>- Noções de</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Números texto Biodiversity</li> <li>- Partes de uma planta</li> <li>- Trabalhar grau de superioridade,</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desarrollo sostenible Gramatica(Biléxicos y Heterosemanticos)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Namoro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A experiência do sagrado na religião</li> <li>- Verificar as representações do sagrado nas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O conceito de cidadania e participação como sendo importantes fatores que contribuem para o</li> </ul>

contraste que existe entre agroecologia e desenvolvimento sustentável e a época da exploração do ouro.	agroecologia / local/ regional/ nacional. -desenvolvimento sustentável - Biodiversidade indutiva - Ecovilas - Superpopulação	inferioridade e igualdade.			manifestações religiosas e ver se tais práticas estão ou não atentas ao desenvolvimento sustentável voltado ao mundo agroecológico.	desenvolvimento sustentável agroecológico.
8- Brasil contemporâneo.	-- Super população: efeitos e conseqüências	-Trabalhar vocabulário - Relações Humanas	- Traducciones de textos y ejercicios de simulación de vestibular: UFG; PUC; FUVEST; UEG y UFUMG.	Relacionamentos familiares, sociais, comunitários, íntimos e etc.	- O universo das artes - A existência ética e a filosofia moral - A liberdade.	-Consumo - Ver os problemas do consumo neoliberal, os problemas sociais no Brasil atual com enfoques da cidadania, ética e relações humanas.
9- Transferência da família real (1808) - Um regente governa o Reino Unido do Brasil - Transformações ocorridas no Rio de Janeiro com a corte. - A volta de D. João para Portugal - Processo de independência - Fazer uma comparação entre os	- Origem dos movimentos sociais e ONGS - Os mártires - FMI - ALCA	- Construir uma notícia em inglês - Gramática: trabalhar o texto nossa realidade.	- Película-El cartiro y el poeta Pablo Neruda.	- O conceito de amizade.	- Vida política e Filosofia política - Analisar os movimentos sociais e as ONGs sob o enfoque da participação política e sob o olhar da Filosofia política.	-Sociedade civil e Sociedade política. - Diferenciar sociedade civil de sociedade política dando enfoque as comunidades sociais e ONGs. - Sociedade civil-movimentos sociais - Sociedade política-ONGs.

Ideais dos movimentos sociais com as rebeliões do século passado.						
10- Goiás; - economia e a sociedade do ouro - administração colonial - política indigenista - Fazer um paralelo entre A exploração indigenista na época da colonização com a exploração hoje. Ressaltando a questão identidade cultural e o álcool e as drogas.	- Cultura camponesa - Êxodo rural - problemas das drogas no campo	- Vocabulário em inglês.	- Producción de texto - Paradigmas verbales em general.	- O isolamento na psicologia.	- A política contra a servidão voluntária. - Identificar o conceito de alienação e dentro deste o conceito de drogas no campo como processos inconscientes de alienação.	- O conceito de hegemonia a partir de Antônio Gramsci.
11- Conclusão - Avaliação do desempenho dos alunos no processo de aprendizagem - avaliação do professor - Perspectivas e sugestões.	Conclusão e avaliação	- Avaliação das aulas e propostas.	- Cigarillo y Alcohol - Repaso	- O conceito de identidade na psicologia.	- Conclusão - Conteúdo: Democracia existe? - Avaliação - confraternização com a turma.	- Poder local e Poder Global. - Verificar as situações do poder local( município, estado e federal) e as situações do poder Global(mundo)

**ANEXO 10****Plano de Estudo da 8ª série do Ensino Fundamental 2003****Escola Família Agrícola de Goiás****Ensino Fundamental: Educanda da 8ª série****P. E.      Relações Humanas**

Este P.E dedico em primeiro lugar a Deus, pois é por ele que hoje estou aqui, sendo privilegiada, por estar desenvolvendo um trabalho, que colabora com o meu desenvolvimento. Em especial a minha família e a Ana Maria. Obrigada

Goiás, agosto de 2003



## Sumário

Introdução -----	03
Roteiro do P.E: Relações Humanas -----	03
Texto: Relações Humanas -----	03
Conclusão: Humanização rural e na Escola -----	05

## Introdução

*“ O destino esta sempre pronto a nos trazer novidades e, as vezes, até transformar completamente o caminho que vínhamos trilhando”.*

E com este P.E., vamos passar um pouco mais, sobre este caminho que vínhamos trilhando, buscando melhorar cada vez mais as nossas convivências, tanto na sociedade, ou na família e até mesmo na Escola. E com certeza nos faz pensar, se nossas relações enquanto humanos estão no caminho certo.

E com o desenvolvimento desse P.E. vou aprender mais e passar bem mais para aqueles que convivem comigo. Aproveitando cada linha da melhor forma possível, dando o máximo de mim, com muito orgulho.

### **Roteiro do P.E. Relações Humanas**

- Relacionamento na família, no trabalho, comunidade escola.
- Questões de Gênero (homem / Mulher/ negro / branco/ jovem / idoso)
- O comportamento na família, comunidade e escola, influenciam nas relações humanas
- Namoro na comunidade e na Escola
- Afetividade e sexualidade
- Indisciplina na escola
- Direitos e deveres
- Humanização e educação

### **Texto: Relações Humanas**

O maior tesouro que temos é a nossa família, pois é ela que nos apóia e nos dá força em tudo que precisamos e que vamos fazer. A família é o porto seguro, por isso é muito mais, que minha família é tudo para mim, sem eles não sou ninguém. Se tivermos um bom relacionamento na família, com certeza teremos também no trabalho, na comunidade e principalmente na Escola. E graças a Deus eu posso dizer que a minha convivência nesses aspectos é boa e bem proveitosa. No entanto lidar com pessoas, a sociedade é maravilhosa.

Ao lidar com pessoas, sempre teremos que lidar com gênero, a questão homem, mulher saber lidar com as pessoas, respeitando como todos merecem. E podemos observar que na sociedade há muitos machistas, há! Mas não podemos negar que o feminismo também está em alta. Também sabemos que uma grande e aterrorizante discriminação entre o negro e o branco, pois não é de hoje, vem desde o início dos tempos, e nos deixa triste por saber que estamos em pleno século vinte e um e esta discriminação está tão alarmante. Para falar a verdade preocupante, é uma discriminação sem explicação, somos todos iguais apenas, temos cores diferentes, mas isso não nos torna menos ou mais que outro. Quando falamos dos jovens, idosos, o que tem de mais se ficar velho é inevitável, mas cresce é opcional! Sabemos que os

idosos, como podemos dizer a melhor idade vem sofrendo um certo preconceito, mas não entendo o porque, se cada um de nos que somos jovens também vamos ficar velho, e saber que a maioria desses preconceitos são somente dos jovens. Mas o que há de errado em ser idoso ou jovem, devemos aproveitar cada tempo que temos, cada fazer, o que deixamos para trás não volta, é único e significativo para cada um.

Já que estamos falando sobre idoso, jovens, preconceito, devemos nos comportar diante de nossas famílias, a comunidade, e principalmente na escola, saber o nosso lugar na sociedade, respeitando todos a nossa volta. Temos certeza do que estamos sujeito nas relações humanas. Caminhamos dignamente para jamais nos arrepender do que tenhamos feito, e sim nos orgulhar, e dar orgulho àqueles que torcem por nós. E nos valorizar, como ser humano em primeiro lugar, para sabermos como valorizar nossos parceiros que nos cercam na vida.

Falar em namoro é muito gostoso, namorar também é muito bom, mas quando temos a cabeça no lugar, porque a irresponsabilidade trás algumas coisas indesejáveis. Ainda mais hoje em dia, que tudo esta tão avançado, namoro avançado, moças que dão muito trabalho aos seus pais, tornando a convivência difícil, tanto na comunidade ou na família. A realidade que presenciamos hoje provoca indignação em pessoas acostumada com o namoro certinho, ou seja, pedir os pais, namorar só em casa, e ainda na sala, na realidade é o certo, e a maioria das famílias são assim, cada um tem seu costume e educa seus filhos da maneira que achar certo, e quem somos nós para retrucar. Não devemos perder tempo com coisas fúteis, temos que namorar muito, aproveitando e se curtindo muito.

Como todos nós sabemos que a sexualidade é mais do que normal, são fortes atrações que homem e mulheres sentem um pelo outro, até chegar ao namoro, os casais começam a ter relações íntimas, é tudo absolutamente normal. Mas quando se tem juízo, pois a relação sexual cedo demais, pode provocar gravidez indesejada, e se não tomar as precauções necessárias até doenças sexualmente transmissíveis. É por isso que os pais devem estar sempre conversando com os seus filhos, mas não pense que só as mulheres correm risco não! Os homens também pegam doenças, não engravidam, mas pior que a gravidez indesejável é a doença, que nunca é desejada. Além de sabermos que quando ocorre isso, o homem é o primeiro a pular fora, deixando toda a responsabilidade para a mulher, e ainda bem que hoje, quase não se tem preconceitos contra as mães solteiras. E é aí que pensamos, onde fica a afetividade, o carinho, respeito, homem que age assim não é homem, e na maioria das vezes a família não aceita essas mães dentro de casa, parte para a ignorância, as expulsando de casa. Sendo que são nessas horas que as pessoas precisam do apoio da família, para ter força e não cometer a loucura de fazer aborto. Quando há amor, carinho, respeito, compreensão, todos vivem felizes, quando não há o ser humano fica sem brilho.

Para cada ser humano cabe direito e deveres, somos todos coberto de responsabilidades, para vivermos em um grupo na Escola, temos que ter muita disciplina, pois a indisciplina traz conseqüências indesejadas. A Escola é um dos lugares que devemos ter muito respeito. A responsabilidade cabe em qualquer lugar, se somos responsáveis, se temos respeito com certeza temos disciplina. Além de estarmos zelando por nossas reputações.

Nossas vidas, são regradas, escrita, traçadas e conduzidas por Deus, só ele tem a chave de nossas almas. A cada lugar que vamos temos que cumprir nossos deveres, para obtermos nossos direitos. Exigir direito é fácil e simples, o difícil é cumprir o que nos foi confiado, e sabendo que para ter uma vida social sem conflitos, cabe a nós ter o dever de respeitar acima de tudo o próximo, pois o próximo é o mais próximo de nossa solidariedade. E caminhar com

nossos deveres, nos faz resgatar a nossa alta estima, facilitando viver em comunidade, e atraindo direitos que pouco a pouco conquistamos, nos tornando vencedores, de nós mesmos.

O que é para mim humanização? Se o que vejo é só desumanização, se o que na maioria das vezes, o que encontramos em nossos caminhos nos faz ver o mundo em forma desumana, se a cada passo que dou me corta o coração de desgosto. O ser humano é uma obra de Deus, foi criado para cuidar e não destruir o mundo em que nós vivemos. Nossas vidas são tão curtas para não a prezarmos com humanização e educação, sendo digno das vidas que temos, e fazer um pouco mais para aqueles que não tem nada, para os que pensam que a vida não tem sentido, por não terem direito a uma boa educação, uma boa casa, comida e uma roupa limpa, e saber que a vida tem sentido, porque Deus deu sentido a ela.

Sabemos que a educação é o nosso ponto de partida, é onde somos aprovados ou reprovados. Isso mesmo, somos julgados através da educação que temos. A educação cabe em qualquer lugar, para qualquer pessoas, é a forma mais pura de demonstrar o carinho, atenção e o respeito pelo próximo, o deixando a vontade com nossa presença. A satisfação da educação, com certeza é o que recebemos em troca. No entanto a gentileza nunca é demais, é sempre bem vinda, não importa de quem seja, ou o momento que for, pois uma palavra bem dita alivia o coração de qualquer um e traz muita felicidade.

Tudo que buscamos realizar na vida, só é possível se realizar, se acreditarmos em nós mesmos e nunca desistir. Fazer tudo com entusiasmo, determinação e persistência. Qualidades que conduzem ao sucesso, e nos traz felicidade total.

### **Conclusão: Humanização rural e na escola**

Tratar de um assunto muito discutido, como a humanização é um prazer e ao mesmo tempo extremamente complicado. O ser humano tem muitos valores, e tem muitas coisas a ser valorizada, no entanto não damos o valor merecido.

Em muitas ocasiões somos desumanos, por não respeitarmos nossa mãe terra, a natureza, da qual precisamos muito. E hoje percebemos que há uma discriminação com os povos rurais, como se fossemos um bando de caipiras, inconseqüentemente desordenados.

Também percebemos que nas escolas, há uma certa desumanização, entre os alunos, não respeitando o espaço do colega. Somos todos humanos, e merecemos todos, o respeito do mundo, claro devemos ao mundo este respeito e até mesmo dobrado.

Sabemos que se cada um não tiver consciência, nunca mudaremos a realidade da desumanização. O respeito vem acima de tudo, se é que queremos ter uma boa convivência, e construirmos um caminho mais real, mais humano.

A vida passa em um piscar de olhos, se não a valorizarmos será inútil viver... A cada P.E. que realizo, fico muito feliz, meus conhecimentos se multiplicam, além de ser um trabalho satisfatório para mim. Sou grata por desenvolver um trabalho assim, pois a sabedoria que Deus nos proporciona, ser nenhum consegue tirar, é algo que vem para ficar gravado em nossa memória, satisfazendo nossos corações.

Tudo que desejo, é que meus trabalhos possam agradar a você que está lendo, porque o que faço não é só para mim, e sim para compartilhar com todos a minha volta. No mundo ninguém consegue viver sozinho, o ser humano foi feito, um para cativar o outro.

**ANEXO 9****Plano de Estudo da 3ª série do Ensino Médio 2003****Escola Família Agrícola de Goiás – EFAGO****Curso Técnico em Agropecuária****Educando do 3º ano****P. E. Reforma Agrária**

Trabalho de aproveitamento em todas as disciplinas, realizado no P. A. Mosquito, sob orientação da Monitora – diretora, Ana Maria Pereira Pinto, para fins de avaliação.

Goiás, 2003

A todas as pessoas que contribuíram, para que eu pudesse concluir esse trabalho, são meus sinceros agradecimentos, principalmente aos que realizei as entrevistas que foram muito ricas para meu conhecimento sobre o sentido amplo de se fazer “Reforma Agrária”.

Dizer que Deus é Pai, filho e Espírito Santo é fé, dizer que Deus é uma natureza e três pessoas explicação da fé ...é a resposta a revelação divina, a explicação da fé é a resposta da razão às questões que a fé suscita.

## Sumário

Introdução -----	04
Histórico do Projeto de Assentamento (P.A.) Mosquito, A Luta pela terra -----	04
Relatos de pessoas que fizeram parte da Luta pela terra-----	06
A Igreja católica na luta pela terra -----	07
A Escola Família Agrícola de Goiás na luta pela terra-----	07
Conclusão-----	08
Nossa realidade-----	08
Referências Bibliográficas -----	10
Anexo: Roteiro do P.E.-----	10



## **Introdução**

A Reforma Agrária é para a sociedade o ponto de partida, para a produção de subsistência, onde cada um produza alimento saldáveis sem que suas famílias necessitem de ir para os grandes centros urbanos, se desgastarem com uma vida que não faz parte de sua cultura.

Nesse Plano de Estudo, faço questão de abordar a luta pela terra do P. A. Mosquito, onde vejo o quanto foi necessário o esforço e entusiasmo de lutadores que passaram por obstáculos, que muitas vezes comprometiam suas próprias vidas, e é por isso que vejo o exemplo de luta pela terra, onde se lutava por direito iguais sobre a terra, onde se lutava contra o latifúndio e contra os grileiros que somam tantos e que contribui para a problemática, política social, social e econômica que vive nossos pais.

Mesmo diante as problemáticas que passa o assentamento mosquito, quando observo aos 17 anos de assentamento a bonita história que foi construída, sinto orgulho de ter participado dela, e sei que as pessoas que contribuíram para construir essa história se sentem orgulhosos; o reconhecimento que tem o assentamento diante as entidades, grupo de apoio e merecedor, e é assim que sei o quanto é importante e necessário que esta história não tenha um fim aqui, pois mesmo diante as dificuldades, a sociedade precisa de uma interferência que mude o rumo dessa história onde o grande cresce cada vez mais, e o pequeno diminui.

Das entrevistas realizadas, pude conhecer as pessoas da comunidade, e ver o quanto cada um contribui para com a ideologia da Reforma Agrária, e mesmo diante das dificuldades que cada um encontrou lutaram por seus objetivos fazendo com que a luta pela terra, tivesse uma nova página para contar e servir de exemplo para as gerações futuras.

## **Histórico do Projeto Assentamento (P.A.) Mosquito**

### **A luta pela terra**

O histórico da antiga Sesmaria do Santo Antônio do Mosquito é um exemplo de luta pela terra, onde os interesses do trabalhador do campo são conquistados com suas próprias mãos. A Reforma Agrária no Brasil é vista como uma alternativa de produção, e por acontecer de maneira violenta e forçado e interpretado como uma invasão, e não com uma luta de direitos iguais sobre a terra.

A fazenda Mosquito possui 1890 hectares, e era ocupada por sete famílias, em 1985, onde seus antepassados já ocupavam a mais de um século.

Diante as irregularidades de documentação, comprovando que o dito dono das terras Urbano Berquó, (advogado de Goiás) e o não uso de todos o solo na produção agropecuária, contribuíram para que no início de maio de 1985, outras 20 famílias ocupassem o imóvel.

Após essa ação dos sem terra Urbano Berquó, imediatamente entrou com pedido de despejo das 20 famílias ocupantes da fazenda. Os processos andaram muito rápidos e no dia 18 de maio os trabalhadores rurais foram surpreendidos por dois oficiais de justiça, acompanhado de vinte e dois policiais e oito jagunços do fazendeiro, com máquina para derrubar as benfeitorias dos ocupantes. Eles foram transportados em um veículo da propriedade do fazendeiro, ate a delegacia de polícia da cidade de Goiás.

Após a liberação dos trabalhadores, eles acamparam na praça da prefeitura municipal, onde permaneceram por mais 49 dias, reivindicando a volta para a terra devoluta.

Durante este tempo era freqüentemente agredidos pelos fazendeiros da região e por policiais. A prefeitura chegou a cortar a água que servia aos acampados. Também os advogados, os agentes pastorais e o próprio Bispo Dom Tomas Balduino, que apoiavam os acampados, eram acusados de ajudar em prática de guerrilha, fornecer armas aos lavradores.

A diocese de Goiás procurou esclarecer o fato, demonstrando o papel da igreja, e em um manifesto em 19/05/85, se colocaram assim:

*“Esta ocupação de terra é de exclusiva iniciativa destes lavradores. Eles mesmos tiveram a idéia de entrar na terra e a ocuparem. Agora que foram despejados, eles mesmos decidiram fazer este acampamento. E eles mesmos estão constituindo seus advogados. Então portanto, pensando com a própria cabeça e caminhando com as próprias pernas (...) A igreja esta solidária com estes lavradores. Damos a eles todo o apoio naquilo que eles nos pedem”.*

*Fazendo assim estamos cumprindo a risco que foi decidido pela Assembléia Nacional dos Bispos do Brasil, em 1985, isto é, não tomamos o lugar dos trabalhadores rurais, mas apoiamos as suas organizações de classe e suas iniciativas em busca da justiça na terra, sobretudo através da Reforma Agrária”.*

Depois de 45 dias, não vendo nenhuma ação concreta, eles resolvem voltar à fazenda Mosquito. Na fazenda as sete famílias que já viviam ali, eram ameaçadas pelo fazendeiro e por seu filho Bebê Berquó, que insistiam com ele para não agruparem com os outros ocupantes.

Apesar das promessas do secretário de segurança pública, de que não havia despejo, antes que se houvesse comunicação com os órgãos de apoio como os sindicatos a FETAEG e a CPT (Comissão Pastoral da Terra) os acampados foram novamente surpreendidos com uma nova ação de despejo, na qual 98 soldados cercaram o acampamento às 4 horas da madrugada, retiraram a força os ocupantes, realizando muitos interrogatórios. Eles foram levados para uma área de aeroporto da cidade de Goiás. Ali ficaram acampados por mais 75 dias.

As 51 famílias acampadas decidiram então mudar o acampamento para Goiânia. Na madrugada do dia 14 de outubro, eles foram para a praça cívica, em frente ao palácio do Governo. Foram mais 48 dias de acampamento, reivindicando a desapropriação da área.

Ainda no acampamento as condições dos acampados eram péssimas, mesmo com o apoio das várias entidades, como: CPT, FETAEG, UCG, CEBs, PT e outros.

No dia 12/11/85 eles foram para uma área da EMGOPA – Empresa Goiana de Pesquisa Agropecuária, foi oferecido 15 alqueires de terra para uso dos acampados, até a solução dos seus problemas. Ainda tinha a assistência técnica, adubo, 16 casas para moradia, alimentação e assistência a saúde por três meses.

Finalmente em 06/03/86, foi assinado o decreto pelo presidente Sarney, desapropriando parte do imóvel São Sebastião do Mosquito, para a reforma Agrária. Somente em 1987 foi feita a distribuição das parcelas, com 36 famílias mais as sete famílias que já moravam na fazenda. A

partir daí se iniciava o P. A. Mosquito. O assentamento das famílias aconteceu, mas para a organização interna do assentamento, a batalha estava somente iniciando.

### **Relatos de pessoas que fizeram parte da luta pela terra**

Em conversa com o senhor Pedro Pereira de Oliveira do P.A. Mosquito, um dos Ex – empregados de Urbano Berquó, percebi o quanto estas famílias sofreram trabalhando sem direito algum, e chegou um momento que eles quiseram deixar de serem submissos ao patrão.

*“Urbano Berquó, veio na minha casa muitas vezes me oferecer terra, dizendo que se eu não assinasse a procuração de terra, eu falei na cara dele que não aceitava, porque sabia que ele não ia dar a terra, tive que levar a procuração da terra para Itapuranga, porque se fosse assinar em Goiás ele me matava”.*

*Outra vez ele veio na minha casa, e me ameaçou de morte, eu estava sozinho e ele me bateu me derrubou no chão, dizendo que ia me matar e que ninguém ia ficar sabendo, que já tinha mandado furar o buraco e que ia passar o trator por cima. Mas eu não me importei porque já sofri muito e nunca ganhei nada, sei que ele não presta, Por isso que eu não quero continuar morando nas terras dele “.*

Em conversa com Altair Fideles, não ressaltou o desafio de ter ganhado a terra, e sim demonstrou o orgulho e a importância da participação e da terra ter sido recuperada.

*“ a terra é um dom de Deus. Deus não deu a terra pra um latifúndio cercar e encher de boi. Eu acho que deus deixou a terra para o homem trabalhar e tirar o sustento dessa terra que é nossa, eu acho que esse é o grande orgulho nosso. Diante as dificuldades que passa o P.A. Mosquito, em pesquisa realizada pelo Incra, é o assentamento que teve menos desistência de parceiros, e isto faz com que no novo projeto para a reforma agrária que esta sendo desenvolvida pelo Governo Federal e por órgãos responsáveis do estado sejamos ainda mais valorizado”.*

### **A Igreja Católica na luta pela terra**

Os assentados falam de sua vida e de sua conquista, guiados por Deus, por um plano divino de libertação.

Em conversa com Cleusa do P.A. Mosquito:

*“Quando nós íamos ser despejados da fazenda São Felipe, muitas pessoas diziam que naquela hora o pessoal da igreja não apareceu, que eles só apareciam nas horas boas; no mesmo instante, chegaram o bispo de Goiás, Dom Tomas Balduino, Pe Pedro e Frei Mingos; pessoas evangélicas não queriam permitir as entradas deles no acampamento, e então Dom Tomas disse: Somos livres para entrar em qualquer lugar e estamos dispostos a participar deste momento difícil, se necessário nos também vamos dentro desses caminhos junto com vocês”.*

Em conversa com Joaquim Vaz – P.A. Retiro Velho, ele faz relato geral do início da luta pela terra, até a situação atual:

*“O objetivo de iniciar uma luta pela terra parte da necessidade de ter a própria terra para trabalhar, ter subsistência, estar independente do patrão. No assentamento se tem o direito de optar, de fazer as próprias decisões. A resistência dos donos das áreas, que utilizam suas forças para impedir os ocupantes é o maior obstáculo encontrado. No início, ainda em acampamento não existiu nenhuma ajuda de movimentos sociais e do Governo Federal.”*

Na continuidade do assentamento os desafios continuam a desestrutura de cada parcelheiro é um dos principais obstáculos para a produção.

*“ A Reforma Agrária no Brasil é realizada por muita persistência onde os direitos nunca são colocados de maneira com estão colocados nos projetos de crédito da mesma”.*

Os grupos de apoio de 1988 foram – MST, Igreja Católica (Diocese), CPT e FETAEG- atualmente são: CPT, FETAEG, Diocese e sindicato dos trabalhadores Rurais. Um problema encontrado na Reforma Agrária, e que é a situação atual do P.A., é o mercado de compras e vendas das parcelas, na maioria das vezes os novos donos não enquadram na proposta de trabalho do assentamento.

A preparação das pessoas que participaram da luta pela terra esta sendo muito pouca, por questões políticas, o que é necessário e que não mais acontece.

### **A Escola Família Agrícola de Goiás na luta pela terra**

Em conversa com Eduardo Pinheiro Correia, aluno do 2º ano do Ensino Médio e está acampado no acampamento Luiz Ório.

*“Existem 8 ex e atuais alunos da EFAGO no acampamento. A Escola por ser ligada com os jovens na vida social e com a Reforma Agrária, fez com que esses jovens criassem iniciativa e participassem desse processo. O objetivo de nós jovens estarmos no acampamento é de ter mais uma ferramenta de trabalho, uma vez que a Escola nos ensina como cultivar o solo. E tendo a consciência de que queremos direitos iguais sobre a terra. Os grupos de apoio são, MST, Igreja Católica e Assembléia de Deus “.*

### **Conclusão**

Este Plano de Estudo foi de suma importância, para que eu pudesse aprimorar meus conhecimentos no processo de Reforma Agrária, e mesmo da história do P.A. Mosquito, que até então não tinha um amplo conhecimento, apesar de ter passado por essa luta, mas ainda era muito pequeno. As conversas que realizei com várias pessoas contribuíram em meu conhecimento político e social, pude ver a necessidade de continuar o processo de luta pela terra. Quando penso o quanto é importante a produção de subsistência, e que 80% da produção agropecuária do país é de pequenos e médios produtores, vejo a necessidade de permanência no campo, e reconheço o quanto o papel da EFAGO é importante nesse processo do homem do campo permanecer em seu meio.

A cultura camponesa é importante para que a sociedade saiba valorizar o social do país; o mesmo diante as dificuldades na luta pela terra, seus agentes com a crença em Deus faz história, e é uma história que deve ser valorizada, reconhecida com o quanto é importante a consciência cultural.

### **Nossa Realidade**

A História da Reforma Agrária no Brasil, esta relacionada às raízes, desde o processo de colonização no país. Diante disso, a volta deste contingente ao campo se caracteriza por um ajuste populacional, tanto social quanto econômico, que retrataria uma ocupação do espaço rural.

Neste sentido, a Reforma Agrária, além de esgotar a atividade com a população excluída estaria ocupando novos espaços produtivos, quer seja apenas agrícola quer seja no âmbito rural.

Então a Reforma Agrária é muito mais ampla que imaginarmos, pois reflete em questões políticas e sociais. Sendo de extrema importância, pois através da luta pela terra é que temos uma vida mais digna, independente, onde plantamos e colhemos os nossos alimentos.

Várias são as aspirações pela terra, que foram relatadas pelas famílias, pois acham importante terem o seu pedaço de terra; outros dizem que por possuir raízes, e também por trabalhar para si mesmo, levando uma vida independente, que até então não tiveram anteriormente, facilitando a sua permanência na terra.

A luta pela terra no início, no processo de acampamento foi muito difícil, mas o empenho das famílias também foi um fator muito importante para a permanência dessas famílias na luta. As tomadas de decisões em grupos e outros fatores, foram atitudes que elevaram o nível social do próprio acampamento e assentamento.

Em relação às opiniões das famílias, com as perspectivas futuras, observou-se uma variação de conceitos, pois podemos cuidar melhor de nossas famílias. Formando as terras com pastagem adequada ao clima e solo de nossa região, melhorando as nossas condições de vida.

Tivemos grandes desafios no início da luta pela terra como: Conflitos com pistoleiros, descarregarem caminhões de madeira; quebrar cadeados, a burocracia em relação a desapropriação das terras, questões financeiras no qual as famílias teriam que enfrentar para sobreviver, desrespeito por fazendeiro e vários despejos.

Hoje já em processo de assentamento, os agricultores familiares enfrentam grandes desafios, mas o principal é fazer com que a terra produza, facilitando a permanência das famílias em seus lotes, evitando a venda dos mesmos. Percebemos também preços muitos elevados com relação aos insumos, a própria falta de assistência técnica, pois temos a consciência de que usando as técnicas adequadas, certamente teremos melhor rentabilidade.

Os movimentos sociais como: MST (Movimento dos Trabalhadores sem Terra), C.P.T (Comissão Pastoral da Terra), FETAEG (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás), IFAS, UCG (Universidade Católica de Goiás), CEBS (Comunidade

Eclesiástica de Bases), PT (Partidos dos Trabalhadores), Diocese, SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) e PJR (Pastoral da Juventude Rural), muitos deles apóiam na época de acampamento, outros apóiam tanto na época do acampamento quanto na atualidade, enfim cada classe tem princípios de luta diferente uma das outras, mas com o mesmo objetivo que é fazer a Reforma Agrária acontecer de um modo mais concreto e objetivo.

O INCRA (Instituto Nacional de Colonização de Reforma Agrária) não atua como deveria; pois sendo um órgão autônomo governamental; onde deveria investir mais em educação, saúde, saneamento básico e créditos rurais com taxas de juros menores. Também atua na desapropriação das terras e projetos para os assentamentos.

A situação atual dos assentamentos, tem muita a que se comparar com passado, onde ocorreram grandes mudanças como por exemplo: os das Cooperativas, associações e a produção e comercialização dos seus produtos, mas existem problemas administrativos, políticos, econômicos, sociais e ecológicos, que atrapalham o desenvolvimento dessas organizações.

Também ocorreram muitas vendas de lotes prejudicando a imagem da Reforma Agrária, sendo muito criticado pela mídia. A consciência ainda é um fator a conquistar, e isso só conseguimos com o tempo.

### **Referências Bibliográficas**

BOFF, Leonardo, A Trindade, a Sociedade e a Libertação. Cd. Teologia e Libertação. Petrópolis, Vozes, 1986.

PESSOA, Jadir de Moraes, Fragmentos de Cultura, Goiânia, Dezembro, Ano 6 nº 22, 1996.

DUARTE, Elio Garcia. Assentamento Mosquito: História da Luta pela Terra, ano, 1985.

SOUZA, Marcelo de Barros. A Bíblia e a Luta pela terra, 2ª edição, ed. Vozes, 1985.

### **Anexo: Roteiro do P.E.**

#### **1 – Motivo da participação na luta pela terra.**

importância

- objetivo
- Perspectiva
- Empenho/organização
- Desafios

#### **2 – Movimentos Sociais**

- MST (Movimento dos Sem Terra)
- CPT (Comissão Pastoral da Terra)
- FETAEG (Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Goiás)
- Diocese de Goiás
- INCRA (Instituto Nacional de Colonização de Reforma Agrária)
- Grupo de Apoio
- Agência Rural
- SEBRAE
- SENAR
- PJR

#### **3 – Situação Atual**

- Avaliação Geral

#### **4 – Conscientização**

- como está sendo preparada.

**ANEXO 11****Escola Família Agrícola de Goiás EFAGO  
Curso Técnico em Agropecuária  
Educando do 3º ano**

Estágio Técnico  
Suinocultura – Recria e Terminação

Trabalho de aproveitamento em todas as disciplinas, para fins de avaliação, sob orientação do monitor responsável Clayton Borges, realizado na granja Laje 1, confinamento de suínos.



Goiás/2003

Em primeiríssimo lugar agradeço a Deus por me dar forças, saúde para realizar as atividades, meus pais por sempre me incentivarem na vida escolar. A todas as pessoas que contribuíram diretamente e indiretamente para com a realização deste estágio principalmente a família que me acolheu durante o período do mesmo e ainda ao dono da granja Sergio Cunha.

Por ser uma atividade extremamente competitiva, a suinocultura exige, dos que a ela se dedicam, um constante aperfeiçoamento tecnológico, que possibilite o incremento da produtividade e da rentabilidade. A pesquisa, ao tornar disponíveis as informações por ela geradas, tem contribuído para que esses objetivos sejam alcançados.

## SUMÁRIO

Introdução -----	04
Área de atuação -----	04
Objetivo de Estágio -----	04
Realidade técnica / nível tecnológico -----	04
As válvulas são assim enumeradas-----	05
O maquinário tem -----	05
Conhecimento técnico da empresa -----	05
Atividade desenvolvida no período do Estágio -----	06
Visita a granja 2 -----	06
Normas de biosegurança da Perdigão Agro-Industrial S/A-----	06
Nutrição e alimentação -----	07
Tipos de ração utilizada na granja -----	07
Curva alimentar -----	07
Sanidade -----	08
Melhoramento genético -----	08
Manejo na composteira -----	09
Manejo de dejetos -----	09
A Perdigão Agro-Industrial de Trabalho -----	09
Análise do ambiente de trabalho -----	09
Conclusão -----	10
Referências bibliográficas-----	10
Assinaturas -----	10

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho dirijo a experiência que adquiri no período de estágio técnico que constou do dia 09 a 25 de junho de 2003, dando um total de 130 horas. E o executei numa granja de terminação de suínos, com um sistema confinado de alta tecnologia e eficiência, apresenta instalações animais e manejo especializado nesse sistema de criação.

A suinocultura é uma atividade rural que exige dedicação e ambiente específico, irei ainda relacionarei fatores ambientais, como manejo de dejetos, carcaças, sanidade animal e melhoramento genético.

Na unidade 1, participei do momento final dos suínos, onde já estavam com 120 dias na propriedade, na granja 2 realizei um dia de visita, na qual os animais estavam com três semanas de propriedade, teve a oportunidade de ver um pouco do manejo e da sanidade, os que estarei abordando neste trabalho.

### **Área de atuação**

A granja Laje 1 de suinocultura se localiza no município de Santo Antônio da Barra – GO a 17 km. A propriedade Sergio cunha tem duas granjas as quais foram construídas por financiamento bancário, o mesmo é um produtor integrado com a empresa Perdigão suínos, que fornece os animais, ração, medicamentos e transporte, e o proprietário infra-estrutura e mão de obra para o manejo.

A granja ocupa uma área de 10000 metros quadrado a qual é cercada com arame farpado e tela.

### **Objetivo do Estágio**

Por ser a suinocultura uma atividade da pecuária que vem sendo trabalhada em nosso país, tive desejo em realizar um estágio técnico nesse setor uma vez sendo essa área extensa e também de grande importância na abrangência no conhecimento agropecuário que adquiro.

Acredito que seria uma oportunidade única, sendo que tenho aptidão para trabalhar na área suinícola a qual é necessária conhecimento dedicação.

A busca de conhecimento no que diz respeito ao processo de suínos é para mim um objetivo, pois assim me profissionalizar de maneira abrangente no que diz respeito o conhecimento sendo assim um profissional preparado e competitivo no mercado de trabalho.

### **Realidade técnica/ nível tecnológico**

O sistema de confinamento de suínos terminação da granja Laje 1 tem infra-estrutura de alta tecnologia e alto custo. Existe quatro galões cada um com 2 mil metros quadrados, sendo interligado de 2 a 2 por um embarcador de cimento. Cada um tem capacidade para um mil suínos.

Cada galpão é dividido em 2 salas, sendo a primeira de recria, com 10 válvulas ou 20 baias e a segunda de terminação com 18 válvulas ou 36 baias, e cada galpão contem uma enfermaria.

### **As válvulas são assim enumeradas:**

Galpão 1	Galpão 2
Sala 1	Sala 1
Válvula 101 a 110	Válvulas 301 a 310
Sala 2	Sala 2
Válvulas 201 a 218	Válvulas 401 a 418
Galpão 3	Galpão 4
Sala 1	Sala 1
Válvulas 501 a 510	Válvula 701 a 710
Sala 2	Sala 2
Válvulas 601 a 618	Válvulas 801 a 818

As bair da sala de recria suportam 22 animais, sendo 80 m<sup>2</sup>/ animal, a sala de terminação suporta 18 animais sendo 0,75m<sup>2</sup> / animal. Cada baia tem: 2,42m<sup>2</sup> de cocho, sendo de tamanho igual recria e terminação.

O fornecimento de ração conta com sistema computadorizado, da Alemanha, que fornece ração e água para os animais.

#### **O maquinário tem:**

4 silos os quais armazenam ração, 2 pequenos com capacidade para 9 toneladas, e 2 grandes com capacidade para 15 toneladas cada.

2 balanças, uma para ração e uma para água.

1 compressor de ar.

1 computador com CPU e teclado.

Gotejadores em cada baia (fundo) em função de educar os animais do local de defecar, para melhorar a temperatura e umidade.

#### **Conhecimento técnico da empresa**

A granja é gerenciada por um Técnico em Agropecuária, que realiza todo os trabalhos gerais; e ainda tem um acompanhamento diário do Zootecnista Edivaldo, contratado pela Perdigão.

No dia 21 de julho de 2003 a granja recebeu a visita de um Zootecnista que realizou um momento de observação geral e fez algumas observações técnicas que foram assim redigidas.

Sacrificar animal com problema locomotor

Programar jejum de no mínimo 15 horas, dar água a vontade, a cada duas horas acionar as válvulas. No jejum durante a noite deixar as luzes acesas.

Obs: carregar animais cansados e os da enfermaria no último dia de carregamento da granja.

#### **Atividades desenvolvidas no período do Estágio**

Trabalhos diários – no estágio, participei de todas as atividades executadas. Três vezes ao dia realizamos visitas aos galpões verificando animais mortos. Também em todas as enfermarias para o fornecimento de ração e água.

Ha necessidade de verificar diariamente o manejo realizado por computador, pois sempre apresenta problemas técnicos: tanto no programa quanto no maquinário.

## **Visita granja 2**

Na unidade 2 presenciei uma realidade diferente, pois os animais estavam com 3 semanas, propriedade ou seja 21.

Observamos um animal com Pleropneumonia, é uma doença infectocontagiosa que provoca lesões grave nos pulmões e na pleura. O animal estava separado na enfermaria e tratamento.

Nesse caso é importante que o animal seja separado, pois em caso de contato com outros animais, a doença pode ser transmitida.

**ADAPTAÇÃO** – Assim que os animais chegam na granja é realizada uma adaptação dos mesmos. Aos 63 dias de vida, quando chegam na granja deveriam comer 1 kg de ração/dia/animal entanto será fornecido será fornecido 0,5kg de ração/dia/animal.

**UNIFORMIZAÇÃO** – É uma prática de manejo que tem o objetivo de deixar o lote de animais com uniformidade em tamanho, com intuito de não haver competição entre grandes e pequenos.

Esta prática é realizada na chegada dos animais, com 3 semanas e ainda com 6 semanas de propriedade.

### **Normas de biossegurança da Perdigão Agro-Industrial S/A**

Não é permitida a criação de outros animais de produção como: carneiros, ovelhas, bovinos, eqüinos etc. ou doméstico como; cachorro, gatos, aves e etc.: dentro do pátio interno da granja delimitado por cercas. O motivo desta proibição é por doença e parasitas aos suínos.

Dentre as principais doenças destacar, Leptospirose, Tuberculose, toxplasmose, Febre Aftosa, Listeriose, Raiva, Salmonelose, Estomatite, Vesicular, Sisticerose, Criptosporidiose, sarcosporidiose e Linfadenite.

Não é permitido a autorização das carcaças dos animais mortos para a alimentação humana e animais. Para que estas carcaças não ofereçam riscos ao meio ambiente ou saúde, todos devem ser encaminhados para a composteira onde através de um método seguro e eficiente, ocorra a decomposição do material.

Toda a visita incluindo a visita técnica devem ser registrada na planilha de visitante.

### **Nutrição e alimentação**

A ração fornecida aos animais tem porcentagem de 75% de água e 25% de ração.

#### **Tipos de ração consumidas na granja**

Ração	Quantidade/ton
Inicial	5,2
Recria 1	156
Medicada recria 1	104
Recria 2	208

Medicado recria 2	78
Terminação	520

Obs: A ração terminação poderá ser mais ou menos dependendo da programação do lote. O volume (quantidade) de ração a ser consumida e dividida em 5 tratos.

Trato	Horário	Quantidade
1º	6 horas	0,22%
2º	9 horas	0,19%
3º	12 horas	0,19%
4º	15 horas	0,19%
5º	17: 30 horas	0,19%

Durante todo os processos dos tratos gastam aproximadamente 1 hora e 20 minutos, sendo a média de 20 minutos por galpão.

Obs: entre cada trato existe um horário de fornecimento de água. A formulação nutricional da ração (porcentagem de nutrientes que compõem a ração), não é divulgada pela Perdigão Suínos.

### Curva alimentar

A curva alimentar inicia com os animais de 63 dias e segue até os 120 dias.

O programa do computador sub intente que a cada dia os animais ganham peso e no entanto devem comer mais, assim a maquina realiza o cálculo de alimentação de acordo com os dias de propriedade dos animais.

Obs: de acordo com a curva alimentar o aumento de fornecimento de ração vai até os 136 dias, a partir daí ela decresce.

O cálculo do fornecimento de ração é feita da seguinte forma:

Dos 63 dias aos 88 dias de 2 e 2%

Dos 88 dias aos 108 dias em 1 em 1%

Dos 108 dias aos 136 dias de 1 em 1% a cada dois dias

### Sanidade

Doenças que são identificadas na granja, e recomendações técnicas par uso de medicamentos.

Doenças	Forma de atuação	Medicamentos	Dosagem	Via aplicação	Aplicações	Intervalo	carência
Artrite	Aumento de volume nas articulações mangueira e dor	Agrvet P. S.	1ml/20kg	1M	3	24hs	30dias
		Tyldoen	1m/20kg	1M	3	24hs	30dias
Diáreia	Fezes amolecidas líquidos em geral escuras e féticas	Tiamutem 20	1ml/20kg	1M	3 a 5	24hs	7dias
Doença do edema	Incordenação motora,	Quinatril	1ml/20kg no 1º dia e	1M	Ate a recuperação	Diária	5dias

	insonolência, falta de apetite, febre leve nos animais, lote com ou sem diarreia		1ml/30kg nos outros dias		o		
Otoherm atoma	Aumento de volumes das orelhas quanto cortada	Cortar e injetar 5 a 10 ml de tentura 1000 a 5%	Limpeza diária	Local	Ate a recuperação	Diária	10dias
a) Tossesica	Tosse com catarro, perda	Exnel	1ml/15kg	1M	1	Dose única	10 dias
b) tossecato	rápida de desempenho, perda deapetite		1ml/50kg	1M	3	24hs	10dias
c) batechura	apoteia e febre	Bactroxina	1ml/10kg	1M	3	24hs	18dias

Quando os animais chegam é feito uma adaptação alimentar, o qual é fornecido 50% do volume total.

### **Melhoramento genético**

Os animais quando chegam na granja são marcados assim.  
Visto de frente.

A raça e cruzamento dos animais não foi possível adquirir, pois são provenientes de muitas granjas, que podem trabalhar com monta natural, inseminação artificial ou multiplicação.

### **Manejo na composteira**

Os animais mortos são levados na composteira, onde são destrinchados, tampados com serragem e água para melhor decomporem. Ficam nesse ambiente no período de 4 meses.

A matéria orgânica só deve ser utilizada em área de fruticultura ou reserva florestal, o que acontece na utilização da mesma na granja, não podendo ser utilizado pra consumo direto e indireto.

### **Manejo de dejetos**

Os dejetos produzidos na granja são colhidos por um sistema coletor individual em cada bóia, que passa por uma canalização com destino a 4 piscinas de deposito de dejetos, cada piscina tem 30.000 m3.

Os dejetos líquidos e sólidos ficam armazenados por 4 meses, para que haja a fermentação do material. Após os dejetos são distribuídos nas áreas de lavouras.

Até 60 dias de propriedades dos animais, realiza se duas descargas/mês, após este período 1/semana. A descarga é a alimentação dos dejetos para as piscinas; uma vez sendo controlados por uma caixa coletadora que facilita o controle do manejo na tomada de decisão no qual se jogar os dejetos.

### **Perdigão Agro-Industrial em Rio Verde - Go**

A perdigão começou a instalar sua regional em Rio Verde, definida pela empresa com o maior complexo industrial da América latina, a partir de 1997. Depois da decisão de se implantar no centro oeste, a empresa enviou representantes para estudarem a melhor localização, levando em conta as condições de mão de obra, propriedades, incentivo e política do governo estadual. Uma das vantagens da região é que os produtos integrados podem contar com recurso do FCO (Fundo Constitucional do Centro-Oeste) através do banco do Brasil, no momento de até 20 milhões.

Hoje 40% da produção da região se destina ao mercado externo, os produtos são embarcados nos portos de Paranaguá e de Navegantes.

A implantação da Perdigão desenvolvendo as atividades suínicas e de aves proporciona a melhoria da renda. Gera mais emprego e ainda permite aos produtores o aproveitamento dos dejetos, reduzindo ou mesmo com gasto com adubos químicos.

A empresa é abastecida por produtos integrados, espalhados pela região. No total, a produção é de 10.000 toneladas /mês, das quase 4 000 são exportadas.

### **Análise do ambiente de trabalho**

O ambiente onde foi realizado o estagio foi muito propicio o desenvolvimento das atividades, os funcionários deram muito apoio e segurança nas tarefas executadas.

Houve muita abertura pra participação do estagiário tanto nas discussões quanto na execução de todos os trabalhos.

### **Conclusão**

Este trabalho foi de suma importância para que eu pudesse aprimorar meus conhecimento técnico no que diz respeito ao confinamento de suíno, especialmente ao manejo e a tecnologia de ponta de sistema ao qual não tinha conhecimento.

A realidade diferente que convive em um ambiente que não tem nada a ver com meu cotidiano fez com que eu crescesse profissionalmente, realizando criticas construtivas e tendo oportunidade e integração ao diferente o que me fez uma pessoa mais sensibilizada com a realidade;

A suinocultura por ser uma atividade que cresce a cada dia é importante pra o conhecimento profissional, pois é uma área que tende a crescer a cada dia é importante para o conhecimento profissional, pois é uma área que tende a crescer e que tem vários ramos profissionais, podendo assim mais emprego para profissionais da área.

Esse trabalho ainda contribuiu para com minha formação política, social e econômica da região, e ainda um pouco do crescimento do agronegócio da região.

### **Referências Bibliográficas**

BONETT, Lucimar Pereira., MONTICELLI, Cícero Juliano. Suínos, coleção 500



respostas 2ª edição, revista – Brasília: Embrapa – SP. Concórdia: Embrapa Suíno e Aves, 1998

GODINHO, José Ferraz. Suinocultura. Tecnologia moderna, formação e manejo de pastagens. 2ª ed. Revista e atual – SP, 1995.

**Assinaturas:**

---

Clayton Borges  
Responsável pelo Estágio

---

Monitor que assistiu a apresentação

**ANEXO 12****Escola Família Agrícola de Goiás****Curso Técnico em Agropecuária****Educando da 2ª série do Ensino Médio****Estágio Técnico**

Trabalho de aproveitamento de estudos em todas as disciplinas apresentado ao monitor Clayton Borges para fins de avaliação

Dedico este estágio a todos que fazem parte da EFAGO, e principalmente aos educadores que mim proporcionaram a realização de mais um trabalho levando o nome da Escola para quem não conhecia este trabalho que é de grande importância.

Goiás, julho de 2003

## ÍNDICE

Introdução -----	05
Área de atuação-----	05
Atividades desenvolvidas no período do Estágio -----	06
Realidade técnica e nível tecnológico-----	06
Ambiente geofísico e geográfico-----	06
Conclusão -----	07

## **Introdução**

Proporcionado pela EFAGO (Escola Família Agrícola de Goiás), realizei este estágio na fazenda do senhor Weligton Rodrigues da Silva, que me proporcionou um ensino diferente do que estudo na escola ou do que estou acostumado a trabalhar na propriedade que moro e trabalho. Plantio em grande escala, alta tecnologia, uso de defensivos altamente tóxicos, de grande periculosidade, no entanto sem equipamento de segurança, experimento para observar resistência, produtividade, e adaptação na região.

## **Área de atuação**

A área de atuação do estágio foi a agricultura no cultivo de milho doce irrigado em pivôes. A fazenda do Weligton Rodrigues da Silva tem 318 alqueires, sendo que 45 alqueires é dividida em três pivôes, 2 de 12 alqueires e 1 de 18, todos plantados de milho no estágio de germinação e crescimento até 20 dias. Neste período foram feitas várias controle de ervas daninhas, de inseticida e cobertura com uréia.

A pulverização é feita sem qualquer tipo de equipamento de segurança colocando em risco a vida dos empregados. O inseticida foi aplicado vias pivô juntamente com a uréia, foram colocados 50 kg de uréia por hectare e 160 ml de inseticida, o Metch contra a lagarta do cartucho. Este inseticida custa R\$ 100,00 o litro no total foram gastos 5.200,00 com 52 litros em 18 alqueires.

A uréia é uma cobertura de 46% de (N) nitrogênio para ajudar no desenvolvimento do milho, de uréia foram gastos 180 sacos de 50 kg em 18 alqueires em 2 pulverizações.

As bombas de pulverização são reguladas pelo gerente da fazenda e elas são lavadas numa represa sem preocupação com o meio ambiente, nessa lavagem de bomba vários peixes morrem com o veneno que na maioria das vezes é altamente tóxico e prejudicial a saúde.

A rotação de culturas é feita da seguinte forma: soja, feijão, milho e tomate, por ser em plantio direto é feito o plantio cruzado para não compactar o solo em somente um sentido. Os restos culturais são muito importantes para a formação de uma camada orgânica rica em nitrogênio e outros nutrientes para se ter uma boa produção e proteção do solo para evitar a erosão fazendo assim com que o solo não perca sua fertilidade.

O CTPA (Centro Tecnológico para Pesquisa Agropecuária) e a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) estão fazendo experimento de soja na propriedade, no dia 04/07 foram plantadas 500 variedades, para observar a resistência a doença, adaptação a região e a produtividade. Esse experimento serve para melhorar a produção da soja na região.

O CPTA faz experimentos em todo o Brasil e o resultado vem depois com uma boa produção não só de soja ou de cultivos anuais, mas também com animais de todo tipo de criação em cada região tem uma aceitação diferente, por isso a CTPA trabalha para melhorar ainda mais a produtividade e resistência a doenças e pragas.

### **Atividades Desenvolvidas no Período de Estágio**

Regulagem das máquinas para o plantio e pulverização e manutenção de pivores. Pulverização via pivô com bomba elétrica, ligar e desligar os pivores, observar se esta tudo bem com os pivores, este serviço deve ser feito todos os dias quando os pivores estiverem ligados, pois às vezes furam os pneus, quebram o moto redutor ou o motor de propulsão, quando isso acontece se atrapalha o alimento do pivô a bomba automaticamente se desliga evitando maiores estragos.

Os pivores são classificados da seguinte forma “P1”, P2, cuja extensão é de 800m, totalizando 12 alqueires que gasta 15 horas para completar uma volta, girando a 100%. E o P3 é o maior, sua extensão é de 1000 metros, 18 alqueires e gasta 26 horas para completar uma volta. Os 2 menores P1 e P2 ambos tem 400m de comprimento e o P3 tem 500m de comprimento.

São gastos por mês, com energia elétrica para os três pivores R\$ 12.000,00 na época da germinação quando se exige mais umidade.

Os pivores só ficam ligados diretamente aos sábados e domingos, de segunda a sexta-feira por causa do horário de pico os pivores devem ser desligados das 18 horas às 21 horas, se os mesmos permanecerem ligados o proprietário está sujeito a multa de R\$ 200,00. É por esse motivo que a cobertura via pivô só é feita nos fins de semana, pois necessita de trabalharem em período integral incluindo à noite inteira para não fazer diferença na próxima cobertura.

### **Realidade técnica / nível tecnológico**

O nível técnico da fazenda é avançado trabalha com pivores, com plantio sequeiro, bovino, cultura de corte e produção de semente de capim Brizantha ou Brachiaria Brezanthão. O Welington trabalha com bastante tecnologia, pois trabalha com plantio direto em grande escala e trabalha com muita máquina que são elas: 3 pivores, 4 tratores sendo que 1 é traçado, 2 menores 190 e 1 D7 trator de esteiras, uma plantadeira, 2 bombas de pulverização, 1 máquina de esparramar calcário, 2 arados, 2 grades 1 niveladora, 1 D20 caminhonete para a manutenção e 1 moto para ligar e desligar os pivores a noite. Além disso conta com a mão-de-obra de seis funcionários o gerente e o operador, um operador, um cozinheiro, os vaqueiros e um diarista permanente.

O agrônomo visita a fazenda duas vezes por mês e quando surge um imprevisto ele é avisado. O técnico em eletricidade para a manutenção dos pivores que é a área mais exigida de todos.

### **Ambiente geofísico e geográfico**

A fazenda se localiza a 17 km (quilometro) da cidade de Itaberaí as margens da rodovia que vai para Itaguari. Excelente de água com cinco enormes represas, com planalto, sem reservas ideais de mata ciliar em nascentes com boas curvas de nível, reservam florestal por capões de mata virgens, solo arenoso, argiloso e cultura terra vermelha, reflorestamento com eucalipto e pinheira nas margens de córrego. Se localizando em ponto bom de entrada e saída de veículo facilita o cultivo e a criação, a produção em geral.

### **Conclusão**

Concluo que este estágio foi de grande importância para minha formação na área da agricultura. Porém não foi de grande aproveitamento, pois não era acostumado com tecnologia avançada e sim com agricultura familiar. Sou filho de pequeno agricultor e escolhi fazer estágio em uma fazenda totalmente fora de meus conhecimentos, para melhorar minha aprendizagem e enriquecer o curso que estou fazendo na Escola Família agrícola de Goiás.



